

Umbrai, há base doutrinária para sustentá-lo?

(Os Espíritos bons e os
maus não andam juntos)

Paulo Neto

Umbral,

há base doutrinária para sustentá-lo?

(Os Espíritos bons e maus não andam juntos)

(Versão 46)

"A maioria das pessoas ridicularizam o conceito de um meio espiritual tal como o que se desenha nas 'revelações'; porém, esses senhores, que gastam o ridículo com tanta levandade, não se lembram de que, assim fazendo, supõem conhecer toda a verdade a respeito do mundo espiritual..." (JAMES HERVEY HYSLOP) ⁽¹⁾

Paulo Neto

Copyright 2019 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://tvmundomaior.com.br/wp-content/uploads/2020/12/umbral.jpg>

Revisão:

Artur Felipe Ferreira
Hugo Alvarenga Novaes
Rosana Netto Nunes Barroso
Vladimir Alexei

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, dezembro/2019.

Sumário

Prefácio.....	4
Introdução.....	6
Argumentos desfavoráveis à ideia do Umbral.....	20
Importante detalhe a respeito do mundo espiritual.....	61
O que se observa nas obras da Codificação.....	85
O Umbral e sua relação com as esferas espirituais.....	136
Informações que surgem entre os pesquisadores da transcomunicação instrumental.....	176
Os registros de manifestações das almas do purgatório... ..	196
Fontes que se destacam a partir de abril/1869.....	234
Dos relatos de regressão de memória e dos de EQMs.....	331
1º) Na Regressão de Memória.....	331
2º) Dos Relatos de EQMs.....	340
Na série “André Luiz” o que será encontrado?.....	352
Conclusão.....	371
Referências bibliográficas.....	379
Dados biográficos do autor.....	391

Prefácio

Na obra inaugural da Doutrina Kardecista, falando-nos sobre a espécie humana, nos é dito que *“os homens estão sempre inclinados a tomar as palavras na sua significação literal”* (*).

Essa afirmativa é verídica. Tanto é, que nos romances psicografados por Chico Xavier e ditados pelo Espírito André Luiz, na série “A Vida no Plano Espiritual”, em todos esses livros nós nos deparamos com a palavra UMBRAL, o qual é uma região habitada por seres desencarnados que se encontram em uma vibração inferior.

Contudo, muitos Espíritas e até confrades renomados, não admitem a existência desse lugar descrito pelo “Repórter do Além”, pelo fato deste local, segundo eles, não constar da Codificação elaborada por Allan Kardec.

Ainda falando da literalidade dos termos, diremos que, “de duas, uma”: ou não houve estudo suficiente destes indivíduos ou eles interpretaram de

forma equivocada o que nos diz o Ilustre Lionês. A propósito, essa questão me faz recordar de várias pessoas que são aferradas apenas às letras bíblicas, as quais não admitem a reencarnação, porque este vocábulo não consta na Bíblia, mesmo sua ideia estando claramente lá.

Entretanto, o pesquisador e escritor Paulo Neto, através de vários textos contidos nas Obras Kardecianas, como também de outros autores, nos mostra, *ipsis litteris*, que as TREVAS descritas por diversos desencarnados correspondem à mesma narrativa que o espírito André Luiz usou.

Lendo este excelente ebook, que é fruto de um grandioso trabalho de pesquisa, o leitor amigo não terá mais dúvida alguma que o UMBRAL está, sim, contido nas Obras Fundamentais do Insigne Francês que codificou metodicamente a 3ª Revelação.

Hugo Alvarenga Novaes
Santa Rita do Sapucaí, 18/01/2020.

(*) KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, questão 54.

Introdução

“É dever do investigador abster-se completamente de qualquer sistema de teorias, até que ele tenha reunido um número de fatos suficientes para formar uma base sólida sobre a qual ele possa raciocinar.” (CAMILLE FLAMMARION)

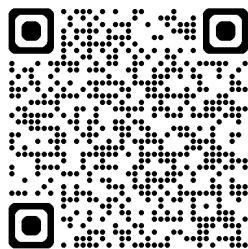
Se perguntarmos a um cristão fortemente apegado à letra bíblica se acredita na reencarnação, a resposta será negativa, pois, segundo seu entendimento, *“a palavra de Deus”* não fala nada disso.

É evidente para nós, espíritas, que não encontraremos a palavra *“reencarnação”* na Bíblia. Contudo, ao ultrapassarmos a letra e buscarmos o *“espírito da coisa”*, percebemos que a ideia está presente, especialmente trechos dos Evangelhos, no Novo Testamento, para quem deseja enxergar – ou, como talvez diria Jesus, para *“quem tem olhos de ver”*.

Não é nosso propósito apresentar aqui todo o conteúdo sobre reencarnação, pois esse tema já foi desenvolvido em nosso ebook

SEB - Reencarnação, da série Espiritismo na Bíblia ⁽²⁾. Apenas

mencionaremos que o próprio Jesus identificou João Batista como sendo a reencarnação do profeta Elias, cumprindo o que fora previsto por Malaquias (3,1.23-24).



Algo semelhante ocorre no movimento espírita quanto ao Umbral, cuja existência é negada por muitos sob o argumento de que *“Allan Kardec não disse nada sobre ele”*. O primeiro ponto a destacar é que o fato do Codificador não ter abordado determinado assunto não significa que ele não exista. Há situações que precisam ser consideradas. Vejamos, por exemplo, na **Revista Espírita 1865**, mês de maio e agosto, estas explicações:

a) Maio, mensagem de Georges “Estudo sobre a mediunidade”:

[...] **O progresso da ciência espírita,**

que se enriquece cada dia, de novas observações, nos mostra a quantas causas diferentes e influências delicadas, que não se supunha, estão submetidas as relações inteligentes com o mundo espiritual. **Os Espíritos não podiam ensinar tudo ao mesmo tempo**; mas, como hábeis professores, **à medida que as ideias se desenvolvem, entram em maiores detalhes, e revelam os princípios que, dados prematuramente, não teriam sido compreendidos, e teriam feito confusão em nosso pensamento.** ⁽³⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

b) Agosto, artigo “O que o Espiritismo ensina”:

[...] O Espírito humano poderia absorver sem cessar ideias novas? A própria Terra não tem necessidade de tempo de repouso antes de reproduzir? **Que se diria de um professor que ensinasse todos os dias novas regras aos seus alunos, sem lhes dar o tempo de se aplicar sobre aquelas que aprenderam, de se identificar com elas e de aplicá-las?** Deus seria, pois, menos providente e menos hábil do que um professor? **Em todas as ideias novas devem se encaixar nas ideias adquiridas**; se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas

no cérebro; se o espírito não as assimilou, as que se quer nele implantar não tomam raiz; semeia-se no vazio. (4)

Portanto, fica claro que o ensino dos Espíritos é paulatino e se desenvolve à medida que assimilamos o já revelado. Não nos alongaremos nesse tema, mas recomendamos nosso artigo **“O Espiritismo ainda não tem ponto final”** (5), que será novamente citado mais à frente.

Além disso, até mesmo revelações já transmitidas podem “sofrer” modificações significativas, especialmente quando os fatos demonstram o contrário. Isso ocorreu, por exemplo, entre a 1ª e a 2ª edição de *O Livros dos Espíritos*, na questão do momento de ligação do Espírito ao corpo, cuja mudança foi de 360 graus.

Outro caso que podemos mencionar diz respeito ao princípio inteligente, que, pela progressão, teria vindo do reino animal até chegar ao homem. Para aprofundar esse tema, sugerimos a leitura de nosso artigo **“Mudanças de posição após publicação da 1ª edição de O Livro dos**

Espíritos” (6)

Finalizando, destacamos a mudança produzida pela observação dos fatos em relação à possessão física do encarnado. Em *O Livro dos Espíritos* e *O Livros dos Médiuns*, está dito que não há possessão. Entretanto, Allan Kardec (1804-1869), diante da realidade que se apresentou, modificou a revelação dos Espíritos e sua própria posição, passando a aceitar a possessão, conforme registrado em *A Gênese*. Esse estudo foi detalhado em nosso ebook **“Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados” (7)**.

Em relação ao umbral, percebemos que, infelizmente, alguns confrades se comportam de modo semelhante aos crentes bibliólatras, que nada aceitam como verdade além do que está na Bíblia. Argumentam que seria contradição acreditar na existência do Umbral, já que Allan Kardec teria dito que *“não há lugares circunscritos.”*

O primeiro equívoco é que não foi o Codificador quem disse isso, mas os Espíritos, em resposta à pergunta 1012, de *O Livro dos Espíritos*: *“Haverá no*

Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seu merecimento?”.

O segundo equívoco é retirar o teor da resposta do seu contexto, pois ela se refere especificamente à crença tradicional de céu e inferno como locais de prêmio e castigo.

Alguns confrades interpretam as “trevas”, citadas diversas vezes nas obras da Codificação, como algo apenas interior, e não exterior. No decorrer dessa pesquisa veremos que essa interpretação é equivocada.

É importante esclarecermos nossa intenção é justamente verificar se, doutrinariamente, podemos aceitar o Umbral como uma realidade. Nesse sentido, a frase de Cesare Baudi De Vesme (1862-1938), pesquisador italiano, em **Visões Espíritas na Terra e no Ar**, parece muito atual:

A tendência da natureza humana é tal que **a negação de um só basta geralmente para contrabalançar a afirmativa de cem**, de mil outras testemunhas oculares. ⁽⁸⁾

A negativa da existência do Umbral por alguns expositores espíritas vem se espalhando no Brasil, pois o prestígio que possuem inspira confiança em muitos, que acabam acreditando piamente em sua opinião.

E dizemos “opinião” porque muitos sequer se deram ao trabalho de aprofundar-se no tema. Sem uma pesquisa séria e ampla nas obras da Codificação e nas complementares, ficaram apenas na superfície, razão pela qual emitem juízos baseados em simples “achismo”.

Da “Introdução” de **O Evangelho Segundo o Espiritismo** destacamos a seguinte explicação de Allan Kardec:

Muitos pontos do Evangelho, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da **chave** que nos faculte compreender o seu verdadeiro sentido. **Essa chave está completa no Espiritismo**, como já puderam convencer-se os que o estudaram seriamente, e como todos o reconhecerão melhor ainda, mais tarde. [...]. ⁽⁹⁾

Um pouco mais à frente, no final do item 5 do capítulo “I – Não vim destruir a Lei”, o Codificador conclui de forma categórica: ***“O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica com facilidade.”*** ⁽¹⁰⁾

Consultando o Evangelho Segundo Mateus, encontramos Jesus referindo-se a um lugar onde *“haverá choro e ranger de dentes”*, designando-o de *“trevas exteriores”* ou apenas *“trevas”*.

Vejamos na ***Bíblia de Jerusalém*** as seguintes passagens em que constam essas expressões:

Mateus 8,11-12: *“Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente, e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino ⁽¹¹⁾ serão postos para fora, **nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes.**”*

Mateus 22,11-13: *“Quando o rei entrou para examinar os convivas, viu ali um homem sem a veste nupcial e disse-lhe: ‘Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial?’ Ele, porém, ficou calado. Então disse o rei aos que serviam: ‘Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, **nas trevas exteriores. Ali haverá choro e***

ranger de dentes.’”

Mateus 25,26-30: “A isso respondeu-lhe o senhor: ‘Servo mau e preguiçoso, sabias que eu colho onde não semeei e que ajunto onde não espalhei? Pois então devias ter depositado o meu dinheiro com os banqueiros e, ao voltar, eu receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe o talento que tem e dai-o àquele que tem dez, porque a todos aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem será tirado. Quanto ao servo inútil, lançai-o fora **nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes!**’” (12)

Nessas três passagens, o ponto comum é a expressão “lançar fora nas trevas”, que, sem dúvida, remete a uma forma de “punição”, consequência direta de escolhas e atitudes menos felizes de cada um de nós.

Mais à frente, em capítulo específico, apresentaremos o resultado de nossa pesquisa nas obras da Codificação, buscando verificar se nelas encontramos elementos que possam esclarecer o significado dessas “trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes”.

Podemos adiantar que São Luís, protetor da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada em 1º de abril de 1858, ao se referir às trevas, confirma tratar-se de um local “*em que se acham **mergulhadas** certas almas sofredoras*” (13).

Por diversas vezes veremos ser empregado o termo mergulhado(a). Segundo , vejamos o seu significado no **Houaiss**:, o verbo “mergulhar” significa, entre outros usos, afundar-se inteiramente em água ou líquido, enfiar algo em lugar profundo, ou ainda, em sentido figurado, entranhar-se em determinado estado ou situação (14).

Portanto, ao utilizar esse verbo, os Espíritos – e também Allan Kardec – apresentam uma ideia realista da situação, não apenas uma metáfora de “*vivenciar um estado íntimo de escuridão ou trevas*”.

Essa visão é fundamental para compreender a realidade que inúmeros Espíritos enfrentam no além-túmulo, onde permanecem até o momento de retorno, via reencarnação, ao palco terreno.

Do Evangelho Segundo Lucas, um dos Evangelhos Sinópticos, vale citar esta passagem,

conhecida como a parábola do rico e de Lázaro:

Lucas 16,19-31: *“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lambê-lo as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao **seio de Abraão**. Morreu também o rico e foi sepultado. **Na mansão dos mortos**, em meio a tormentos, levantou os olhos e **viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio**. Então exclamou: ‘Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois **estou torturado nesta chama**’. Abraão respondeu: ‘Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, **ele encontra aqui consolo e tu és atormentado**. E além do mais, entre nós e vós **existe um grande abismo**, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós’. [...].”*

Destacamos essa narrativa porque ela se relaciona diretamente com “as crenças populares e lendas”, como observou Allan Kardec em artigos

publicados na *Revista Espírita*:

1ª) **Revista Espírita 1868**, autoria Allan Kardec:

[...] As **crenças populares contêm**, sem contradita, os traços, ou melhor, **os germes das ideias espíritas em todas as épocas e em todos os povos**, mas misturadas às **lendas supersticiosas**, como o ouro das minas está misturado à ganga. [...]. ⁽¹⁵⁾

2ª) **Revista Espírita 1869**, autoria Espírito Clélie Duplantier, (Um dos nossos mais notáveis Espíritos instrutores [¹⁶]):

Todas as lendas, quaisquer que sejam, tão ridículas e tão pouco fundadas que pareçam, **repousam sobre uma base real**, sobre uma verdade incontestável, demonstrada pela experiência, mas amplificada e desnaturada pela tradição. [...]. ⁽¹⁷⁾

Os judeus da época de Jesus acreditavam que a “*mansão dos mortos*” – traduzida em diferentes versões como “inferno”, “xeol” ou “hades” – era o destino comum após a morte. Havia, porém, uma divisão: o lugar dos bons, identificado como “seio de Abraão”, e o dos maus, separado por um “grande

abismo”, descrito como tenebroso e envolto em “trevas” (18).

O teólogo protestante americano Craig S. Keener, estudioso da Bíblia e professor de Novo Testamento no Seminário Teológico de Asbury, localizado em Wilmore, Kentucky, EUA (19), em ***Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento***, explica-nos que:

O termo “Hades” (NVI) refere-se, simplesmente, ao domínio dos mortos (assim como o hebraico sheol), mas a descrição dos tormentos deixa claro que o homem rico está no inferno. **Para os gregos, havia uma dimensão neutra de existência nebulosa habitada pela maioria dos mortos; alguns, especialmente os justos, iam para um lugar mais abençoado, e alguns, particularmente ímpios, eram atormentados no Tártaro.** As perspectivas judaicas sobre a vida após a morte tendiam a apresentar uma divisão mais clara entre o destino dos justos e dos ímpios, como nesta passagem. As concepções judaicas sobre o lugar dos ímpios após a morte, o GEENA, variavam; a ideia de que seriam continuamente atormentados, como aqui, estava entre as concepções mais severas.

(²⁰)

Não nos parece fora de propósito que os judeus tenham sofrido influência cultural dos povos que os dominaram ao longo da história, incluindo os gregos.

Argumentos desfavoráveis à ideia do Umbral

“Como quereis chegar à verdade interpretando tudo segundo as vossas ideias estreitas, que considerais grandes ideias?” (ESPÍRITOS SUPERIORES, LM)

A presente pesquisa sobre o tema Umbral surgiu naturalmente a partir do material que reunimos para escrever o livro **As Colônias Espirituais e a Codificação** ⁽²¹⁾. Nele, destacamos que é comum aos que não aceitam as colônias espirituais argumentarem:

“Na Codificação nada consta a respeito de colônias espirituais, ao contrário, nela está dito que os Espíritos errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado.”

Entendemos que as colônias espirituais existem justamente em função do Umbral. Nossa

percepção é que elas atuam como postos de assistência e auxílio aos desencarnados ainda muito apegados às coisas da Terra, bem como aos vícios que cultivavam em vida.

Notamos também que alguns confrades, de forma equivocada, interpretam o Umbral como um lugar de “punição” pós-morte, à semelhança do “inferno” das doutrinas cristãs tradicionais. Para nós, isso é um claro reflexo de atavismo, pois continuam “vendo com os olhos do passado”.

Por outro lado, o Umbral não pode ser considerado uma simples criação mental de um recém-desencarnado. Se fosse, os materialistas não o despreveriam, e os crentes das denominações cristãs tradicionais sempre o identificariam como “inferno”. Nesse caso, não haveria relatos de hospitais ou estruturas de auxílio, como encontramos em diversas obras.

Propomos, portanto, investigar nas obras da Codificação Espírita se existe uma base mínima para afirmar que sofremos, na erraticidade, aquilo que fizemos os outros sofrerem. Essa análise é essencial

para compreendermos a relação entre nossas ações e a situação espiritual após a morte.

O autor do Evangelho Segundo Mateus, seja ele quem for ⁽²²⁾, narra que Jesus teria dito a um dos discípulos que tomou da espada para defendê-lo dos soldados romanos – identificado em João (26,10) como Simão Pedro – o seguinte: *“Guarda a tua espada no seu lugar, pois todos os que pegam a espada pela espada perecerão.”* (Mateus 26,52)

Não estaríamos diante de uma afirmação clara de Jesus de que sofreremos o mesmo mal que fizemos aos outros?

Em ***O Livro dos Espíritos***, na questão 289, o Codificador pergunta se nossos parentes e amigos desencarnados nos receberão quando regressarmos ao plano espiritual. Resumindo as respostas, teremos:

“[...] É uma graça concedida aos Espíritos bons quando os seres que os amam vêm ao seu encontro, ao passo que aquele que se acha maculado permanece em isolamento ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É

uma punição.” ⁽²³⁾

Ao final da resposta à questão 290, os Espíritos superiores reforçam: *“a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, **uma punição**”* ⁽²⁴⁾, E na resposta à questão 399, afirmam categoricamente: *“cada um **é punido naquilo em que pecou**”* ⁽²⁵⁾.

Essas respostas, em conjunto com a passagem evangélica, parecem apontar uma mesma lei de correspondência: o retorno do mal ou do bem conforme nossas próprias ações.

De **O Livro dos Espíritos**, Livro Quatro – Esperanças e consolações, capítulo “II – Penas e gozos futuros”, destacamos duas questões:

964. *Há necessidade de que Deus se ocupe de cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? A maioria desses atos não são insignificantes para Ele?*

“Deus tem suas leis, que regulam as vossas ações. **Se as violais, a culpa é vossa**. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso qualquer, **Deus não profere contra ele uma sentença**, dizendo-lhe, por exemplo: Foste guloso, vou

punir-te. Ele traçou um limite: as doenças e, muitas vezes, a morte são a consequência dos excessos. Eis **a punição; ela resulta da infração da lei, como aliás, sucede em tudo.**"

Trecho do comentário de Allan Kardec:

Todas as nossas ações estão submetidas às Leis de Deus. Não há nenhum ato, *por mais insignificante que nos pareça*, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que desse modo nos tornamos os artífices de nossa felicidade ou da nossa infelicidade futuras. ⁽²⁶⁾ (itálico do original)

998. *A expiação se realiza no estado corpóreo ou no estado espiritual?*

"A expiação se cumpre durante a existência corpórea, por meio de provas a que o Espírito se acha submetido e, **na vida espiritual, pelos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.**" ⁽²⁷⁾ (itálico do original)

E no item V da Conclusão, lemos:

O Espiritismo é forte porque se apoia sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; é forte, sobretudo, porque **mostra essas penas e recompensas como**

consequências naturais da vida terrestre e também porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar. [...]. ⁽²⁸⁾

De **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, destacamos:

a) Capítulo V – Bem-aventurados os aflitos, tópico “Causas anteriores das aflições”:

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores são sempre, como os decorrentes das faltas atuais, a consequência dos erros cometidos, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, **o homem sofre o que fez sofrer aos outros**. Se foi duro e desumano, poderá, por sua vez, ser tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta ou se empregou mal a sua fortuna, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc. ⁽²⁹⁾

b) Capítulo XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire, no tópico “Coragem da fé”:

16. Assim será com os adeptos do Espiritismo. Já que a doutrina que professam

não é outra senão o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. **Semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual.** Lá eles colherão os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza. ⁽³⁰⁾

c) Capítulo XXVII – Pedi e obtereis, tópico “Prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores”:

21. **“O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à Lei de Deus que não acarrete a sua punição.**

A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta.

A duração do castigo é indeterminada, seja qual for a falta; *está subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno à senda do bem.* **A pena dura tanto quanto a obstinação no mal**; seria perpétua, se a obstinação fosse perpétua; dura pouco, se o arrependimento é imediato. ⁽³¹⁾ (itálico do original)

Em **O Céu e o Inferno**, 1ª parte, capítulo V – O purgatório, Allan Kardec, a certa altura, diz:

[...] Na maior parte das vezes ele [o

homem] é infeliz por sua própria culpa; porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, expiando não somente faltas atuais, mas faltas anteriores não reparadas. **Sofre em uma vida de provas o que fez sofrer a outrem em anterior existência.** As vicissitudes que experimenta são, ao mesmo tempo, uma correção temporária e uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males futuros e progredir para o bem. [...]. ⁽³²⁾

Em **O Céu e o Inferno**, 1ª Parte, Capítulo “VI – Doutrina das penas eternas”, tópico “Argumento a favor das penas eternas”, no item 16, Allan Kardec discorrendo sobre o dogma da eternidade das penas, entre várias coisas, disse:

[...] A punição que ela sofre é uma advertência do mal que praticou, devendo ter por fim reconduzi-la ao bom caminho. Se a pena fosse irremissível, o desejo de melhorar seria supérfluo; nem mesmo o fim da Criação seria alcançado, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros à desgraça. Se uma alma culpada se arrepende, pode regenerar-se, e podendo regenerar-se pode aspirar à felicidade. Ora, Deus seria justo se lhe

recusasse os meios para isso? (33)

No tópico “Código penal da vida futura”, da 1ª parte, do capítulo VII – As penas futuras segundo o Espiritismo do livro **O Céu e o Inferno**, são listados vários pontos, dos quais destacamos os três seguintes:

7º) **O Espírito sofre pelo mal que fez**, de maneira que, *sendo a sua atenção constantemente dirigida para as consequências desse mal*, melhor compreende os seus inconvenientes e trata de corrigir-se.

8º) Sendo infinita a Justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, **não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais**, como não há uma única ação meritória, um só bom impulso da alma que se perca, *mesmo para os mais perversos, visto que tais ações constituem um começo de progresso*.

9º) **Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não o for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes**, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa

existência não terá necessidade de pagar uma segunda vez.

10º) **O Espírito sofre**, quer no **mundo corpóreo**, quer **no espiritual**, **a consequência das suas imperfeições**. [...]. ⁽³⁴⁾ (itálico do original)

Em todas essas transcrições, o Codificador é claro: o homem sofre em uma vida o que fez sofrer a outros. Não há mal que fique sem reparação, pois cada falta é uma dívida contraída que deverá ser saldada.

O pagamento não deve ser entendido como “castigo” ou “punição”, mas sim como uma oportunidade que Deus concede ao Espírito infrator de experimentar, em si mesmo, o mal que fez outro sofrer. Essa é a única forma de avaliar plenamente o erro cometido e, assim, aprender a não repeti-lo.

Da Segunda Parte – Exemplos, de **O Céu e o Inferno**, destacamos os seguintes casos:

1º) Capítulo IV – Espíritos sofredores: Ferdinand Bertin que, em 2 de dezembro de 1863, morreria numa *“grande catástrofe marítima”*. Em sua

comunicação, ele explica o motivo pelo qual o levou a desencarnar dessa forma:

[...] eu era muito culpado, o que mais me tortura é ter sido considerado mártir, quando na verdade não o fui... **Na precedente existência eu mandara ensacar várias vítimas ainda vivas e depois as atirei no mar.** Orai por mim! ⁽³⁵⁾

A manifestação desse Espírito ocorreu seis dias após afogar-se na tragédia.

2º) Capítulo V – Suicidas: O pai e o conscrito, ressaltamos este trecho do diálogo:

10. [A São Luís] - *Podereis dar-nos a vossa apreciação pessoal sobre esse suicídio?* - R. Esse Espírito sofre justamente, pois lhe **faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível.** A punição seria terrível e mais duradoura, se não tivesse a atenuá-la o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras. ⁽³⁶⁾ (itálico do original)

3º) Capítulo V – Suicidas: Antoine Bell, que se suicidou em fevereiro de 1865. Na vida anterior envenenara seu rival na véspera do casamento. Esse crime lhe desencadeou uma obsessão pelo pai da vítima, que acabou por levá-lo ao suicídio. Do comentário de Allan Kardec, destacamos o seguinte trecho:

[...] Antoine Bell **personifica o homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em existência anterior**, qual um remorso e um aviso. Por aí já se vê que todas as existências são solidárias entre si; que a justiça e a bondade divinas se ostentam na faculdade conferida ao homem de progredir gradualmente, sem jamais privá-lo do resgate das faltas; que **o culpado é punido pela própria falta, sendo essa punição, em vez de uma vingança de Deus, o meio empregado para fazê-lo progredir.** ⁽³⁷⁾

Como visto, não foi a primeira vez que Allan Kardec se manifestou dessa forma. Temos, portanto, provado que as comunicações registradas em *O Céu e Inferno* foram a base para inserção em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* do princípio “o

homem sofre o que fez sofrer aos outros”.

4º) Capítulo VIII – Expições terrestres: O Espírito Antoine B..., em 1850, foi enterrado vivo, após uma morte aparente. O fato foi descoberto quando abriram seu túmulo para exumação e notaram que o corpo havia mudado de posição. Evocado em agosto de 1861, explicou tratar-se de consequência de uma *“cruel punição de feroz existência”*:

[...] Ah! Por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu e os Espíritos do Senhor conhecíamos? Mas visto que assim é preciso, dir-vos-ei que, **numa existência anterior, eu enterrara viva uma mulher, a minha própria esposa**, e por sinal num jazigo subterrâneo. **A pena de talião devia ser-me aplicada. Olho por olho, dente por dente.**
(³⁸)

Esse caso corrobora a aplicação da “pena de talião”, lei instituída por Deus aos infratores e incorporada ao Espiritismo como “Lei de causa e efeito”.

De **A Gênese**, transcrevemos:

a) Capítulo XI – Gênese espiritual, item 30:

Os que se assemelhavam naturalmente **se agruparam por analogia e simpatia**. [...]. ⁽³⁹⁾

b) Capítulo XIV – Os fluidos, item 11:

O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que nele têm de viver: os peixes, na água; os seres terrestres, no ar; os seres espirituais, no fluido espiritual ou etéreo, mesmo que estejam na Terra. [...]. ⁽⁴⁰⁾

c) Capítulo XVI – Teoria da presciência, item 3:

[...] Nos **Espíritos inferiores**, a visão é circunscrita, não só porque eles **difícilmente podem afastar-se do globo a que se acham presos**, como também porque a grosseria de seus perispíritos lhes vela as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as ocultam aos olhos do corpo. ⁽⁴¹⁾

Dois pontos importantes e valem para qualquer um dos planos da vida – físico e espiritual: os Espíritos se reúnem por afinidade em ambientes que lhes são próprios.

Na **Revista Espírita 1866**, mês de março, no artigo “Introdução ao Estudo dos Fluidos Espirituais”, temos:

Em segundo lugar, [o Espiritismo] nos ensina que as almas passam alternativamente do estado de encarnação ao de erraticidade; que **neste último estado elas constituem a população invisível do globo, ao qual permanecem ligadas até que tenham nele adquirido o desenvolvimento intelectual e moral que comporte a natureza desse globo**, depois do que o deixam para passar a um mundo mais avançado. ⁽⁴²⁾

Portanto, permaneceremos na erraticidade circundante à Terra enquanto estivermos vinculados a ela, já que “*o desenvolvimento intelectual e moral*” que nela podemos adquirir ainda não é uma realidade plena em nós.

Vejamos este trecho do artigo “O Umbral”, de autoria de Felipe Gama, publicado no portal **Espiritismo da Alma**:

Para o Umbral normalmente espíritos

cuja vibração é muito baixa são atraídos por sintonia; espíritos que cometeram erros terríveis em vida ou que se prendem em paixões, vícios, sexo, drogas, perversões, maldades e toda sorte de qualidades inferiores, como orgulho, egoísmo, vaidade, medo, tristeza profunda, etc. **Quase sempre esta “ida” ao umbral após o desencarne é compulsória e involuntária. O espírito se atrai a este ambiente psico-espiritual através das suas atitudes em vida e seus mais íntimos pensamentos.** ⁽⁴³⁾

Para nós, o autor define de forma bastante clara o que seja o Umbral e quem são aqueles que, temporariamente, nele permanecerão.

Um ponto importante a ser analisado é a afirmação de que as comunicações inseridas na **segunda parte** de *O Céu e o Inferno* representariam apenas as opiniões pessoais dos Espíritos manifestantes, sem valor doutrinário.

Sobre isso, podemos recorrer a uma fala de Allan Kardec, quando tratou da posição dos médicos em relação ao magnetismo? *“uma opinião, pró ou contra, é sempre uma opinião individual, que não faz*

força de lei” ⁽⁴⁴⁾.

Assim, mesmo que sejam opiniões individuais, não se poderia desconsiderar o valor das comunicações, pois elas somam ao conjunto de observações e experiências que fundamentam a Doutrina Espírita.

Acreditamos ser necessário ir um pouco mais fundo para compreender o pensamento do Codificador em maior amplitude. Vejamos, por exemplo, o que ele disse no “Discurso do encerramento do ano social 1858-1859”, publicado na ***Revista Espírita 1859***, no mês de julho:

[...] Um Espírito poderia dizer, pois, que é o Sol que gira e não a Terra, e sua teoria não seria mais verdadeira porque vinda de um Espírito. Que aqueles que nos supõem uma credulidade tão pueril, saibam, pois, que **tomamos toda opinião manifestada por um Espírito por uma opinião individual; que não a aceitamos senão depois de tê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação** que a própria ciência espírita nos fornece, meios que todos vós conheceis. ⁽⁴⁵⁾

O detalhe de suma importância é que há, sim, a possibilidade de uma opinião individual possuir algum valor. Isso ocorre quando, após passar pelo crivo da lógica e da razão, ela também reflete a opinião de vários outros Espíritos. Nesse caso, temos o que Allan Kardec denominou **Universalidade do Ensino dos Espíritos**, princípio que garante a solidez e a legitimidade da Doutrina Espírita. Mais adiante, faremos um breve comentário sobre esse conceito fundamental.

Infelizmente, a edição de *O Céu e o Inferno* publicada pela FEB ⁽⁴⁶⁾, traduzida por Manoel Justino Quintão (1874-1954), não contém o Prefácio. É possível que outras traduções também apresentem essa ausência. Ora, isso impede que os leitores tenham acesso à explicação do autor sobre sua obra, especialmente quanto às duas partes que a compõem.

A FEB corrigiu essa falha com publicação de **O Céu e o Inferno**, traduzida por Evandro Noleto, da qual transcrevemos os seguintes trechos do Prefácio:

A **primeira parte** desta obra, chamada

Doutrina, **contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras.** O dogma das penas eternas é aí tratado de maneira especial e refutado por argumentos colhidos das próprias leis da natureza, leis que demonstram, não só o seu lado ilógico, centenas de vezes já assinalado, como a sua impossibilidade material. Com as penas eternas, caem naturalmente as consequências que se acreditavam tirar de tal doutrina.

A **segunda parte** encerra **numerosos exemplos que sustentam a teoria**, ou melhor, que serviram para o seu estabelecimento. **A autoridade deles se baseia na diversidade dos tempos e dos lugares** onde foram obtidos, porquanto, se emanassem de uma fonte única, poder-se-ia considerá-los como produto de uma mesma influência; baseia-se, **além disso, na sua concordância com o que se obtém todos os dias**, seja onde for que as pessoas se ocupem das manifestações espíritas, encaradas sob um ponto de vista sério e filosófico. Tais exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, visto que não há Centro Espírita que não possa fornecer um notável contingente deles.

Para evitarmos repetições cansativas, tivemos de fazer uma escolha criteriosa entre os exemplos mais

instrutivos. **Cada um deles é um estudo, em que todas as palavras têm o devido alcance para quantos desejem meditá-los com atenção, visto que de cada ponto jorra uma nova luz sobre a situação da alma após a morte e sobre a passagem, até agora tão obscura e temida, da vida corpórea à vida espiritual. É o guia do viajante, antes de adentrar em país novo.** Aí a vida de além-túmulo se desdobra em todos os seus aspectos, como novos motivos de esperança e de consolação e novas bases para o fortalecimento da fé no futuro e na Justiça de Deus. ⁽⁴⁷⁾

Entendemos que, ao se referir às comunicações como *“numerosos exemplos que sustentam a teoria”*, cuja *“autoridade deles se baseia na diversidade dos tempos e dos lugares”* e *“na sua concordância com o que se obtém todos os dias”*, o Codificador as coloca em um patamar muito mais elevado do que o de *“apenas opiniões individuais”*. Ele as reconhece como base para princípios doutrinários.

Além disso, ao recomendar o estudo e a meditação sobre cada exemplo, o Mestre de Lyon

confirma o valor doutrinário que atribuiu a essas comunicações.

No nosso sentir, não resta dúvida de que as comunicações de Espíritos inseridas em *O Céu e o Inferno* constituíram parte da base para o princípio de que o homem sofre o que fez sofrer aos outros. Portanto, são muito mais do que “*apenas opiniões individuais*”: passaram pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos, tornando-se pilares da Doutrina Espírita.

Como já dissemos anteriormente, mas é necessário aqui repetir, Allan Kardec, de forma providente, orientou quanto ao critério de utilização do **Controle Universal do Ensino dos Espíritos**, sustentado em três pontos fundamentais:

1º) ter lógica;

2º) ter como fontes vários médiuns desconhecidos uns dos outros;

3º) que eles residam em diferentes localidades mundo afora.

Há, porém, um detalhe importante a respeito

do **CUEE** que merece esclarecimento ⁽⁴⁸⁾. Vejamos os seguintes trechos de falas do Codificador:

a) **Revista Espírita 1861**: “sobre diversos pontos [do globo]” ⁽⁴⁹⁾.

b) **Revista Espírita 1864**: “em diversos pontos [do globo]” ao **mesmo tempo**” ⁽⁵⁰⁾.

c) **Revista Espírita 1865**: “sobre os diversos pontos do globo” ⁽⁵¹⁾.

d) **Revista Espírita 1867**: “sobre todos os pontos do globo” ⁽⁵²⁾.

O problema que surge quanto à expressão “ao mesmo tempo”, que muitas vezes é tomada ao pé da letra. No entanto, no mesmo artigo publicado na **Revista Espírita 1864** em que ela aparece, Allan Kardec também escreveu:

Essa universalidade no ensinamento dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí está também a causa de sua propagação tão rápida. Ao passo que a palavra de um único homem, mesmo com o recurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao ouvido de todos, eis que **milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos**

os pontos da Terra para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los aos mais ignorantes, como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. [...]. (⁵³)

Ora, será que “*as milhares de vozes se fizeram ouvir simultaneamente*”, ou podemos entender disso como em um período curto de tempo? Se aqui é preciso levantar em conta o simbolismo, porque a expressão “*ao mesmo tempo*” deve ser tomada na literalidade?

Na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, foi publicado o artigo “Manifestação do espírito dos animais”, que relata o caso ocorrido com a pequena Mika, já desencarnada, após o qual um Espírito se manifesta e sobre o teor de sua mensagem Allan Kardec, em nota, disse:

[...] sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são

senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo. ⁽⁵⁴⁾

No artigo “As mulheres têm alma?”, publicado na **Revista Espírita 1866**, mês de janeiro, O Codificador reforça:

[...] esses estudos não são o fato nem de um único homem, nem das revelações de um único Espírito, mas o **produto de inumeráveis observações idênticas feitas diariamente por milhares de indivíduos, em todos os países, e que receberam a sanção poderosa do controle universal**, sobre o qual se apoiam todas as doutrinas da ciência espírita. [...].
(⁵⁵)

Na **Revista Espírita 1866**, mês de junho, foi publicado o artigo “Os Evangelhos explicados”, obra de autoria de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), sobre a qual Allan Kardec comenta:

[...] Convém, pois, considerar **essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que,**

em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita. ⁽⁵⁶⁾

No artigo “Extrato dos manuscritos de um jovem médium bretão – Os alucinados, os inspirados, os fluídicos e os sonâmbulos (Segundo artigo)”, publicado na **Revista Espírita 1869**, mês de julho, lemos:

Entregamos esses documentos ao exame de todos os espíritas sérios, e **seremos reconhecidos àqueles que quiserem nos transmitir sua apreciação, ou as instruções das quais poderão ser objetos da parte dos Espíritos**. A *Revista Espírita* é, antes de tudo, um jornal de estudo, e, a este título, ela se apressa em recolher todos os elementos de natureza a esclarecer a marcha de nossos trabalhos, **deixando ao controle universal, apoiado sobre os conhecimentos adquiridos o cuidado de julgá-los em última instância**. ⁽⁵⁷⁾

O que há de comum nessas quatro transcrições

é que o Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE) é aplicado *a posteriori*. Ou seja, as instruções ou revelações dos Espíritos não precisam ser recebidas “ao mesmo tempo” ou “simultaneamente”.

Isso se comprova facilmente: as mensagens registradas nas obras da Codificação não trazem a hora em que foram psicografadas, e muitas vezes nem mesmo o dia, apenas o ano. Além disso, Allan Kardec nunca instruiu as comunidades espíritas a registrarem data e hora das comunicações. Sem esses dados, especialmente o da hora, não há como se comprovar simultaneidade literal.

Portanto, a expressão “ao mesmo tempo” deve se entendida em sentido amplo e simbólico, como a concordância de mensagens recebidas em diferentes lugares e períodos relativamente próximos, e não como uma simultaneidade cronológica absoluta.

A nosso ver, outro grande equívoco – talvez o principal – dos que não aceitam a ideia do Umbral é considerar que, após a publicação de suas obra , Allan Kardec teria colocado um ponto final na

revelação espírita.

Em nosso artigo “**O Espiritismo ainda não tem ponto final**” ⁽⁵⁸⁾, registramos estas falas do Codificador que mostram justamente o contrário:

a) **Revista Espírita 1866**, mês de julho:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. ⁽⁵⁹⁾

b) **Revista Espírita 1867**, mês setembro, artigo “Caracteres da Revelação Espírita”:

52. – É de notar, além disto, que **em nenhuma parte o ensino espírita foi dado de maneira completa**; ele toca a um tão grande número de observações, a assuntos tão diversos, que exigem tanto conhecimentos, quanto aptidões medianímicas especiais, que teria sido impossível reunir no mesmo ponto todas as condições necessárias. [...].

A revelação é assim feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e **é desta maneira que ela prosseguirá ainda neste momento, porque tudo não está**

revelado. Cada centro encontra, nos outros centos, o complemento daquilo que obtém, e é o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais, que constituíram a Doutrina Espírita.

[...].

54. – Não há nenhuma **ciência** que tenha saído inteiramente do cérebro de um homem; **todas, sem exceção, são o produto de observações sucessivas se apoiando sobre as observações precedentes, como sobre um ponto conhecido para chegar ao desconhecido.** Foi assim que os Espíritos procederam para com o Espiritismo; é por isso que **o seu ensino é graduado; senão à medida que os princípios sobre os quais devem se apoiar estejam suficientemente elaborados, e que a opinião está madura para assimilá-los.** [...].

55. - Um último caráter da **revelação espírita**, e que ressalta das próprias condições nas quais foi feita, é que, se apoiando sobre fatos, **ela é e não pode ser senão essencialmente progressiva**, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência, que, sendo a exposição das leis da Natureza, em uma certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor dessas leis. [...].

O Espiritismo não coloca, pois, como princípio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais presta o apoio de suas próprias descobertas, **assimilará sempre todas as doutrinas progressivas**, de qualquer ordem que elas sejam, chegadas ao estado de *verdades práticas*, e saídas do domínio da utopia, sem isto ele se suicidaria; cessando de ser o que ele é, mentiria à sua origem e ao seu objetivo providencial. **O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais transbordado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está no erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.** ⁽⁶⁰⁾
(itálico do original)

c) **Revista Espírita 1868**, mês de dezembro:

Se bem que o Espiritismo não haja dito ainda a sua última palavra sobre todos os pontos, ele se aproxima de seu complemento, e o momento não está longe em que lhe será necessário dar uma base forte e durável, **suscetível, no entanto, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportarem**, e dando toda segurança

àqueles que se perguntam quem lhe tomará as rédeas depois de nós. ⁽⁶¹⁾

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, **senão a título de hipóteses até a confirmação.** Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto. ⁽⁶²⁾

Apesar de Allan Kardec ser tão claro quanto à possibilidade de desenvolvimento e novas revelações, ainda encontramos espíritas que, à semelhança dos ortodoxos, comportam-se, como os crentes em relação à Bíblia, tomando o seu conteúdo como a única revelação divina. Por isso, não aceitam nenhuma nova revelação, mesmo diante da clareza desta fala de Jesus: *“Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito de Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena.”* (João 16,12-13)

Antônio de Torres-Solanot y Casas (1840-1888), grande vulto e pioneiro do Espiritismo na Espanha,

defensor e propagador da Doutrina Espírita (⁶³), na obra **A Médium das Flores**, publicada em Barcelona no ano de 1895, afirma:

[...] Não é possível conhecer Kardec somente estudando suas obras fundamentais; é preciso segui-lo passo a passo nos dez tomos da sua Revista (campo neutral, como ele dizia, onde aquilatava tudo) para apreciar em seu verdadeiro valor a obra daquele gigante, cuja grandeza será julgada com justiça pelas gerações vindouras. É verdade que ele forneceu mais alimento do que podiam digerir seus contemporâneos, mas não poderia ser diferente, em se tratando de uma ordem de fenômenos, que, sendo tão antigos quanto o homem, dar a eles uma base experimental ficou reservado à nossa época; **é verdade também que ele deixou pontos embrionários para que no tempo e no lugar oportunos adquirissem o conveniente desenvolvimento**; mas isto é, sem dúvida alguma, o que faz imperecível a obra do mestre, que nos legou bases e princípios fixos, imutáveis como as leis da natureza são, deixando, porém, **aos discípulos um vastíssimo campo para novas investigações, que, longe de destruir nada do que foi edificado, completarão o monumento do Espiritismo.** (⁶⁴)

Consideramos oportuno trazer o testemunho do Vizconde de Torres-Solanot, especialmente porque suas palavras continuam válidas até os dias atuais. Infelizmente, contudo, há confrades que parecem ter colocado um ponto final da revelação espírita.

A utilização da resposta à questão 87 de **O Livro dos Espíritos**, fora de seu contexto, como se fosse uma explícita negação dos Espíritos superiores à existência das colônias espirituais e do Umbral, constitui erro grave. É necessário observar a pergunta e a resposta em sua íntegra:

87. Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no Espaço?

“Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-vos e atuando sobre vós, sem que o saibais, já que os Espíritos são uma das forças da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que **há regiões interditas aos menos adiantados.**” ⁽⁶⁵⁾
(itálico do original)

Curiosamente, pouco se dá atenção à afirmação de que “*há regiões interditas aos menos adiantados*”, o que inevitavelmente remete à ideia de locais.

A explicação de “*não haver região determinada e circunscrita no espaço*” não se relaciona com a existência ou não das colônias espirituais ou do Umbral. O que o Codificador buscava esclarecer era o conceito, ainda arraigado na crença popular – e, lamentavelmente, em parte dos espíritas – de que “céu” e “inferno” seriam espaços físicos delimitados para “o gozo” ou para “as penas” após a morte.

Entretanto, pela sutileza dessa questão, é necessário observar também o que **O Livro dos Espíritos** apresenta na resposta à pergunta 1012, que trata justamente da crença “no paraíso, no inferno e no purgatório”:

1012. *Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos segundo seu merecimento?*

“Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição do Espírito. Cada um tira de si

mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desventura. E como eles estão por toda parte, **não existe nenhum lugar circunscrito ou fechado especialmente destinado a uns ou a outros.** [...].”

1012-a. *De acordo com isso, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?*

“São simples alegorias: por toda parte há Espíritos felizes e infelizes. Entretanto, conforme também já dissemos, **os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia, mas, quando são perfeitos, podem reunir-se onde queiram.**” ⁽⁶⁶⁾ (itálico do original)

Ao que comenta Allan Kardec:

A localização absoluta das regiões de penas e recompensas só existe na imaginação do homem. Provém da sua tendência a *materializar* e *circunscrever* as coisas, cuja essência infinita é incapaz de compreender. ⁽⁶⁷⁾ (itálico do original)

Não resta dúvida de que, na questão 1012, os Espíritos, ao afirmarem “*Já respondemos a esta pergunta*”, remetem diretamente à resposta dada na questão 87.

Percebe-se claramente que o foco do Codificador – insistimos – foi combater a crença de “céu” e “inferno” como locais “*circunscritos ou fechados*” de gozo e penas eternas. Aliás, em **O Céu e o Inferno**, Allan Kardec esclarece:

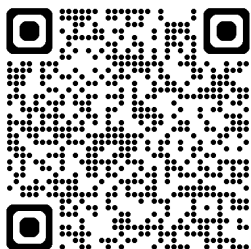
O Espiritismo não vem, pois, negar as penas futuras; vem ao contrário, confirmá-las. O que ele **destrói é o inferno localizado** com suas fornalhas e penas irremissíveis. [...]. ⁽⁶⁸⁾

Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, como o gozo à perfeição, **a alma traz em si mesma o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito. O inferno** está por toda parte em que haja almas sofredoras, **como o céu se acha por toda parte onde existam almas felizes.** ⁽⁶⁹⁾

Fica evidente, portanto, que o “ataque” do Codificador dirige-se exclusivamente à concepção de céu e inferno como espaços delimitados, e nada além disso.

Com um inspirado toque humorístico, eis as

imagens representando cada um deles ⁽⁷⁰⁾:



Retomemos, então, os dois pontos que destacamos no ebook ***Colônias Espirituais e Dogmatismos de Espíritas*** ⁽⁷¹⁾, pois eles nos proporcionam uma

compreensão mais ampla da realidade do mundo espiritual.

1º) Os Espíritos errantes não permanecem vagando pelo espaço como aves sem pouso, conforme alguns parecem supor:

a) Do artigo “Onde está o céu?” ⁽⁷²⁾, publicado na **Revista Espírita 1865**, mês de março, transcrevemos:

Se bem que os Espíritos estejam por toda a parte, **os mundos são os lares onde se reúnem de preferência, em razão da analogia que existe entre eles e aqueles que os habitam.** Ao redor dos mundos avançados são muitos os Espíritos superiores; **ao redor dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores.** A Terra é ainda um destes últimos. **Cada globo tem, pois, de alguma sorte, a sua população própria em Espíritos encarnados e desencarnados,** que se alimenta, em maior parte, pela encarnação e desencarnação dos mesmos Espíritos. [...]. ⁽⁷³⁾

b) Na **Revista Espírita 1867**, mês janeiro, foi

publicado o artigo “Pensamentos espíritas que correm o mundo”, do qual destacamos o seguinte parágrafo em que Allan Kardec afirma:

Para que a alma possa cumprir uma série de existências sucessivas no mesmo meio, é preciso que ela não se perca nas profundezas do infinito; deve permanecer na esfera de atividade terrestre. Eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual nós vivemos, no qual se derrama a humanidade corpórea, como ele mesmo se derrama nesta. Ora, chamai estas almas Espíritos, e eis-nos em pleno Espiritismo. ⁽⁷⁴⁾

Dessa forma, entendemos, que os Espíritos errantes, sem evolução moral suficiente para reencarnar em outros planetas, permanecem imantados ao redor da Terra, isto é, “*na esfera de atividade terrestre*”. Possivelmente, situam-se em faixas vibratórias compatíveis com sua condição, às vezes designada como “*esfera espiritual*” – tema que será aprofundado no próximo capítulo.

2º) que “*semelhante atrai semelhante*” ⁽⁷⁵⁾:

Em ***O Livro dos Espíritos***, destacamos parte

da resposta à questão 278, que será transcrita integralmente mais adiante:

“[...] Eles [os Espíritos errantes] se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. **É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam:** os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e **pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.**” ⁽⁷⁶⁾

Um exemplo elucidativo pode ser encontrado no diálogo com o Espírito que assombrava a Torre Saint-Michal de Bordeaux, publicado na **Revista Espírita 1862**, mês de novembro. Destacamos a seguinte pergunta:

14. Quando pudestes deixar vosso corpo, onde vos encontrastes? – R. **Vi-me cercado de uma multidão de Espíritos como eu cheios de dor**, não ousando elevar para

Deus seu coração preso à Terra, e desesperançado de receber seu perdão. (77)

Diante disso, cabe refletir: não seriam as colônias espirituais uma criação de Espíritos bons, que visam auxiliar os retardatários, utilizando-se da matéria própria do mundo espiritual – ainda que invisível e impalpável para nós? Esses Espíritos retardatários, agrupados por nível vibracional (em esferas), dentro da lei de “*semelhante atrai semelhante*” (78), tornam-se o alvo natural da ação benéfica dos Espíritos superiores.

Na **Revista Espírita 1864**, mês de novembro, Allan Kardec faz uma consideração bastante interessante a respeito da “*matéria própria do mundo espiritual*”:

Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; **aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos**, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. [...]. (79)

A tendência de materializar tudo leva algumas pessoas a conceber a matéria do mundo espiritual como se tivesse a mesma consistência da matéria física – eis aí o grande equívoco.

Importante detalhe a respeito do mundo espiritual

“Quanto menos alguém entende, mais quer discordar.” (GALILEU GALILEI)

Antes de apresentarmos o resultado de nossa pesquisa, é oportuno destacar um detalhe importante relativo ao mundo espiritual, que muito contribuirá para compreendermos qual poderia ser a sua “fotografia”.

No filme *Nosso Lar*, há um momento em que surge uma cena pútrida ⁽⁸⁰⁾:



É natural que muitos leitores perguntem: “*Essa imagem representa uma realidade ou estamos diante de uma ficção cinematográfica?*” É justamente isso que analisaremos.

Inicialmente, caro leitor, chamamos sua atenção para três pontos fundamentais:

1º) Os Espíritos se reúnem formando agrupamentos ⁽⁸¹⁾;

2º) Obedecem à lei inexorável do “*semelhante atrai semelhante*” ⁽⁸²⁾;

3º) Criam uma atmosfera espiritual com os fluidos que emitem ⁽⁸³⁾.

Falaremos de cada um deles, não exatamente nessa ordem, mas de forma a construir uma visão mais ampla e consistente da realidade espiritual.

De **O Livro dos Espíritos**, destacamos a seguinte questão:

229. *Por que os Espíritos, deixando a Terra, não deixam aí todas as más paixões, já que reconhecem os seus inconvenientes?*

“Tens nesse mundo pessoas que são

excessivamente invejosas. Acreditas que, tão logo o deixem, perdem esse defeito? **Após a partida da Terra, sobretudo para os que tiveram paixões bem acentuadas, resta uma espécie de atmosfera que os envolve, fazendo que conservem todas essas coisas más, pois o Espírito ainda não se acha inteiramente desprendido da matéria.** Só por momentos ele entrevê a verdade, como que para mostrar-lhe o bom caminho.”
(⁸⁴) (itálico do original)

Essa mesma linha de raciocínio aparece no item 268 de ***O Livro dos Médiuns***:

2. *O conhecimento científico é sempre sinal certo da elevação de um Espírito?*

“Não, porque se ele ainda estiver sob a influência da matéria, pode ter os vossos vícios e preconceitos. Há pessoas que, neste mundo, são excessivamente invejosas e orgulhosas; julgais que, tão logo o deixem, perdem esses defeitos? **Após a partida daqui, os Espíritos, principalmente os que alimentaram fortes paixões, permanecem envoltos numa espécie de atmosfera que lhes conserva todas as coisas más de que se impregnaram.** Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais

temíveis do que os Espíritos maus, porque, em sua maioria, combinam a astúcia e o orgulho com a inteligência. [...]” (85)

Portanto, é fácil perceber que essa atmosfera se intensifica pela quantidade de Espíritos que, por afinidade vibratória, se agrupam formando verdadeiras “famílias espirituais”.

Em **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, itens 11, 18 e 19, encontramos:

a) Tópico “Formação e propriedades do perispírito”, item 11:

11. O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que nele têm de viver: os peixes, na água; os seres terrestres, no ar; os seres espirituais, no fluido espiritual ou etéreo, mesmo que estejam na Terra. *O fluido etéreo está para as necessidades do Espírito, como a atmosfera está para as necessidades dos encarnados.* Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, **os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos.** Não morreriam

no meio desses fluidos, porque o Espírito não morre, mas **uma força instintiva os mantém afastados dali**, como a criatura terrena se afasta de um fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis por que não podem sair do meio que lhes é peculiar à natureza; para mudarem de meio, precisam antes mudar de natureza, despojar-se dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, **que se depurem e se transformem moralmente. Então, gradualmente se identificam com um meio mais depurado** que se lhes torna uma necessidade, como os olhos, para quem viveu longo tempo nas trevas, insensivelmente se habitua à luz do dia e ao fulgor do Sol. ⁽⁸⁶⁾ (itálico do original)

Observa-se que Allan Kardec estabelece uma analogia entre os diferentes meios de vida dos seres – peixes na água, animais terrestres no ar – e os Espíritos, que vivem no fluido espiritual ou etéreo. Esse fluido é indispensável para eles, assim como a atmosfera é para os encarnados.

Os Espíritos inferiores não conseguem suportar ambientes mais sutis e luminosos, sendo naturalmente afastados deles, da mesma forma que

um ser humano evita o fogo intenso ou a luz ofuscante.

O Codificador deixa claro que cada Espírito só pode habitar o meio compatível com sua natureza moral e espiritual. Para ascender a planos mais elevados, precisa depurar-se, transformar-se no campo moral e, aos poucos, adaptar-se a ambientes mais puros, como olhos acostumados às trevas que lentamente se habitual à luz.

b) Tópico “Qualidades dos fluidos”, item 18:

[...] Ao encarnar, o Espírito conserva o seu perispírito, com as qualidades que lhe são próprias, e que, como se sabe, não fica circunscrito pelo corpo, mas **irradia à sua volta e o envolve como que de uma atmosfera fluídica.** ⁽⁸⁷⁾

Ainda que invisível, a atmosfera fluídica dos desencarnados existe, que será saudável ou nociva conforme o grau de evolução moral de cada Espírito, refletindo-se diretamente em seu perispírito.

c) Tópico “Qualidades dos fluidos”, item 19:

19. Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. **Uma assembleia é um foco de irradiação de pensamentos diversos.** É como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um emite uma nota. **Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual,** como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas do mesmo modo que há irradiações sonoras, harmônicas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, a impressão é agradável; se for discordante, a impressão será penosa. Ora, **para isso não é necessário que o pensamento se exteriorize por palavras; quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre.**

Tal é a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos, **na qual reina uma saudável atmosfera moral e se respira à vontade;** sai-se reconfortado dali, porque impregnado de salutareos eflúvios fluídicos. Basta, porém, que se misturem aí alguns pensamentos malévolos, para produzirem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido ou o de uma nota desafinada num concerto. Desse modo também se explica a

ansiedade, **o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática, na qual pensamentos malévolos provocam correntes de fluido repugnante.** ⁽⁸⁸⁾

Do mesmo modo, nos agrupamentos de Espíritos inferiores, forma-se ao redor deles uma atmosfera que reflete o pensamento e o grau evolutivo de cada um.

Vejamos o seguinte trecho do artigo “Teoria do móvel de nossas ações”, publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de outubro:

Quais são, pois, esses maus Espíritos? São os que se chamam os demônios? Não são demônios na acepção vulgar da palavra, porque se entende por aí uma classe de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal. Ora, os Espíritos nos dizem que todos melhoram em um tempo mais ou menos longo, segundo sua vontade; mas **enquanto são imperfeitos podem fazer o mal, como a água que não está depurada pode espalhar miasmas pútridos e mórbidos.** [...]. ⁽⁸⁹⁾

À semelhança da água não depurada, os Espíritos maus “*podem espalhar miasmas pútridos e mórbidos*”. Somando-se ao princípio de que “*semelhante atrai semelhante*” ⁽⁹⁰⁾, conforme já vimos, teremos no além-túmulo incontáveis agrupamentos de Espíritos ligados por pensamentos comuns.

Por oportuno, vejamos a definição do termo **miasma**:

1ª) **Dicionário Priberam**:

Emanação morbífica, proveniente de substâncias orgânicas em decomposição. (Mais usado no plural.) ⁽⁹¹⁾

2ª) **Meu Dicionário**:

1. emanção proveniente de detritos orgânicos em decomposição, considerada outrora (antes dos avanços da microbiologia) como causadora de doenças e epidemias; 2. figurado má influência; 3. figurado sensação de opressão, ansiedade. ⁽⁹²⁾

3ª) **Michaelis**:

1 MED, ANT Emanção que supostamente provocaria a contaminação de doenças

infecciosas e epidêmicas; [...]; 2 Emissão fétida que emana de animais ou de vegetais em decomposição [...]; 3 FIG Influência nociva; corrupção; 4 FIG Aflição que provoca dificuldade de respirar; sufocação. ⁽⁹³⁾

Dentro do contexto, *miasmas* devem ser entendidos como emissões fluídicas que repercutem negativamente no ambiente, criando uma atmosfera espiritual nociva e afetando também os Espíritos que lhes são afins – estejam encarnados ou desencarnados, pouco importando a condição.

Do artigo “Estudo sobre os possesores de Morzine – As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, publicado na **Revista Espírita 1862**, mês de dezembro, destacamos três segmentos:

1º) É, pois, necessário imaginar-se o **mundo invisível como formando uma população inumerável**, compacta, por assim dizer, envolvendo a Terra e se agitando no espaço. É uma espécie de **atmosfera moral**, da qual os Espíritos encarnados ocupam a parte inferior, onde se agitam como num vaso. Ora, assim como **o ar das partes baixas é pesado e malsão, esse ar moral é também**

**malsão, porque corrompido pelas
emanações dos Espíritos impuros.** Para
resistir a isso são necessários
temperamentos morais dotados de grande
vigor. ⁽⁹⁴⁾

2º) **Sabemos que os Espíritos são
revestidos de um envoltório vaporoso,**
que lhes forma um verdadeiro corpo fluídico,
ao qual damos o nome de **perispírito**, e
cujos elementos são tirados do fluido
universal ou cósmico, princípio de todas as
coisas. Quando o Espírito se une a um corpo,
aí vive com seu perispírito, que serve de
ligação entre o Espírito, propriamente dito, e
a matéria corpórea: é o intermediário das
sensações percebidas pelo Espírito. Mas
esse perispírito não é confinado no corpo,
como numa caixa. Por sua natureza fluídica,
ele **irradia exteriormente e forma em
torno do corpo uma espécie de
atmosfera**, como o vapor que dele se
desprende. **Mas o vapor que se
desprende de um corpo malsão é
igualmente malsão, acre e
nauseabundo, o que infecta o ar dos
lugares onde se reúnem muitas
pessoas malsãs.** Assim como esse vapor é
impregnado das qualidades do corpo, **o
perispírito é impregnado das
qualidades, ou seja, do pensamento do
Espírito e irradia tais qualidades em
torno do corpo.** ⁽⁹⁵⁾ (itálico do original)

3º) Assim, facilmente nos damos conta da natureza das impressões que recebemos, conforme o meio onde nos encontramos. **Se uma reunião for composta de pessoas de maus sentimentos, estas enchem o ar ambiente do fluido impregnado de seus pensamentos.** Daí, para as almas boas, um mal-estar moral análogo ao mal-estar físico causado pelas exalações mefíticas: a alma fica asfixiada. **Se, ao contrário, as pessoas tiverem intenções puras, encontramos-nos em sua atmosfera como se num ar vivificante e salubre.** Naturalmente **o efeito será o mesmo num ambiente cheio de Espíritos, conforme sejam bons ou maus.** ⁽⁹⁶⁾

Certamente, que os Espíritos maus estão na “*parte inferior*” do mundo espiritual, muito próximos de nós, encarnados. Vale aqui a afirmação do Codificador: “*o ar das partes baixa é mais pesado e malsão, porque corrompido pelas emanações dos Espíritos impuros*”.

Sendo o perispírito o corpo fluídico do Espírito desencarnado, ele também “*é impregnado das qualidades, ou seja, do pensamento do Espírito e irradia tais qualidades*”, influenciando diretamente o

ambiente em que vive.

O que Allan Kardec disse sobre reuniões compostas por pessoas de maus sentimentos, pode, sem dúvida, ser aplicado às assembleias de Espíritos inferiores na erraticidade. Como ele próprio afirmou: *“Os eflúvios fluídicos, que constituem **a atmosfera moral**, se não maus, são também **funestos** a certos indivíduos **quanto as exalações das regiões pantanosas**”* ⁽⁹⁷⁾.

Na **Revista Espírita 1864**, mês de dezembro, Allan Kardec inseriu o seu discurso “Da comunhão de pensamentos”, proferido em 02 de novembro, em comemoração ao Dia dos Mortos. Destacamos os seguintes parágrafos:

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. [...] **O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos levam o pensamento, como o ar nos leva o som.** Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no

ar ondas e raios sonoros.

Uma assembleia é um foco de onde se irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um produz a sua nota. **Disso resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual,** como num coro de música, cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido do ouvido. ⁽⁹⁸⁾

Mas, do mesmo modo que há raios sonoros harmônicos ou discordantes, **há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmônico a impressão é agradável; se é discordante, a impressão é penosa.** Ora, para isso, não há necessidade de que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não existe menos, quer seja ela expressada ou não; **se todos são benevolentes, todos os assistentes deles sentem um verdadeiro bem-estar; sentem-se comodamente;** mas se a eles se misturam alguns pensamentos maus, produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio lépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se sente numa reunião simpática; ali reina como uma atmosfera moral saudável, onde se respira comodamente; dali se sai reconfortado, porque se está impregnado de

correntes fluídicas salutare. Assim se explicam também a ansiedade, o mal-estar que se sente num meio antipático, onde **os pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas malsãs.**
(⁹⁹)

Em estado de vigília, há algo que um Espírito jamais consegue fazer; parar de pensar. O problema é que raramente nos preocupamos com isso, mas deveríamos, já que *“os pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas malsãs”*.

Seria prudente ficarmos mais atentos, uma vez que *“o pensamento é o laço que nos une aos Espíritos, e pelo pensamento atraímos os que simpatizam com nossas ideias e inclinações”* (¹⁰⁰). Não temos dúvida de que essa “lei de sintonia” também se aplica no mundo espiritual.

As *“imperfeições morais”* produzem vibrações e são essas vibrações dão origem, por assim dizer, às regiões de escuridão ou trevas. Os Espíritos de mesmo nível moral se agrupam por afinidade, e assim, não são os sentimentos que produzem

“trevas exteriores”, mas as vibrações deles originadas.

Na **Revista Espírita 1867**, mês de maio, Allan Kardec publicou o artigo “Atmosfera espiritual”, no qual trata diretamente do tema que aqui queremos destacar. Vejamos:

Sabe-se que **os fluidos emanado dos Espíritos são mais ou menos salutareis segundo o grau de sua depuração**; conhece-se o seu poder curativo em certos casos, e também seus efeitos mórbidos de indivíduo a indivíduo. Ora, uma vez que **o ar pode estar saturado desses fluidos**, não é evidente que **segundo a natureza dos Espíritos que proliferam em um lugar determinado, o ar ambiente se acha carregado de elementos salutareis ou malsãos**, que devem exercer uma influência sobre a saúde física tão bem quando sobre a saúde moral? Quando se pensa na energia da ação que um Espírito pode exercer sobre um homem, **pode-se admirar daquela que deve resultar de uma aglomeração de centenas ou de milhares de Espíritos**? Esta ação será boa ou má conforme os Espíritos derramem no meio dado um fluido benfazejo ou malfazejo, agindo à maneira das emanações fortificantes ou **dos miasmas deletérios**,

que se esparramam no ar. Assim podem se explicar certos efeitos coletivos produzidos sobre as massas de indivíduos, o sentimento de bem-estar ou de mal-estar que se sente em certos meios, e que não têm nenhuma causa aparente conhecida, o arrastamento coletivo para o bem ou o mal, os impulsos gerais, o entusiasmo ou o desencorajamento, por vezes espécie de vertigem que se apodera de toda uma assembleia, de todo um povo mesmo. Cada indivíduo, em razão do grau de sua sensibilidade, sofre a influência dessa **atmosfera viciada ou vivificante**. Por este fato, que parece fora de dúvida, e que confirmam, ao mesmo tempo, a teoria e a experiência, encontramos nas relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo, um novo princípio de higiene que a ciência, sem dúvida um dia fará entrar em linha de conta.

Podemos, pois, subtrair-nos a essas influências emanando de uma fonte inacessível aos meios materiais? Sem nenhuma dúvida; porque do mesmo modo que saneamos os lugares insalubres destruindo-lhes a fonte dos miasmas pestilentos, podemos sanear a atmosfera moral que nos cerca, subtraindo-nos às **influências perniciosas dos fluidos espirituais malsãos**, e isto mais facilmente do que não podemos escapar às exalações pantanosas, porque isto depende

unicamente de nossa vontade, e ali não estará um dos menores benefícios do Espiritismo quando for universalmente compreendido e sobretudo praticado.

Um princípio perfeitamente averiguado por todo Espírita, é que **as qualidades do fluido perispiritual estão em razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado; quanto mais seus sentimentos são elevados e livres das influências da matéria, mais seu fluido é depurado.** Segundo os pensamentos que dominam num encarnado, ele irradia raios impregnados desses mesmos pensamentos que os viciam ou os saneiam, fluidos realmente materiais, embora impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis para os sentidos perispirituais, e visíveis para os olhos da alma, uma vez que impressionam fisicamente e tomam aparências muito diferentes para aqueles que estão dotados da visão espiritual.

Unicamente pelo fato da presença dos encarnados numa assembleia, os fluidos ambientes serão, pois, salubres ou insalubres, segundo os pensamentos dominantes sejam bons ou maus. Quem traz consigo pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de

malevolência, em uma palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha ao seu redor eflúvios fluídicos malsãos, que reagem sobre aqueles que o cercam. Numa assembleia, ao contrário, onde todos não trouxessem senão **sentimentos de bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar estará impregnado de emanções saudáveis** no meio das quais sente-se viver mais comodamente.

Se se considera agora que os pensamentos atraem os pensamentos da mesma natureza, que os fluidos atraem os fluidos similares, compreende-se que cada indivíduo conduz consigo um cortejo de Espíritos simpáticos, bons ou maus, e que assim o ar está saturado de fluidos em relação com os pensamentos predominantes. Se os maus pensamentos estão em minoria, eles não impedirão as boas influências de se produzirem, mas as paralisam. Se eles dominam, enfraquecem a irradiação fluídica dos bons Espíritos, ou mesmo por vezes, impedem os bons fluidos de penetrar nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios do sol. ⁽¹⁰¹⁾

Entendemos que a afirmação do Codificador –

“o ar pode estar saturado desses fluídos” – aplica-se igualmente ao mundo espiritual, que, de forma semelhante, pode estar *“carregado de elementos salutares ou malsãos”*. Estes últimos, designados de *“miasmas deletérios”*, dependendo diretamente das *“qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado”*, isto é, do nível evolutivo daqueles que os emanam.

Aplicando esse raciocínio aos Espíritos que se encontram na erraticidade, abre-se espaço para compreender que a chamada *“atmosfera espiritual”* próxima à Terra poderia ser identificada como Umbral, dentro do conceito que lhe é atribuído: uma região vibratória formada pelas emanações fluídicas dos Espíritos ainda presos às imperfeições morais.

Novamente, é importante deixar claro que os Espíritos superiores não deixaram dúvida quanto à máxima: *“O semelhante atrai semelhante.”* ⁽¹⁰²⁾. Trata-se de uma lei de atração implacável que jamais deixa de agir.

Aliás, em termos de atmosfera espiritual, não apenas a Terra, mas todos os mundos possuem. Em

A Gênese, capítulo “XIV – Os fluidos”, item 5, Allan Kardec afirma:

[...] Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros, consequentemente, compõem o que se pode chamar **a atmosfera espiritual da Terra**. É desse meio, onde igualmente vários são os graus de pureza, que **os Espíritos encarnados e desencarnados deste planeta haurem os elementos necessários à economia de suas existências**. Por mais sutis e impalpáveis que nos pareçam, esses fluidos não deixam por isso de ser de natureza grosseira, em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo se dá na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias de cada um. Quanto menos material é a vida neles, tanto menos afinidade têm os fluidos espirituais com a matéria propriamente dita.

A qualificação de fluidos espirituais não é rigorosamente exata, já que, em última análise, eles **são sempre matéria mais ou menos quintessenciada**. De realmente espiritual, só mesmo a alma ou princípio inteligente. Dá-se-lhes essa denominação por comparação apenas e,

sobretudo, pela afinidade que eles guardam com os Espíritos. **Pode-se dizer que são a matéria do mundo espiritual, razão por que são chamados *fluidos espirituais*.**
(¹⁰³) (itálico do original)

Percebe-se, portanto, que a atmosfera espiritual não é exclusiva da Terra, mas uma característica de todos os mundos, variando conforme o grau de materialidade da vida que neles se manifesta. Quanto mais depurada a existência, mais sutis e menos ligados à matéria são os fluidos espirituais.

Essa constatação abre espaço para uma reflexão comparativa: se na Terra os fluidos ainda são considerados “grosseiros” em relação às regiões superiores, é natural que a atmosfera espiritual terrestre esteja impregnada de elementos que refletem o nível evolutivo predominante de seus habitantes.

Vamos fazer uma pequena comparação, para que os contrários, possam refletir sobre como atualmente compreendem essa questão.

Do jornal **Correio Brasiliense**, coluna “Meio Ambiente” trazemos esta imagem ⁽¹⁰⁴⁾ constante do artigo “Poluição do ar: relatório apresenta dados sobre a ameaça à saúde”, de autoria da jornalista Simone Kafruni, publicado em 26 de fevereiro de 2020 ⁽¹⁰⁵⁾:



Sete cidades da Índia estão entre as piores no ranking de poluição do ar

Se apagamos a “luz”, teríamos uma situação semelhante à zona inferior do mundo espiritual, mais próxima à crosta terrestre. Entretanto, muitos imaginam que essa condição poderia ser resolvida como após uma torrencial chuva, que “limparia” todo o ar.

Sinceramente, antes fosse tão fácil assim. Mas a realidade é bem diferente, como vimos ao longo dessa pesquisa: a atmosfera espiritual não se purifica por um ato instantâneo, mas pela transformação moral dos Espíritos que a compõem.

O que se observa nas obras da Codificação

“O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano.” (SIR ISAAC NEWTON)

Inicialmente, vale trazer um episódio curioso sobre um possível fenômeno ocorrido com Allan Kardec, que teria inspirado a elaboração da questão 642 de *O Livro dos Espíritos*.

Quem relata é Irmão X, no capítulo 7 – Consciência Espírita, da obra ***Cartas e Crônicas***, psicografada por Chico Xavier:

Conta-se que Allan Kardec, quando reunia os textos de que nasceria “O Livro dos Espíritos”, recolheu-se ao leito, certa noite, impressionado com um sonho de Lutero, de que tomara notícias. O grande reformador, em seu tempo, acalentava a convicção de haver estado no paraíso, colhendo informes em torno da felicidade celestial.

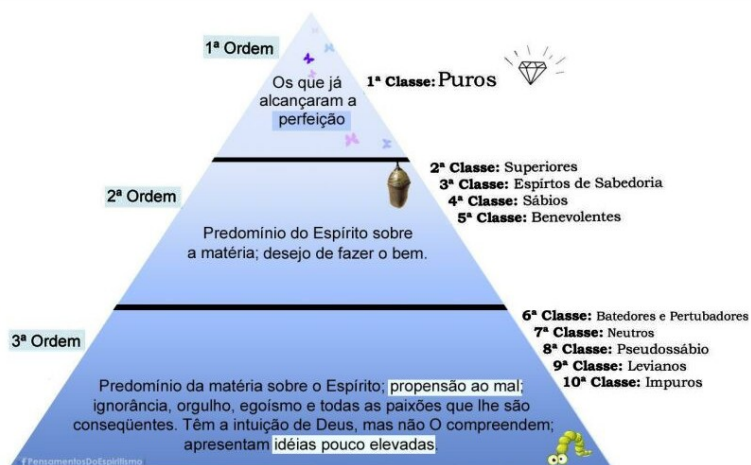
Comovido, **o codificador da Doutrina Espírita, durante o repouso, viu-se também fora do corpo, em singular desdobramento...** Junto dele, identificou um enviado de Planos Sublimes que **o transportou, de chofre, a nevoenta região, onde gemiam milhares de entidades em sofrimento estarrecedor.** Soluços de aflição casavam-se a gritos de cólera, blasfêmias seguiam-se a gargalhadas de loucura. ⁽¹⁰⁶⁾

Supondo a narrativa um acontecimento real, então, vemos o próprio Codificador tendo a oportunidade de, fora do corpo físico, deparar-se com uma *“nevoenta região, onde gemiam milhares de entidades em sofrimento estarrecedor”*. - descrição que se harmoniza perfeitamente com o conceito de zonas inferiores do mundo espiritual, densas e impregnadas pelas vibrações dos Espíritos ainda presos às paixões humanas.

No item 100 de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, para fins didáticos, elaborou a escala espírita, classificando os Espíritos em dez classes distribuídas em três ordens principais, de acordo com suas características morais.

Consideramos que a imagem a seguir ⁽¹⁰⁷⁾ oferece uma representação adequada do nível evolutivo dos Espíritos em cada uma das três ordens estabelecidas pelo Codificador.

Escala Espírita - Ordens e Classes



É evidente que, quando desencarnados, os Espíritos se agrupam por afinidade. Esse princípio é confirmado na questão 278, que veremos mais adiante, onde Allan Kardec registra que os Espíritos se atraem e se unem conforme a similitude de pensamentos e sentimentos.

As obras que mencionaremos estarão na

ordem cronológica de publicação, por julgarmos ser a mais conveniente.

1ª) **O Livro dos Espíritos**, 2ª edição, 18 de março de 1860:

O capítulo VI – Vida espiritual, traz várias questões sobre como é a vida do espírito no mundo espiritual, no intervalo das encarnações, ou seja, quando ele está no estado de erraticidade. Destacamos algumas:

225. *A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos?*

“Não, porquanto **há Espíritos errantes de todos os graus.** [...]”

232. *Os Espíritos errantes podem ir a todos os mundos?*

“Depende. Pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e **continua a pertencer ao mundo em que viveu ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, se tenha elevado.** [...] Pode, no entanto, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem-dizer, consegue apenas entrevê-los, e é isso que lhe dá o desejo de

melhorar-se, para se tornar digno da felicidade que ali se desfruta e poder habitá-los mais tarde.” ⁽¹⁰⁸⁾ (itálico do original)

Ora, se estão em graus diferentes, não seria lógico estarem também em “lugares” diferentes? É inconcebível que bons e maus Espíritos compartilham a mesma vibração e sintonia. Aqui se aplica a lei: *“O semelhante atrai o semelhante”* ⁽¹⁰⁹⁾, ensinada pelos Espíritos superiores à Allan Kardec.

Quanto a isso, vejamos a resposta à questão “278. *Os Espíritos das diferentes ordens estão misturados uns com os outros?*”:

“Sim e não; quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. **Eles se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos**, tal como acontece entre vós. *É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo.* **Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam:** os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e **pela**

necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.” ⁽¹¹⁰⁾ (itálico do original)

Portanto, na erraticidade, os Espíritos se agrupam por simpatia e afinidade, que se expressam “energeticamente”, ou seja, nas vibrações emanadas de cada um.

Complementaremos com a resposta à questão 279: *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*”:

“Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas **as regiões habitadas pelos bons, são interditadas aos Espíritos imperfeitos**, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores.”
⁽¹¹¹⁾

Ora, o que seriam “*as regiões habitadas*” senão locais?

Voltando à questões que havíamos deixado de lado:

245. *A visão dos Espíritos é circunscrita como a dos seres corpóreos?*

“Não, ela reside neles por inteiro.”

246. *Os Espíritos precisam da luz para ver?*

“Veem por si mesmos, sem precisarem de luz exterior. **Para eles não há trevas, a não ser aquelas em que podem achar-se por expiação.**” ⁽¹¹²⁾ (itálico do original)

Assim, de alguma forma existem “trevas”, o que será confirmado mais adiante pelos depoimentos de Espíritos que relatam estar mergulhados nelas.

Em seu comentário à resposta à questão 973, Allan Kardec explica:

[...] A diversidade dessas consequências é infinita, mas, em tese geral, pode-se dizer que **cada um é punido por aqui em que pecou**. Assim é que uns o são pela incessante visão do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, **pelo isolamento, pelas trevas**, pela separação dos seres que lhes são caros etc. ⁽¹¹³⁾

E São Luís, na questão 1019, conclui com advertência:

“Todos vós, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com ânimo e zelo na grande obra da regeneração, que colhereis pelo cêntuplo o grão que houverdes semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz! **Preparam para si mesmos longos séculos de trevas** e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozos de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias.” ⁽¹¹⁴⁾

Nessas transcrições encontramos referências diretas às **trevas**, confirmando o que já vimos e preparando o terreno para os relatos posteriores de Espíritos que descrevem sua experiência em regiões de sofrimento.

2ª) **Revista Espírita 1858**, mês de março:

No artigo “A pluralidade dos mundos”, Allan Kardec registra as informações dos Espíritos:

[...] não só todos esses globos são habitados por seres corpóreos, mas, que **o espaço está povoado por seres inteligente, invisíveis para nós** por causa do véu material lançado sobre a nossa alma, e que revelam a sua existência por meios ocultos ou patentes. Assim, **tudo é povoado no Universo**, a vida e a inteligência estão por toda parte; sobre os globos sólidos, **no ar**, nas entranhas da terra, e até **nas profundezas etéreas**. [...].
(¹¹⁵)

O destaque aqui é para a expressão “***nas profundezas etéreas***”, que pode ser interpretada como referência a regiões sem luz, ou seja, espaços encobertos por trevas. Isoladamente, essa observação poderia parecer de pouca relevância. No entanto, quando analisada em conjunto com os demais elementos apresentados pela Codificação e pelos relatos espirituais, ganha importância, pois reforça a ideia de que existem zonas inferiores no mundo espiritual, densas e sombrias, habitadas por Espíritos em sofrimento.

Esse detalhe mostra como Allan Kardec, já nos primeiros anos da *Revista Espírita*, registra

informações que, mais tarde, seriam aprofundadas e confirmadas em outras obras da Codificação. A menção às “profundezas etéreas” se conecta diretamente às descrições de trevas espirituais, que aparecem em *O Livro dos Espíritos* e em diversos relatos mediúnicos posteriores.

3ª) **Revista Espírita 1862:**

a) Mês de junho: De uma nota em meio ao diálogo com o Espírito Sr. Sanson, Allan Kardec diz que um Espírito lhe deu um quadro dos incrédulos, destacamos o seguinte trecho:

“[...] No pesadelo comum, o despertar nos tira da inquietação, e vos sentis felizes em reconhecer que não experimentastes senão um sonho; mas o pesadelo da morte se prolonga, frequentemente, por muito tempo, anos mesmo, além do decesso, e o que torna a sensação mais penosa ainda para o Espírito, **são as trevas em que, algumas vezes, está mergulhado.**” ⁽¹¹⁶⁾

Allan Kardec comenta: *“Fomos capazes de observar vários casos semelhantes e que provam que esta pintura nada tem de exagerada.”* ⁽¹¹⁷⁾.

É fácil deduzir que o Codificador se deparou diversas vezes com relatos de Espíritos que disseram estar mergulhados nas trevas.

b) Mês de agosto, trecho da mensagem “A vingança” assinada por Pierre Ange (Espírito Protetor):

Não, a vingança não é compatível com a perfeição. **Enquanto uma alma conservar tal sentimento ficará nos porões do mundo dos Espíritos.** Mas o vosso não será o eterno juguete dessa paixão infeliz. Posso garantir que a abolição da falsa noção do inferno eterno, ou antes, da danação eterna, que tem sido pretexto ou escusa para atos de vingança, será a aurora de uma nova era de tolerância e mansuetude, que **não tardará a estender-se até às regiões privadas da vida moral.** [...]. ⁽¹¹⁸⁾

A expressão “**porões do mundo dos Espíritos**” remete a regiões inferiores, escuras, comparáveis a ambientes sem iluminação. O termo “porão” diz respeito a parte abaixo do primeiro piso das casas antigas, portanto, sem iluminação natural.

c) Mês de novembro: Um dos comentários de

Allan Kardec inserido no artigo “Os mistérios da Torre de São Miguel, em Bordeaux”.

A visão incessante das vítimas é um dos castigos mais comuns infligidos aos Espíritos criminosos. **Aqueles que são mergulhados nas trevas**, o que é muito frequente, não podem, a miúdo, dela escapar. **Não veem nada**, se isso não é o que pode lembrar-lhes seu crime. ⁽¹¹⁹⁾

Aqui as expressões “**mergulhados nas trevas**” e “**não veem nada**” indicam uma condição específica de punição espiritual, não apenas um estado íntimo.

d) Mês de dezembro: No tópico “Dissertações Espíritas”, temos o artigo “O dia de Todos-os-Santos”, com mensagens assinadas por Marguerite, recebidas pelo médium Sr. Perchet, em 1º de novembro de 1861, das quais destacamos o seguinte trecho:

Meu caro irmão, fiel à promessa, retorno junto a ti. Como te dissera, deixando-te ontem à noite, fui fazer **uma visita ao cemitério**; ali examinei atentamente os

diversos Espíritos em sofrimento; é de fazer piedade; esse espetáculo doloroso arrancaria lágrimas ao coração mais duro.

Um grande número dessas almas, no entanto, estão muito aliviadas pelos vivos, e **pela assistência dos bons Espíritos**, sobretudo quando têm o arrependimento das faltas terrestres e que fazem seus esforços para se despojarem de suas imperfeições, única causa de seus sofrimentos. Compreendem, então, a sabedoria, a bondade, a grandeza de Deus, e pedem o favor de novas provas para satisfazerem à justiça divina, expiar e reparar suas faltas, e obter um futuro melhor.

Orai, pois, meus caros amigos, de todo o vosso coração, por esses Espíritos arrependidos que vêm de ser esclarecidos por uma centelha de fogo. [...] muitos dentre eles sabem que têm mesmo provas terríveis a suportar; também **reclamam com instância as preces dos vivos e a assistência dos bons Espíritos**, a fim de poderem suportar com resignação a tarefa difícil que lhes será obrigação.

Digo-vos ainda, e não poderia muito frequentemente vo-lo repetir, para bem vos convencer desta grande verdade: orai do fundo do coração por todos os Espíritos que sofrem, sem distinção de castas, nem de seitas, porque todos os homens são irmãos,

e se devem apoiar mutuamente.

Espíritas fervorosos, sobretudo vós que conheceis a situação dos Espíritos sofredores e sabeis apreciar as fases da vida; vós que conheceis as dificuldades que têm a superar, vinde em sua ajuda. É uma bela caridade a de orar por esses pobres irmãos desconhecidos, frequentemente esquecidos de todos, e dos quais não se saberia imaginar o reconhecimento quando se veem assistidos. [...] imaginai então, se é possível, o arrebatamento desse homem, e tereis uma fraca ideia da felicidade que a prece dá aos **infelizes Espíritos que suportam as angústias da punição e do isolamento**. Eternamente vos serão reconhecidos, porque estejais persuadidos de que no mundo dos Espíritos não há ingratos como sobre a vossa Terra.

[...].

Para todos aqueles, meu caro irmão, que horríveis tormentos! É bem como dizem as Escrituras: Haverá prantos e ranger de dentes. **Serão mergulhados no abismo profundo das trevas**. São chamados vulgarmente esses infelizes de *condenados*, e embora seja mais verdadeiro chamá-los os *punidos*, não sofrem menos por isso torturas tão horríveis quanto a que se atribuem aos condenados ao meio das chamas. **Envolvidos nas mais espessas trevas de um abismo que lhes parece insondável,**

se bem que não seja circunscrito como se vos ensina, sentem sofrimentos morais indescritíveis, até que abram seu coração ao arrependimento.

Ocorre que, algumas vezes, ficam séculos nesse estado, sem que lhes seja possível prever o fim de seus tormentos; também dizem que estão condenados pela eternidade. [...] cedo ou tarde, os Espíritos se abrem ao arrependimento, e então Deus, tomando em piedade suas infelicidades, **envia-lhes um anjo que lhes dirige palavras consoladoras**, e lhes abre um caminho tanto mais largo quanto fez por eles mais preces aos pés do Eterno.

[...].

Se o Espírito sofredor é muito endurecido, muito material, para que a prece tenha acesso em sua alma, um Espírito puro a recolhe como um aroma precioso, e a deposita nas ânforas celestes, até o dia em que elas poderão servir ao culpado.

Para que a prece traga o seu fruto, não basta balbuciar as palavras como a maior parte dos homens; a prece que parte do coração é a única agradável ao Senhor, a única que será levada em conta e que traz alívio aos Espíritos que sofrem.

Tua irmã, que te ama,

MARGUERITE. (¹²⁰) (itálico do original)

Temos aqui, novamente, notícias do “*abismo profundo das trevas*”, da possibilidade de nossas preces ajudarem os sofredores de toda ordem, e, ainda, da ajuda que Deus, através de seus mensageiros, dedica a todos.

4ª) **Revista Espírita 1863**, mês de agosto:

Trecho do diálogo com o Espírito Jean Reynaud (1808-1863), que, entre outros, escreveu o livro *Terre et Ciei*, condenado e colocado no *Index* ⁽¹²¹⁾ pela corte de Roma ⁽¹²²⁾. Allan Kardec o considerou como um precursor do Espiritismo ⁽¹²³⁾:

P. Quando vivo, professáveis o Espiritismo?

R. Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muitas pessoas professam uma doutrina que não praticam; pratiquei e não professei. Do mesmo modo que todo homem é cristão, que seguem as leis do Cristo, fosse isso sem conhecê-las, do mesmo modo todo homem pode ser Espírita que crê em sua alma imortal, em suas preexistências, em sua marcha progressiva incessante, nas provas terrestres, abluções necessárias para se purificar; eu acreditava; era, pois, Espírita. Compreendi a **erraticidade**, este laço intermediário entre

as encarnações, **esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas para se revestir uma roupa nova**, onde o Espírito em progresso tece com cuidado a roupa que carregar de novo e que quer conservar pura. Compreendi, eu vos disse, e sem professar continuei a praticar. (124)

A comparação feita da erraticidade com um purgatório – *“onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas”* – é extremamente significativa. Essa imagem se aproxima da concepção do **Umbrai**, entendido como região vibratória inferior, onde Espíritos permanecem até se libertarem das imperfeições que os prendem.

5ª) **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, publicado em 29 de abril de 1864:

No capítulo III – Há muitas moradas na casa de meu Pai, Allan Kardec discorrendo sobre os “Diferentes estados da alma na erraticidade”, explica:

2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que

circulam no Espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, estações apropriadas ao seu adiantamento.

Independente da diversidade dos mundos, **essas palavras também podem ser entendidas como se referindo ao estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade.** Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, **o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas e as sensações que experimente variarão ao infinito.** Enquanto uns não podem afastar-se da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; **enquanto alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas,** os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do infinito; finalmente, **enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes isolado, sem consolação, separado dos objetos de sua afeição, geme sob a opressão dos sofrimentos morais,** o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. **Essas, também, são outras tantas moradas, embora não circunscritas nem localizadas.** ⁽¹²⁵⁾

Entende-se perfeitamente que existem **gradações no mundo espiritual,** nas quais os

Espíritos se agrupam, por afinidade vibratória, de acordo com seus graus evolutivos e também com o objetivo de ajudar os retardatários.

Aqui Allan Kardec reforça a ideia de que:

- Presos às próprias imperfeições, *“alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas”*;

- Outros, mais depurados, desfrutam da claridade resplandecente e da visão sublime do infinito;

- O mau, isolado e atormentado, sofre pela separação e pelo peso dos remorsos;

- O justo, em convívio com os que ama, experimenta uma felicidade indizível.

Portanto, o conceito de “moradas” não se limita a mundos físicos, mas também aos estados vibratórios e espirituais que cada alma vivencia na erraticidade.

6ª) **Revista Espírita 1864**, mês de agosto:

No artigo “Os Milagres dos Nossos Dias” ⁽¹²⁶⁾, Allan Kardec comenta esta obra de Auguste Bez

(?-?), notório espírita de Bordeaux, tendo sido Diretor de vários jornais espíritas da União Espírita Bordelense ⁽¹²⁷⁾. Nela, Bez trata da mediunidade de Jean Hillaire, considerado pelo Codificador um “*médium notável*”.

Na publicação da editora Madras dessa obra, encontramos um relato particularmente interessante:

[...] Depois de alguns minutos de muita ansiedade, viram Hillaire levantar-se, embora ainda estivesse dormindo, falar com o Espírito de seu pai – que ele parecia ver, e que ele via, devo dizer, perto dele, à sua direita.

“Para onde esse espírito me conduz, meu bom pai?, dizia ele, por que ele atravessa o espaço assim tão rapidamente?” E, repetindo para si mesmo a resposta de seu pai, ele dizia: “É o Espírito de P... **(O Espírito mau) que a vontade de Deus obriga a retomar o lugar de seus sofrimentos** e nós o seguiremos, meu filho; logo chegaremos com ele”.

Depois de alguns minutos de silêncio, ele **fez a descrição de um país onde tudo lhe era desconhecido; lá, ele via, no meio da escuridão profunda, uma multiplicidade incalculável de Espíritos**

com aspecto, ao mesmo tempo, sinistro e infeliz; a cena aos poucos parecia se iluminar e, logo depois, ele viu as chamas ardentes envolverem os infelizes e torturá-los sem piedade. [...]. ⁽¹²⁸⁾

Temos aqui a descrição de um local em meio a uma **escuridão profunda**, habitado por milhares de Espíritos infelizes.

É importante colocarmos alguns trechos do comentário de Allan Kardec, constantes da **Revista Espírita 1864**, para que se tome ciência da seriedade com que ele tratou essa obra de Auguste Bez, na qual se destaca o fac-símile da dedicatória do médium a Allan Kardec ⁽¹²⁹⁾:

As faculdades de Hillaire são muito múltiplas (sic); ele é médium vidente de primeira ordem, auditivo, falante, extático, e além disso escrevente. Obteve escrita direta e transportes muito notáveis. Várias vezes se elevou e transpôs o espaço sem tocar o solo, o que não é mais sobrenatural do que ver se levantar uma mesa. **Todas as comunicações e todas as manifestações que obteve atestam a assistência de Espíritos muito bons, e ocorrem sempre**

em plena luz. Frequentemente, ele entra espontaneamente no sono **sonambúlico, e é quase sempre nesse estado que se produzem os fenômenos mais extraordinários.** ⁽¹³⁰⁾

Ao reconhecer a seriedade da obra e elogiar as faculdades mediúnicas de Hillaire, Allan Kardec, de certa forma, **referendou o conteúdo apresentado por Bez.** Isso confere peso às descrições de regiões espirituais sombrias, onde Espíritos infelizes permanecem em sofrimento.

Mais uma vez, vemos confirmada a existência de zonas inferiores no mundo espiritual, caracterizadas por **trevas densas** e pela presença de Espíritos em estado de dor e expiação.

7ª) **O Que é o Espiritismo**, 6ª edição de julho de 1865:

17. Os Espíritos possuem todas as percepções que tinham na Terra, porém em grau mais alto, porque as suas faculdades não estão amortecidas pela matéria; eles têm sensações desconhecidas por nós, veem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados nos não permitem ver

nem ouvir. **Para eles não há obscuridade, excetuando-se aqueles que, por punição, se acham temporariamente nas trevas.** ⁽¹³¹⁾

Podemos afirmar, portanto, que conforme o pensamento do Codificador, alguns espíritos, por “punição”, habitarão, temporariamente, as trevas.

É importante lembrar que essa “punição” não deve ser entendida como castigo arbitrário, mas sim como consequência natural da “lei de causa e efeito”. O Espírito sofre pela consciência e pela vida quando infringe a Lei de Amor.

8ª) **O Céu e o inferno**, 1º de agosto de 1865:

Na Primeira parte, capítulo VII – As penas futuras segundo o Espiritismo, do tópico “Código penal da vida futura”, destacamos o item 25º:

Alguns Espíritos estão mergulhados em densas trevas; outros se encontram em absoluto isolamento no Espaço, atormentados pela ignorância de sua posição, como da sorte que os aguarda. Os mais culpados sofrem torturas muito mais pungentes por não lhes

entreverem um termo. Muitos são privados de ver os seres amados, e todos, geralmente, suportam com intensidade relativa os males, as dores e as privações que causaram aos outros, **até que o arrependimento e o desejo de reparação lhes suavizem os tormentos e os faça entrever a possibilidade de, por eles mesmos, pôr um termo a essa situação.** ⁽¹³²⁾ (itálico do original)

O destaque é a clara afirmação de que “*alguns Espíritos estão mergulhados em densas trevas; outros se encontram em absoluto isolamento no Espaço*”.

Na Segunda Parte, Allan Kardec apresenta diversos casos que ilustram situações dos Espíritos no mundo espiritual. Ele esclarece, ao término do capítulo “I – A passagem”:

[...] Esses exemplos poderiam ser multiplicados infinitamente, porém, forçados a limitar-lhes o número, **fizemos escolha dos que pudessem melhor esclarecer o mundo espiritual e o seu estado**, já pela situação dos Espíritos, já pelas explicações que estavam no caso de fornecer. A maior parte destes exemplos são inéditos e apenas

alguns poucos já foram publicados na *Revista Espírita*. [...]. ⁽¹³³⁾

a) Capítulo II – Espíritos felizes, Um médico russo

Esse é o caso que informamos no capítulo “O que se pode tirar dos relatos sobre manifestações das almas do purgatório?” que seria citado novamente. Dito isso, vamos a um trecho de seu diálogo:

P. *Que região habitais? Acaso algum planeta?* – R. **Tudo que não seja planeta constitui o que chamais Espaço.** É aí que me encontro. Mas **quantas gradações existem nessa imensidade, das quais o homem não pode fazer ideia!** Quantos degraus nessa escada de Jacó que vai da Terra ao Céu, isto é, do aviltamento da encarnação em mundo inferior, como o vosso, até a depuração completa da alma! **Aqui onde ora me encontro só se chega depois de uma série enorme de provas, ou seja, de muitas encarnações.** ⁽¹³⁴⁾
(itálico do original)

O Espírito identificado como “Um médico

russo”, dentre os vários felizes a nós apresentados por Allan Kardec, afirma que reside num lugar no espaço. Além disso, demonstra também haver *“gradações nessa imensidade”*, referindo-se ao Espaço, acreditamos que na condição de mundo espiritual *“das quais o homem não pode fazer ideia”*. Porém, o que temos de espíritas fazendo ideia..., não está escrito!

b) Capítulo IV – Espíritos sofredores: Lisbeth e Claire

b.1) Espíritos sofredores: Lisbeth

5. *Desde então não progredistes como Espírito?* – R. Não; a matéria se revoltava sempre, e tu não podes avaliar a influência que ela ainda exerce sobre mim, a despeito da separação do corpo. O orgulho me prende a fores cadeias, cujos anéis comprimem cada vez mais o mísero que lhe hipoteca o coração. O orgulho, hidra de cem cabeças a se renovarem incessantemente, modulando silvos envenenados que chegam a parecer celeste harmonia! **O orgulho! Esse demônio multiforme que se amolda a todas as aberrações do Espírito**, em que oculta em todos os refolhos do coração; que penetra as velas;

que absorve e **arrasta às trevas da eterna geena!** Oh! Sim... eterna! ⁽¹³⁵⁾
(itálico do original)

b.2) Espíritos sofredores: Claire.

Sobre a situação de Félix, seu marido, o Espírito Claire, diz:

[...] Queres saber a situação do pobre Félix? **Erra nas trevas, vítima da profunda nudez de sua alma.** Superficial e leviano, aviltado pelo prazer, nunca soube o que eram o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão esclareceu suas sombrias luzes. Seu estado presente é comparável ao da criança inapta para as funções da vida e privada de todo o amparo dos que a assistem. **Félix vaga aterrorizado nesse mundo estranho** onde tudo fulgura ao brilho desse Deus que ele negou... ⁽¹³⁶⁾

Visando elucidar sobre a questão das trevas, o Codificador pergunta ao Espírito São Luís:

P. *Que devemos entender por trevas em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras? Serão aquelas tantas vezes referidas nas Escrituras?*

R. Sim, são **as trevas** designadas por Jesus e pelos profetas, ao **se referirem ao castigo dos maus**. Isso, porém, não passava de alegoria destinada a ferir os sentidos materializados dos seus contemporâneos, os quais jamais poderiam compreender a punição de maneira espiritual. **Certos Espíritos estão imersos em trevas, devendo-se, contudo, entender por isso uma verdadeira noite da alma comparável à obscuridade intelectual do idiota**. Não é uma loucura da alma, porém, uma inconsciência de si mesma e do que a rodeia, a qual se produz quer na presença, quer na ausência da luz material. É, principalmente, a punição dos que duvidaram do seu destino. [...]. ⁽¹³⁷⁾ (itálico do original)

Evocado, novamente, o Espírito Claire disse:

Eis-me aqui. **Também eu posso responder à pergunta relativa às trevas, pois vaguei e sofri por muito tempo nesses limbos onde tudo é soluço e misérias**. Sim, **existem as trevas visíveis de que fala a Escritura**, e os infelizes que deixam a vida, ignorantes ou culpados, **são imersos na fria região**, inconscientes de si mesmos e do seu destino. Acreditando na perenidade dessa situação, a sua linguagem é ainda a da vida

que os seduziu, e admiram-se e espantam-se da profunda solidão; **são, portanto, lugares de trevas, povoados e ao mesmo tempo desertos, espaços em que erram obscuros Espíritos lastimosos**, sem consolo, sem afeições, sem socorro de espécie alguma. [...] **Para o Espírito, as trevas são: a ignorância, o vácuo, o horror ao desconhecido...** Não posso continuar...

Claire. ⁽¹³⁸⁾

Ao que Allan Kardec esclarece que “*ainda sobre este ponto obtivemos a seguinte explicação*”:

“Por sua natureza, o perispírito possui uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o influxo da atividade e das qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades estão para o fluido perispíritico como a fricção para o fósforo. **A intensidade da luz é diretamente proporcional à pureza do Espírito**, de sorte que as menores imperfeições morais a atenuam e enfraquecem. **A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva quanto maior for o seu adiantamento.** Sendo o Espírito, de algum modo, o seu *próprio farol*, verá mais ou menos a intensidade da luz que produz, de onde se

conclui que os Espíritos que não a produzem acham-se na obscuridade.”

Esta teoria é perfeitamente exata quanto à **irradiação de fluidos luminosos pelos Espíritos superiores** e é confirmada pela observação, embora não pareça ser a verdadeira causa, ou pelo menos, a única causa do fenômeno; primeiro, porque **nem todos os Espíritos inferiores estão em trevas**; segundo porque **um mesmo Espírito pode achar-se alternadamente na luz e na obscuridade**; e terceiro porque a luz também é castigo para os Espíritos muito imperfeitos. [...] ⁽¹³⁹⁾. [...]. ⁽¹⁴⁰⁾ (itálico do original)

O teor dessas transcrições confirma a existência de trevas espirituais como forma de punição especial da Justiça Divina.

A impressão que ficamos é a de que a luz emanada do perispírito dos Espíritos superiores também serve de “castigo” a certos Espíritos de grau inferior.

c) Capítulo V – Suicidas, Mãe e filho:

c.1) Evocação da mãe:

- Quero ver meu filho! Tendes o poder de mo devolver? Cruéis!... Eles mo tomaram para o levarem à luz, e **a mim me deixaram em trevas**. Quero-o... quero-o porque me pertence!... De nada vale o amor materno? [...]. ⁽¹⁴¹⁾

c.2) Duplo suicídio, por amor e por dever:

Vejamos o diálogo ocorrido após a evocação da mulher:

1. *Vedes o vosso amante, com o qual vos suicidastes?* - R. Nada vejo, nem mesmo os Espíritos que comigo erram neste mundo. **Que noite! Que noite! E que espesso véu sobre o meu rosto!**

4. *Credes que ficareis sempre nesta situação?* - R. Oh! Sempre, sempre! **Ouço às vezes risos infernais, vozes assustadoras que me bradam estas palavras: “Sempre assim!”**

7. *Dissestes que **estais nas trevas**. Não nos vedes?* - R. É-me permitido ouvir algumas palavras que pronunciais, mas só vejo um crepe negro sobre o qual se desenha, em certas horas, um semblante que chora. ⁽¹⁴²⁾ (itálico do original)

Além de viver nas trevas, ouvia vozes que lhe diziam “sempre assim”.

Esse caso também foi registrado na **Revista Espírita 1862**, mês de julho. Após o diálogo, Allan Kardec comenta-o em nota, da qual destacamos o parágrafo inicial:

A obscuridade, assim como o demonstra a observação dos fatos, acompanha, muito frequentemente, o castigo dos Espíritos criminosos; ela sucede imediatamente à morte, e sua duração, muito variável segundo as circunstâncias, pode ser de alguns meses a alguns séculos. [...]. ⁽¹⁴³⁾

Allan Kardec confirma, portanto, que a obscuridade, ou seja, as trevas, conforme demonstra a observação dos fatos, frequentemente acompanham os Espíritos infratores da lei de amor.

c.3) Félicien, outro Espírito de suicida, também afirmou ouvir vozes, a certa altura em sua comunicação, reclama:

[...] Agora, só tenho necessidade de

preces; orai, principalmente, para **que me veja livre desses horríveis companheiros que aqui estão junto de mim, obsediando-me com gritos, sorrisos e motejos infernais.** Chamam-me covarde, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. [...]. ⁽¹⁴⁴⁾

O fato desses espíritos ouvirem gritos nos leva a concluir, que, de fato, existem gradações no plano espiritual, de forma que os afins vivem na mesma faixa vibracional.

Interessante é que o relato que temos na obra *Nosso Lar*, a primeira da série “André Luiz”, também nos dá conta de uma situação incrivelmente semelhante. Há uma narrativa na qual o próprio autor espiritual confessa ter ouvido vozes a lhe dizer: *“Suicida! Suicida! Criminoso infame!”* ⁽¹⁴⁵⁾

c.4) O Espírito de Castelnau – cujo nome, soube-se depois, era Charles Dupont – que assombrava uma pequena casa perto dessa localidade. Esse caso, originalmente foi citado na *Revista Espírita 1860*, mês de fevereiro com o título “História de um condenado”:

1. P. (A São Luís.) *Tende a bondade de nos descrever* **o gênero de suplício deste Espírito.** – R. É atroz, porque **está condenado a habitar a casa em que cometeu o crime**, sem poder fixar o pensamento noutra coisa que não no crime, tendo-o sempre ante os olhos e acreditando na eternidade de tal tortura. Está como no momento do próprio crime, porque qualquer outra recordação lhe foi retirada e interdita toda comunicação com qualquer outro Espírito. **Sobre a Terra, só pode permanecer naquela casa, e no Espaço só lhe restam solidão e trevas.** ⁽¹⁴⁶⁾
(itálico do original)

O curioso é a interdição, certamente temporária, desse Espírito em se comunicar com qualquer outro Espírito. Estava, por assim dizer, como que “preso” àquela casa e, caso saísse dela, só lhe restariam solidão e trevas.

Essa questão corresponde à de nº 14 do artigo da **Revista Espírita 1860**, vamos ainda acrescentar estas duas:

62. Quereis nos descrever o gênero de seu suplício? – R. É atroz para ele; **ele foi, como o sabeis, condenado a morar na**

casa onde o crime foi cometido, sem poder dirigir seu pensamento sobre outra coisa que sobre esse crime, sempre diante de seus olhos, e se crê condenado a essa tortura pela eternidade.

63. Ele está mergulhado na obscuridade? – R. Obscuridade quando ele quer se afastar desse lugar de exílio. ⁽¹⁴⁷⁾

Ora, não faz sentido algum perguntar se determinado espírito está mergulhado na obscuridade se não se acreditar que isso possa ocorrer.

A nota de Allan Kardec, após a questão 125, corrobora isso:

Sempre foi dito que as visões das vítimas é um dos castigos dos culpados. Aquele ainda não as vira, porque **estava no isolamento e nas trevas**; era o castigo; mas ele teme essa visão, **isto será talvez o complemento de seu suplício**. ⁽¹⁴⁸⁾

Temos aqui dois importantes personagens – São Luís e Allan Kardec – falando de “*isolamento e trevas*”, o que, a nosso ver, comprovaria a existência

do Umbral.

Charles Dupont, o Espírito perturbador de Castelnaudary, ao ser evocado respondeu a várias perguntas, entre as quais destacamos:

17. *Tende a bondade de nos descrever a vossa situação antes de vos evocarmos pela primeira vez. Haveis de compreender que este pedido tem por fim sabermos como vos poderemos ser úteis, e não por mera curiosidade.* – R. Como já vos disse, eu não tinha consciência de coisa alguma, além do meu crime, e não podia abandonar a casa em que o cometi, **a não ser para vagar no Espaço, onde só havia à minha volta solidão e obscuridade**; disso eu não poderia vos dar uma ideia, porque nunca logrei compreender o que se passava. Desde que me alçava ao Espaço, tudo era negro e vazio; nem mesmo sei o que era... Hoje o meu remorso é muito maior e, no entanto, não estou constrangido a permanecer naquela casa fatal, sendo-me permitido vagar na Terra e orientar-me pela observação de quanto aí vejo, compreendendo melhor, assim, a enormidade dos meus crimes; e se menos sofro por um lado, por outro aumentam as torturas do remorso... Mas... ainda bem que tenho esperança. ⁽¹⁴⁹⁾ (itálico do original)

O próprio Espírito confirma a solidão e obscuridade que viveria, caso vagasse pelo Espaço.

d) Capítulo VII – Espíritos endurecidos: Lapommeray

É relatado também na *Revista Espírita 1864*, mês de julho, no artigo “O Castigo pela Luz” ⁽¹⁵⁰⁾. Eis sua mensagem:

“Que entendeis por perturbação? Para que essas palavras sem sentido? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais por completo o assunto de que vos ocupais. Não senhores, a perturbação não existe, a não ser nos vossos cérebros. Estou bem morto, tão morto quanto possível e vejo claro em mim, em derredor de mim, por toda parte!... A vida é uma lúgubre comédia! Insensatos os que se retiram da cena antes que o pano caia. A morte é terror, aspiração ou castigo, conforme a fraqueza ou a força dos que a temem, afrontam ou imploram. Mas é também para todos amarga irrisão. **A luz ofusca e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser...** Castigaram-me com as trevas do cárcere e acreditavam castigar-me ainda com as trevas do túmulo, isto é, as sonhadas pelas superstições católicas. Pois bem! Sois vós que padeceis da obscuridade, enquanto eu, degredado social, me coloco

em plano superior. Eu quero ser o que sou... Forte pelo pensamento, desdenhando dos conselhos que zumbem aos meus ouvidos... Vejo claro... Um crime! Não passa de uma palavra! O crime existe em toda parte. Quando executado pelas massas, glorificam-no; quando praticado individualmente, consideram-no infâmia. Absurdo! Não quero que me deplorem... nada peço... lutarei por mim mesmo, **lutarei só contra esta luz odiosa.**"

Aquele que ontem era um homem

Vejamos o primeiro parágrafo do comentário do Codificador:

Esta comunicação foi analisada na assembleia seguinte, reconhecendo-se no próprio cinismo da linguagem um grande ensinamento, depreendendo-se na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que espera o culpado. Efetivamente, enquanto **alguns são imersos em trevas ou num absoluto insulamento, outros sofrem por longos anos as angústias da extrema hora ou se acreditam ainda encarnados.** Para este, a luz brilha e o Espírito goza plenamente das suas faculdades, sabendo perfeitamente que está morto e não se lastimando, antes repelindo qualquer assistência e afrontando ainda as leis humanas e divinas. Significa dizer que escapará à punição? De modo algum; é que

a Justiça de Deus se cumpre de todas as formas, e **o que causa alegria a uns, é tormento para outros. A luz faz o suplício desse Espírito**, e é ele próprio que o confessa, a despeito do seu orgulho, quando diz que lutará por si mesmo, só, contra essa luz odiosa. E ainda nesta frase: “a luz ofusca e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser”. Essas palavras: *sutileza do meu ser* são características; reconhece, assim, que o seu corpo é fluídico e penetrável à luz, à qual não pode escapar, e essa luz o atravessa qual se fora aguda flecha. ⁽¹⁵¹⁾ (itálico do original)

A curiosidade aqui é que, além do “castigo” nas trevas, pode ocorrer para alguns Espíritos a “punição” na luz.

Por oportuno, vejamos também este trecho da mensagem de Erasto sobre esse caso:

Precipitar um homem nas trevas ou em ondas de luz não dará o mesmo resultado? Tanto num caso como em outro, esse homem nada vê do que o cerca e habituar-se-á mesmo mais facilmente do que a monótona claridade elétrica, na qual pode estar submerso. Assim, o Espírito que se manifestou na última sessão exprime bem a

verdade quando diz: “Oh! eu saberei libertar-me dessa odiosa luz.” **De fato, essa luz é tanto mais terrível, horrorosa, quanto ela o penetra completamente e lhe devassa os pensamentos mais íntimos.** Aí está uma das circunstâncias mais rudes de tal castigo espiritual. **O Espírito se encontra, por assim dizer, enclausurado na casa de vidro pedida por Sócrates.** Disso decorre ainda um ensinamento, visto como o que seria alegria e consolo para o sábio, transforma-se em punição infamante e contínua para o perverso, para o criminoso, para o parricida, sobressaltado em sua própria personalidade.
(¹⁵²)

Erasto confirma que o Espírito sofria por conta da luz, que exemplifica pelo fato de estar “*enclausurado na casa de vidro pedida por Sócrates*”. Infelizmente, não conseguimos identificar nada sobre essa casa, mas fica aí o registro.

9ª) **Revista Espírita 1865**, mês de dezembro:

Trecho de uma comunicação ocorrida na Sociedade de Paris, a 29 de outubro:

Sede daqueles que se instruem; eu fui

abatido na idade madura de meu orgulho, e sofri a pena de minhas negações. Evitai minha queda, e que minhas faltas sejam aproveitáveis para aqueles que imitam meu raciocínio passado, **para evitar o abismo de trevas de onde vossos cuidados me retiraram.**

Vede, ainda há perturbação em minha linguagem; mais tarde, poderei vos falar com mais lógica; sede indulgentes com minha juventude espiritual.

M... L... ⁽¹⁵³⁾

Aqui temos um conselho de quem passou pela experiência: *“abater o orgulho para não cair nas trevas”*.

Esse testemunho reforça três pontos centrais:

- O **orgulho** é uma das principais causas de queda espiritual, conduzindo o Espírito às regiões inferiores:
- As **trevas** aparecem novamente como consequência natural das negações e da resistência à lei de amor;
- O processo de recuperação é gradual: o Espírito reconhece sua “juventude espiritual” e pede

indulgência, mostrando que a depuração não é instantânea, mas fruto de aprendizado e arrependimento.

10ª) **Revista Espírita 1867**, mês de agosto:

Informa Allan Kardec “Num grupo Espírita de Marseille, a Sra. T..., um dos médiuns, escreveu espontaneamente a comunicação seguinte”:

Escutai um infeliz que foi arrancado violentamente do meio de sua família, e que não sabe onde está... **No meio das trevas em que me encontro, pude seguir o raio luminoso de um Espírito**, ao que se me diz; mas não creio nos Espíritos. Bem sei que é uma fábula inventada pelas cabeças de vento e crédulas... De minha parte, disso não compreendo mais nada... [...] também aproveitei da luz que me conduziu aqui para vir haurir informações junto a vós. ⁽¹⁵⁴⁾

É interessante esse relato que dá notícia de que os Espíritos mais elevados, aqui visto como uma luz que o conduziu, trabalham incessantemente a favor de todos.

11ª) **Revista Espírita 1868**:

a) Mês de março: Contém o artigo “Correspondência inédita de Lavater, com a Imperatriz Maria da Rússia”, datadas de Zurich, em 1798. O autor Johann Kaspar Lavater (1741-1801), escritor suíço, pastor protestante e fundador da fisionomia (ou fisiognomonía), um movimento antirracional, religioso e literário ⁽¹⁵⁵⁾ fala sobre o futuro da alma.

Citaremos um trecho da primeira carta, escrita em 1º de agosto de 1798:

Existe uma lei geral da Natureza, estreitamente ligada, mesmo idêntica, ao princípio acima mencionado, concernente ao estado da alma depois da morte, uma lei equivalente em todos os mundos, em todos os estados possíveis, no mundo material e no mundo espiritual, visível e invisível, a saber:

“O que se assemelha tende a se reunir, tudo o que é idêntico se atrai reciprocamente, se não existirem obstáculos que se oponham à sua união.”

Toda a doutrina sobre o estado da alma depois da morte está baseada sobre este simples princípio; tudo o que chamamos comumente: julgamento preliminar,

compensação, felicidade suprema, condenação, pode ser explicado desta maneira: ***“Segundo semeaste o bem em ti mesmo, em outros e fora de ti, pertencerás à sociedade daqueles que, como tu, semearam o bem em si mesmos e fora deles; gozarás da amizade daqueles aos quais te assemelhaste em sua maneira de semear o bem.”***

Cada alma separada de seu corpo, livre das cadeias da matéria, aparecerá a si mesma tal qual é em realidade. Todas as ilusões, todas as seduções que impedem de se reconhecer e dever suas forças, suas fraquezas e seus defeitos desapareceram. Ela sentirá uma tendência irresistível a se dirigir para as almas que se lhe assemelham, e a afastar-se daquelas que não se lhe assemelham. Seu próprio peso interior, como obedecendo à lei da gravidade, **a atirárá nos abismos sem fundo** (ao menos é assim que isso lhe parecerá); ou bem segundo o grau de sua pureza, ela se lançará como uma centelha levada pela leveza nos ares, e **passará rapidamente pelas regiões luminosas, fluídicas e etéreas.** ⁽¹⁵⁶⁾ (itálico do original)

Temos mencionada a lei de afinidade judiciosamente representada na expressão “O

semelhante atrai o semelhante” (¹⁵⁷), pela qual os espíritos se agrupam.

Fala também em *“Abismos sem fundo”*, ou seja, regiões de trevas, obviamente, em contrapartida com as regiões luminosas, fluídicas e etéreas.

Vejamos, por oportuno, um trecho do “Preâmbulo” escrito pelo Codificador sobre essas cartas de Lavater:

As cartas de um amigo defunto que Lavater tinha juntado às **suas próprias cartas, são eminentemente espíritas; elas desenvolvem e esclarecem, de maneira tão engenhosa quanto espirituosa, as ideias fundamentais do Espiritismo, e vêm em apoio de tudo o que esta doutrina oferece de mais racional, de mais profundamente filosófico, religioso e consolador para a Humanidade.** As pessoas que não conhecem o Espiritismo poderão supor que as cartas de um Espírito ao seu amigo na Terra não são senão uma forma poética que Lavater dá às suas próprias ideias espiritualistas; mas aqueles que estão iniciados nas verdades do Espiritismo, as encontrarão em suas comunicações, tal

como foram e são ainda dadas pelos Espíritos, por intermédio de diferentes médiuns intuitivos, auditivos, escreventes, falantes, extáticos, etc. Não é natural supor que o próprio Lavater tenha podido conceber e expor com uma tão grande lucidez e tanta precisão, ideias abstratas e tão elevadas sobre o estado da alma depois da morte e seus meios de comunicação com os Espíritos encarnados, quer dizer, os homens. **Estas ideias não podem provir senão dos próprios Espíritos desencarnados.** É indubitável que um deles, tendo guardado sentimentos de afeição por um amigo ainda habitante da Terra, lhe deu, por intermédio de um médium intuitivo (talvez o próprio Lavater fosse esse amigo), noções sobre esse assunto para iniciá-los nos mistérios do túmulo, na medida do que é permitido a um Espírito de revelar aos homens, e do que estes últimos estão em estado de compreender. ⁽¹⁵⁸⁾

Fica bem claro, portanto, que Allan Kardec tem como verdades espíritas o que escreveu Lavater em suas cartas à Imperatriz Maria Feodorowna (1759-1828).

b) Mês de maio: Trecho da comunicação do Espírito Philippeau:

O médico. Eu gostaria, de toda a minha alma, de vos satisfazer, senhora, mas temo muito não o poder inteiramente; no entanto, vou tentar.

Uma vez morto, materialmente falando, acreditava que tudo estava acabado; portanto, quando a minha matéria ficou inerte, compreendi espantado que ainda me sentia vivo.

Vi esses homens me levarem, e disse a mim mesmo: No entanto, não estou morto! Eles não veem, pois, esses médicos imbecis, que eu vivo, que eu respiro, que eu caminho, que eu os olho, que os sigo, essas pessoas que vêm ao meu enterro!... Quem é, pois, que se enterra?... Não é, pois, a mim... Eu escuto uns e outros: “Esse pobre Philippeau, diziam, fez muitas curas; bem que matou alguns; hoje é a sua vez; quando a morte aí está, perdemos nosso tempo.” Inutilmente gritei: “Mas Philippeau não morre como esse; eu não estou morto!” eu não era ouvido, não era visto.

Três dias se passaram assim; eu havia desaparecido do mundo, e me sentia mais vivo do que nunca. Seja acaso, seja a Providência, meus olhos caíram sobre uma brochura de Allan Kardec; li suas descrições sobre o Espiritismo, e disse a mim mesmo: Serei, por acaso, um Espírito?... Eu li, reli, e compreendi, então, a transformação de meu ser: eu não era mais um homem, mas um

Espírito!... **Sim; mas, então, que tinha a fazer nesse mundo novo? Nessa nova esfera?...** Eu errava, procurava: **encontrei o vazio, a sombra, o abismo**, enfim.

O que tinha feito, pois, deixando o mundo, para vir habitar essas trevas?... **O inferno é, pois, negro e foi nesse inferno que caí?...** **Por quê?...** **Por que trabalhei toda a minha vida?** Porque empreguei a minha existência para cuidar de uns e de outros, para salvá-los quando a minha ciência me permitiu?... Não! Não!... Por que então? Porquê?... procura! Procura!... Nada; eu não encontro nada. ⁽¹⁵⁹⁾
(itálico do original)

Muitas vezes encontramos a referência às “trevas” como estado de inconsciência da própria morte. No entanto, no relato de Philippeau, não se trata disso, mas de seu inconformismo diante da realidade que o cerca. Sua pergunta – e seu questionamento quanto “*O que tinha feito, pois, deixando o mundo, para vir **habitar** essas trevas?...*” – revela que aqui as trevas não simbolizam ausência de percepção, mas sim a dolorosa lucidez de quem se descobre vivendo em uma região sombria.

Na **Revista Espírita 1869**, mês de abril, foi

publicado o artigo “Profissão de fé espírita americana”, dos itens 1 a 19 ressaltamos estes quatro:

3. **Que há um mundo, ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, objetivas tão bem quanto subjetivas.**

8. **Que o mundo espiritual não está longe de nós, mas que está perto, que nos cerca, ou que está misturado ao nosso presente estado de existência; e, conseqüentemente, que estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.**

9. Que, uma vez que os indivíduos passam constantemente da vida terrestre à vida espiritual, em todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral, **o estado espiritual compreende todos os graus de caracteres**, do mais baixo ao mais elevado.

10. Que, uma vez que o céu e o inferno, ou a felicidade e a infelicidade, dependem antes dos sentimentos íntimos do que das circunstâncias exteriores, **há tantos graus para cada um quanto há de nuances de caracteres, cada indivíduo gravitando em seu próprio lugar por uma lei natural de afinidade.** Podem ser divididos

em **sete graus gerais ou esferas; mas estes devem compreender as variedades indefinidas, ou uma “infinidade de moradas” correspondendo aos caracteres diversos dos indivíduos,** cada ser gozando tanto de felicidade quanto seu caráter lhe permite dela ter. ⁽¹⁶⁰⁾

Allan Kardec comenta os dezenove itens da “Declaração de princípios”, cujo parágrafo inicial transcrevemos:

Eis, pois, a base da crença dos espíritas americanos; se isso não é da totalidade, é ao menos a da maioria. **Essa crença não é mais o resultado de um sistema preconcebido nesse país do que o Espiritismo na Europa;** ninguém a imaginou; viu-se, observou-se e disto se tiraram conclusões. [...]. ⁽¹⁶¹⁾

A reunião de Espíritos por afinidade é fato que não se tem dúvida. Bom, então os maus se agrupam com os de mesma vibração, eis aí um fundamento para a existência do umbral.

Diante de tudo isso que levantamos na

Codificação, consideramos bem fundamentada a existência de regiões de trevas, que nada impede sejam designadas como Umbral.

Não é necessário sermos ortodoxos a ponto de exigir que se empreguem sempre os mesmos termos para designar uma mesma realidade. É natural que, com o passar do tempo, um vocábulo se destaque sobre os demais – geralmente aquele que for mais utilizado pelos estudiosos e que melhor traduzir o consenso da comunidade espírita.

O Umbral e sua relação com as esferas espirituais

"Acima das convenções transitórias e das conveniências de acomodação ao impreciso espírito da época, deve prevalecer o amor à verdade."
(HERCULANO PIRES)

Se não estivermos enganados, a primeira obra da psicografia do médium Chico Xavier (1910-2002) que menciona o Uo umbral é **Reportagens de Além-túmulo** (1943), ditado pelo Espírito Humberto de Campos:

A sepultura não é a porta do céu, nem a passagem para o inferno. [...].

O homem não encontrará na morte mais do que vida e, **no misterioso umbral, a grande surpresa é o encontro de si mesmo.** ⁽¹⁶²⁾

Entretanto, é na obra **Nosso Lar**, ditada pela mediunidade de Chico Xavier pelo Espírito André

Luiz, que encontramos a definição clássica do Umbral. O instrutor Lísias explica:

- **O Umbral começa na crosta terrestre. É a zona obscura** de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...] todas as **multidões de desequilibrados permanecem nas regiões nevoentas**, que se seguem aos fluidos carnaís. [...].

[...].

- O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. **Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior.** E note você que a Providência Divina agiu sabiamente, permitindo se criasse tal departamento em torno do planeta. **Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes**, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. **Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias.** Não é de estranhar, portanto,

que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. **Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie.** Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. [...]. ⁽¹⁶³⁾

De nossas pesquisas, compreendemos que em torno da Terra existe um faixa vibratória, como uma espécie campo de força, que retém todos os Espíritos – bons e maus – que ainda não alcançaram evolução moral suficiente para ultrapassá-la e seguir para mundos mais avançados, onde poderiam dar continuidade à sua caminhada evolutiva.

Outra definição que merece destaque pela precisão encontra-se no capítulo “Animais assustadores”, da obra **Todos os Animais Merecem o Céu** (2004) de Marcel Benedeti:

– Antes seria interessante entender o que vem a ser o umbral – ponderou o professor Anésio. **O umbral não é exatamente um lugar, mas uma condição energética, isto é, sua formação inicial ocorre a partir da reunião de seres que possuem energias muito densas, cujas vibrações**

são semelhantes entre si. Imaginem que inicialmente uma pessoa que possuía uma forte vibração negativa viu-se desencarnada e errante na dimensão espiritual. Outra, **ao desencarnar e tendo as mesmas características energéticas daquela que já está na outra dimensão, imediatamente é atraída a ela.** Com isso, a intensidade energética dobra. Mais dois desencarnam e também vibram igual aos que estão ali. Esses também serão atraídos e a energia quadruplica. **À medida que indivíduos com as mesmas características energéticas desencarnam e se juntam aos demais, estas energias se adensam, criando uma atmosfera própria nessa abundância energética pesada.** Com grande disponibilidade destas energias, disponibiliza-se também a matéria-prima para moldarem seus pensamentos, pois essa energia densa é muito plástica. Deste modo, podem ser criados todos os ambientes do umbral, que dão a ele o aspecto de lugar e não de uma situação energética coletiva. **O umbral é resultante do encontro de muitas pessoas sofredoras. Não sendo um lugar, pode formar-se em qualquer local onde se reúnam pessoas encarnadas ou desencarnadas que possuam estas vibrações energéticas.** Como essas energias são muito densas, de modo geral,

se formam bem próximas aos habitantes da Terra encarnados, pois a nossa energia quando encarnados já é densa por natureza. O inferno para onde vão os pecadores para um sofrimento eterno é apenas uma ilustração fantasiosa criada por algumas lideranças religiosas que se utilizam do medo e da ignorância para reforçar sua dominação. ⁽¹⁶⁴⁾

O trecho explica que o Umbral não é um lugar físico, mas uma condição energética formada pela reunião de Espíritos com vibrações densas e semelhantes. Essa concentração gera uma atmosfera própria, plástica, capaz de moldar ambientes.

Assim, o umbral resulta do encontro de consciências sofredoras e pode se formar em qualquer espaço onde haja energias negativas, diferindo da ideia religiosa de um “inferno”, que seria um local onde o infrator da lei divina, sofreria pela eternidade afora.

Essa é a mais precisa definição de Umbral, que encontramos até agora. Bem disse Jesus: *“O que busca, acha”* (Lucas 11,10).

Na obra **Umbral: Projeções Mentais, Testemunhos e Resgate Espiritual** (2019), atribuída ao **Espírito Cairbar Schutel** pelos autores Abel Glaser e Adriana Glaser, encontramos a seguinte explicação:

[...] **é preciso conhecer mais do ambiente retratado como Umbral**, visto ser o **lugar para onde seguirão vários degredados**, até que encontrem outro mundo inferior a habitar; é também o **local para onde se dirigem muitos desencarnados, atualmente, enquanto aguardam a melhoria de seu estado perispiritico e mental, de modo a poder seguir a alguma colônia espiritual.**

O Umbral não é o inferno, um ambiente subterrâneo, habitado pelos desencarnados, em completa bagunça, além de permeado de sofrimentos infligidos por criaturas diabólicas, onde se passará o restante da eternidade. **Está longe disso.** Trata-se de um lugar mais sombrio que as colônias espirituais, mas não se cuida de um local de tortura proposital de Espíritos conduzida por outros Espíritos designados para isso, como a alegórica imagem do inferno retratado por outros entendimentos filosóficos ou religiosos. Visam a atemorizar encarnados, buscando levá-los à trilha do

bem pelo seu receio quanto ao futuro, que poderia, em tese, ser pior que o presente, pois no inferno, destaca-se essa linha de ilustração. Não para o Espiritismo, que aponta o Umbral como uma zona vibratória específica, que congrega muitos desencarnados sofrendores, mas sem criaturas diabólicas para praticar torturas sem medidas. Trata-se de um cenário lúgubre, pois inspira tristeza e dor, sentimentos emanados dos próprios **Espíritos que ali habitam transitoriamente.**

O Umbral é um lugar de passagem, razão pela qual não possui moradas, nem pontos encantadores da Natureza, como lagos, arvoredos com vegetação, flores, frutos, animais e tantos outros detalhes maravilhosos que o Toque Divino concebeu ao Planeta Terra. **Os Espíritos, ao desencarnar, num primeiro momento experimentam uma fase de escuridão e silêncio total.** Os mais preparados começam a detectar luzes do Alto, assim que os laços com o corpo material são cortados de vez. **Ocorre, então, o resgate pelos Emissários do Bem,** seguindo para vários possíveis pontos, a depender do grau de evolução espiritual alcançado. Podem seguir para câmaras de retificação em Postos de Socorro; nesta hipótese, geralmente continuam mergulhados em sono profundo, sem memória viva, sem sonhos (pois não há desprendimento), em

total silêncio, para se recuperarem, regenerando o perispírito carregado de focos materialistas, enegrecidos e pesados, incompatíveis com a vida em colônias como Alvorada Nova. **Outros, mais evoluídos**, possuindo um perispírito significativamente purificado, depois de sua passagem pela crosta terrestre **seguem as luzes do Alto, estando despertos e conscientes, atingindo cidades espirituais**. Na colônia, conseguem imediatamente contato com os demais habitantes e adquirem um posto para seu trabalho e para a continuidade da sua evolução espiritual. ⁽¹⁶⁵⁾ (itálico do original)

Quando se menciona ser infinito o Amor Divino é a pura verdade, mas o que se encontra equivocada é a forma de aplicação desse Amor, que, por ser Divino, é soberanamente Justo. Diante disso, algumas verdades precisam ser apreciadas: 1) **nenhum Espírito, ao desencarnar, será condenado a passar o resto da eternidade no Umbral (ou inferno, para alguns)**; todos têm a oportunidade de progredir; devem passar um período de expiação para alcançar o esclarecimento necessário a viver em comunidade nas cidades espirituais; [...]. ⁽¹⁶⁶⁾ (itálico do original)

Além do fato de que a permanência no Umbral ser temporária, nem todos os desencarnados “passam” por lá, uma vez que nessa faixa vibracional só são “atraídos” os Espíritos moralmente imperfeitos e os não desmaterializados.

Pontos importantes constantes das obras da Codificação que têm a ver com o tema:

1) **O Livro dos Espíritos:**

a) Introdução, item XII:

A experiência nos ensina que **os Espíritos da mesma categoria, do mesmo caráter e animados dos mesmos sentimentos reúnem-se em grupos** e em famílias. [...]. ⁽¹⁶⁷⁾

b) Questão 278:

[...] Os [Espíritos] da mesma categoria **se reúnem por uma espécie de afinidade** e formam grupos ou famílias de Espíritos, **unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons**, pelo desejo de fazerem o bem; **os maus**, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles. ⁽¹⁶⁸⁾

2) **Revista Espírita 1860**, mês de

novembro, artigo Relações afetuosas dos Espíritos:

[...] Sabemos que **os Espíritos se reúnem** e concordam entre eles **para agirem de comum acordo** com mais força em certas ocasiões, **tanto para o mal, quanto para o bem**; [...]. ⁽¹⁶⁹⁾

3) **O Céu e o Inferno**, Capítulo III – O Céu, item 15:

Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida das suas forças, seja no estado de encarnação, **seja no estado de espírito**. Existe atividade em toda parte, desde a base até o ápice da escala, onde **todos se instruem, auxiliam-se mutuamente e se dão as mãos para alcançarem o ponto culminante**. ⁽¹⁷⁰⁾

4) **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos, tópico Qualidade dos fluidos”, item 18:

O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o **dos desencarnados**, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias; **conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes**.

Uma vez que os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos

do Espírito, **seu envoltório perispirítico, que é parte constituinte do seu ser e que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos, deve, com mais forte razão, guardar as marcas de suas qualidades boas ou más.** Os fluidos viciados pelos eflúvios dos Espíritos maus podem depurar-se pelo afastamento destes, cujos perispiritos, porém, serão sempre os mesmos, enquanto o Espírito não se modificar por si próprio. ⁽¹⁷¹⁾

5) **Obras Póstumas:**

Capítulo Questões e problemas, parágrafo final da mensagem assinada por Clélia Duplantier:

A solidariedade, portanto, que é o verdadeiro laço social, não o é apenas para o presente; estende-se ao passado e ao futuro, pois que as mesmas individualidades se reuniram, **reúnem e reunirão, para subir juntas a escala do progresso, auxiliando-se mutuamente.** [...]. ⁽¹⁷²⁾

Esse auxílio de Espíritos mais elevados não se restringe somente aos casos citados, mas abrange também os desencarnados, que ajudam a todos, quer os que se encontram no plano espiritual, quer os que estão na prisão no corpo físico. Conforme

podemos comprovar com estas transcrições de *O Livro dos Espíritos* e de *A Gênese*:

1) ***O Livro dos Espíritos***:

a) Questão 268:

[...] Ora, mesmo sem ser perfeito, **o Espírito que se elevou a um certo grau** não tem mais provas a sofrer. Porém, sempre **tem deveres** que o ajudam a se aperfeiçoar e que nada têm de penosos, **ainda que consistam em auxiliar os outros a se aperfeiçoarem.** ⁽¹⁷³⁾

b) Questão 976:

“[...] [os Espíritos bons] **Auxiliam os outros a se melhorarem e lhes estendem as mãos**: essa é a ocupação deles e que se torna um prazer quando bem-sucedidos.” ⁽¹⁷⁴⁾

2) ***A Gênese***:

a) Capítulo I – Caráter da Revelação Espírita, item 5:

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência. **Mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais**

adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênio, que surgiram em diversas épocas para impulsioná-los e tirá-los da inércia. ⁽¹⁷⁵⁾

b) Capítulo XVIII - Os tempos são chegados, tópico A geração nova, item 29:

[...] Uma vez [os Espíritos] subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corpóreo, a maioria deles verá as coisas de maneira inteiramente diversa da que viam quando em vida, conforme os numerosos exemplos que conhecemos. **Para isso, são auxiliados por Espíritos benévolos que por eles se interessam e se dão pressa em esclarecê-los e em lhes mostrar o falso caminho em que seguiam.** Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos concorrer para que eles se melhorem, visto que há perpétua solidariedade entre mortos e vivos. ⁽¹⁷⁶⁾

Tudo isso que transcrevemos das obras da Codificação pode ser observado no livro que retrata a opinião do Espírito Cairbar Schutel.

Ressaltamos os três seguintes pensamentos de Cairbar Schutel constantes em **Umbral: Projeções Mentais, Testemunhos e Resgate Espiritual:**

[...] a função do Umbral, em suas diferentes zonas vibratórias: **recepção o Espírito desencarnado, para que expie as maldades realizadas, conforme o seu grau e intensidade.** ⁽¹⁷⁷⁾

O Umbral, como área de acomodação àqueles Espíritos inferiores, que **precisam de tempo para reflexão independente e individual, não é o descritivo e emotivo inferno**, como já mencionamos linhas atrás. [...]. ⁽¹⁷⁸⁾ (itálico do original)

[...] **É área de sofrimento, mas não de tortura.** Esse sofrimento advém dos que lá habitam e não por Desígnio Divino. **O Plano Superior jamais é vingativo e não produz vibração negativa de qualquer natureza ou forma para castigar Espíritos.** ⁽¹⁷⁹⁾

Acreditamos que são informações bem esclarecedoras que nos permitem posicionar sobre o que é na realidade o Umbral, não nos permitindo vê-lo como sendo um lugar de castigo eterno, crença comum aos adeptos das religiões cristãs tradicionais.

Nessa obra de Cairbar Schutel, temos 48 Espíritos narrando as experiências no Umbral. Temos ainda o relato de um médium sobre sua vivência

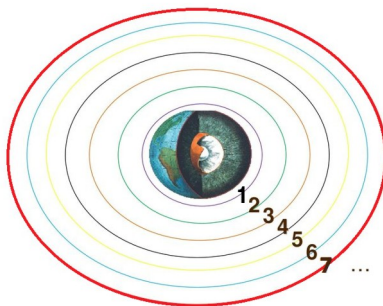
nessa região através de desdobramento espiritual.

No artigo “O Umbral”, publicado na revista ***Espiritismo & Ciência nº 16***, a autora Maísa Intelisano, assim resumiu:

No Umbral, tudo o que está fora de nós é consequência do que está dentro. Tudo o que existe em nosso mundo pessoal e nos acontece é reflexo do que trazemos na consciência. Assim, o **Umbral nada mais é que uma faixa de frequência vibratória** a que se ligam os espíritos desequilibrados, cujos interesses, desejos, pensamentos e sentimentos se afinizam. **É uma “região” energética onde os afins se encontram e vivem**, onde podem dar vazão aos seus instintos, onde convivem com o que lhes é característico, para que um dia, cansados de tanto insistirem contra o fluxo de amor e luz do universo, entreguem-se aos espíritos em missão de resgate, que estão sempre por lá em trabalhos de assistência. ⁽¹⁸⁰⁾

Encontramos esta imagem que dá uma boa ideia da nossa maneira de ver ⁽¹⁸¹⁾:

O campo magnético do nosso planeta é dividido em sete faixas vibratórias concêntricas, tendo a Terra como centro geométrico.



Essas faixas são denominadas esferas ou dimensões espirituais.

Na imagem, a linha vermelha representaria o campo magnético da Terra, que podemos conceber como um campo de força. Nele permanecem “retidos” todos os Espíritos vinculados ao nosso globo, por não possuírem ainda desenvolvimento intelectual e moral suficiente para dele se afastar e habitar mundos mais evoluídos.

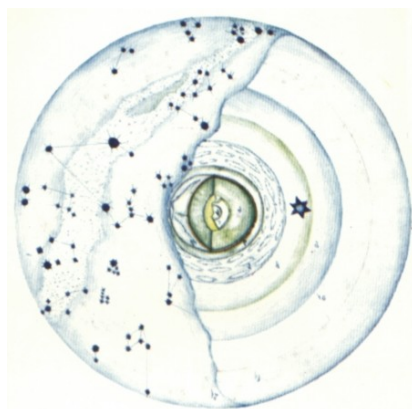
Supomos que nesse “campo de força” existiriam diversas faixas vibratórias – também chamadas de camadas ou esferas – que se estendem desde a mais materializada, próxima à terrestre, caracterizada por escuridão, trevas ou abismo (qualquer que seja a denominação), até as mais espiritualizadas, plenas de luminosidade

indescritível, conforme o permite a escala deste mundo, que ora habitamos. Cada orbe, por sua vez, possui o seu próprio campo de força, adequado à posição que ocupa na escala dos mundos.

Pela lei de sintonia, ao desencarnar o Espírito será naturalmente atraído para a faixa vibratória ou esfera espiritual correspondente à vibração que emite, determinada pelo seu nível de evolução moral.

Em nossa visão, a última faixa, mais próxima da crosta terrestre, é justamente onde se “localiza” o Umbral.

A seguinte imagem, representativa da “Esferas Espirituais”, nós a tomamos do livro **Cidade no Além** ⁽¹⁸²⁾, de autoria Heigorina Cunha (1923-2013), que tem como base as descrições contidas na obra *Nosso Lar*.



Entretanto, discordamos um pouco da autora,

pois, para nós, o Umbral estaria na Esfera contígua à crosta terrestre, porquanto os *“habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, [estariam] separados deles apenas por leis vibratórias”* ⁽¹⁸³⁾.

Recomendamos o vídeo postado no *YouTube* intitulado “O que é Umbral”, por Dr. Sérgio Felipe de Oliveira. ⁽¹⁸⁴⁾

Vejamos se encontramos na Codificação elementos que apoiem a ideia da existência de camadas inferiores e de esferas espirituais, as quais entendemos corresponder a faixas vibratórias.

I - Camadas inferiores

1) ***Revista Espírita 1859***, mês de dezembro, do final do artigo “Um antigo carreteiro”, que narra o caso de um Espírito da mais baixa classe evocado na casa de Allan Kardec, transcrevemos:

Temos visto médiuns, justamente ciosos de conservar suas boas relações de além-túmulo, recusar-se a servir de intérpretes dos Espíritos inferiores que podem ser chamados. É de sua parte uma

susceptibilidade mal entendida. Pelo fato de evocarmos um Espírito vulgar, e mesmo mau, não ficaremos sob a dependência deste. Longe disso, e ao contrário, nós é que o dominaremos: não é ele que vem impor-se, contra a nossa vontade como nas obsessões; somos nós que nos impomos; ele não ordena, obedece; nós somos o seu juiz e não a sua presa. Além disso, podemos ser-lhes úteis por nossos conselhos e por nossas preces e eles nos ficam reconhecidos pelo interesse que lhes demonstramos. Estender a mão em socorro é praticar uma boa ação; recusá-la é falta de caridade; ainda mais, orgulho e egoísmo. Esses seres inferiores, aliás, são para nós um grande ensinamento. **Foi por seu intermédio que podemos conhecer as camadas inferiores do mundo Espírita** e a sorte que aguarda aqueles que aqui fazem mau emprego de sua vida. ⁽¹⁸⁵⁾

2) **O Céu e o Inferno**, 01 de agosto de 1865:

a) No capítulo “IV – Espíritos sofredores” da segunda parte, temos registrada a manifestação do Espírito Claire, em 1861. Allan Kardec, comentando a situação desse Espírito, esclarece-nos:

Esses Espíritos, quando desencarnados,

não podem de uma hora para outra adquirir a delicadeza dos sentimentos e, durante um tempo mais ou menos longo, **ocuparão as camadas inferiores do mundo espiritual**, tal como acontece na Terra: **assim permanecerão enquanto se mostrarem rebeldes ao progresso**; porém, com o tempo, a experiência e as tribulações e misérias das sucessivas encarnações, chegará o momento de conceberem algo de melhor do que então possuíam; [...]. ⁽¹⁸⁶⁾

b) No capítulo “VII – Espíritos endurecidos” da segunda parte, caso do Espírito Lapommeray (Castigo pela luz), trecho da mensagem de Jean Reynaud:

Os seres desencarnados que persistem na representação material dos seus crimes sofrem o choque da eletricidade física: padecem pelos sentidos. E aqueles que pelo Espírito já estejam desmaterializados sofrem uma dor muito superior que lhes aniquila, por assim dizer, em seus amargores, a lembrança dos fatos, subsistindo tão só a noção de suas respectivas causas. Assim, pode o homem, a despeito da sua criminalidade, possuir um progresso interno e elevar-se acima **da espessa atmosfera**

das baixas camadas, embora tivesse, sob o jugo das paixões, procedido como um bruto. A ausência de ponderação e o desequilíbrio entre o progresso moral e o intelectual produzem essas anomalias tão frequentes em épocas de materialismo e transição. ⁽¹⁸⁷⁾

Ao mencionar as **camadas inferiores do mundo espírita ou do mundo espiritual**, o Codificador confirma a existência de gradações – ou seja, esferas ou faixas vibratórias – nas quais os Espíritos se agrupam conforme suas características ou vibrações. Ele deixa claro que ali “*permanecerão enquanto se mostrarem rebeldes ao progresso*”.

II - Esferas espirituais

1) **O Livro dos Médiuns**, 15 de janeiro 1861:

No Capítulo XXV – Evocações, item 282, na questão 3, referindo-se a espíritos que são impedidos de atender a evocação, lê-se:

[...] Há **Espíritos** que nunca podem comunicar-se: são os que, por sua natureza, ainda pertencem a mundos inferiores à Terra, **bem como os que se encontram**

nas esferas de punição, a menos que especial permissão, com um fim de utilidade geral. [...]. ⁽¹⁸⁸⁾

Se “*o semelhante atrai semelhante*” ⁽¹⁸⁹⁾, como afirmaram os Espíritos superiores, não é impróprio conceber que no mundo espiritual exista uma separação natural entre bons e maus, pois “os Espíritos bons e os maus ***não andam juntos***” ⁽¹⁹⁰⁾.

Aqui, o termo “esferas” parece designar “mundos”, especialmente considerando a informação de que “*São Luís completa a comunicação com informes sobre os mundos destinados ao castigo dos Espíritos culpados.*” ⁽¹⁹¹⁾

Entretanto, se existem “*mundos destinados ao castigo dos Espíritos culpados*”, esses não deixam de ser locais circunscritos, o que nos leva a concluir que, quando os Espíritos negaram a existência de “*locais circunscritos*”, eles estavam se referindo a ideia de céu e de inferno da tradição cristã, o que se pode corroborar com o contexto e o teor da questão 1012, que dizem de lugares circunscritos para as

penas e gozos dos Espíritos.

2) **Revista Espírita 1862**, mês de março:

Do artigo “A Reencarnação” (Enviado de La Haye – Médiun, Sr. barão de Kock), transcrevemos o seguinte trecho:

Antes de sua reencarnação, os Espíritos planam nas esferas celestes, os bons gozando-lhes a felicidade, os maus entregando-se ao arrependimento, atormentados pela dor de estarem desamparados por Deus; [...]. ⁽¹⁹²⁾

O uso de “*esferas celestes*” sugere locais no mundo espiritual, onde os Espíritos se agrupam por similitude vibratória, não necessariamente planetas.

Um pouco mais à frente, na mensagem de Lacordaire, intitulada “Instrução Moral” (Paris, grupo Faucherand. – Médiun, sr. Planche), lemos:

Do alto das esferas celestes que eu percorro, meu olhar mergulha com felicidade nas vossas reuniões, e é com um vivo interesse que sigo as vossas santas instruções. Mas, ao mesmo tempo em que a

minha alma se alegra de um lado, de outro sente uma pena muito amarga, quando penetra os vossos corações e ali vê ainda tanto apego às coisas terrestres. [...]. ⁽¹⁹³⁾

O Espírito Lacordaire faz referência a “esferas celestes”, que poderiam designar algo relacionado ao mundo espiritual.

3) **Revista Espírita 1863**, mês de julho:

Mensagem “Bem-aventurados os que têm olhos fechados” (Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863 – Médiun, sr. Vézy), ditada pelo Espírito Vianney, cura d’Ars, da qual destacamos este trecho:

Oh! sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus! mais feliz do que vós que aqui estais, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode se lançar com elas às **esferas espirituais** que os próprios predestinados da Terra não veem. ⁽¹⁹⁴⁾

Aqui, o Espírito Vianney parece-nos ter sido mais específico ao se utilizar da expressão “*esferas espirituais*”, confirmando a ideia de planos

vibratórios distintos no mundo invisível.

Em obras posteriores às publicadas pelo Codificador, teríamos algo? Nossa pesquisa aponta para uma resposta positiva.

Trinta Anos Entre os Mortos (1924), obra de autoria do **Dr. Carl August Wickland** (1861-1945), insigne psiquiatra e pesquisador dos fenômenos psíquicos. Nascido na cidade de Liden, Suécia, emigrou-se para os Estados Unidos e foi morar em Chicago. ⁽¹⁹⁵⁾

Nela temos o resultado de *“trinta e cinco anos de experimento psíquicos”* ⁽¹⁹⁶⁾, com a médium Anna Wickland, sua esposa, no “Grupo da Misericórdia”, aqui citaremos apenas duas manifestações:

1º) Espírito: J. O. Nelson, 18/11/1919:

Espírito: - [...] O que é isso que vejo? (Com grande excitação.) Este homem diz que **estou vendo a esfera inferior, por onde viajam em meio às trevas os espíritos ignorantes**. Há aqui outro quadro que é o resultado de meu trabalho. Quão enfermos e reduzidos estão todos esses espíritos! Caminham cegos e se incitando.

(¹⁹⁷)

2º) Espírito: Senhor H. M., 27/01/1918:

Tinha grandes desejos de ver minha esposa. Sua imagem não se afastava de minha recordação, minha esposa, e queria lhe ver. Atravessamos, pois, o mundo dos espíritos e a esfera terrestre para chegar de novo à matéria. **A Terra é um globo pequeno, e ao redor deste globo há uma esfera.** A distância entre o mundo dos espíritos e o mundo da matéria é de umas sessenta milhas. **A esfera que rodeia a Terra é o mundo dos espíritos que estão ainda nas trevas.**

É para mim impossível descrever tudo o que vimos. Tão hediondo, tão horrendo, tão feio era tudo! Estremeci ao ver aquelas almas tão egoístas, invejosas e mal-intencionadas. Cada qual tinha um aspecto parecido ao de sua alma. Se adornavam com as mesmas vestimentas que na Terra, mas isso era por culpa de suas almas.

Parecia um enxame de vermes que se agitavam e se arrastavam uns encima dos outros. Aquilo sim que era um inferno! Me disseram que **era a esfera que rodeia a Terra.** (¹⁹⁸)

Esses relatos confirmam a existência de uma

esfera inferior que circunda a Terra, destinada aos Espíritos ignorantes ou comprometidos com a justiça divina. Trata-se, portanto, de graduações espirituais que compõem o “campo de força” mencionado anteriormente.

Citaremos, mais à frente, no Capítulo “Fontes a partir de 1º de abril de 1869”, o que disseram vários outros Espíritos.

Sempre que o tema nos permite, recorreremos também aos chamados autores espíritas clássicos, que invariavelmente trazem contribuições valiosas. Muitos deles, são pouco conhecidos pela maioria dos espíritas. É o caso, por exemplo, do pesquisador italiano Ernesto Bozzano (1862-1943).

Em ***O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*** (1933), encontramos a autobiografia de Ernesto Bozzano. Destacamos alguns parágrafos que revelam sua relevância como pesquisador dedicado e voltado para o “Espiritismo científico”.

Nunca fiz outra coisa senão estudar.
Na mocidade, todos os ramos do conhecimento, atinentes às artes e ciências,

exerceram igualmente irresistível fascinação sobre mim, tornando-me até difícil seguir um caminho na vida. Decidi-me, finalmente, pela Filosofia e Herbert Spencer foi o meu ídolo.

Tornei-me um positivista-materialista convicto a tal ponto que me parecia incrível existissem pessoas de cultura intelectual, dotadas normalmente de senso comum, que pudessem crer na existência ou na sobrevivência do espírito. Não somente pensava assim como até escrevia audaciosos artigos em apoio de minhas convicções. [...]. ⁽¹⁹⁹⁾

No aludido período, **li várias obras metapsíquicas, de autores então afamados**, as de Kardec, Delanne, Denis, d'Assier, Nus, Crookes, Brofferio, do Prel, porém não custei a verificar que quem desejasse realizar trabalhos científicos úteis nesse novo campo de pesquisas teria de remontar às origens do movimento espírita. Consequentemente, escrevi para Londres e New York a fim de obter as principais publicações datando do começo do movimento até 1870 e, à chegada dos livros pedidos, abriu-se para mim o período realmente frutuoso das investigações sistemáticas no vasto terreno do metapsiquismo.

Catalogava cada obra que lia, anotando os respectivos assuntos por

ordem alfabética adequada, com a intenção de os utilizar para a classificação comparativa e a análise dos fatos e casos. A excelência de semelhante método de investigação ficou de tal modo provada, que continuo a empregá-lo até a presente data. Guardo imorredoura lembrança desse período de fervorosas e perseverantes pesquisas, porque **por meio delas me tornei capaz de assentar as minhas novas convicções espíritas sobre uma base cientificamente inabalável.** ⁽²⁰⁰⁾

Infelizmente, muitos ainda desconhecem as pesquisas de Ernesto Bozzano. Essa postura lembra exatamente a crítica de Allan Kardec em **O Livro dos Médiuns**:

[...] A verdadeira crítica deve dar provas, não só de erudição, mas também de profundo conhecimento do objeto tratado, de isenção no julgamento e de imparcialidade a toda prova. A não ser assim, **qualquer músico de feira poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini e um aprendiz de pintor o de censurar Rafael.** ⁽²⁰¹⁾

Em 1918, **Ernesto Bozzano** publicou a monografia “Joy Snell e a missão dos anjos”, que é o título de um capítulo da obra ***O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas***, do qual destacaremos o seguinte trecho:

Tratarei, finalmente, de um grupo de casos nos quais **a vidente ter-se-ia transportado, espiritualmente, às Esferas transcendentais mais próximas do nosso mundo, inclusive às Esferas de provas.** Concebe-se que, do ponto de vista científico, esses casos, por sua natureza incontrolável, não apresentam nenhum valor teórico, **levando-se, porém, em consideração a descrição das esferas mais próximas ao nosso mundo ou mais exatamente as esferas que recebem os espíritos que apenas acabam de chegar lá, as quais constituem uma reprodução espiritualizada do meio e da existência na Terra,** o que se produziria a título de transição necessária entre o mundo da matéria e o mundo do espírito. Em outros termos, **as condições de existência nessas esferas seriam ao mesmo tempo reais e efêmeras,** visto ser o meio em questão determinado pela **‘projeção do pensamento’ de entidades superiores para esse fim designadas,**

enquanto que certa parte dependeria da “projeção do pensamento” dos espíritos que irão ali permanecer por tempo indeterminado. Tratar-se-ia, em última análise, de uma ‘ideoplastia’ espiritual em regra, absolutamente igual à que se produz, em nosso mundo, sob a forma de ‘fotografia do pensamento’ e do ‘pensamento organizador’, no início dos fenômenos de materialização.

Não obstante pareçam, à primeira vista, estranhas essas revelações sobre o meio ambiente espiritual, devo, em seu favor, acentuar um detalhe certamente interessante: é que, **se aplicarmos os processos da análise comparada aos numerosos casos desta espécie, como se produzem e sempre produziram entre todos os povos, verificamos, com surpresa, que todos os videntes que passaram por experiências desta natureza**, assim como todos os médiuns que psicografaram revelações idênticas, **afirmaram e constantemente afirmam as mesmas coisas**. Para citar somente os exemplos mais notáveis,⁽²⁰²⁾ recordarei as experiências do famoso vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, lembrarei a obra não menos famosa do Juiz Edmonds intitulada *Spiritualism* e constituída quase inteiramente de visualizações análogas tidas pelo próprio autor, recordarei as visões do Rev. William Stainton Moses e da Sra.

Elisabeth d'Espérance, os ditados mediúnicos obtidos pelo jornalista William Thomas Stead e o Rev. George Vale Owen.

Ora, se considerarmos que **as ideias dos povos civilizados sobre o paraíso e o inferno, ideias enraizadas desde a infância nas mentes de diferentes pessoas, são diametralmente opostas à semelhante concepção da existência espiritual**, se tudo isto for considerado, logicamente se é levado a reconhecer que a explicação alucinatória para esses casos é insustentável ante o exame dos fatos, visto que esta interpretação absolutamente não explica como tantos sensitivos tenham sido autossugestionados em sentido diametralmente contrário às suas convicções tradicionais a esse respeito. Igualmente não se chegaria a explicar o fato de todos os sensitivos descreverem o mesmo ambiente espiritual, mesmo em seus mais bizarros e inesperados detalhes, quando a maior parte deles (e este é o caso da Sra. Joy Snell) ignoravam completamente as experiências de outros videntes sobre o mesmo assunto, isto é, ignoravam o que alguns haviam visto no ambiente espiritual.

Resulta daí que, se os casos em questão continuam a ser um enigma insolúvel para todas as outras teorias, **na verdade os partidários da hipótese alucinatória se encontram numa posição ainda mais embaraçosa e não os defensores da**

hipótese espírita. Com efeito, a circunstância de não se poder recorrer à hipótese da sugestão para explicar a uniformidade de tão grande número de “revelações” faz pender o prato da balança a favor da autenticidade transcendental dos casos em exame, o que não exclui, entretanto, a possibilidade de, por vezes, se introduzirem neles elementos simbólicos, oníricos e autossugestivos.

Como quer que seja, dada a natureza aparentemente incontrolável de tais casos e, portanto, a impossibilidade de submetê-los aos métodos da investigação científica, **só nos resta adotar um sistema de controle indireto, isto é, analisar e comparar entre si as tão numerosas revelações dessa espécie.** Ao mesmo tempo, **preciso é considerar as explicações que a esse respeito fornecem as personalidades mediúnicas, explicações que, se não apresentam valor científico, nem por isto deixam de ser muito lógicas para parecerem plausíveis perante o controle da razão,** o que já é muito, visto que assim se obtém o importante resultado de despojar as revelações de todas as aparências absurdas, ao mesmo tempo que essas explicações **se transformam numa base de orientação para a posterior investigação de provas indiretas a**

favor de sua autenticidade transcendental. Creio, pois, seja útil relatar alguns esclarecimentos, relativamente recentes, sobre o assunto, **esclarecimentos esses obtidos mediunicamente.** Eles têm o mérito de não terem sido dados a pedido e sim fornecidos espontaneamente, pouco antes, por espíritos desencarnados. ⁽²⁰³⁾

Assim, não faz sentido menosprezar os resultados das pesquisas de Ernesto Bozzano. Evitemos a postura de “aprendiz de pintor”, incapaz de reconhecer o valor de uma obra maior.

No capítulo “Fontes a partir de abril/1869 que se destacam” será citado o livro *A Crise da Morte*, item 8, 4º) Caso XII [capitão Hinchliffe], no qual também veremos em seus comentários referência a esferas espirituais.

Na obra ***Cartas de Uma Morta*** (1935), ditada no final do ano de 1934 pelo Espírito **Maria João de Deus** por meio da psicografia de Chico Xavier, encontramos reflexões sobre o tema “No plano dos desencarnados”:

Ainda há pouco tempo, meu filho, manifestaste o desejo de que eu te descrevesse o local onde agora me acho no plano espiritual. É bastante difícil uma descrição literal, com respeito ao meu novo ambiente, mas vou tentar fazê-lo, apesar das deficiências naturais que se me apresentam.

A terra é o centro, isto é, a sede de grande número de esferas espirituais que a rodeiam de maneira concêntrica.

Não posso precisar número dessas esferas, porque elas se alongam até um limite que a minha compreensão, por enquanto, não pode alcançar.

Quanto mais evoluído o ser, mais elevada será a sua habitação, até alcançar o ponto em que essas esferas se interpenetram com as de outros mundos mais perfeitos, seguindo os espíritos nessa escala ascendente do progresso, sob todos os seus aspectos. Somente agora consegui passar à segunda esfera, depois de penosos labores em favor do burilamento de minha personalidade. Procurarei resumir o mais possível para oferecer-te uma ideia do meu habitar. ⁽²⁰⁴⁾

Em certas transcrições, as “esferas” aparecem nesse sentido específico, sem ser referência a outros mundos. Retornaremos mais frente essa obra, em

diálogo com novas pesquisas de Ernesto Bozzano.

Ainda em ***Cartas de Uma Morta***, vejamos como a autora espiritual, mãe do médium Chico Xavier, esclarece a respeito do que ela designou de esferas espirituais:

Da esfera em que me encontro percebo perfeitamente que existe uma escada de luz atravessando os abismos ligando **as esferas** umas às outras. **A região imediatamente vizinha da Terra abriga muitos sofrendores e muitos desesperados.** Aí, frequentemente, descemos para buscar irmãos nossos que suplicam e choram, implorando o socorro e o auxílio de Deus.

Nessa região há organizações perfeitas e inúmeras de muitos espíritos do mal, que, reunindo-se uns aos outros, formam congregações nefastas e terríveis. Nosso combate é contínuo para pôr os encarnados a salvo de suas traições e sevícias. ⁽²⁰⁵⁾

Observa-se, portanto, que quanto mais próxima da crosta terrestre estiver a esfera espiritual, mais *“densa a sua atmosfera”* e maior a

escuridão que a caracteriza.

Na obra **A Vida nos Mundos Invisíveis** (1948), o médium inglês Anthony Borgia (1896-1989) reuniu psicografias do Espírito **Mons. Robert Hugh Benson** (1871-1914), descrevendo aspectos da vida espiritual. Da Segunda Parte, capítulo “V – Posição Geográfica”, destacamos o seguinte trecho:

O mundo espiritual está dividido em esferas ou reinos. Essas duas palavras passaram a ser correntes entre a maioria daqueles que na terra conhecem e praticam a comunicação com o nosso mundo. Ao falar-vos assim, usei as palavras acima, suficientes para o nosso fim.

A essas esferas foram dados números, por alguns estudantes, e vão **desde o primeiro**, que é o mais baixo, **até o sétimo**, que é o mais alto. É costume entre nós seguir este sistema de numeração. A ideia, segundo me disseram, teve origem aqui entre nós, e é um método conveniente de dar informações de nossa posição na escada da evolução espiritual.

As esferas do mundo do espírito estão colocadas numa série de zonas formando um número de círculos concêntricos à volta da terra. Esses

círculos alcançam o espaço infinito e estão invisivelmente ligados com o mundo terrestre na sua evolução menor sobre seu eixo, e é claro, em maior revolução à volta do Sol. O Sol não tem qualquer influência sobre o mundo espiritual. Não tomamos conhecimento dele, visto que é puramente material.

Um exemplo de círculos concêntricos nos é dado quando nos dizem que um visitante de uma esfera mais elevada vai descer a nós. Ele está relativamente acima de nós, tanto espiritual como espacialmente.

Os reinos inferiores da escuridão estão situados perto da terra, e penetram na sua parte mais baixa. Foi através desta que passei com Edwin [...] que me recomendou mantivesse os olhos fechados até que me ordenasse abri-los. Eu estava suficientemente alerta – até mesmo demais, porque estava plenamente consciente – ou teria visto algo dos horrores que a terra lançou a **essas zonas escuras.**
(²⁰⁶)

Cada esfera é completamente invisível a todos os habitantes das suas inferiores, e isso pelo menos é que forma os nossos limites. (²⁰⁷)

É interessante notar que aqui as esferas são

mencionadas de forma semelhante a outras obras, reforçando a ideia de círculos concêntricos em torno da Terra. As zonas mais escuras, como em outros relatos, aparecem sempre próximas à crosta terrestre.

Em **Nas Fronteiras da Loucura** (1982), ditada pelo espírito **Manoel Philomeno de Miranda** através da mediunidade de Divaldo Pereira Franco (1927-2025), encontramos no capítulo “19 – Convite ao otimismo” o seguinte parágrafo:

Logo depois que eu retornara à vida espiritual, percebi haver, **em torno da Terra, faixas vibratórias concêntricas, que a envolviam, deste as mais condensadas**, próximas da área física, **até as mais sutis**, distanciadas do movimento humano na Crosta. ⁽²⁰⁸⁾

Ao mencionar faixas vibratórias concêntricas, o autor espiritual apenas difere de Maria João de Deus na terminologia: ela utilizou o termo “esferas”, enquanto Manoel Philomeno preferiu “faixas”.

Além disso, diversas outras obras – que serão

citadas posteriormente ⁽²⁰⁹⁾ - também fazem referência às esferas espirituais, confirmando a recorrência desse conceito na literatura mediúnica.

Informações que surgem entre os pesquisadores da transcomunicação instrumental

“Oficialmente, declara-se que a ciência não é completa; na prática, rejeita-se com desprezo todas teorias novas, quando elas ousam se produzir fora dos santuários acadêmicos.” (GABRIEL DELANNE)

A existência de planos astrais – que entendemos ser esferas ou faixas vibracionais – aparece também entre os fenômenos eletrônicos de voz, nos quais as vozes das entidades espirituais são *“transportadas pelo ar nas ondas de rádio e de televisão emitidas pelas estações transmissoras”* ⁽²¹⁰⁾.

Segundo o engenheiro norte-americano George W. Meek (1910-1999), essas vozes *“caracterizam-se por comprimentos de ondas ou frequências muitíssimo mais altas do que os próprios sinais de rádio e televisão”* ⁽²¹¹⁾.

Do site **Correio Espírita**, transcrevemos um trecho da biografia de George W. Meek, elaborada por Dirceu Machado:

George W. Meek ⁽²¹²⁾ era um engenheiro e pesquisador que revolucionou a área de ar-condicionado conseguindo várias patentes no assunto, fruto de seu trabalho de pesquisa.



Com a industrialização de suas patentes fez uma pequena fortuna, a qual, por ocasião de sua aposentadoria **aos 60 anos de idade colocou à disposição para o avanço da ciência. Agora, não mais a ciência materialista, mas a ciência voltada para o espírito.** Este era um sonho acalentado desde sua mocidade. **Meek levou adiante a criação de uma empresa, sem fins lucrativos, voltada para a pesquisa científica do espírito humano.** Assim surgiu a *Metascience Foundation*. ⁽²¹³⁾

Em 1971, junto com William O'Neil (1933-2023) o engenheiro George W. Meek abriu um

pequeno laboratório de pesquisas sobre Fenômeno de Voz Eletrônica (EVP) ⁽²¹⁴⁾.



Em 1980, ele publica o livro ***O Que Nos Espera Depois da Morte?***, do Capítulo 16 – Comunicação Eletrônica com os Mundos do Espírito, ressaltamos o seguinte trecho:

A própria ideia de tentar construir um telégrafo sem fio, um telefone ou rádio que torne possível conversar com os mortos tem estado no ar durante cerca de seis décadas. Tesla, Marconi e Edison, três dos maiores gênios inventores que auxiliam a domesticar e utilizar a eletricidade para o bem da Humanidade, e

que **muito fizeram pelo lançamento das fundações de nossas maravilhas em comunicação eletrônica**, passaram os anos de balanço de suas vidas tentando desenvolver tais projetos. Nenhum deles teve sucesso. Conforme vemos, a partir de nosso vantajoso ponto de avanço no tempo, as razões são óbvias. O conhecimento científico ainda não havia amadurecido até o estágio em que fosse conhecido o bastante sobre a natureza e os tipos de energia que estruturam nosso universo físico e não-físico. De mais a mais, ainda estava por nascer a física do estado sólido.

Seguindo as pegadas de Edison, Marconi e Tesla, há uma nova geração de pioneiros: nos Estados Unidos, Atila von Szalay, Raymond Bayless, William A. Welch, Joseph e Michael Lamoreaux e outros; **na Suécia**, Friederich Jürgenson; **na Alemanha**, o Dr. Konstantin Raudive e Theodor Rudolf; o Engenheiro Franz Seidl, **na Áustria**; Richard Sheargold e outros, **na Inglaterra**. Esses e outros homens lançaram mão de várias técnicas, **na tentativa de registrar em fita magnética várias palavras, frases e períodos completos, originados do que se alega serem os espíritos de pessoas falecidas.**

[...].

Nossos tempos testemunharam o

desenvolvimento de aparelhos de comunicação, tais como o rádio, o telefone e o televisor. Também contemplamos a transmissão e a recepção de informação para e de objetos a milhões de quilômetros no espaço e em outros planetas, tudo isso naquele átimo da História durante o qual tivemos o privilégio de viver.

Os primeiros de tais instrumentos interplanos estão fadados a estar cheios de estática e a ser de operação frustrante. Tal é a natureza da pesquisa e do desenvolvimento. Mas, quando a realidade de semelhante comunicação estiver provada, o mundo e seus habitantes jamais serão os mesmos.

Quando chegar esse dia, não mais haverá necessidade de escrever capítulos como este, discutindo sobre aquelas coisas que sugerem ser verdade a sobrevivência. Nesse dia ela se terá, para sempre, tornado realidade. ⁽²¹⁵⁾

Esse panorama nos ajuda a compreender a dimensão do número de cientistas, em diferentes países, que se dedicaram a esse tipo de pesquisa.

No capítulo “16 - Um passeio por muitas moradas”, da obra ***O Que Nos Espera Depois da Morte?*** (1980), George W. Meek descreve sete

planos astrais. Destacamos aqui alguns deles, por serem os que mais nos interessam diretamente:

2. *Planos Astrais Inferiores*

Esse mundo negro, lúgubre, perigoso e, com frequência, assustador, descrito pela Bíblia como “Trevas exteriores, onde há pranto e ranger de dentes...” é o habitat de pessoas avaras, egocêntricas, odientas e vingativas. Possuem, frequentemente impetuosos desejos e sensualidade. Aqui, também, podem acrescentar-se drogados, pervertidos sexuais, alcoólatras, assassinos ou suicidas, E, de igual modo, a morada das criaturas menos desejáveis das linhas NÃO-humanas de evolução.

Tradicionalmente, referem-se a esse nível como INFERNO, HADES ou PURGATÓRIO. São os corpos astrais, humanos ou não, desse plano que se ligam às auras magnéticas ou corpos atrais de viventes no plano terrestre (um ato de “obsessão”). Um tal “possesso” pode agir anormalmente, ser julgado insano e internado, ou cometer suicídio.

3. *Planos Astrais Intermediários*

Aqui, a pessoa “acorda” minutos, dias ou semanas após a partida do CORPO FÍSICO (ou meses, anos ou séculos depois de haverem chegado ao plano ASTRAL inferior).

Os planos de que tratamos agora são,

fundamentalmente, uma região de repouso e reabilitação completa, com hospitais e suas equipes, e instituições de ensino e professores. Presta-se socorro a almas adoentadas, a pessoas que passaram por experiências traumáticas e/ou morte súbita, a indivíduos portadores de convicções mentais, emocionais ou religiosas errôneas. O corpo é, ainda, “material”, mas de substância mais sutil, num padrão vibratório mais alto. A aparência acomoda-se à preferência pessoal de cada indivíduo, geralmente a primitiva aparência da vida terrestre.

A comunicação, aqui, é tanto por pensamento quanto por palavra falada. Cada pessoa é estimulada a prosseguir no crescimento mental e espiritual. Por intermédio de tal crescimento, progride-se até aos planos astral e *mental superiores*, ou se decide por nova reencarnação de aprendizado e crescimento pessoal, na terra.

4. Planos Astrais Superiores

Este maravilhoso domínio da existência é aquilo a que os cristãos, geralmente, chamam de Céu. Um termo apto seria “A Terra do Verão”. Há reuniões cheias de felicidade com aqueles por quem se sente um laço de AMOR, ou entre grupos integrados por pessoas mentalmente afins. Existem, para cada alma, ilimitadas oportunidades e fomento para que cresçam

em consciência mental e espiritual. Decresce o interesse por atividade no planeta Terra. Verificam-se encontros com anjos (seres adoráveis e prestimosos, de evolução não-humana).

Perspectivas mais amplas, mais largas vistas, magníficos panoramas! Porém, de quando em vez, a alma deve decidir se retoma ao plano terrestre, para adquirir mais experiência, ou se aceita a SEGUNDA morte. Neste último caso, podem a MENTE e a ALMA despir-se de seu corpo ASTRAL ou veículo continente e NASCER DE NOVO no NÍVEL CAUSAL ou MENTAL, para que se qualificou. Quando renascida, a alma atuará em seu corpo mental ou causal. ⁽²¹⁶⁾ (caixa alta e grifos do original)

Do capítulo seguinte, ou seja, Capítulo 17 – Decifrando o mistério, ressaltamos:

4. Há diversos tipos de pessoas que, hoje, vivem naquilo a que você chamou de plano físico ou terrestre. Admitamos esteja você certo, ao dizer que cada pessoa vai desfazer-se de seu corpo-lagarta físico e começar a adejar feito borboleta, em algum outro nível de existência. Eis o que desejo saber: Em qual nível provavelmente me encontrei?

Não posso responder a essa pergunta sem que o conheça. Entretanto, você pode examinar a Figura 31 e, então, ver-se a si próprio. Admitindo a razoável precisão dos

grupos de caracteres listados como A, B e F, você mesmo pode responder à pergunta.

A. Indivíduos que realizaram mais do que progresso mediano nesta e/ou em vidas pretéritas, e cujas almas evoluíram até o ponto de “viverem naturalmente”, hoje, em harmonia com as características descritas na Figura 32.

B. A média de gente de bom coração, acatadora, bem-intencionada, adultos trabalhadores e todos os bebês e crianças.

F. Pessoas avarentas, cruéis, egoístas, materialistas, altamente vaidosas e incompassivas, incluindo-se, por exemplo, vigaristas, viciados em drogas, alcoólatras, perversos sexuais, suicidas, assassinos, criminosos empedernidos, déspotas políticos. (A letra F. que indica fracasso, correlaciona-se com F, na Figura 34), (A largura da seta individual é proporcional ao número de pessoas nas categorias, A, B, e F) ⁽²¹⁷⁾ (itálico do original)

Entre as figuras citadas (31 a 34), destacamos especialmente uma delas, que nos parece mais relevante ao tema:

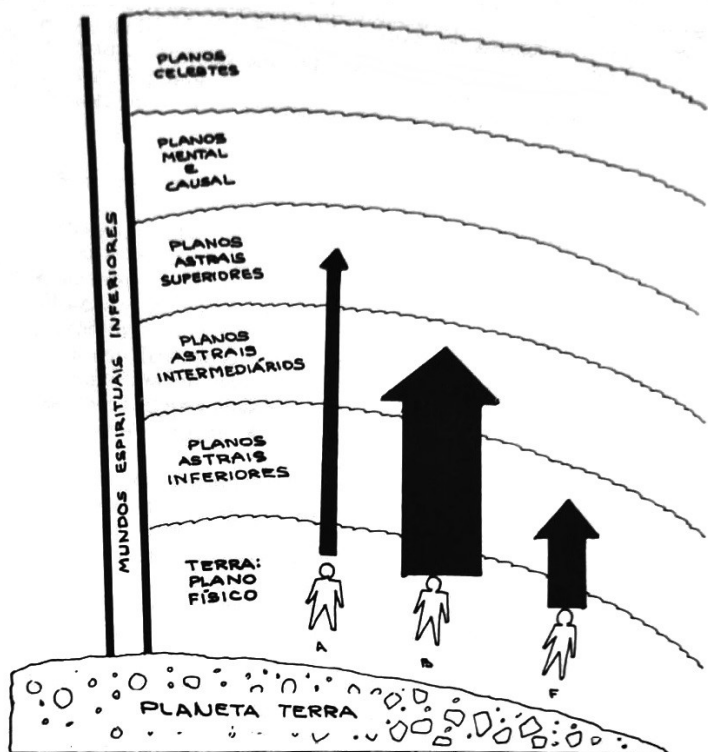
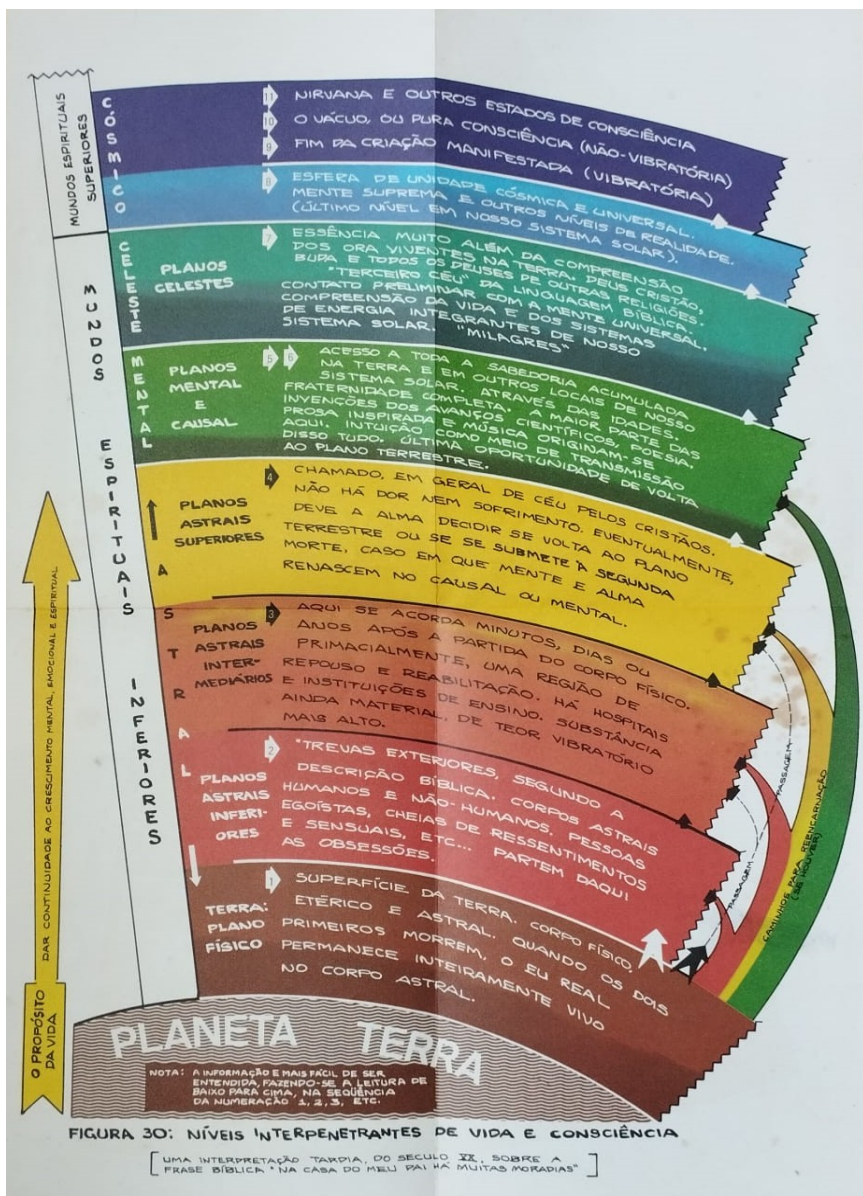


Fig. 31 — A próxima estação para todas as pessoas agora vivendo no planeta Terra.

Acrescentaremos também a figura 30, por sua pertinência ao assunto:



As explicações oferecidas por George Meek são

particularmente esclarecedoras, e as imagens que ele apresenta se tornam valiosas ilustrações para compreender melhor os planos astrais.

Recorreremos à obra **Ponte Entre o Aqui e o Além - Teoria e Prática da Transcomunicação** (1989), de Hildegard Schäfer (1918-1995), pesquisadora dedicada à parapsicologia, especialmente na área de Transcomunicação. Destacamos o seguinte trecho:

Durante aproximadamente dez anos, uma equipe de engenheiros e de técnicos em eletrônica, sob a orientação de George W. Meek, procurou estabelecer contato com físicos e técnicos falecidos. Inicialmente, tentou-se estabelecer esse contato sem nenhum recurso técnico, recorrendo apenas a médiuns. Esses médiuns falavam de grupos do Além que estariam tentando estabelecer contato idêntico com pessoas na terra. **Em função disso, iniciou o grupo a emissão de sinais eletromagnéticos,** enquanto um médium em transe comunicava, simultaneamente, as reações do outro lado. Finalmente, **o técnico eletrônico e radioamador William O'Neil recebeu dos interlocutores do Além a**

incumbência de construir um conjunto eletromagnético acústico, através do qual, ao longo do ano de 1981, conduziu extensos diálogos com o falecido (em 1967) engenheiro eletricista dr. George J. Mueller. ⁽²¹⁸⁾

Sobre o Spiricom, encontramos esta imagem desse equipamento eletrônico ⁽²¹⁹⁾:



William O'Neil operando o SPIRICOM

O que o transcomunicador ⁽²²⁰⁾ George W. Meek denominou de “planos astrais” pode ser compreendido como faixas ou esferas vibracionais,

em consonância com as referências que já mencionamos anteriormente.

Na obra ***Transcomunicação Instrumental*** (1992), publicada sob o pseudônimo Karl W. Goldstein, por Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), encontramos o seguinte relato:

a) Radioemissoras do além?:

Descreveram, também, um Plano Inferior habitado por seres monstruosos, produtos da decadência e crueldade humanas. **As descrições coincidem muito com as de André Luiz, ditadas através do médium Francisco Cândido Xavier, e referentes ao Umbral.** Explicaram que, com a propagação das ondas de rádio sobreveio uma mudança significativa para os habitantes daquelas regiões inferiores, pois, essas ondas, por sua própria natureza atuam de forma estimulante sobre os encarcerados nessas lúgubres cavernas. (Opus cit., p. 81). Pelas informações, deduz-se que **foi criada uma gigantesca operação destinada a libertar as almas em profundo estado de perturbação e atiradas nas zonas umbralinas**; seria a operação “Despertar dos Mortos”, conforme a batizaram lá. ⁽²²¹⁾

b) As Cavernas do Submundo e o Despertar dos Mortos:

As informações obtidas através das vozes captadas pelos gravadores não são transmitidas por meio de sentenças longas e discursivas, como muitos poderiam pensar. Elas são fragmentárias e constituídas por frases curtas e sintéticas. Entretanto, **permitem que se formem claramente os quadros acerca do Mundo Espiritual**, uma vez grupadas por categorias e conectadas convenientemente. Fazem lembrar um quebra-cabeça que se vai compondo e formando sentido à medida que combinamos as diferentes peças esparsas.

Através das muitas informações obtidas, foi possível a Jürgenson compor um quadro das condições reinantes em **certas regiões do mundo espiritual**. Segundo o próprio Jürgenson, ele recebia *essas mensagens gradativamente, de acordo com sua evolução e compreensão unitiva*

Inicialmente deram-lhe uma descrição **detalhada de certa região do Além, equivalente ao que chamaríamos de Subúrbio** e que compreendia vários Distritos ou planos de existência. Parece que os autores das vozes pertenciam sobretudo a essa região. Depois descreveram-lhe uma zona inferior, onde ficavam os detentores de graves deformações morais oriundas diretamente da crueldade em geral.

Devido às propriedades ideoplásticas da Matéria de lá, essas entidades criaram um submundo fantástico, composto de regiões ocas e trevosas, que as vozes chamavam de Cavernas. Tais covas negras funcionam como locais para onde resvalam os criminosos e demais espíritos de baixa condição moral.

Um fato curioso é o que as vozes denominam de Despertar dos Mortos. Esse despertar ocorre como resultado da propagação das ondas de rádio, as quais atuam de forma estimulante sobre os encarcerados naquelas pavorosas cavernas. Eis como Jürgenson descreve tal acontecimento:

Dentro dessa grande ação libertadora, destinou-se um papel especial ao “Despertar dos Mortos”. Pode parecer fantástico, mas, ao que tudo indica, a maioria dos mortos das regiões do astral inferior encontra-se num estado de sono profundo, principalmente aqueles que tiveram morte violenta. (Opus cit., p. 81).

Os mortos aos quais se refere Jürgenson são aqueles espíritos endividados que, após a morte, **caem nas cavernas do submundo e ali se tornam presas de seus próprios pesadelos**, juntamente com suas vítimas e comparsas.

Do lado de lá, há desencarnados empenhados na operação Despertar dos

Mortos, empregando os recentes recursos de ondas de rádio para esse fim: *Considerando bem, o “despertamento” equivale a uma intervenção psíquica, por meio da qual os “adormecidos” devem ser arrancados do jugo dos seus pesadelos e obsessões.* (Opus cit., p. 81).

Tudo isso faz-nos lembrar as descrições fornecidas através da mediunidade de Chico Xavier e contidas nas obras da série Nosso Lar. A única diferença reside na forma como tais informações foram e são transmitidas pelo grande médium. Sem dúvida, não há termos de comparação entre um gravador electrónico e o ultrassofisticado mecanismo cerebral humano do médium. Mas, para os céticos, o fenómeno das vozes gravadas em fitas magnéticas representa evidência maior no tocante à autenticidade do fato. ⁽²²²⁾

É curioso observar que um renomado pesquisador compare a existência de uma região inferior no plano espiritual ao umbral descrito por André Luiz, enquanto alguns adeptos, cuja produção intelectual não alcança sequer 10% da obra que ele realizou, recursam-se a aceitar essa ideia.

Friedrich Jürgenson (1903-1987) é considerado

o pioneiro da transcomunicação instrumental, gravando milhares de vozes.

Continuando com as informações da obra **Transcomunicação Instrumental** (1992), acrescentamos:

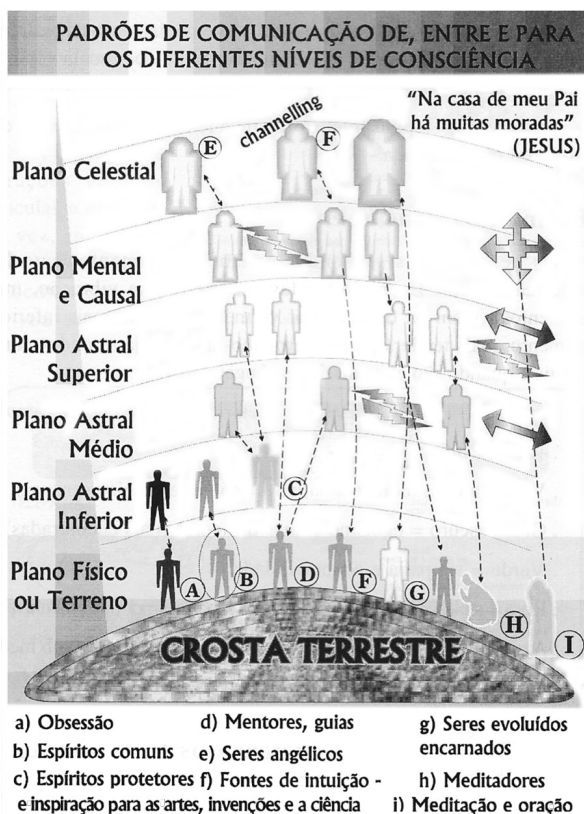
A Retirada do Espírito W. J. Müller

Um fato inesperado ocorreu após alguns meses de colaboração do **Espírito W.J. Müller: ele próprio avisou que não poderia ficar por muito mais tempo junto ao grupo** que operava o Spiricom (Mark IV). E assim aconteceu. Com o passar dos dias, **ele foi paulatinamente perdendo suas densas vibrações terrenas e iniciou sua ascensão a um plano espiritual que não era mais alcançável pelo Mark IV.** George W. Meek só conseguiu comunicar-se com ele através de uma médium que se ofereceu para isso. Segundo Meek ***ele agora está na parte inferior do Astral Superior***, onde já não pode mais ser contactado com os recursos disponíveis oferecidos pelo Mark IV. ⁽²²³⁾ (itálico do original)

Esse relato reforça a hipótese da existência de planos astrais, evidenciada tanto pelas descrições de

Jürgenson quanto pela experiência relatada por George Meek com o Espírito W. J. Müller.

Sonia Rinaldi, atualmente reconhecida como a mais produtiva pesquisadora brasileira da TCI, é autora do livro ***Transcomunicação Instrumental - Contatos com o Além por vias técnicas*** (1996), no qual apresenta a seguinte imagem (²²⁴):



A representação do plano espiritual nessa imagem, guarda notável semelhança com a elaborada por George W. Meek.

Os registros de manifestações das almas do purgatório

“Na maioria das crenças populares, quase sempre, há um fundo de verdade, mas desnaturado, amplificado; são os acessórios, as falsas aplicações que constituem, propriamente falando, a superstição.” (ALLAN KARDEC)

Todos nós, estudiosos do Espiritismo, sabemos que nas obras da Codificação Espírita há várias referências ao purgatório. Vejamos algumas delas.

Mas antes queremos relembrar do capítulo “Argumentos desfavoráveis à ideia do Umbral” este trecho do artigo “Onde está o céu?”, publicado na **Revista Espírita 1865**, mês de março, que fala da população da Terra:

[...] Cada globo tem, pois, de alguma sorte, a sua população própria em Espíritos encarnados e desencarnados, que se alimenta, em maior parte, pela encarnação e desencarnação dos mesmos

Portanto, ao falarmos em “população da Terra” devemos incluir tanto os Espíritos encarnados quanto os desencarnados como parte integrante desse conjunto.

De **O Livro dos Espíritos** destacamos estas três questões:

1013. *Que se deve entender por purgatório?*

“Dores físicas e morais: o tempo da expiação. É quase sempre na Terra que fazeis o vosso purgatório e que Deus vos faz expiar as vossas faltas.”

O que o homem chama **purgatório** é **igualmente uma alegoria, pela qual se deve entender não um local determinado, mas o estado dos Espíritos imperfeitos que estão em expiação** até alcançarem a purificação completa, que os elevará à categoria dos Espíritos bem-aventurados. Operando-se essa purificação por meio das diversas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corpórea.

1014. *Como se explica que Espíritos, cuja*

superioridade se revela por sua linguagem, tenham respondido a pessoas muito sérias, a respeito do inferno e do purgatório, segundo a ideia que deles fazemos vulgarmente?

“É que falam uma linguagem que possa ser compreendida pelas pessoas que os interrogam. **Quando essas pessoas estão imbuídas de certas ideias, eles evitam chocá-las muito bruscamente, a fim de não ferir suas convicções.** Se um Espírito dissesse a um muçulmano, sem precauções oratórias, que Maomé não foi profeta, seria muito mal acolhido.”

1014-a. Compreende-se isso da parte dos Espíritos que desejam instruir-nos. Como, porém, se explica que alguns Espíritos, quando interrogados acerca de sua situação, tenham respondido que sofriam as torturas do inferno ou do purgatório?

“Quando são inferiores e ainda não completamente desmaterializados, os Espíritos conservam em parte as suas ideias terrenas e, para dar suas impressões, se servem dos termos que lhes são familiares. Encontram-se num meio que não lhes permite sondar o futuro senão imperfeitamente, razão pela qual **alguns Espíritos errantes, ou recém-desencarnados, falam como o fariam se estivessem encarnados.** *Inferno* pode

traduzir-se por uma vida de provações extremamente dolorosa, com a incerteza de haver outra melhor; **purgatório, por uma vida também de provações**, mas com a consciência de um futuro melhor. Quando sentes uma grande dor, não dizes que sofres como um condenado? Tudo isso não passa de palavras, e sempre ditas em sentido figurado.” (226)

Surge aqui uma dificuldade interpretativa: se o purgatório é entendido como um “*estado [íntimo] dos Espíritos imperfeitos*”, como conciliar essa definição com as descrições de trevas recorrentes nas obras da Codificação?

O Espírito Miramez, em **Filosofia Espírita - Vol. XX**, esclarece essa concepção de “estado íntimo” ao tratar do purgatório:

A palavra **purgatório**, conforme ensinam algumas religiões, seria um determinado lugar na erraticidade, onde os “mortos” em pecado purgam seus males morais. No entanto, não é bem assim; a Doutrina Espírita, revelada pelos **benfeitores espirituais**, sob a visão de Jesus Cristo, mostra aos homens que **esses lugares têm suas raízes na intimidade das**

criaturas. Eles podem existir, desde quando a sua fonte se encontre na consciência. ⁽²²⁷⁾

A citação de Miramez corrobora a interpretação dada pelos Espíritos: o purgatório não é um lugar físico, mas um estado íntimo da consciência espiritual.

No Capítulo “V – O purgatório”, da Primeira Parte de **O Céu e Inferno**, destacamos alguns trechos dos comentários de Allan Kardec:

a) Item 1:

O princípio do purgatório funda-se, pois, na equidade, porque, comparado à justiça humana, é a **detenção temporária** a par da condenação perpétua. Que diríamos de um país que só tivesse a pena de morte para os crimes hediondos e os delitos mais simples? **Sem o purgatório, só há para as almas duas alternativas extremas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno.** Nessa hipótese, que seria das almas somente culpadas de ligeiras faltas? Ou compartilhariam da felicidade dos eleitos, ainda quando imperfeitas, ou sofreriam o castigo imposto aos maiores criminosos, mesmo quando não houvessem

praticado muito mal, o que não seria nem justo, nem racional. ⁽²²⁸⁾

b) Item 4

É, pois, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja pouco a pouco das suas imperfeições, que se *purga*, até que esteja bastante pura para poder deixar os mundos de expiação, por mundos mais venturosos e, mais tarde, para fruir em outros a suprema felicidade. Assim, o *purgatório* não constitui uma ideia vaga e incerta. É uma realidade material que vemos, tocamos e sofremos; existe nos mundos de expiação, e a Terra é um desses mundos; nela os homens expiam o passado e o presente, em proveito do futuro. Contrariamente, porém, à ideia que deles se faz, depende de cada um prolongar ou abreviar a sua permanência, segundo o grau de adiantamento e pureza atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo. Daí só se sai por mérito próprio, e não por conclusão de tempo ou pelos méritos alheios, consoante estas palavras do Cristo: *A cada um segundo as suas obras*, palavras que resumem integralmente a Justiça de Deus. ⁽²²⁹⁾ (itálico do original)

c) Item 8

O Espiritismo não vem, pois, negar as

penas futuras; vem, ao contrário, confirmá-las. **O que ele destrói é o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis. Também não nega o purgatório, pois prova que nele nos achamos.** Ao defini-lo precisamente e ao explicar a causa das misérias terrenas, conduz à crença aqueles mesmos que o negam. [...]. ⁽²³⁰⁾

d) Item 9:

A palavra *purgatório* sugere a ideia de um lugar circunscrito, aplicando-se, por isso mesmo e mais naturalmente à Terra, considerada como local de expiação, do que ao Espaço infinito onde erram os Espíritos sofredores, sobretudo porque a natureza da expiação terrena tem todas as características da verdadeira expiação. ⁽²³¹⁾
(*itálico do original*)

É importante considerar que os Espíritos em estado de erraticidade, vivendo ao redor do nosso globo e aguardando nova oportunidade de reencarnar, permanecem a vinculados à Terra por não possuírem ainda nível de desenvolvimento intelectual e moral que ela comporta.

Assim, entendemos que “*Espaço infinito onde*

erram os Espíritos sofredores” não se refere apenas aos habitantes da Terra, mas a todos os mundos habitados. Cada Espírito está vinculado ao seu respectivo mundo, o que limita o seu campo de ação. Portanto, sua “habitação” não deve ser compreendida como “Espaço infinito” em sentido literal.

Percebe-se que o Codificador é muito mais favorável à concepção de purgatório do que à de “inferno”, já que a ideia de uma pena eterna para os Espíritos infratores das leis divinas se mostra totalmente incompatível com qualquer senso de justiça.

Isso é fácil de se corroborar com o trecho desta resposta em **O Que é o Espiritismo**, Terceiro Diálogo – O Padre:

É assim, por exemplo, que ele [Espiritismo] **não nega o purgatório; antes, pelo contrário, demonstra sua necessidade e justiça; vai mesmo além, ele o define.** O inferno foi descrito como imensa fornalha, mas será assim que o entende a alta teologia? Evidentemente, não; ela diz muito bem que isto é uma

simples figura; que o fogo que ali se consome é um fogo moral, símbolo das maiores dores. **Quanto à eternidade das penas**, se fosse possível fazer-se uma eleição para se conhecer a opinião íntima de todos os homens que raciocinam e estão aptos a compreendê-la, mesmo entre os mais religiosos, se veria para que lado penderia a maioria, porque **a ideia de uma eternidade de suplícios é a negação da infinita misericórdia de Deus.** ⁽²³²⁾

A segunda parte de **O Céu e o Inferno** é dedicada aos “Exemplos” que nos trouxeram os próprios Espíritos da erraticidade. Vejamos estes três casos:

1º) Capítulo II - Espíritos felizes, Um médico russo:

P. *Que região habitais? Algum planeta?* –
R. Tudo que não seja planeta constitui o que chamais Espaço. É aí que me encontro. Mas **quantas gradações existem nessa imensidade**, das quais o homem não pode fazer ideia! **Quantos degraus nessa escada de Jacó que vai da Terra ao Céu**, isto é, do aviltamento da encarnação em mundo inferior, como o vosso, **até a depuração completa da alma!** Aqui onde ora me encontro só se chega depois de uma

série enorme de provas, ou seja, depois de muitas encarnações. ⁽²³³⁾ (itálico do original)

Quando o Espírito afirma: “Mas **quantas gradações existem** ⁽²³⁴⁾ *nessa imensidade, das quais o homem não pode fazer ideia!*”, podemos interpretar que se refere às faixas vibracionais ou esferas espirituais, cada uma abrigando seu contingente de Espíritos.

Retornaremos esse caso mais adiante, no capítulo “O que podemos encontrar nas obras da Codificação”.

2º) Capítulo II - Espíritos felizes, Jean Reynaud:

P. Em vida professáveis o Espiritismo?

R. Entre professar e praticar há grande diferença. Muita gente professa uma doutrina que não pratica; eu praticava e não professava. Assim como todo homem que segue as leis do Cristo é cristão, ainda que não as conhecesse, também todo homem pode ser espírita, contanto que creia em sua alma imortal, em suas preexistências, em sua marcha progressiva incessante, em suas provas terrestres e nas abluções necessárias para se depurar. Eu acreditava nisto; era,

pois, espírita. **Compreendi a erraticidade, este laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes sujas para se revestir de uma outra, em que o Espírito em progresso tece com cuidado a túnica que vai usar novamente e que deseja conservar pura.** Como vos disse, compreendi e, sem professar, continuei a praticar. ⁽²³⁵⁾ (itálico do original)

Ao comparar a erraticidade com o purgatório, o Espírito Jean Reynaud evidencia a forte semelhança que percebeu entre ambos, reforçando a ideia de que o purgatório pode ser compreendido como esse estado intermediário de depuração.

3º) Capítulo IV - Espíritos sofredores, Claire:

[...] **Se a obscuridade em que estão imersos certos Espíritos fosse inerente às suas personalidades, essa obscuridade seria permanente e geral para todos os maus Espíritos,** o que, aliás, não acontece, visto que **os Espíritos da mais requintada perversidade veem perfeitamente, em trevas profundas.** Tudo indica, portanto, que além da luz que

lhes é própria, os Espíritos recebem uma luz exterior que lhes falta segundo as circunstâncias. Conclusão: **a obscuridade depende de uma causa ou de uma vontade estranha, constituindo punição especial da Soberana Justiça, para casos determinados.** ⁽²³⁶⁾ (itálico do original)

Esse relato parece contrariar a ideia de que o Umbral seja apenas um estado íntimo.

Afinal, se a obscuridade fosse inerente às personalidade dos Epíritos, seria permanente e geral para todos os maus Espíritos. O texto sugere, ao contrário, que essa obscuridade decorre de uma causa externa ou de uma vontade superior, funcionando como punição específica.

Em nossa biblioteca, identificamos seis obras que relatam casos de pessoas vinculadas à Igreja Católica que afirmaram ter contato com as almas do purgatório.

Transcreveremos alguns trechos, mesmo que estejam visivelmente marcados pela dogmática teológica, pois mantêm relação direta com nosso

tema.

1ª) **Sufrágio**

O teor dessa obra relaciona-se a “Orações e novenas para sufragar as almas do purgatório”. Do tópico “Revelações de Santa Francisca Romana”, italiana venerada na Igreja Católica, nascida em 1384, cuja morte ocorreu em 1440, ressaltamos o seguinte trecho:

Admirável é a luz que derramam sobre esta importante doutrina as revelações de Santa Francisca Romana.

Na relação que delas fez, por ordem do seu confessor, a Santa diz que **foi levada ao Purgatório** pelo Arcanjo São Rafael, e que foram-lhe mostradas as Almas Padecentes em **três regiões ou esferas**, uma acima da outra.

1º - NA REGIÃO INFERIOR viu as Almas envolvidas em terríveis chamas de fogo menos tenebroso do que o Inferno: a Santa diz que nesta região são detidas as Almas que cometeram pecados graves de que não fizeram suficiente penitência: o fogo é o mesmo para todas, umas porém sofrem mais do que as outras, conforme a gravidade dos pecados cometidos: cada pecado mortal pelo qual não se satisfaz a

DEUS, depois da absolvição, é expiado no Purgatório por SETE ANOS de suplícios nesta REGIÃO INFERIOR, conforme diz a mesma Santa.

2º – Na REGIÃO DO MEIO são detidas as Almas que não cometeram tão graves culpas: as penas do fogo que sofrem são terríveis, mas não tão horríveis, nem tão prolongadas como as da REGIÃO INFERIOR.

3º – Na REGIÃO SUPERIOR padecem as Almas que caíram em pecados mais leves, ou que tendo já expirado culpas graves completam sua purificação, ou dão a DEUS a última satisfação antes de serem admitidas à sua divina presença, e de entrarem **no lugar do suavíssimo refrigério, na Região da Eterna Luz, no imenso oceano da Paz bem-aventurada.** (*História de Rohrbacher, vol. II, p. 291.*)

4º – A mesma Santa refere que via muitos Anjos ocupados em levar as Almas com muita caridade de um lugar do Purgatório para outro; são Anjos aos quais a Divina Misericórdia confiou este ofício, mas não são os Anjos da Guarda; **estes, diz a Santa, apresentam à divina justiça os sufrágios oferecidos a DEUS pelos parentes, ou amigos das Almas, e DEUS aceita e os entrega ao Anjo da guarda, que os comunica à Alma por quem foram oferecidos, e lhe alivia as penas que sofre.**

5º – As Santas Missas, orações, esmolas, mortificações, ou indulgências que se aplicam a uma Alma em particular, aliviam principalmente, ou libertam primeiro a esta, mas, diz a Santa, todas as Almas do Purgatório também sentem alívio por causa da caridade que reina entre todas essas Almas santas. As Missas oferecidas e mais sufrágios feitos pelas Almas que não precisam, por estarem já no Céu, aproveitam aos que oferecem, e a todas as Almas do Purgatório. ⁽²³⁷⁾ (negrito do original)

Falta o 6º item que não transcrevemos por não conter nada que venha acrescentar a essa nossa pesquisa.

É bastante significativa a informação de que o purgatório é dividido em “**três regiões ou esferas, uma acima da outra**” – região inferior, região do meio e região superior –, comprovando o que se lê em várias obras espíritas e em algumas dessa lista.

2ª) **As minhas relações com as almas do purgatório**

As revelações a Maria Ana Lindmayr (1657-1726) tiveram início por volta de 1690, vejamos o

seguinte tópico:

7 - VISÃO E DESCRIÇÃO DO PURGATÓRIO

Foi nesse tempo que eu fui muitas vezes conduzida ao Purgatório, e pude então ver esse lugar pavoroso. No dia 15 de Maio, depois da minha santa Comunhão, na igreja dos Jesuítas (isso ter-me-ia sido apenas representado, ou fui mesmo conduzida pelo meu Anjo da Guarda? Não o sei) vi diante de mim uma grande fossa ⁽²³⁸⁾ de que não podia reconhecer a extremidade, porque estava mergulhada na escuridão completa. Apesar disso, dei-me conta de que esta fossa estava ocupada, mas não consigo descrever-lhe completamente a forma. Pareceu-me que, de uma extremidade à outra, reinava nela uma grande desordem ⁽²³⁹⁾, e uma horrível indecência, como numa pocilga de porcos ⁽²⁴⁰⁾. Tive de demorar-me lá muito tempo, embora isso me tivesse feito verdadeiramente parar o coração. Depois, vi uma outra região, mas muito perto dessa fossa, do lado direito. Essa região pareceu-me uma conduta de água de moinho, cujas águas engrossadas caem em cascata. Mas era uma cascata de fogo que caía, de forma que me espantei por aí poder haver uma água de fogo ⁽²⁴¹⁾. Mas

*quando eu regressei a mim, compreendi: esta fossa profunda, sem fim, é o inferno; **essa conduta de água de moinho, é o Purgatório (pré inferno), em que as pobres almas são mergulhadas** como em água de fogo, mas com uma grande diferença, não segundo a pena, porque estão submergidas no fogo, mas segundo a ordem e o amor com que elas sofrem* ⁽²⁴²⁾. [...] ⁽²⁴³⁾

Destaca-se a afirmação de “que as pobres almas são mergulhadas” no purgatório, o que evidencia tratar-se de uma condição objetiva e não apenas de um estado íntimo.

3ª) **Manuscrito do Purgatório**

O manuscrito registra as revelações feitas à Irmã Maria da Cruz (1840-1917), entre 1874 a 1890 ⁽²⁴⁴⁾. Vejamos trechos de algumas dessas comunicações, nos quais o caixa alta é do original:

1874

(Festa da Anunciação da Virgem Maria)

“Estou agora no **SEGUNDO PURGATÓRIO**. Desde minha morte eu

estava no **PRIMEIRO**, onde se sofre dores muito grandes. Sofre-se também muito no segundo, porém menos que no primeiro.”
(²⁴⁵)

(Maio)

“Eu estou no **segundo purgatório** desde o dia da Anunciação da Santíssima Virgem. Nesse dia, **vi pela primeira vez a Santíssima Virgem, porque no primeiro purgatório a gente não a vê**. A visita de Maria nos anima, e depois, esta boa Mãe nos fala do Céu. Enquanto a vemos, nossos sofrimentos parecem diminuídos.” (²⁴⁶)

1878

(Retiro de agosto)

“Os grandes pecadores e os que ficaram toda vida afastados de Deus pela indiferença, e bem assim as religiosas que não foram o que deveriam ter sido, estão no **GRANDE PURGATÓRIO**. E lá as orações que se fazem por estas almas não são aplicadas. Elas foram indiferentes para com Deus em vida, e por sua vez, agora, ele, o Senhor, é indiferente para com elas e as deixa numa espécie de abandono, a fim de que elas reparem assim sua vida que foi nula.

Ah! não podeis imaginar nem representar ainda na terra quem é Deus. Nós, porém, o sabemos e o entendemos porque nossa

alma está desprendida de todos os laços que a prendiam e impediam de compreender a santidade, a majestade do bom Deus, sua grande misericórdia. Somos mártires. Nós nos derretemos de amor, por assim dizer. Uma força irresistível nos leva para o bom Deus como nosso centro, e ao mesmo tempo, **uma força nos impele para o lugar da nossa expiação**. Estamos neste estado oprimidas e aflitas pela impossibilidade de satisfazer os nossos desejos.

Oh! que sofrimento! Nós, porém, o merecemos. E aqui ninguém murmura. Queremos o que Deus quer. Ninguém poderá compreender na terra o que padecemos!

Sim, eu estou bem aliviada, **eu não estou mais no fogo**. Agora eu só tenho o desejo insaciável de ver a Deus, sofrimento cruel ainda! Sinto, todavia, que se aproxima o término do meu exílio e me aproximo do lugar a que aspiro com todos os meus desejos. ⁽²⁴⁷⁾

1879

(Retiro de setembro)

"Nós vemos São Miguel como se veem os Anjos. Eles não têm corpo. **São Miguel vem ao purgatório buscar todas as almas que já estão purificadas, porque é ele quem as conduz ao Céu**. Sim, é verdade,

ele está entre os Serafins, como me disse Monsenhor. É o primeiro anjo do Céu. **Nossos anjos da guarda vêm também nos ver**, mas São Miguel é muito mais belo do que eles todos!

Quanto à **Santíssima Virgem**, nós a vemos com seu corpo. **Ela vem ao purgatório em suas festas e volta para o Céu com muitas almas**. Enquanto Ela está conosco, não sofremos. **São Miguel a acompanha**. Mas quando se afasta, estando somente São Miguel, nós sofremos como sempre.

Quando vos falei do grande, e do segundo purgatório, era para vos dar a compreender. Eu queria dizer que **há diferença de graus** no purgatório. Assim, eu chamo o grande purgatório onde estão as almas mais culpadas, onde eu fiquei dois anos.

No **segundo** purgatório, que é sempre o purgatório, mas que, no entanto, é diferente do primeiro (o grande), sofre-se também, porém menos. Finalmente, há um **TERCEIRO** que é **o purgatório do desejo**. Lá não há fogo. Lá estão as almas que não desejaram bastante o Céu e que não amaram bastante a Deus neste mundo. **Eu estou agora lá neste momento. E, nestes três purgatórios, há ainda graus. A medida que uma alma se purifica, sofre menos, e já não sofre os**

mesmos tormentos. Tudo está em proporção às faltas que devem expiar.

O retiro foi bom. Há de produzir muitos frutos. O diabo é que não está contente. ⁽²⁴⁸⁾
(negrito do original é o que está sublinhado)

Encontramos esta imagem com estes dois personagens: Santíssima Virgem e São Miguel ⁽²⁴⁹⁾:



(13 de agosto)

- Qual é o melhor meio de glorificar São Miguel?

"O meio mais eficaz de o glorificar no Céu e na terra é recomendar, quanto possível, a

devoção às almas do purgatório e fazer conhecer a grande missão que ele tem junto das almas sofredoras. **Ele é o encarregado de levá-las do lugar da expiação e introduzi-las depois da satisfação, no Céu, morada eterna.** Cada vez que uma alma vem aumentar o número dos eleitos, Deus é glorificado por ela e esta glória de certo modo reflete sobre o glorioso ministro do Céu. É uma honra para ele apresentar ao Senhor as almas que irão cantar as infinitas misericórdias e unir seu reconhecimento aos dos eleitos por toda eternidade. Eu não posso vos fazer compreender todo o amor que o celeste Arcanjo tem por seu divino Mestre e o amor que, por sua vez, Deus tem por São Miguel, e bem como a grande piedade que São Miguel tem de nós. Ele nos dá coragem no sofrimento quando nos fala do Céu. ⁽²⁵⁰⁾ (negrito do original é o que está sublinhado)

- Conheceis as coisas da terra?

“Eu não as conheço senão enquanto Deus o quer, e meu conhecimento é muito restrito. Conheço alguma coisa da comunidade e é só. Não sei o que se passa na alma das outras pessoas, à exceção da vossa, e isto porque Deus o permitiu, para vossa perfeição. O que vos digo algumas vezes de pessoas particulares, e ainda vos direi, Deus me fez conhecer no momento, mas fora disto não sei mais de coisa alguma.

Certas almas têm conhecimentos mais e mais extensos do que eu. Tudo isto é proporcionado ao mérito.

Quanto aos graus de purgatório, eu vos posso falar deles, pois eu passei por lá. No **grande purgatório** *há diferentes graus*. No mais **profundo e baixo**, no que mais se sofre, e que é um inferno momentâneo, lá estão os pecadores que cometeram enormes crimes durante a vida, e que a morte os surpreendeu neste estado **sem que tivessem tempo de se penitenciarem**. Salvaram-se por milagre, muitas vezes pelas orações dos parentes e de pessoas piedosas. Algumas vezes, nem puderam se confessar, e o mundo os julgou condenados, mas o bom Deus, cuja misericórdia é infinita, lhes deu no momento da morte a contrição necessária para se salvarem, tendo em vista algumas ações boas que praticaram na vida. Para estas almas o purgatório é terrível! É um inferno, exceto que no inferno se amaldiçoa a Deus, enquanto que no purgatório O bendizem e agradecem por terem sido salvos.

Logo em seguida, vêm as almas que, sem terem cometido grandes crimes, foram indiferentes para com Deus. Não cumpriam o dever pascal, e convertidas na hora da morte, nem puderam às vezes comungar, e no purgatório se encontram em penitência de sua longa indiferença. Sofrem penas inauditas, abandonadas, sem

orações, e se fazem orações por elas não as podem aproveitar.

Depois, enfim, há ainda o purgatório das religiosas e dos religiosos tíbios, que se esqueceram dos seus deveres, indiferentes para com Jesus; padres, que não exerceram seu ministério com a reverência devida à Majestade Divina e não fizeram as almas que lhe foram confiadas amar bem a Deus.

Eu estou neste grau. No **segundo purgatório** se encontram as almas que morrem culpadas de pecados veniais, não expiados antes da morte, ou então, em pecados mortais perdoados, mas dos quais não satisfizeram inteiramente à justiça Divina. **Há também no purgatório diferentes graus, segundo os méritos das pessoas.**

Assim, o purgatório das pessoas consagradas e que receberam maiores graças, é mais longo e mais penoso do que o das pessoas do mundo.

Finalmente, o **purgatório do desejo (o terceiro)**, que se chama o *Átrio* ou *Vestíbulo do Céu*. Poucas pessoas o evitam. Para o evitar é mister ter desejado ardentemente o Céu, e tendo em vista Deus, a presença e a visão de Deus. E é raro isto, porque muitas pessoas, mesmo muito piedosas, têm medo de Deus e não desejam bastante o Céu com ardor. Este purgatório tem seu martírio bem doloroso como os

outros: estar privado da visão do bom Jesus. Que sofrimento!" ⁽²⁵¹⁾ (itálico é do original, o negrito do original é o que está sublinhado)

Há também algumas almas que não ficam no purgatório propriamente dito. Assim, por exemplo, eu vos acompanho por toda parte, e quando repousais, eu sofro mais, pois fico no purgatório. **Outras almas fazem às vezes o seu purgatório nos lugares onde pecaram,** ao pé dos santos altares, onde se encontra o Santíssimo Sacramento, mas não importa o lugar onde se encontram, porque levam com elas o sofrimento, embora seja menos intenso do que no purgatório mesmo. ⁽²⁵²⁾

Como sabeis que M. P. foi direto para o Céu, pois não a vistes passar pelo purgatório?

“Deus me revelou e ele também, por pura bondade, permite que eu saiba o que vós me pedis, quando eu não o vi ou não percebi por mim mesma. **A justiça de Deus nos retém no purgatório, é verdade, e nós o merecemos, mas crede que a sua misericórdia e seu Coração Paterno não nos deixam lá sem nenhuma consolação.** Desejamos muito nossa união com Deus, mas ele não a deseja menos do que nós. Na terra ele se comunica de uma maneira íntima com certas almas e se compraz em lhes desvendar seus segredos.

As almas que lhe são agradáveis, são as que no seu modo de proceder não vivem e não respiram senão por Jesus, e só procuram agradá-LO.

No purgatório há almas bem culpadas, mas arrependidas, e não obstante **as faltas que têm ainda a expiar**, estão confirmadas em graça e já não podem pecar. São perfeitas. Pois bem, à medida, e na proporção que uma alma se purifica no lugar da expiação compreende melhor a Deus, ou Deus e ela se compreendem melhor, sem entretanto se verem, porque então não haveria mais purgatório!

Se nós não conhecêssemos a Deus mais do que quando aí na terra, nossas penas e nosso martírio não seriam tão poderosos, tão cruéis! O que faz nosso principal tormento é a ausência daquele único objeto de nossos longos anos de desejos". ⁽²⁵³⁾
(negrito do original é o que está sublinhado)

Os três amigos de V.P. estão no Céu há muito tempo? Pois bem, que é feito das orações que se fizeram por eles?

"As pessoas que estão no Céu, e pelas quais rezam na terra, podem dispor dessas orações pelas almas que desejem aplicá-las. **É uma lembrança bem doce para as almas do outro mundo, ver que os parentes e os amigos não as esqueceram na terra**, embora não tenham

mais necessidade de orações. E em retribuição não são elas ingratas!

Os juízos de Deus são bem diferentes dos da terra. Ele olha para o temperamento, o caráter, o que se fez por leviandade ou por pura malícia. Conhece o fundo dos corações. Não lhe é difícil ver o que neles se passa. Jesus é muito bom, sim, mas é muito justo também!... ⁽²⁵⁴⁾ (negrito do original é o que está sublinhado)

- Dizei-me o que se passa na agonia e depois? A alma encontra a luz nas trevas? Sob que forma se pronuncia a sentença?

“Eu não tive agonia, como bem sabeis, mas eu posso vos dizer que no último momento decisivo, o demônio emprega toda a sua raiva em torno dos agonizantes. Deus, para dar mais mérito às almas, permite que elas sofram as últimas provas nestes últimos combates, sobretudo as almas fortes e generosas, a fim que tenham um lugar mais belo no Céu.

[...].

Como hei de vos descrever **o que se passa depois da agonia?** Não é possível compreender o que se passa, então. Vou procurar explicar da melhor maneira que puder. A alma, ao deixar o corpo, se encontra toda tomada, toda investida, se assim posso me exprimir, de Deus. Ela se

encontra numa tal claridade, **que num instante percebe toda a sua vida e o que ela mereceu. É em meio dessa visão clara que se pronuncia sua sentença.** Se é uma alma culpada, e por conseguinte merece o purgatório como eu, ela fica de tal maneira esmagada sob o peso das suas faltas que ficam para apagar, que ela por si mesma se atira no purgatório. A alma vê o bom Deus, mas está aniquilada na sua presença. É só, então, que a gente compreende o om Deus, o seu grande amor pelas almas, e que desgraça é o pecado aos olhos da Majestade divina!” ⁽²⁵⁵⁾ (negrito do original é o que está sublinhado)

1880

(16 de setembro)

“Como se compreende muito pouco na terra o desapego que Jesus quer de uma alma que deve ser toda dele! Algumas se julgam santas porque experimentam um amor mais sensível do que ordinariamente; mas, todas estas sensibilidades naturais nada são. **É preciso que a alma se eleve, se desapegue pouco a pouco, de tudo que a cerca, e sobretudo de si mesma, de seu amor-próprio, das suas paixões, a fim de chegar à união divina** e, só Jesus sabe quanto custa à natureza chegar até lá! O coração há de ser triturado a fim de sair dele todo o amor humano. E é difícil! Poucas almas compreendem estas coisas!”

Na afirmação de que *“Há também no purgatório diferentes graus, segundo os méritos das pessoas”*, novamente aparece referência a três graus no purgatório.

O aspecto interessante é que, embora vinculada às tradições cristãs, a manifestação descreve o purgatório em graus distintos, algo que não aparece na teologia oficial, mas se aproxima das concepções espíritas.

Entendemos que a relatada visita da *“Santíssima Virgem”* ao purgatório bem como a dos anjos da guarda e também São Miguel indo lá *“buscar todas as almas que estão purificadas”* como uma nobre atividade de Espíritos superiores, que, agindo em nome de Deus, prestam assistência, socorro, consolo, etc., a todos os Espíritos que se encontram na erraticidade, seja qual for a sua situação perante as leis divinas.

A frase *“uma força nos impele para o lugar da nossa expiação”* é significativa, pois sugere que cada

Espírito se dirige naturalmente à faixa vibracional com a qual está em sintonia. O termo “expição” é comum no meio espírita, é outro detalhe que nos chamou a atenção.

O livro **Manuscrito do purgatório**, encerra-se com um “Anexo”, contendo uma mensagem atribuída a Nossa Senhora a Mamma Carmela, em 13 de fevereiro de 1971, da qual destacamos os seguintes parágrafos:

“Lembra-te dos teus novíssimos...”

“Meus queridos filhos, eis-me aqui, ainda e sempre para vos falar de coisas muito importantes, relacionadas com o grande problema da vossa santificação e da vossa salvação eterna.

“Hoje, pois, irei falar-vos de um tema de capital importância. Está escrito nos Livros Sagrados: *‘Em todas as tuas obras, lembra-te dos teus novíssimos e jamais pecarás’* (Ecl 7,40)

“Vós conheceis, os novíssimos? Vou falar de um deles, o JUÍZO. Hoje, quero falar-vos desse importante momento em que vos ireis encontrar, face a face, com o vosso Deus.

“No mesmo instante em que vosso corpo se separar da alma, vossa

consciência aparecer-vos-á como num espelho e vós mesmos podereis julgar o estado da vossa alma, com o próprio olhar de Deus. Aparecerão as vossas ações, com todas as suas imperfeições. Os vossos pensamentos, embora escondidos, aos olhos de todos, serão tão claros diante de vós, como se os vísseis escritos. Os afetos, as palavras, as intenções surgirão como se fossem escritas numa página impressa com tipos claros e indeléveis. Tudo será então, de ser avaliado, examinado, na origem, no ato da realização e no fim. Coisa alguma, por pequena que seja, poderá fugir a esse exame perfeito, no qual vós mesmos estais em causa e, nele, dar-vos-eis perfeitamente conta do malfeito, do bem-feito mal e do bem que deveríeis e poderíeis ter feito e que não fizestes, por má vontade, preguiça e indolência ou por terdes preferido a vossa comodidade à lei de Deus.

“Nesse exame particular e minucioso, estará presente vosso Anjo da Guarda que, em tudo e por tudo, vos acompanhou e a quem tereis talvez desobedecido, não ouvindo seus bons conselhos e suas boas inspirações. ⁽²⁵⁷⁾

Nas obras da Codificação encontramos referências à visão retrospectiva que o Espírito realiza quase imediatamente após a morte, em

obediência a uma lei superior. O trecho *“No mesmo instante em que vosso corpo se separar da alma, vossa consciência aparecer-vos-á como num espelho”* parece corresponder exatamente a essa descrição.

4ª) **Conversando com as Almas do purgatório**

A princesa Eugênia von der Leyen (1867-1929) *“teve, de 1921 a 1929, contato com almas do Purgatório.”* ⁽²⁵⁸⁾, cujas relevações foram registradas nessa obra:

a) Tópico: A velha trapeira

20 de junho – Estando eu para me flagelar por Weiss, pareceu ele, ao meu lado, com uma expressão e disse: “Tu me remiste.” – “Não fui eu, foi a misericórdia de Deus.” – “Serve-se de ti!” – **“Aonde vais agora?”** – **“A uma esfera superior”**. [...]. ⁽²⁵⁹⁾

b) Tópico: João

8 de junho – João acaba de vir em plena forma humana. Falei: “Então! Agora és tal e qual em vida. **Por que tiveste de aparecer em forma de animal?**” – “Era o

símbolo adequado de minha vida.” “Pois não! Contudo levavas uma vida normal, e não deste escândalo.” – “A Justiça Divina vê tudo diferente da maneira que é comum aos homens. Minha alma estava esfomeada; procurava e não encontrava.” – “E como te salvaste?” – “Na hora derradeira eu cri.” – “Por favor, fala um pouquinho do Além!” “É a clareza e a compreensão. Quem semeou, pode colher.” “Qual é o teu maior sofrimento?” – “O anseio.” “Anseio por Deus?” – “Sim!”

“Estás separado dele ainda totalmente?”
“Estou no espaço intermediário.” “No purgatório?” “Não.” Ele disse mais alguma coisa, mas não foi possível entendê-lo; talvez tenha sido **“por cima”**, mas não o posso afirmar com certeza. ⁽²⁶⁰⁾

c) Tópico: Um desconhecido fala do abismo

6 de maio – De fato, é como eu pensava. Perguntei-lhe: “És tu o Aloísio Z..., que morreu nos Alpes?” “Tu me libertas!” “Como pode isso ajudar-te, esse simples fato de eu te conhecer?” “Então me ajudarás mais!” “Não, isso não faz diferença. Faço o que posso. Encontram-se ainda os teus ossos no abismo?” – “Sim.” “Mas isso não prejudica tua alma! Ela está salva.” – “Sim, está ⁽²⁶¹⁾. Mas ainda **no abismo**. Das profundezas clamo a vós, Senhor.” “Tens ainda muita penitência para fazer?” “Toda a minha vida

carecia de sentido. Quanto sou pobre! Reza comigo!” Assim o fiz, e longamente. Nem eu entendo como sou capaz de rezar desse jeito. Deixo de ser totalmente o “eu” dissipado. Ele acalmou-se de todo e me olhava com muita gratidão. Perguntei-lhe: “Sentes algum alívio?” “Sinto.” – “Por que não rezas tu também?” – “A alma sente-se desalentada quando chega a conhecer a Majestade Divina.” – “Não podes descrevê-la melhor para mim?” – “Não. O anseio devorador de revê-la é a nossa tortura.” – “Estás junto com outras almas?” “Estou; contudo, cada alma está só.” “E como me encontraste?” “Tu estavas no meu caminho.” – “De que modo posso ajudar-te melhor?” – “Quando te mortificas e se não cometeres pecado.” “Exiges muito de mim. Posso e quero mortificar-me e gostaria de viver sem cometer pecado, mas não o consigo. Infelizmente continuo vivendo no corpo e estou sendo exposta a tantas situações perigosas.” “Quanto mais pura te tornares, tanto mais nos poderás ajudar.” “Como percebes isso?” – “Não sofremos em tua presença.” – “Mas então, que procurem as pessoas perfeitas!” “É-nos indicado o caminho que devemos tomar.” – **“De que esfera podem as almas vir a mim?” “Das inferiores.”** – “E depois?” Ele não respondeu, mas demorou ainda comigo por muito tempo. ⁽²⁶²⁾

As “esferas” mencionadas não parecem indicar mundos distintos, mas sim graus de expiação em que o purgatório se divide, nos quais as almas purificam suas faltas.

A ideia de um purgatório dividido em graus não existe na crença católica tradicional, razão pela qual não há fundamento para rejeitar tais relatos.

5ª) **Diário: a misericórdia divina na minha alma**

Maria Faustina Kowalska (1905-1938), escreveu, “*por expressa ordem de Nosso Senhor*” (263), o seu Diário durante os últimos quatro anos da sua vida. Assim, em 1934, têm início do seu contato com as almas do purgatório.

Do caderno I, item 20, transcrevemos:

Vi o Anjo da Guarda que me mandou acompanhá-lo. Imediatamente encontrei-me num lugar enevoadado, cheio de fogo, e, dentro deste, uma multidão de almas sofredoras. Essas almas rezavam com muito fervor, mas sem resultado para si mesmas; apenas nós podemos ajudá-las. As chamam que as

queimavam não me tocavam. O meu Anjo da Guarda não se afastava de mim nem por um momento. E **perguntei a essas almas** qual era o seu maior sofrimento. Responderam-me, unânimes, que o maior sofrimento delas era a saudade de Deus. **Vi Nossa Senhora que visitava as almas no Purgatório.** As almas chamam a Maria “Estrela do Mar.” **Ela lhes traz alívio.** Queria conversar mais com elas, mas o meu Anjo da Guarda fez-me sinal para sair. **Sáímos pela porta dessa prisão de sofrimento.** [Ouvi então uma voz interior] que me dizia: **A Minha misericórdia não deseja isto, mas a justiça o exige.** A partir desse momento, me encontro mais unida às almas sofredoras. ⁽²⁶⁴⁾ (o negrito que é do original sublinhamos)

A ação de Maria de Nazaré é novamente destacada, mas pode se entendida como representativa da atuação de Espíritos superiores e santos, que prestam auxílio às almas sofredoras no purgatório.

Observa-se uma clara correspondência com o que encontramos na literatura espírita, descrevendo Espíritos elevados visitando, consolando e até resgatando almas do Umbral, conforme o mérito que

tenham adquirido.

6ª) ***Maria Simma e as almas do purgatório***

Maria Ágata Simma (1915-2004), austríaca, relatou experiências de comunicação com as almas do purgatório a partir de 1940 ⁽²⁶⁵⁾.

O que sofrem as almas do purgatório?

Sofrem de mil maneiras. **Há tantos tipos de purgatório quantas são as almas.** Cada uma sente saudade de Deus e esta é a dor mais lancinante. **Além disso, cada alma é punida naquilo e por aquilo que a fez pecar.** Acontece também na terra, quando a punição segue uma má ação: quem come demais sofre dor de estômago; quem muito fuma fica intoxicado pela nicotina e corre o perigo de ter câncer nos pulmões.

Nenhuma alma gostaria de retornar à terra para viver como antes, nas trevas deste mundo, porque conhece coisas das quais não temos sequer ideia. ⁽²⁶⁶⁾ (o negrito que é do original sublinhamos)

Trata-se de mais uma fonte que menciona

graus de purgatório, ainda que afirme existirem *“tantos tipos de purgatório quantas são as almas”*. Além disso, descreve-o como trevas, o que reforça nossa interpretação de que não se trata apenas de um estado interior, mas de uma condição exterior vivida pela própria alma.

Fontes que se destacam a partir de abril/1869

"Mesmo que a janela seja a mesma, nem todos os que se debruçam veem as mesmas coisas: a vista depende do olhar." (ALDA MERINI)

A seguir, destacamos algumas obras publicadas após o desencarne de Allan Kardec, em 31 de março de 1869, que abordam aspectos relacionados ao nosso tema.

1ª) **Revista Espírita 1869**, mês de novembro:

Lembramos ao leitor que, a partir do retorno do Codificador ao mundo espiritual, a *Revista Espírita* passou a ser administrada por seus sucessores. ⁽²⁶⁷⁾, o que ele produziu finalizou no mês de abril de 1869, porquanto o material já estava pronto antes de sua morte.

Após uma comunicação de um Espírito sofredor, em Marseille, em setembro de 1869,

manifestou-se Brunat, um dos guias protetores do grupo, aconselhando-o. De sua mensagem destacamos o seguinte trecho:

“Como vês, **a tua foi a vida de um egoísta**: se não cometeste crimes como o entendes, como muitos outros viveste para a satisfação de tuas paixões. Tu te agarraste à matéria; do teu ventre fizeste um deus... e, de repente, num festim, em meio a um banquete, a morte veio ferir-te. **Em alguns segundos passaste dos prazeres tempestuosos de uma existência egoísta à obscuridade profunda em que hoje erras. Esse isolamento e essas trevas, não os mereceste?** por que verias agora, tu que deixaste na noite da ignorância os que terias podido esclarecer? por que serias requestado e acolhido, desde que não podes oferecer aos teus amigos da Terra os prazeres que vos reuniam, e já que não acolheste nem requestaste aqueles a quem poderias ter dado um pouco de esperança e de resignação, essas riquezas do coração que os mais pobres podem possuir em abundância? Por que és tão infeliz? Ah! nós o vemos, nós, a quem nada é escondido; o de que lamentas são os prazeres que não podes mais desfrutar, a companhia que partilhava tua vida folgazona, a quem a orgia fazia que esquecesses o sofredor e o infeliz. ⁽²⁶⁸⁾

O relato mostra que o egoísmo em vida conduziu o Espírito às trevas, oferecendo uma lição clara e útil para todos nós encarnados.

2ª) O livro **Entre Dois Mundos** (1874), de autoria da espiritualista **Antoinette Bourdin** (1831-1904), é singular, porquanto foi publicado vinte anos após sua experiência de quase morte que ela vivenciou aos dezenove anos. A seguir, vejamos alguns trechos selecionados:

a) Capítulo XXIII - MAIS MUNDOS DE EXPIAÇÃO:

Imensa, minha mãe, é a rota que percorro todos os dias, **nesses mundos errantes formados pela reunião de pensamentos dos Espíritos**, tais como **os sítios de expiação criados pelos remorsos**.

[...].

Regiões há, nas quais se reúnem os fanáticos da religião e da política. De ordinário, **estes habitam pequenas esferas, muito próximas da Terra**. Daí, acompanham com interesse tudo que se passa concernente à doutrina que ainda professam, e contribuem largamente para suscitar as paixões dos homens que pensam com eles.

Estes Espíritos circunscrevem-se ao seu círculo e **não cogitam se é boa ou má a causa que professam** e cujo triunfo visam, a despeito de tudo, sofrendo igualmente dos seus fracassos e tropeços.

Em núcleos tais, jamais vi Espíritos de ordem elevada. Ao contrário, **o que neles ressaltava era uma expressão de ódio e de inveja, uma tenacidade cega** que lhes não permitia qualquer desenvolvimento intelectual. E assim é que chegam a temer a visita dos Espíritos superiores, que vão combater seus esforços, inspirando-lhes a prudência, a sabedoria, a justiça. ⁽²⁶⁹⁾

As expressões “*sítios de expiação criados pelos remorsos*”, “*não cogitam se é boa ou má a causa que professam*” e “*o que neles resalta era uma expressão de ódio e de inveja, uma tenacidade cega*” leva-nos a crer que se trata de ambientes envolvidos em escuridão ou trevas, sobretudo quando se afirma que “*em núcleos tais, jamais vi Espíritos de ordem elevada*”.

3ª) **Depois da Morte** (1890):

Nessa obra, em vários momentos, **Léon Denis** (1846-1927) fala de trevas. Mencionaremos, apenas

estes dois:

Outros espíritos, de ordem inferior, **encontram-se mergulhados numa noite escura, num isolamento completo no meio de trevas profundas.** A incerteza, o terror pesam sobre eles. Os criminosos são atormentados pela visão medonha e incessante de suas vítimas. ⁽²⁷⁰⁾

Enquanto as almas libertas das influências terrestres **constituem-se em grupos simpáticos**, nos quais todos os membros se amam, se compreendem, vivem numa igualdade perfeita e em profunda felicidade, **os espíritos que não puderam vencer suas paixões levam uma vida errante**, nômade, que sem ser uma causa de sofrimentos, deixa-os incertos, inquietos. Eis o que se chama erraticidade, e **essa é a condição da maioria dos espíritos que viveram na Terra**, espíritos nem bons, nem maus, mas fracos e inclinados às coisas materiais.

Encontram-se na erraticidade multidões imensas, sempre à procura de um estado melhor, que lhes foge. **Espíritos inumeráveis aí flutuam**, indecisos entre o justo e o injusto, a verdade e o erro, **a sombra e a luz**. Outros estão **mergulhados no isolamento, na obscuridade**, na tristeza ou vão

recolhendo, daqui e dali, um pouco de benevolência e simpatia.

A ignorância, o egoísmo, **os defeitos de todo tipo reinam ainda na erraticidade e a matéria aí exerce sempre sua influência.** O bem e o mal acotovelam-se. É, de alguma forma, o vestibulo dos Espaços luminosos, dos mundos melhores. Todos por ali passam, todos permanecem, mas para elevarem-se mais alto.

O ensino dos espíritos sobre a **vida de além-túmulo** mostra-nos que **não há lugar para a contemplação estéril nem para a beatitude ociosa.** Todas as regiões do Universo estão povoadas de espíritos laboriosos. Em toda a parte multidões de almas sobem, descem, **agitam-se no meio da luz ou nas regiões de trevas.** Num ponto, auditórios reúnem-se em assembleia para receber as instruções de espíritos elevados. Mais adiante, **formam-se grupos para festejar a chegada de um recém-vindo.** Além, outros espíritos combinam os fluidos, emprestam-lhes mil formas, mil tonalidades mescladas e maravilhosas, preparam-nos para os usos sutis que os gênios superiores lhes destinam.

Outras multidões, **multidões sombrias,** perturbadas que influem, inconscientemente, sobre os elementos atmosféricos, apressam-se **em torno dos globos** e os seguem nas suas revoluções.

Espíritos luminosos, mais rápidos que o relâmpago **varam essas massas, levando socorro, consolações aos encarnados que as imploram**. Cada um cumpre seu papel e concorre na grande obra, na medida do seu mérito e do seu adiantamento. O Universo inteiro evolui. Como os mundos, os espíritos prosseguem sua jornada eterna, arrastados para um estado superior, **entregues a ocupações diversas. Progressos a realizar, ciência a adquirir, dor a mitigar, remorsos a acalmar, amor dos humanos, expiação, devotamento, sacrifício, todas essas forças, todos esses móveis os estimulam**, os aguilhoam, os precipitam nos seus caminhos. **Nessa imensidão reinam, incessantemente, o movimento e a vida**. Tudo se transforma, cresce, eleva-se. A imobilidade, a inação, é o retrocesso, é a morte. Sob o impulso da grande lei, seres e mundos, almas e sóis, **tudo gravita e se move na órbita gigantesca traçada pela vontade divina**. ⁽²⁷¹⁾

Chamam a atenção expressões como “*entre a sombra e a luz*”, “*no isolamento, na obscuridade*” e “*agitam-se [...] nas regiões de trevas*”, que parecem constituir uma descrição breve do Umbral. Observa-se também que alguns trechos sugerem a

possibilidade de construções no mundo espiritual, embora esse aspecto não faça parte do nosso tema.

Apenas para reforçar a opinião de Léon Denis, acrescentamos este trecho de **No Invisível** (1903):

Nada é mais impressionante que ouvir, **no curso das sessões de evocação**, a narrativa, a confissão das angústias suportadas pelo Espírito que empregou mal sua vida terrestre: – do egoísta, que só encontra em torno de si a indiferença e o vácuo, – do invejoso, que se vê imerso em uma sorte de noite profunda, pela acumulação de seus maus pensamentos, de seus malévolos propósitos.

Entre inúmeros fatos, citaremos o que se deu em nosso grupo de estudos: **o Espírito de uma antiga vendedora de legumes** de Amiens gostava de nos recordar sua perturbação e ansiedade quando, **após o falecimento, se achou em meio de espessas trevas**, efeito das rixas e maledicência a que frequentemente se entregava. Longa e penosa foi sua expectativa. Afinal, **depois de anos de incerteza, de sombrio insulamento, escutou vozes**: “Ora, Sofia; ora, e arrepende-te”, lhe diziam. Sofia orou; e sua prece fervorosa foi iluminando, como um pálido clarão, a noite fluídica que a envolvia.

Segundo suas próprias expressões, “a escuridão se tornava cinzenta”, de um cinzento que se ia cada vez mais atenuando, até que ela readquiriu a relativa liberdade dos Espíritos pouco adiantados. (272)

Os relatos presentes em suas obras não deixam dúvida quanto à convicção de Léon Denis sobre a existência das trevas, provavelmente fruto de suas pesquisas e observações das manifestações espirituais em reuniões no grupo que frequentava.

4ª) **O Fenômeno Espírita** (1893)

Na Parte terceira – Conselhos aos Médiuns e aos experimentadores e no tópico “As vidas sucessivas” da Parte Quarta – A Doutrina Espírita, respectivamente, **Gabriel Delanne** (1857-1926) esclarece:

[...] nem todos os Espíritos que vivem na erraticidade estão no mesmo grau de adiantamento moral. Há grande número deles que não conhece o seu estado. Têm vida análoga à do sonho: vão e vêm, têm consciência de que existem, mas os acontecimentos desfilam diante deles sem que lhes seja possível classificá-los

metodicamente. Experimentam sensações às vezes muito vivas, sem poder explicá-las. As causas disso lhes são estranhas, e a sua vontade é totalmente impotente para modificar-lhes a vida psíquica. Uns não se acreditam mortos, e vivem da nossa existência, admirando-se de que não mais se responda às suas perguntas, ou de que aqueles a quem eles amaram pareçam não mais vê-los ou ouvi-los. **Outros acham-se em obscuridade profunda e buscam, inutilmente, conhecer o lugar em que estão: erram em silêncio e no seio de trevas espessas, as quais nenhum ruído, nenhuma claridade pode romper.** Para esses, a evocação é um benefício, porque o nosso pensamento vai arrancá-los desse estado infeliz, a fim de abrir-lhes a porta do túmulo espiritual em que se acham encerrados; mas, o seu estado não permite, as mais das vezes, que eles respondam, apesar de terem vontade de fazê-lo. ⁽²⁷³⁾

Cada dia temos ocasião de verificar que Espíritos endurecidos voltam ao caminho do bem, devido às preces que fazemos por eles e às exortações que lhes dirigimos. Para muitos desses infelizes, a situação intolerável em que se acham parece-lhes eterna. **Mergulhados em espessas trevas, desde o momento em que deixaram a Terra, e sofrendo horivelmente, acreditam que esse**

estado não terá fim, e desesperam-se; mas, se um sincero arrependimento irromper do seu coração, seus olhos desvendam-se-ão: veem, então, sua verdadeira situação e pedem, como uma graça, para voltar à Terra, a fim de resgatarem, por uma vida de expiação e de sofrimento, os seus crimes anteriores. [...].
(²⁷⁴)

Assim, para Delanne a existência das trevas era uma realidade incontestável, confirmada pelas observações e relatos que reuniu.

5ª) **Pesquisas sobre Mediunidade** (1898):

Na terceira parte da obra, Gabriel Delanne cita o pesquisador **Richard Hodgson** (1855-1905), que ingressou na Sociedade de Pesquisa Psíquica, no Reino Unido em 1882.

Através da médium Leonora Evelina Simonds Piper (1859-1950), um seu amigo, designado pelo pseudônimo de Georges Pelham, manifestou-se demonstrando alegria por poder falar com os amigos. Destacamos o seguinte trecho do diálogo:

P. – Que faz você, Georges, e onde você

está?

R. – Mal sou capaz de fazer qualquer coisa, ainda. Mal estou despertando para a realidade da vida depois da morte. **A princípio, fiquei numa espécie de trevas e não conseguia distinguir nada. Agora, os dias mais sombrios passaram, pode ter certeza**, Jim. Tudo era confuso, enevoadado. Logo poderei ocupar-me. Atualmente, posso vê-los, meus amigos, posso ouvir você falar, Jim, distinguir sua voz com seu sotaque, mas ela ainda soa como um bombo. A minha deve chegar a vocês como um suspiro bem fraco... ⁽²⁷⁵⁾

O próprio Georges Pelham reconhece ter estado “*numa espécie de trevas*”, mas afirma que “*os dias sombrios passaram*”, e agora se encontrava em estado de felicidade. Trata-se de um testemunho claro da transição entre a perturbação inicial e a adaptação ao plano espiritual.

6ª) **A Vida Além do Véu** (1921):

A obra reúne mensagens mediúnicas recebidas pelo **Rev. George Vale Owen** (1869–1931), clérigo anglicano britânico.

a) Do capítulo “I – As regiões inferiores do céu”, data: Sexta-feira, 26 de setembro de 1913:

Este é o elo entre a nossa vontade e a manifestação externa das vibrações, porque aquela é tudo o que são estas, isto é, fenômenos apenas da vida mais profunda que nos envolve, a nós, e a todas as coisas. **Empregando-as como matéria prima**, podemos conseguir e construir coisas cuja durabilidade parece eternizar-se.

Por este processo é que **a ponte sobre o abismo, entre as esferas da luz e de trevas**, foi construída e essa ponte não é toda da mesma cor. **Na parte mais afastada, está envolta em trevas** e, ao emergir gradualmente em direção à região de luz, toma uma cor cada vez mais brilhante; e **nas alturas que dão começo às regiões de luz**, onde se apoia, tingem-se de cor-de-rosa, e brilha na luz que a envolve com reflexos de prata de rara qualidade, ou, antes, de alabastro. ⁽²⁷⁶⁾

b) Do capítulo “III – Das trevas para a luz”, data: Quarta-feira, 15 de outubro de 1913:

Aquele raio de luz, ou, talvez, melhor dissesse, “raio de poder e de vitalidade”, era tão forte que, se eles não protegessem a mulher, cercanda-a com certa influência negativa, ela teria sido magoada, porque teria recebido um choque forte demais, para

o qual não estava preparada.

Outro ponto é este. Aquele raio foi visto ao longe, **na região das trevas**, e pareceu-nos ouvir um murmúrio, que vinha de centenas de milhares de distância, através do vale.

Deparava-se-nos um fato extraordinário, pois **o som era de muitas vozes; umas de raiva e de ódio; outras de desespero; outras, finalmente, pedindo socorro e misericórdia**. E esses clamores, ao mesmo tempo que pareciam provir de um mesmo lugar, onde se achavam reunidos, ofereciam também a impressão de partir de pontos diferentes. Não era fácil compreender o fenômeno no primeiro momento. [...].

Cada clamor, que era uma prova da existência do bem e do mal, em algumas almas humanas, naquela região, receberia a sua resposta que lhe era devida.

Quando a mulher nos foi entregue, deixamo-la, primeiro, descansar, proporcionando-lhe os meios que sobre ela tivessem influência calmante e restauradora, e depois, quando se tornou mais animada, levamo-la para uma casa onde está sendo tratada devidamente.

Não lhe fizemos nenhuma pergunta. Ela é que tinha a liberdade de nos dirigir as poucas que podia formular. **Foi então que**

vim a saber que a pobre criatura houvera estado naquela região de trevas, durante mais de vinte anos. Vim a saber, ainda, alguns tópicos da sua vida terrestre, que não bastam, porém, para dar uma narrativa seguida. ⁽²⁷⁷⁾

Nessa narrativa, o Espírito Emma Owen relata que uma “*pobre criatura*” permaneceu em sofrimento por mais de vinte anos na chamada “*região das trevas*”, até receber auxílio espiritual.

De modo semelhante, em *Nosso Lar* – publicado cerca de vinte e três anos depois – André Luiz descreve sua permanência de oito anos no Umbral, também sendo resgatado por entidades superiores.

Aproveitando a menção a André Luiz, julgamos oportuno citar este trecho do capítulo “I – As regiões inferiores do céu”, constante da mensagem datada de sábado, 27 de setembro de 1913:

Deseja V. conhecer alguma coisa mais sobre **o nosso modo de trabalhar** e as condições em que vivemos?

Nenhum dos que vêm para cá é capaz de

compreender que uma das grandes verdades elementares, que devem assimilar a fim de poderem progredir, é a de que Deus não é mais visível aqui do que o é na Terra. [...] A sua vida e beleza manifestam-se claramente na Terra àqueles que não se limitam a conhecer as manifestações externas da Natureza; ela palpita em tudo ao redor de nós e, como estamos em estado de maior sensibilidade, somos mais aptos a percebê-la do que quando vivemos na Terra.

O que acabamos de expor é a regra geral; no entanto, por vezes se dão **manifestações da Presença Divina**, quando há necessidade para algum fim especial.

Passarei a relatar uma delas.

Fomos chamados **a certa região**, onde deveriam reunir-se muitas criaturas de diversos credos e países. **Ao chegar, percebemos que uma falange de Espíritos missionários acabava de voltar de sua missão periódica às regiões limítrofes da esfera terrestre. Trabalhavam aí junto a Espíritos recém-chegados, que não haviam ainda compreendido terem atravessado já a linha divisória entre a Terra e o mundo dos Espíritos.** Muitos foram esclarecidos e trazidos para aquele ponto, a fim de se poderem reunir a nós e fazerem um voto de

agradecimento, **antes de irem para as casas que lhes eram destinadas.** [...].
(²⁷⁸)

A ação dos Espíritos benfeitores em favor dos que recém-desencarnados também aparece em obras da coleção “A vida no mundo espiritual”, ditada por André Luiz, reforçando que não se trata de mera invenção literária, mas de uma constante nos relatos espirituais que se multiplicam, mundo afora.

7ª) ***Trinta Anos Entre os Mortos*** (1924):

Vejamos, inicialmente, a opinião do autor **Dr. Carl August Wickland**:

[...] Será visto em nossa relação de casos, que os **espíritos obsessores falam às vezes de um “calabouço”** em que são encerrados os espíritos rebeldes; os espíritos que se apoderam do médium se queixam com frequência de que estão reclusos em um calabouço.

Devido a uma determinada lei psíquica, os espíritos superiores podem colocar os espíritos ignorantes em uma situação que se pode chamar de cárcere, rodeando-os com um muro impenetrável, donde não podem

escapar. E dentro dessa cavidade permanecem, sem ver outra coisa que sua própria imagem e tendo sempre ante os olhos suas ações passadas, até que se arrependam e deem provas de estarem dispostos a adotar um novo comportamento, conformando-se com as leis espirituais do progresso. ⁽²⁷⁹⁾

Agora vamos às manifestações dos Espíritos, através da Senhora Wickland, por incorporação, no sentido literal do termo:

1 – Espírito: Senhor Hesselroth, 29/09/1920:

Espírito: - Vim somente para dizer-lhes umas palavras, porque **me ajudaram a sair das trevas**, e me converteram em um dos membros do “Grupo da Misericórdia”, que se dedica a prestar socorro.

Médico: – Quem é você, amigo?

Espírito: – Sou um dos seus colaboradores. Costumo vir às vezes, e esta noite venho para dizer umas palavras, nada mais. **Houve um tempo em que estava nas trevas**, porém agora sou um dos desse Grupo. Pensei que lhes agradaria sabê-lo. **Se não fosse por vocês, provavelmente continuaria na escuridão.** Já se passaram muitos anos. [...]. ⁽²⁸⁰⁾

2 - Espírito: o pai do Espírito Minnie Day, 15/01/1918:

Espírito: - Perdão! Perdão! Não sabia o que fazia. Eu não quis matá-la, Minnie. Estava muito nervoso, porque as crianças bagunçavam tanto... Estava, ainda, muito triste pela morte de minha esposa. Concedam-me uma oportunidade! Concedam-me uma só oportunidade! Também tenho sofrido muito. Se pudesse voltar à vida! **Tenho permanecido durante muito tempo nas trevas**, sem que ninguém pudesse vir ao meu socorro, sem poder aproximar-me dela para lhe pedir perdão, pois era só me aproximar que se assustava. [...]. ⁽²⁸¹⁾

Espírito: - Eu não sou digno de acompanhar minha mulher, mas me esforçarei para ser bom (chorando). Minnie, por que não perdoa o seu pai? Minha filha querida, não quis matá-la. Perdoa seu pai. Depois deste momento, em que despertei, **voltarei a desaparecer na escuridão?** Estou desperto ou sonhando? Minnie, não fuja de seu pai. Perdoa-me! ⁽²⁸²⁾

3 - Espírito: Senhor Mallory, 09/03/1921:

Espírito: - Observe todos esses demônios que há aqui. (Invisíveis). Ouça como blasfemam e como riem. Dizem: “Te conheço, te conheço!” Observe neste que está sentado aí; fixe-se em todos. Escute

como riem. Indicam-me que faria bem lhe dizer que rezem por eles, porque **se encontram no meio das trevas.** ⁽²⁸³⁾

Espírito: – Meu nome? Sim, me chamo Mallory. Diziam que eu era um dos loucos que riem. Graças a vocês todos por sua paciência. Quando eu vim estava louco de ódio, mas isso já passou. Que Deus abençoe a todos. Tenho que chamar-lhe meu salvador, porque **você nos salvou das trevas** em que encontrávamos e não trouxe a um lugar admirável. Clara, venha você também, porque amo-lhe profundamente. Agora tudo está bem. ⁽²⁸⁴⁾

4 – Espírito: Emily Julia Steve, 23/01/1918:

Espírito: – Você é que me faz sofrer, que não sei como faz para me aplicar uma coisa estranha nas costas. (Refere-se ao tratamento estático da enferma.) Não vejo a razão de sua conduta. É também **quem me mantém encerrada em um calabouço.** Com certeza é o que me detinha no calabouço. Mas quem é você, afinal de contas? ⁽²⁸⁵⁾

5 – Espírito: John Sullivan, 13/01/1918:

Médico: – E onde esteve ultimamente?

Espírito: – **Andei perdido nas trevas.** Saí de minha casa e não pude ver mais nada. Parecia que havia ficado cego. ⁽²⁸⁶⁾

Médico: – Você tem atormentando uma mulher, e tive que afugentá-lo valendo-me da eletricidade.

Espírito: – (Tentando recomençar a luta.) Já pego você! **Aposto que é um dos que me enfiaram naquele calabouço.** Vou ver se pego essa mulher e a destruo. ⁽²⁸⁷⁾

Espírito: – **Foi você o que me meteu no calabouço?**

Médico: – **Não, foram certos espíritos inteligentes.** Você é um espírito egoísta, egoísta até não poder mais. Faça um esforço para compreender sua verdadeira situação. Nós estamos fazendo tudo o que podemos para que abra os olhos à verdade. ⁽²⁸⁸⁾

Espírito: – Está bem, leve a sua mulher. Não preciso dela para nada. Escute, mamãe, é inútil que continuem você e Lizzie aí ao lado, chorando, porque não a perdoarei jamais.

Médico: – **Se não perdoar** agora, em que tem semelhante oportunidade, **quando se retirar daqui irá para um escuro calabouço**, onde permanecerá até que se arrependa. Faça um esforço para compreender que você é que tem culpa de tudo.

Espírito: – Não perdoarei.

[...].

Médico: – Se não se mostrar propício ao

perdão, lhe esperam ainda grandes dores.

Espírito: – **Não me importa permanecer neste calabouço de que você fala.** Veja você, mamãe, o resultado de sua obra. Não está orgulhosa de seu filho? Tudo é obra sua. ⁽²⁸⁹⁾

Comenta Dr. Wickland:

Não houve maneira de fazer com que este espírito abrisse os olhos à verdade de seu estado, e **foi necessário retirá-lo, enviando-o a um “calabouço”** até que aprendesse a se dominar e se desprendesse de seu ódio pela humanidade. ⁽²⁹⁰⁾

6 – Espírito Pete Nidemeyer, 21/09/1918:

Isto me custou muito trabalho. Tive que começar por dominar a mim mesmo, e é muito difícil dominar o próprio egoísmo, quando durante toda a vida não se pensou em outra coisa que em satisfazer esse egoísmo. Antes de realizar algum progresso no mundo espiritual, há que se dominar o egoísmo.

O melhor recurso para isso é que **nos coloquem em uma habitação escura; às vezes a chamamos de calabouço.** Estando ali, não vemos mais que a nós mesmos e os nossos atos da vida passada. Estes atos vão sucedendo um a um em nossa vista. Nossas boas ações são tão poucas, que parece quase pertencerem a

outras pessoas. E até que não se abram nossos corações e nossa inteligência, não saímos daquela reclusão. Porém quando nos propomos dominar nossos maus hábitos e viver para favorecer aos demais, nosso egoísmo cai por vencido. ⁽²⁹¹⁾

Em 30/08/1922, manifesta-se outra vez:

Agora procuro cumprir a tarefa que tenho no mundo espiritual, e não posso deixar de agradecer por haverem aberto meus olhos e por terem despertado minha compreensão à verdade. Acudo a pequenas reuniões em diferentes lugares, e procuro alentar com algumas perspectivas agradáveis aos que estão nas trevas. ⁽²⁹²⁾

7 - Espírito: Senhora X, uma amiga do Dr. Wickland que se suicidara, sem data:

“Teria dado tudo para poder voltar a tomar posse de meu corpo. Tenho passado por todos os horrores do desespero e do remorso! Meu lar destruído, meu marido desconsolado e abatido, meus pequenos sem ninguém para cuidá-los...

Ignoram que estou sempre a lado deles e faço todo o possível para consolá-los, **ainda que até agora tenha vivido entre trevas e escuridão.**” ⁽²⁹³⁾

Novo registro da manifestação da Senhora X:

Em 20 de novembro de 1904, durante uma visita que minha esposa e eu fazíamos a uns amigos em Chicago, organizamos um círculo psíquico, e durante o mesmo a senhora Wickland ouviu uma voz que dizia:

- **Estou na escuridão.**

Perguntou quem havia feito esta observação, mas nenhum dos que se encontravam ali reunidos havia aberto a boca; no entanto, o cavalheiro que estava sentado ao lado da senhora Wickland ouviu também estas palavras.

Quase em seguida a senhora Wickland caiu em transe hipnótico e desabou no chão. O espírito levava as mãos ao pescoço e gritava:

- Tirem a corda! Tirem a corda! **Estou na escuridão.** Por que fiz isso? Por que o fiz?
(²⁹⁴)

8 - Espírito: Minnie Harmening, 20/10/1918:

O espírito chorava desconsoladamente e sem poder se dominar. Não houve maneira de fazê-lo falar nos primeiros momentos, porém bruscamente gritou:

- Fui eu mesma que fiz! Fui eu mesma que fiz! Ninguém pode me socorrer agora. Eu queria falar a todos e que todos me compreendessem. Mas não me fariam caso. **Estou nas trevas** e só posso ver meu passado e todas as loucuras que cometi. Fui

uma jovem amalucada.

[...].

- [...] Não sei o que fazer, porque tudo o que me ocorre é muito estranho. Queria poder dizer às pessoas do tribunal que não estou morta, que ainda estou viva. Porém, por que não me escutam? É tal a minha angústia que não sei o que fazer. Se tivesse tido um pouco mais de cabeça não teria feito jamais o que fiz; mas é inútil o quanto fale agora, porque é demasiado tarde. Queria estar dentro do meu corpo. Estudei muito, mas de nada me serviu, porque era uma jovem alucada. Agora estou sofrendo por isso. **Não vejo mais que trevas** e não sei como sair desta situação difícil. ⁽²⁹⁵⁾

9 - Espírito: Ralph Stevenson, 22/02/1919:

Espírito: - Houve um tempo em que eu acreditava em Deus, e houve um tempo em que acreditava nos céus e no inferno, mas já não creio nessas coisas. **Estou rodeado de escuridão e de trevas**, mas minha consciência me acusa. Deixem-me esquecer! Quero esquecer, quero esquecer!

Médico: - Você sabia que já perdeu seu corpo físico?

Espírito: - Não sei nada.

Médico: - Por que se encontra aqui?

Espírito: - Vejo todos que estão aqui; não conheço nenhum de vocês, mas ao olhar

seus rostos me parecem boas pessoas. Por que me acolheram entre vocês e me dão um pouco de luz e um pouco de felicidade? Faz muitos anos que não conheço nem uma coisa nem outra.

Médico: – Qual é a causa de todas as suas penas?

Espírito: – É por que não há Deus? **Por que há de me deixar nesta escuridão e nestas trevas?** Eu era um bom rapaz, mas me fiz... Não posso dizer! Não devo dizer! Não devo! (Dando sinais de grande excitação.) ⁽²⁹⁶⁾

10 – Espírito: Minnie Morgan, 26/07/1922:

Muitos outros haviam ensinado antes essa doutrina. Pude ver que existiram no passado muito outros mestres como Cristo. Confúcio foi um deles. Seus ensinamentos são idênticos aos de Cristo.

Eu não teria conseguido a mansão que tenho agora no mundo dos espíritos se não houvesse encontrado contrariedades, e se não me houvessem instruído acerca da verdadeira vida. Eu tinha sido uma grande pecadora; já lhes expliquei minha inclinação pela morfina. Quando meu espírito se afastou do corpo, continuei com ela. A faculdade de desejar é privativa da alma, não do corpo. O corpo é uma espécie de manto ou vestido com que se cobre a alma. Todos os desejos vitais, todas as faculdades

que pertencem à alma nos acompanham ao sepulcro e vão conosco até mais além do mesmo. Que teria sido de mim se não houvesse aprendido a maneira de dominar meus desejos? Teria sido um espírito apegado à Terra e teria acabado por entrar na aura magnética de alguma pessoa sensível, convertendo-a em uma vítima da morfina, a fim de ver satisfeitos assim os meus desejos, ainda que arruinasse desta maneira a vida da pessoa sensível. **Haveria permanecido na esfera terrestre durante muitíssimos anos**, arruinando, uma depois outra, muitas vidas.

[...].

Algumas pessoas creem que lhes basta aprender a lição da verdade para penetrar na Glória dos céus. Porém o céu é uma condição em nós mesmos. Tive que vencer pouco a pouco meus desejos de morfina até que pude exclamar: “Para mim a morfina já não existe.”

Quando cheguei a este ponto, vieram ao meu encontro meus amigos e meus parentes, e me disseram: “Agora você está preparada para vir conosco à mansão que lhe destinamos.” Até então tive que progredir pelo meu próprio esforço. **Não estava em um calabouço escuro, coisa que ocorre a muitos**, mas ao redor de mim não via nada além de mim mesma. Diz o Grande Livro que Cristo desceu às esferas

inferiores para ajudar e ensinar. Todos nós devemos ensinar e ajudar aos caídos, dando-lhes força para sobrepujarem os seus vícios. ⁽²⁹⁷⁾

11 – Espírito: Wallace R., 17/10/1923:

Espírito: – Quis voltar para avançar um pouco mais no conhecimento da vida. Foi pouco o que pude aprender da última vez que estive aqui. **Estou entre trevas...** e tenho que corrigir-me de meu antigo hábito físico, que permaneceu incrustado em minha alma. ⁽²⁹⁸⁾

12 – Espírito: John J. A., sem data:

Médico: – É necessário que você compreenda que se encontra no mundo dos espíritos, e que certos espíritos que estão aqui ensinarão a maneira de sair de sua atual cegueira.

Espírito: – **Começo a ver um pouco. Vi a luz por um momento**, mas a porta fechou **outra vez e fiquei novamente na escuridão**. Estive durante algum tempo ao lado de minha mulher e de meu filho, mas ninguém olhava para mim. Voltou a fechar novamente a porta e me encontro novamente na intempérie.

Médico: – É que você ainda não compreendeu seu verdadeiro estado.

Espírito: – E o que é que me ocorre? **De**

onde vem essa escuridão? Como poderei sair dela? Nunca me encontrei com tantas dificuldades. Senti-me bem durante um instante; ouvi alguém falar. Agora volto a vê-lo. É talvez o senhor Stad?

Médico: – Este senhor esteve falando um momento antes que você chegasse, e é provavelmente quem lhe trouxe para que o ajudássemos, pois nós nos dedicamos a despertar **os espíritos apegados à Terra, que se encontram nas trevas.**

Espírito: – **Esta escuridão é terrível.** Parece que estou nela há muito tempo.

Médico: – Compreenda que não existe em realidade a morte. A vida se prolonga no mundo dos espíritos, no qual todos devem ajudar os outros se quiserem evoluir.

Espírito: – Reconheço que não fui durante minha vida o que deveria ter sido. Vivi nada mais que para mim, buscando as diversões e desperdiçando dinheiro. Até agora não vi mais do que minha vida passada; **tenho estado entre trevas, e isso é terrível.** Apresentam-se ante meus olhos todas as ações de minha vida passada. Quero fugir delas, mas não posso. Tenho-as a todo momento diante de mim, acusando-me, porque pude ter vivido de outra maneira. Tive muitas ocasiões de fazer o bem, mas é demasiadamente tarde.

Médico: – Quando uma pessoa vive sem

pensar em nada mais que em si mesma, é comum que se veja perdida nas trevas após passar ao outro plano da vida. É necessário que você abra os olhos às glórias da vida espiritual, e compreenda que a vida consiste em servir aos demais. Esse é o verdadeiro céu, que não é mais que uma condição de nossa alma.

[...].

Espírito: – E onde estive durante todo este tempo? Tenho sentido fome e frio. **Às vezes parecia encontrar-me encerrado em um aposento muito escuro**, sem ver outra coisa que uma projeção de toda minha vida passada. ⁽²⁹⁹⁾

13 – Espírito: Anna H., em 08/12/1918:

Espírito: – Alfred me diz que é hora de ir. Acreditei que havia tido um sonho e que morreria; porém lutei e lutei durante muito tempo. Creio que não queria morrer, e por isso pus intranquila toda a minha força de vontade, para conseguir continuar vivendo todo o tempo que me fosse possível. Certo dia me senti muito débil e fiquei dormindo durante algum tempo; mas voltei a despertar, porque queria viver. Tomaram-me por morta, mas não estava. Só estava dormindo. Queria viver, porque tenho muito apego à vida; estive enferma muito tempo e sofri intensamente. Voltei a dormir e continuei assim durante muito tempo, e

quando despertei me encontrei perdida nas trevas e não via nada. **Tudo estava escuro, escuríssimo. Não via luz alguma e tudo estava escuro. Senti-me aflita, perdida nas trevas.** [...]. ⁽³⁰⁰⁾

14 – Espírito: Senhora Simons, 27/10/1919:

Espírito: – Aproximei dela porque **não via senão escuridão por todas as partes.** Parece como se houvesse estado dormindo e que de repente houvesse despertado. Vi então uma luz e me encontrei aqui. Estando com ela via uma luz muito pequena. Diga-me uma coisa. Como foi que vim aqui? Não acredito que minha amiga esteja correta. Como ela veio para a Califórnia? ⁽³⁰¹⁾

15 – Espírito: Alicia, 06/10/1920:

Médico: – É seu corpo o que está morto; você não está. Paulo disse: “Temos o corpo natural e temos o corpo espiritual.” Você sabe em que ano estamos? Em 1920. **Não se dá conta de que estive nas trevas durante algum tempo?**

Espírito: – **É certo; estive nas trevas** e não recordo bem as coisas.

Médico: – Isso ocorreu porque não tinha contato físico e tampouco compreendia a vida superior. Trouxeram-na aqui para que nós lhe prestássemos ajuda. Mas só poderá permanecer aqui muito pouco tempo.

Espírito: – E aonde irei?

Médico: – Ao mundo espiritual. [...]. ⁽³⁰²⁾

16 – Espírito: Doutor Root, 01/01/1924:

Se se formassem pequenos grupos como este e se concentrassem mentalmente fazendo um esforço para alegrar a humanidade, esta seria melhor. Esta pequena luz da concentração parece coisa pequena, mas é de grande utilidade para **os que vivem na escuridão** e para os que se encontram rodeados de dificuldades. ⁽³⁰³⁾

Os numerosos relatos reunidos por Wickland confirmam que a experiência das trevas, do isolamento e até de “calabouços” espirituais é uma constante nos testemunhos mediúnicos mundo afora.

8ª) ***Visões do Mundo Espiritual*** (1926):

Nessa obra vamos encontrar uma breve descrição da vida espiritual por **Sadhu Sundar Singh** (1889-1929?) ⁽³⁰⁴⁾. Devemos dar-lhe o devido desconto, porquanto, ao que tudo parece era adepto do catolicismo. Inicialmente, transcrevemos este parágrafo do Prefácio:

Há repetidas menções de Espíritos, Santos e Anjos nesse livro. A distinção que farei entre eles será esta: Espíritos são ambos, bons e maus, os quais após a morte existem em um estado intermediário entre o céu e o inferno. Santos são aqueles que têm passado por esse estágio para a esfera superior do mundo espiritual, e têm tido especial serviço atribuído a eles. Anjos são aqueles seres gloriosos aos quais todo tipo de serviço superior tem sido atribuído, e entre eles estão incluídos muitos santos de outros mundos, assim como do nosso mundo, os quais vivem todos juntos como uma família. Eles servem uns aos outros em amor e, na refulgência da glória de Deus são eternamente felizes. O *Mundo dos Espíritos* significa aquele estado intermediário no qual os espíritos entram depois de deixarem os corpos. *Mundo Espiritual* significa todos os seres espirituais que **progridem através dos estágios entre a escuridão do abismo sem fim** e o trono do Senhor na luz. ⁽³⁰⁵⁾ (itálico do original)

Observa-se que Singh distingue os *Espíritos* (bons e maus, em estado intermediário), *Santos* (que já avançaram para esferas superiores) e Anjos (seres gloriosos com funções elevadas). Além disso, define o “mundo dos Espíritos” como esse estado

intermediário, e o “mundo espiritual” como o conjunto de todos os seres em progresso, entre a escuridão e a luz.

Vejamos agora o que encontramos em seus vários capítulos:

[...] Às vezes, em casos de grande fraqueza, ou após acidente, o espírito parte – enquanto o corpo ainda está inconsciente. Então os espíritos daqueles que viveram sem pensar em, ou se preparar para, entrar no mundo espiritual, sendo **assim de repente transferidos para o mundo dos espíritos, estão extremamente desorientados** e em um estado de grande aflição em relação ao seu destino, de modo que, **por um considerável período eles têm que permanecer nos planos mais baixos e escuros do estado intermediário.** Os espíritos **dessas esferas inferiores** muitas vezes incomodam muito as pessoas do mundo. [...]. ⁽³⁰⁶⁾

Uma vez, no curso de uma conversa, os santos me deram esta informação: **“Após a morte,** a alma de todo ser humano entrará no mundo dos espíritos, e cada um de acordo com o estágio de seu crescimento espiritual, **habitará com espíritos de**

mesma mente e natureza que ele mesmo, seja na escuridão ou na luz da glória. [...].” ⁽³⁰⁷⁾

Quão diferentes desses são as almas daqueles cujas vidas têm sido más. Constrangidos na companhia dos Filhos da Luz, e atormentados pela totalmente reveladora luz de Glória, eles lutam para se esconder em lugares onde suas naturezas impuras e manchadas pelo pecado não sejam vistas. **Da parte mais baixa e mais escura do mundo dos espíritos uma fumaça preta e malignamente mal cheirosa surge**, e em seus esforços para esconderem se da luz, esses Filhos da Escuridão despençam e se lançam de cabeça para dentro dela, e dela, seus amargos lamentos de remorso e angústia são ouvidos emergindo constantemente. Mas o céu é planejado de tal modo que a fumaça não é vista, nem os lamentos de angústia são ouvidos pelos espíritos no céu, a menos que algum deles por alguma razão especial deseje ver a **terrível situação dessas almas na escuridão.** ⁽³⁰⁸⁾

[...] Perguntei a um dos anjos qual seria o fim deste homem, e ele respondeu: "Se a vida deste homem tivesse sido totalmente má, **então ele iria imediatamente se juntar aos espíritos da escuridão**, mas ele não é sem um senso moral; de modo

que por muito tempo irá cegamente vagar em círculos, na penumbra das partes mais baixas do estado intermediário, e continuará batendo sua cabeça filosófica, até que, cansado de sua insensatez, ele se arrependerá. [...]. ⁽³⁰⁹⁾

[...] Mas há ainda outro mundo de espíritos, que é a morada temporária dos espíritos depois que eles deixam o corpo na morte. Este é um estado intermediário – um estado entre a glória e a luz dos mais altos céus, e **a obscuridade e escuridão dos infernos mais baixos**. Nele existem inumeráveis planos de existência, e a alma é conduzida àquele plano para o qual seu progresso no mundo a ajustou. Lá, anjos especialmente designados para este trabalho a instruem por um tempo, que pode ser longo ou curto, antes que ela vá para se juntar à sociedade daqueles espíritos – bons espíritos na maior luz, ou **maus espíritos na maior escuridão** – que são semelhantes na mente e em natureza com ela mesma. ⁽³¹⁰⁾

[...] Ele tinha estado ocupado demais para pensar em Deus ou em coisas espirituais. Ao mesmo tempo que ele tinha morrido um outro também tinha, o qual era um cético, obstinado em suas opiniões. **Ambos foram ordenados a permanecer por um longo período longe no mundo**

dos espíritos em um lugar de escuridão.

Nisto, estando em aflição, começaram a gritar por ajuda. Santos e anjos, em amor e simpatia, foram instruí-los para que pudessem entender como tornarem-se membros do Reino de Glória e Luz. Mas, apesar da sua angústia, **como muitos outros espíritos, preferiam permanecer em sua habitação sombria**, pois o pecado tinha distorcido todo o seu caráter e natureza de modo que duvidavam de tudo. [...]. ⁽³¹¹⁾

Uma vez vi no mundo dos espíritos um espírito que, com gritos de remorso, estava correndo como um homem louco. Um anjo disse: “No mundo este homem teve muitas chances de se arrepender e se voltar para Deus, mas sempre que sua consciência começava a incomodá-lo ele costumava afogar sua voz na bebida. [...] No mundo ele bebeu para fazer a si mesmo esquecer da voz de sua consciência, mas aqui não há a menor possibilidade de encobrir nada. Agora, sua alma está tão nua que ele próprio e todos os habitantes do mundo espiritual podem ver sua vida pecaminosa. Para ele, em seu estado endurecido pelo pecado, nenhum outro caminho é possível, **senão que ele deva se esconder na escuridão com outros espíritos malignos**, e então, em certa medida, **escapar à tortura da luz.**” ⁽³¹²⁾

Um homem, que alguns anos antes matara um pregador cristão, foi mordido por uma cobra na selva e morreu. Quando ele entrou no mundo dos espíritos ele viu bons e maus espíritos ao seu redor e, porque **o aspecto total da sua alma mostrava que ele era um filho da escuridão, os espíritos malignos** logo tiveram posse dele, e **o puxaram junto com eles para baixo em direção a escuridão.** ⁽³¹³⁾

O homicida disse em resposta: “Não há necessidade de confessar meus pecados, pois eles estão abertos a todos. No mundo eu poderia escondê-los, mas não aqui. Eu quero viver com santos como você no céu, mas quando eu não posso suportar a opacidade da luz auto-reveladora no mundo dos espíritos; [...] em mim. Agora já não há nada para isso, apenas que eu seja direcionado para fora daqui para sempre. Ai de mim por meu estado infeliz!” Ao dizer isso, atingido pelo medo, **ele caiu, e seus companheiros espíritos malignos arrastaram-no para a escuridão.** ⁽³¹⁴⁾

[...] Aquele que mente fere e engana a ninguém senão a si próprio, de modo que este homem, ao mentir, tinha matado a percepção interior da verdade que ele possuía outrora. Eu o observei quando, inextricavelmente emaranhado em seu próprio engano, **ele virou o rosto para**

longe da luz de cima e correu para longe para baixo, para a escuridão, onde ninguém poderia ver seu sujo amor de mentir, exceto aqueles espíritos que eram semelhantes a ele mesmo em natureza. ⁽³¹⁵⁾

Um assaltante morreu e entrou no mundo dos espíritos. No início, ele não tomou interesse pelo seu estado ou pelos espíritos que o cercavam, mas, como era seu hábito, imediatamente começou a se servir dos objetos de valor do lugar. [...] Ele se voltou para os espíritos que vieram para instruí-lo, como se ele os fosse fazer em pedaços, como um cão selvagem faria mesmo na presença de seu dono. Nisso, um dos anjos disse: **“Se espíritos desse tipo não fossem mantidos na escuridão do poço do abismo, eles causariam então um imenso dano aonde quer que fossem.** A consciência desse homem está tão morta que, mesmo depois dele ter alcançado o mundo dos espíritos, ele falha em reconhecer que, ao assassinar e assaltar no mundo, ele tinha desperdiçado sua própria riqueza espiritual e destruído seu próprio discernimento espiritual e sua vida. [...]”

Depois disso, **os anjos designados para o dever o tomaram e o prenderam na escuridão da qual ele não é permitido de sair.** O estado dos malfeitores naquele lugar é tão terrível, e tão inexprimivelmente feroz é o tormento

deles, que aqueles que os veem estremecem com a visão. ⁽³¹⁶⁾

Na parte escura do mundo dos espíritos, que se chama Inferno, existem muitos graus e planos, e o local em particular em que qualquer espírito vive em sofrimento, depende da quantidade e do caráter de seus pecados. [...]. ⁽³¹⁷⁾

[...] Neste mundo dos espíritos, o progresso espiritual de qualquer um governa o grau em que ele é capaz de conhecer e sentir Deus; e o Cristo também revela Sua forma gloriosa a cada um de acordo com o seu esclarecimento e capacidade espiritual. **Se Cristo fosse aparecer na mesma luz gloriosa aos moradores das escurecidas esferas inferiores do mundo espiritual, como Ele aparece para àqueles em planos mais elevados, então eles não seriam capazes de suportar.** [...]. ⁽³¹⁸⁾

As descrições de Sundar Singh reforçam a ideia de um estado intermediário, com planos de luz e de trevas, em que cada alma se encontra conforme seu grau de progresso espiritual.

Não podemos deixar de destacar esta expressão *“Escapar à tortura da luz”* ⁽³¹⁹⁾, constante

dessa obra, com “*castigo pela luz*” (³²⁰) dita por Mesmer, e provavelmente se referem à mesma coisa.

9ª) **A Crise da Morte** (1930):

Obra de autoria de **Ernesto Bozzano** na qual apresenta trinta relatos de Espíritos sobre o que sentiram após o desencarne. Logo no início da Introdução, ele deixa bem claro:

[...] De fato, **das investigações empreendidas surge a prova de que as abundantes informações conseguidas mediunicamente a respeito do ambiente e da existência espirituais concordam admiravelmente entre si**, no que se refere às informações de ordem geral. Estas são também as únicas que se exigem de se concluir a favor da gênese extrínseca das revelações em questão, pois as aparentes divergências de ordem secundária que se encontram nas próprias revelações derivam claramente de causas múltiplas, perfeitamente justificáveis. [...].
(³²¹)

Entendemo que, em suas pesquisas, Ernesto Bozzano aplicou de forma inequívoca o princípio do

Controle Universal do Ensino dos Espíritos.

Um pouco mais à frente, completa:

[...] Portanto, seria mais prático aproveitar o **imenso material** que se acumulou nesses últimos anos **sobre revelações transcendentais**, para **empreender-lhe uma severa seleção, classificá-lo, analisá-lo, compará-lo**, tendo-se o cuidado de obter informações a respeito dos conhecimentos específicos de cada médium com relação às doutrinas espíritas. Bem, **essa era a tarefa a que eu me havia proposto realizar com as minhas laboriosas pesquisas, às quais já dediquei diversos anos de trabalho.** Entretanto, observando que o volume do material reunido, e em parte comentado, assumia proporções tais que impediriam a sua publicação, julguei aconselhável limitar-me a um ensaio dos resultados obtidos, expondo um número adequado de “mensagens transcendentais” relativas **às impressões sentidas no momento da entrada no mundo espiritual pelas personalidades dos desencarnados** que se comunicaram, mas tendo ao mesmo tempo o cuidado de alertar que esta seção do livro, relatando aquelas mensagens, embora seja teoricamente interessante e sugestiva, não é a mais eficaz para

demonstrar a tese aqui defendida – a das concordâncias existentes entre os dados fornecidos pelos desencarnados sobre a existência espiritual – e não é a mais eficaz nesse sentido, pois sendo esta uma simples parte inicial do tema, seção em **que se expõem episódios sobre os quais são exercidos, com plena eficiência, os efeitos da “lei de afinidade”, deriva dela que cada espírito desencarnado deve gravitar necessariamente rumo àquele estado espiritual com o qual se identifica com o grau de evolução psíquica** alcançado como consequência do trânsito da existência encarnada; isso não pode determinar diferenças muito consideráveis nas narrações que chegam até nós, feitas pelos desencarnados acerca da sua primeira entrada no plano espiritual. **De qualquer maneira, veremos que tais divergências ocorrem unicamente nos detalhes secundários**, tanto pessoais como de ambiente, jamais, porém, nas correspondentes condições de *ordem geral*.
(³²²) (itálico do original)

Confirma-se aqui a existência de agrupamentos espirituais regidos pela afinidade evolutiva.

E no último parágrafo, antes de apresentar os

casos, explica:

Passando para a exposição dos casos citarei, antes de mais nada, **alguns episódios extraídos de obras dos primeiros pesquisadores**, a fim de deixar bem claro que desde os primórdios do movimento espiritualista já **se conseguiam mensagens mediúnicas em que eram descritos o ambiente e a existência espirituais em termos idênticos aos que se conseguem hoje em dia**, e isso apesar de a mentalidade dos médiuns da época ser dominada pelas concepções tradicionais a respeito do paraíso e do inferno e, conseqüentemente, de estar bem longe de alimentar expectativas de receber **mensagens de desencarnados que afirmassem que o mundo espiritual era o mundo terreno espiritualizado**. ⁽³²³⁾

Bozzano esclarece que suas pesquisas apresentam descrições coincidentes com as de outros pesquisadores, reforçando a convergência dos relatos.

Agora transcreveremos a narrativa de cinco casos nos quais os Espíritos contam suas experiências e percepções quando do seu retorno ao mundo espiritual:

1º) Caso II [Dr. Horace Abraham Akley]:

[...] vi dois espíritos que eu não conhecia, para os quais me senti atraído por um sentimento de afinidade. Fiquei sabendo que eles haviam sido dois homens bastante cultos e inteligentes, mas que, como eu, não tinham se preocupado, durante a vida, em desenvolver neles mesmos os elevados princípios da espiritualidade. Eles me chamaram pelo nome, apesar de eu não tê-lo dito, e me acolheram com tão benévola familiaridade que me senti agradavelmente confortado. Com eles abandonei o lugar em que havia morrido, e onde ficara retido até aquele momento. **A paisagem que atravessei pareceu-me nublada, escura, mas aquelas sombras me conduziram para um lugar onde encontrei reunidos numerosos espíritos**, entre os quais muitos de pessoas que eu conhecera em vida e que estavam mortas há algum tempo... ⁽³²⁴⁾

2º) Caso VI [Amicus]:

“Mas então onde se encontra o espírito recém-nascido? Muito bem: ele emergiu naquele estado de existência que as suas condições mentais, morais, espirituais tornavam o único possível para ele. **O plano que o acolhe é determinado pelo grau de espiritualidade em que se encontra.** Através da morte ele alcança aquela morada

espiritual que preparou para si mesmo e não pode ir para nenhum outro lugar. São as qualificações espirituais que fazem com que ele grave com infalível precisão para aquelas condições de existência que são matematicamente correspondentes aos seus méritos e deméritos. A grande “lei de afinidade” governa o processo, que se mostra inexorável. Depois da morte, o homem vai para o ambiente que ele preparou para si mesmo e não pode acontecer outra coisa. **Ele encontra os próprios semelhantes, gravita rumo àquelas regiões espirituais onde ficará plenamente à vontade, como na própria casa.** A sua futura morada já se encontra no âmbito da própria alma, e **os seus companheiros espirituais são os seres semelhantes a ele.** Em outras palavras: o espírito desencarnado, graças à benéfica e justa “lei de afinidade”, por força da qual ‘cada semelhante atrai o seu semelhante’, **gravita no único ambiente que pode adaptar-se às suas condições de evolução espiritual, de elevação moral, de cultura intelectual, da forma que ele mesmo determinou pela própria atividade terrena. Ele vai para onde deve ir...**⁽³²⁵⁾

3º) Caso IX [irmão da médium Mrs. Hope Hunter]:

“Afinal de contas, há muito de verdade

naquilo que o nosso pároco apregoava do púlpito... Existe realmente uma vida eterna. Pelo menos é nisso que nós todos acreditamos; enquanto aqueles que levaram na Terra uma existência moderadamente honesta e boa vão para um lugar que pode ser considerado um paraíso, **aqueles que tiveram uma vida depravada e má acabam indo para outro lugar que pode ser definido justamente como um 'inferno'...**" ⁽³²⁶⁾

4º) Caso XII [capitão Hinchliffe]:

"[...] Querida Emília, **haverá indivíduos que não vão acreditar nas minhas palavras**, mas eu declaro a você que tenho plena certeza de tudo o que afirmo. O nosso espírito tem uma natureza bastante delicada a esse respeito, a ponto de uma mudança brusca de condições poder determinar repercussões e desorganizações na malha etérea do corpo que o reveste...

"Se você me perguntar onde estou, o que vejo à minha volta, vou lhe dizer que **de início encontrei-me em uma terra cinzenta, úmida, desagradável, que se mostrou deserta e estéril** como certas regiões da Bélgica por sobre as quais eu tanto voava. Imagine uma região desse tipo, **com alguns grupos de árvores espalhadas, de crescimento precário e retorcidas, visíveis por entre uma**

atmosfera cinzenta e enevoadada, e terá assim uma ideia aproximada do lugar em que eu despertei para a nova Vida.

Dito isso, você pode bem entender que a minha primeira aspiração foi a de me afastar desta pouco atraente estada, assim que me fosse possível; estada em que muitos desencarnados permanecem durante anos.... E por que ali permanecem? Antes de mais nada porque têm uma vaga suspeita de precisar mudar para pior; depois, porque **naquela terra inóspita encontram-se com muitos outros espíritos afins à sua própria natureza**; por último, e sobretudo, porque desta região que **é a seção inferior do Plano astral**, e envolve o mundo de vocês, estando quase em contato com este torna-se bastante fácil vislumbrar e saborear com a imaginação algumas satisfações físicas do ambiente em que vocês vivem, e em que tantos desses espíritos desencarnados haviam mergulhado quando vivos, ou nele tinham pensado em demasia por opção...

[...] **O mundo espiritual é uma oficina de refinamento**, e enquanto um espírito não tiver passado por todas as etapas de aperfeiçoamento existentes em cada fase de vida espiritual, não lhe é possível, nem permitido, alcançar estados de beatitude radiante. Esses dados existem, mas por enquanto a nós é concedido apenas ter percepções fugazes sobre eles, a título de

encorajamento... **Eu entrei na vida espiritual sem jamais dedicar um pensamento à grande questão do além-túmulo**, assim como acontece com a maior parte dos jovens da minha idade; mas como na Terra sempre tentei sair de uma situação negativa logo que me fosse possível fazê-lo, assim aconteceu que quando **me vi em um meio espiritual estéril e desagradável**, me dediquei com ardor a sair dele o mais rápido possível, e consegui... (327)

Dos comentários de Ernesto Bozzano sobre o caso:

Essa mensagem do falecido ‘capitão Hinchliffe’ contém uma descrição sumária relativamente resumida da existência e da paisagem espirituais da forma como são encontrados **na seção inferior do “plano astral”, que seria a seção para a qual confluem automaticamente pela lei de afinidade** – os espíritos dos que morreram depois de passar uma vida relativamente normal, ou seja, não despojada de faltas ou de excessos. Tudo isso naturalmente subentende que **venha a existir uma sucessão indefinida de outros estados, ou “Esferas” espirituais, em progressiva elevação**, em que o ambiente se sublimaria gradativamente à medida que ocorresse a sublimação do “corpo etéreo”, invólucro do espírito, até que o espírito alcance o estado de existência suprema, e

para nós inconcebível, de “puro espírito não mais condicionado pela forma”. Esse tema, entretanto, será tratado oportunamente.

Da maneira como estão as coisas, não será inútil mencionar mais uma vez, ainda que sumariamente, o fato de que **uma tal concepção da existência espiritual, da forma como nos é apresentada de uma maneira única em todas as mensagens transcendentais** é a mais racional e aceitável que se possa imaginar, se se pretende entender de alguma forma a questão da sobrevivência do espírito humano depois da morte do corpo. Discuto longamente a esse respeito em um trabalho que escrevi sob o título “Revelações transcendentais e objeção antropomórfica”, publicado no volume V do meu *Investigações sobre as manifestações paranormais*, Città della Pieve, 1938. Recomendo, portanto, esse trabalho a quem quiser formar um claro conceito sobre o tema, mas não posso me eximir de citar uma página resumida dele, e isso para auxiliar os leitores que porventura não o conheçam. Eis em que termos eu me expressei:

“Uma lei psicológica de lenta adaptação governa a evolução das novas ideias; por isso, o que em um determinado momento surge como louca fantasia, torna-se, oportunamente, uma verdade reconhecida e fácil de ser assimilada. **Nenhuma dúvida**

de que o mesmo acontecerá em relação às repudiadas narrações acerca das analogias existentes entre o ambiente terreno e o que se encontraria nas primeiras Esferas da estada espiritual.

Para aqueles que – como o autor – aplicaram os processos da análise comparada e da convergência das provas em um material imenso, essas narrações aparecem desde já como verídicas experimental mente, da forma como emergem das concordâncias entre as informações fornecidas por entidades de desencarnados, identificados pessoalmente através de médiuns que, em sua grande maioria, ignoravam as doutrinas espíritas e pertenciam a lugares os mais diversos, vivendo em épocas diferentes. Acrescente-se que, para qualquer um que tenha efetuado tais investigações, essas narrações fornecem a solução mais aceitável da perturbadora questão que gira em torno das modalidades da existência espiritual. Considere-se de fato que **ninguém que admita a sobrevivência do espírito poderia imaginar que a existência espiritual seja uma eterna vagabundagem pelo espaço infinito, sem objetivo, sem meta, sem ideais a serem alcançados, sem nada a ser executado e a ser pensado.** ⁽³²⁸⁾

“Pergunta-se aos demolidores das revelações transcendentais se porventura se satisfariam com uma perspectiva destas.

Ou, talvez, teriam eles em mente alguma coisa diferente que pudesse ser a alternativa insubstituível da eterna vagabundagem pelo espaço infinito? Se assim é, espero que me revelem a arcana descoberta das suas mentes, uma vez que eu não consigo vislumbrar nenhuma. E dou uma explicação posterior a respeito: **ou habitaremos um novo mundo etéreo, em um ambiente qualitativamente diferente, mas real, em que a paisagem e as coisas são constituídas pela mesma substância de que é composto o 'corpo espiritual',** (e, em consequência, torna-se substancial o mundo físico para os seres revestidos de 'corpos físicos'), **ou não habitaremos espiritualmente em novos mundos etéreos, e então estaremos condenados a uma eterna vagabundagem pelo espaço infinito.** Não se pode escapar desse dilema.

“Disso resulta que com base nas conclusões rigorosamente lógicas apresentadas, **será forçoso concluir no sentido em que são descritas as Esferas espirituais de transição dos desencarnados comunicantes, segundo os quais em torno de cada planeta existiriam Esferas concêntricas espirituais constituídas por uma condensação de substância etérea combinada com irradiações ultra-atômicas de origem terrena;** Esferas

invisíveis e intangíveis aos nossos sentidos, enquanto seriam perfeitamente permeáveis à luz solar, da mesma forma como o é a atmosfera que rodeia a Terra; mas na realidade seriam mais substanciais – no verdadeiro sentido do termo – do que o universo físico.” (329)

5º) Caso XX [*Cartas de Júlia*]

“(Caro William, você deve me permitir escreve nos termos que considero oportunos para me expressar, sem interferir com as suas dúvidas e objeções)

“Você pode rejeitar a ideia agora expressa, mas isso não impede que seja verdade o fato de que **às vezes o espírito desencarnado se encontra só e mergulhado nas trevas**. Nada percebe, nada sente, mas compreende que está atirado e perdido em um ambiente de desolação oprimente e em condições de um isolamento aterrador. **Essas são as regiões infernais** – uma vez que **o inferno não é uma fábula é um lugar que recebe aqueles que tudo fizeram em vida para gravitar ali depois de mortos**. **É essa região que a eles cabe, aonde são levados automaticamente pela inexorável ‘lei de afinidade’**; do mesmo modo, as regiões celestiais acolhem aqueles que em vida agiram de forma a gravitar, depois de mortos, no lugar que mereceram,

sendo transportados para lá também automaticamente, por efeito da mesma grandiosa 'lei de afinidade'.

"As suas perguntas mentais obrigam-me a responder algumas vezes, e agora respondo: **Não, não se trata de inferno entendido no sentido punitivo, exceção feita para circunstâncias ocasionais e transitórias.** As Leis do Universo são a obra de Deus, e Deus é Amor. Nenhuma pena no nosso mundo, e no de vocês, é aplicada sem algum objetivo. Isso é o que pode parecer para vocês, mas o fato é que as penas e amarguras que os seres vivos sofrem têm finalidades didáticas e oferecem, em proporção direta, vantagens e benefícios espirituais para as presumidas vítimas.

"O inferno é um grande 'Asilo de purificação'. Ali se concentram todos os que viveram sem dar amor, que fizeram más ações, que tiveram aspirações ou intenções maléficas longamente acalentadas nos recessos da alma. Ali se colhe tudo aquilo que se semeou. A esse respeito você certamente não vai imaginar que as sanções no mundo espiritual devam ser menos inflexíveis do que as terrenas. Mas verifica-se que os próprios 'condenados' não se julgam tão inflexíveis como no mundo dos vivos, pois compreendem melhor a justiça no novo plano. Por outro lado, assim que um mau dá sinais de se corrigir, aguarda-o imediatamente a indulgência

divina, e os seus sofrimentos morais acabam sendo atenuados. Vocês não podem avaliar as gravíssimas consequências de uma existência de culpas, enquanto os seus resultados não são percebidos no plano espiritual. [...].” (330)

6º) Caso XXVI [Estes parágrafos que o iniciam são comentários de Ernesto Bozzano]

Os episódios que citamos até agora referem-se a exemplos de desencarnados que **se encontram nas mais diversas regiões, ou ‘estados’, do assim chamado ‘plano astral’.** **Nesse lugar,** pela “lei de afinidade”, **gravitariam durante um período de tempo mais ou menos longo todos os espíritos dos desencarnados que levaram na Terra uma vida moralmente normal.** Falta-nos, portanto, citar algum episódio em que fossem observados os acontecimentos pelos quais passam, durante e depois da crise da morte, os espíritos dos maus, **obrigados a gravitar - e sempre em decorrência da lei de afinidade - nas ‘Esferas de provação’, correspondentes ao ‘Inferno’ dos cristãos. É bom deixar claro que ali não há torturas físicas e que os sofrimentos morais não são eternos, mas sim transitórios.** Entretanto, devo declarar que não consegui encontrar um único exemplo de

desencarnado afundado nas Esferas infernais que tenha vindo transmitir mediunicamente a narração da sua triste vicissitude. Isso seria de certa forma fácil de explicar, uma vez que raramente, e talvez jamais, se estabeleceriam relações mediúnicas com entidades existentes nas **mais baixas Esferas de provação**. Essas condições seriam conhecidas graças às descrições transmitidas por numerosos espíritos comunicantes que habitam planos espirituais elevados.

Quanto aos espíritos existentes nas **Esferas de provação 'intermediárias'**, um pouco inferiores **as camadas baixas do 'plano astral'**, observo que alguns descrevem os eventos de sua entrada no mundo espiritual, sendo notável o caso já famoso do escritor inglês Oscar Wilde. ⁽³³¹⁾

7º) Caso XXVII [Marmaduke]:

“Quando em vida, bastou um segundo para eu ser mandado para a morte. Estava deitado às margens de um despenhadeiro nas montanhas quando uma rocha soltou-se do alto, caiu e amassou a minha cabeça, tornando os meus traços irreconhecíveis. Só os papéis que eu trazia na carteira permitiram a minha identificação.

“Foi só um instante e **eu me vi repentinamente mergulhado em trevas profundas. Tentava às apalpadelas**

abrir caminho em meio a uma densa escuridão. Nenhuma luz à vista e um silêncio mortal ao meu redor: era uma situação aterradora. Por vezes parecia-me vislumbrar uma claridade ao longe e perceber sons musicais. O que significava tudo isso? Sentia-me quase enlouquecer e em vão lutava contra o desconhecido, como um homem às voltas com o vazio. **Exausto, caí ao chão em uma crise de desespero moral assustadora e indescritível.** Amaldiçoava a Deus e ao gênero humano. Queria morrer, mas não podia morrer!... ⁽³³²⁾

8º) Caso XXVIII [Iniciado com comentários de Ernesto Bozzano]

Este outro episódio é semelhante ao anterior pelas formas de **penas morais infligidas ao espírito comunicante**, com o agravante, porém, que a sua cegueira moral, por ser congênita e quase irredutível, **levou-o a gravitar em um dos primeiros ‘escalões’ das chamadas ‘Esferas de provação’ por longos e longos anos.** Quero destacar, além disso, que o desencarnado comunicante, como no caso acima, teria se manifestado com o objetivo de narrar sua própria história com o objetivo de fornecer ensinamento aos vivos e de alcançar a própria redenção. A reprodução desta última circunstância em numerosos casos do gênero é altamente sugestiva e instrutiva. ⁽³³³⁾

Nesses casos citados por Ernesto Bozzano, vemos, além da “*lei de afinidade*”, a informação dos Espíritos dando conta de suas experiências, nas quais perceberam regiões inóspitas e de obscuridade ou trevas.

Essa definição de Bozzano – “*O inferno é um grande 'Asilo de purificação'. Ali se concentram todos os que viveram sem dar amor, que fizeram más ações, que tiveram aspirações ou intenções maléficas longamente acalentadas nos recessos da alma.*” – aproxima-se de formulações já encontradas em outras obras, mostrando a recorrência dessa concepção.

Vejamos este trecho dos comentários de Ernesto Bozzano a respeito do Caso XXVII [Marmaduke], é o 7º caso:

Como se apreende dessa exposição, que está de acordo com outras do gênero, os sofrimentos expiatórios que afligiriam os “condenados” seriam, em sua grande maioria, de ordem moral. Em um primeiro momento consistiriam em todo tipo de nostalgias e de desejos não satisfeitos. Em um segundo momento, em

todo tipo de remorsos aflitivos. Quando um espírito mau tem a crise dos remorsos, está dando o primeiro passo no caminho da redenção. Ninguém poderia poupar ao espírito tal crise, às vezes bastante longa e terrível, pois **apenas através dela o “corpo etéreo” se purificaria dos “fluidos impuros” que o poluíam e o deixavam pesado** e que se acumularam por causa das vibrações do comportamento ignóbil ou indigno do próprio espírito, durante a existência terrena. Tais “fluidos impuros” haviam fatalmente – em virtude da lei de afinidade – obrigado o espírito a gravitar rumo a regiões infernais. **Só com a ação depuradora provocada pela crise dos remorsos é que seu “corpo etéreo” se tornaria mais leve, se elevaria e gravitaria – também por lei de afinidade – rumo à esfera espiritual imediatamente superior.**

Quanto aos espíritos endurecidos no mal, incapazes de remorsos, eles ficariam em região infernal, mergulhados em trevas gradativas, às vezes em solidão, outras em companhia dos seus pares, enquanto não chegasse para eles também o momento da tomada de consciência e dos remorsos. **Isso às vezes se prolongaria por séculos,** mas, uma vez que também **os espíritos dos maus não seriam abandonados a si mesmos,** passariam a ser vigiados e **socorridos por**

**espíritos-missionários destinados a
essa função. ⁽³³⁴⁾**

Há ainda outro caso que merece ser citado. Trata-se do Caso XVI, onde temos a manifestação do Espírito Dr. Scott, que havia se suicidado, mas não se encontrava nas trevas. Esse fato gerou o seguinte comentário de Ernesto Bozzano:

Além de tudo isso, é bom notar **o habitual e matemático funcionamento da grande “lei de afinidade”, segundo a qual todo semelhante, tendo fatalmente de gravitar rumo ao próprio semelhante**, fez com que no caso do doutor Scott ele viesse a tomar parte de uma fileira de espíritos “chegados ao ambiente espiritual muito deteriorados pelo ambiente terreno, no qual não tinham podido desenvolver suas *possibilidades* intelectuais”. E, como ele não tinham nenhuma responsabilidade sobre tais deficiências evolutivas, disso resultou que o ambiente em que veio gravitar o doutor Scott não pertencia a um estado espiritual inferior, sendo ao contrário um ambiente radioso como se exigia, a fim de estimular à ação os espíritos que ficaram atrasados, sem ter culpa disso. Tudo isso dá oportunidade para se mencionar um que

deve ser esclarecido a respeito do **doutor Scott, que estaria em ambiente espiritual “de luz”, apesar de ter morrido suicidando-se. Isso estaria em flagrante contradição com as afirmações unânimes das demais entidades espirituais**, segundo as quais severas sanções aguardam aqueles que se tornam culpados de semelhante covardia diante das provas que o destino nos reserva, e que seria nosso dever enfrentar com espírito forte.

A sensitiva, Mrs. Dawson-Scott, ignorava a existência de tal contradição nas mensagens obtidas, mas pessoas amigas chamaram sua atenção para isso, e **ela pediu explicação ao desencarnado comunicante**, que respondeu nos seguintes termos:

“Isso acontece porque existe um outro fator a ser levado em consideração: aqui nós não temos de forma alguma a mesma opinião a respeito de um grande número de questões. Eu só lhes contarei as minhas experiências pessoais, e portanto disse ter sido recebido festivamente no mundo espiritual, onde ninguém me fez nenhuma pergunta a respeito da minha morte. Acrescentei que as minhas primeiras impressões foram de alegria por ter me libertado do corpo. Isso não impede que um outro espírito possa olhar as coisas de um

ponto de vista diferente, ou seja, que a um outro espírito, nas minhas condições, poderia acontecer um destino diferente. Enfim, o que exprimi foi a minha experiência pessoal, e nada mais..." (pág. 107).

Essa resposta não esgota o tema, mas em compensação fornece uma explicação posterior sobre uma grande verdade que o espírito do doutor Scott esforça-se repetidamente para introduzir na mente da própria esposa, ou seja, que os espíritos desencarnados, longe de se mostrarem oniscientes, fazem julgamentos com base em sua experiência pessoal, exatamente como ocorre no nosso mundo. **Disso resulta que os conceitos expressos pelo médico devem ser recebidos com reservas, uma vez que representam apenas as opiniões pessoais, ou as experiências particulares** de quem pode eventualmente saber mais do que nos acerca de assuntos especiais, nada mais do que isso. [...]. ⁽³³⁵⁾ (itálico do original)

Pelos comentários, percebemos que as pesquisas, levadas a efeito por Ernesto Bozzano, apontavam para a realidade das trevas, razão pela qual ele procurou explicar por qual motivo o Espírito Dr. Scott estava numa região "luminosa". Sobre ele,

um pouco antes informava:

[...] O marido da escritora, que era médico, voltara da guerra em condições de esgotamento nervoso, o que foi agravado pelo fato de que em sua família existia uma forma hereditária e deprimente de melancolia (*Spleen*). Disso resultou que um dia o doutor Scott tirou a própria vida ingerindo uma dose de ácido prússico. ⁽³³⁶⁾

Considerando todos os apontamentos de Ernesto Bozzano, podemos destacar estes três pontos: as trevas em que permanecem os Espíritos endurecidos no mal, a “*lei de afinidade*” que “obriga” esses Espíritos a “*gravitar nas regiões infernais*” e, por fim, e não menos importante, o auxílio e socorro que Espíritos mais moralizados têm como missão voluntária, indistintamente, prestarem a todos os “condenados”.

Finalizando trazemos este comentário de Ernesto Bozzano que inicia o relato do Caso XXIX:

Faltaria ainda citar alguma mensagem de “réprobos”, atirados aos mais profundos abismos das “Esferas

de provação”. Mas seria preciso que nos contentássemos com episódios de difícil verificação, e além disso teríamos de renunciar ao controle indireto das provas de identificação pessoal dos desencarnados comunicantes. **É preciso observar que até agora eu me mantive rigorosamente preso ao método científico de citar apenas casos em que os desencarnados oferecem provas suficientes às vezes abundantes e finais, acerca da sua presença espiritual na sessão ou outro local.** Ora, não é possível obter tais provas nos casos desse tipo, uma vez que não se podendo estabelecer contato direto com **os habitantes das “Esferas infernais”**, os poucos desencarnados que narram as provações sofridas nas “Jornadas infernais” representam os espíritos já encaminhados para a trilha da redenção e, conseqüentemente, mortos há muitos anos, ou mesmo séculos. Esses fatos tornam quase impossível a identificação deles. ⁽³³⁷⁾

Destacamos como ponto essencial da pesquisa de Bozzano a afirmação: *“É preciso observar que até agora eu **me mantive rigorosamente preso ao método científico.**”* Ainda assim, não faltam vozes que procuram minimizar o valor de seu trabalho de

pesquisa.

10ª) ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*** (1931):

Autoria de **J. Arthur Findlay** (1883-1964), foi presidente da *Psychic News*, uma revista britânica; líder espírita, era conhecido como orador, conferencista, e pesquisador. Destacamos os seguintes trechos do diálogo que estabeleceu com um Espírito, através de John Campbell Sloan (1870-1951), em sua mediunidade era produzido o fenômeno de voz direta:

P – Dissestes que **o vosso mundo gira com o nosso**. Como se dá isso? E também girais com a Terra em torno do Sol?

R. – Com **as esferas mais próximas da Terra** isso se dá, porque pertencemos a esse planeta. Não podemos ver o mundo terreno a mover-se no espaço, porque convosco nos movemos. Não podemos ver o vosso mundo, enquanto nos achamos nas condições da Terra. Pondo-nos nessas condições, **tornamos mais lentas as nossas vibrações e descemos de um plano a outro até que, baixando cada vez mais as ditas vibrações**, as levamos ao nível das de que se compõem o vosso

mundo. Todos podemos baixar; o que não podemos é ascender além do nosso plano, enquanto não estejamos preparados para sair definitivamente do plano em que nos encontramos. ⁽³³⁸⁾

As ultiores informações que obtive confirmam que **o mundo real contém sete esferas, junto à Terra**, interpenetrando-se umas às outras, cada uma tendo um plano ou superfície e uma atmosfera que representa, para seus habitantes, um firmamento. Olhando, daqui da Terra, para cima, olhamos através deles e, como o mesmo se dá em cada plano, eles olham através do que lhes está acima, porém, não veem Sol, nem estrelas, nem planetas, ou nuvens, apenas o firmamento. Não há sombras nas esferas a que nos referimos, porque lá a luz não produz sombras. **Para os seus respectivos habitantes, é sólida a superfície de cada esfera;** entretanto, pelo pensamento, **podem eles baixar suas vibrações e vir diretamente de plano em plano até à Terra.** Quão poucos dentre nós se apercebem de que, quando olham para o céu, estão olhando através de **planos de densidades diferentes**, que algum dia habitaremos e onde os que já viveram na Terra estão vivendo uma existência ativa e proveitosa! ⁽³³⁹⁾

O ponto central dessa transcrição é a referência à existência de esferas espirituais, conceito já identificado em outras obras.

11ª) **Minha Vida em Dois Mundos** (1931):

A médium **Gladys Osborne Leonard** (1882-1968), relata nessa obra a sua experiência na mediunidade:

Essa tem sido a **minha experiência triste e dolorosa ao visitar, durante o sono, alguns dos planos mais baixos**, especialmente onde estão as pobres almas equivocadas que cometeram suicídio. Eu não estou me referindo agora ao homem que está temporariamente “fora de sua cabeça” por doença mental ou ansiedade, mas do homem que deliberadamente ignora a dor e o sofrimento que ele vai provocar em todos aqueles que estão ligados a ele, e recusando-se a assumir as suas responsabilidades por mais tempo, as joga fora, como ele pensa - “livrar-se delas,” com o fim de sua vida física por suas próprias mãos, apenas para descobrir que ele não “se livrou” de nada, nem “terminou” com a sua vida, mas só precipitou-se em outra condição de existência.

Oh, a diferença entre **a esfera para a**

qual se vai, e os planos felizes que descrevi para você! **Estes planos inferiores são mais escuros**. O próprio ar parece cinza. Uma visita a tal lugar permanece em minha mente acima de todas as outras. Percebi que eu tinha deixado meu corpo físico, e depois de experimentar esse movimento “para cima”, que já mencionei antes, eu me encontrei, flutuando sobre um país curioso, desolado e rochoso. Rochas escuras e sombrias, formando cavernas e fendas, poças de água escura, e uma sensação esmagadora da solidão é o que eu me lembro, mais fortemente, deste plano sinistro.

[...].

Dois dias depois, o senhor Walter Gibbons veio visitar-me, parecendo muito cansado e exausto. Eu perguntei-lhe qual era o problema. Ele respondeu: “Eu tive um momento terrível no plano astral durante o sono. Na noite de anteontem, **fui levado para o plano onde ocorrem alguns suicídios**, e lá vi o meu velho amigo – que se matou no dia anterior, porque ele tinha se metido, tão terrivelmente, em dívida e problemas financeiros.”

“Espere um momento”, eu disse, “Eu acho que estive lá, também; espere até que descreva um pouco para o senhor.”

Eu fiz isso, e alternadamente o senhor Walter e eu descrevemos detalhes do lugar

um para o outro, até estarmos certos de que tínhamos estado realmente no mesmo plano, e vimos o mesmo homem, ao mesmo tempo, embora eu não me lembre de ver o Sr. Walter, e ele não lembrar-se de ter me visto. De qualquer forma, nós dois oramos, e pensamos em seu amigo, que, soubemos depois, gradualmente evoluiu para uma condição superior e mais feliz.

Este não foi o único plano de que o Sr. Walter e eu relembramos completa e detalhadamente.

[...] Há tantos planos, alguns abaixo daquele aonde vimos os suicídios, e alguns entre aquele e o plano feliz que algumas pessoas chamam de “Summerland”. **Nossos espíritos Comunicadores frequentemente nos dizem que aqueles que machucam os outros - deliberadamente e insensivelmente - vão para os planos inferiores.** Aqueles que se machucam mais do que outros ainda estão vinculados a uma condição um pouco abaixo no Mundo Espiritual, especialmente se eles tornaram-se escravos para os desejos da vida física - o corpo carnal. ⁽³⁴⁰⁾

A descrição dos planos inferiores, marcados pela escuridão e das esferas destinadas a suicidas, guarda grande semelhança com outras obras que

identificam tais regiões como parte do Umbral.

12ª) ***Uma Olhada no Além*** (1933):

O **Espírito Alcar** dita mediunicamente essa obra a Jozef Rulof (1898-1952), Holanda - Países Baixos, entre 1932 a 1936. A primeira edição da Parte I surgiu em 1933, Parte II, em 1935 e Parte III, em 1936. Na obra o médium será designado de André:

Há sete Esferas, das quais a primeira e a segunda parecem muito com a Esfera terrena, embora sendo em forma espiritual. Mas lá se começa a se desenvolver, aos poucos, para se poder alcançar as regiões superiores. Estas não são mais Esferas de purificação, estas já são contadas como as Esferas de existência.

O que queremos ver não ocorre nestas Esferas, então iremos à **Terceira Esfera**. Os homens que lá vivem, atuam todos sobre o desenvolvimento do seu nível espiritual. Muitos deixaram a Terra há pouco, outros já há muito tempo. ⁽³⁴¹⁾

[...] Mesmo assim os Homens serão felizes quando você lhes contar da vida após a morte e dar-lhes a segurança quem, se viveram na Terra uma vida correta, aqui

virão para a luz e participarão da felicidade celestial. **Cada um virá aqui, como é interiormente e então entrará na Esfera a qual pertence espiritualmente.** Segundo a lei de causa e efeito, colherão aquilo que semearam. Muitos vêm numa situação infeliz e então muitas vezes **precisam ficar nas Esferas escuras e frias por um bom tempo**, antes deles poderem seguir espiritualmente e alcançarem uma Esfera superior. Outros porém, que já entenderam durante a existência física, que é o propósito de Deus que dediquem esta vida aos outros e ajam de acordo, sentir-se-ão logo em casa depois da sua passagem estarão felizes numa Esfera que sintoniza com o seu interior.

Eu voltarei a este assunto mais uma vez porque é de inominável importância. Os Homens precisam saber que, os que terminaram bem a sua vida, viverão nas Esferas de luz e amor, mas, aqueles que se esqueceram, **encontrarão seu lugar nas Esferas de frio e escuridão.** Diga-lhes André, que aqui encontrarão tudo assim sintonizado com a sua vida interior, na Terra.
(³⁴²)

Nas **Esferas escuras** isso também sucede, como Alcar disse, mas, se sabe de antemão e já se conta com isso. Os Espíritos que lá vivem não são confiáveis, **vivem na escuridão e na frieza.** Os que na Terra

contam tudo “confidencialmente” a outros, veriam nas Esferas escuras como é manchada a sua confiança. Na Terra não se pode ver através do outro, porque o corpo físico o impede, mas, uma vez chegado no **Além e tendo se desfeito do invólucro físico, não é mais possível ao Espírito se esconder dos outros.** ⁽³⁴³⁾

André olhou à sua volta. Ali, diante dele, **bem fundo na escuridão**, naquela brasa escura, ele **distinguiu uma cidade grande**. Muitas torres se destacavam, nítidas, do ar vermelho-marrom. Visto do lugar deles, se estendia um panorama lindo, mas também sombrio.

“Nesta cidade grande só reina sofrimento e miséria que os Homens prepararam para si mesmos, porque não querem conhecer e amar Deus.

Muitos já estão ali há centenas de anos e em todo aquele tempo não sentiram a vontade de encontrar luz um pouco mais pura. Eles prosseguem vivendo no mesmo êxtase em que viviam na Terra.”

A cidade se estendia até o horizonte onde o André achou perceber um pouco mais de luz.

“Não há como abranger com o olhar esta cidade, Alcar?”

“Não, André, nem em milhares de anos, porque ela se estende infinitamente. ‘Até na eternidade’ não ousou dizer, porque espero que também estas Esferas possuam, um dia, a luz mais elevada.

Você vê, que os Espíritos constroem também ali, como nas regiões mais altas, as suas casas e templos.” ⁽³⁴⁴⁾

Trata-se de uma revelação espiritual que confirma, em linhas gerais, o que já encontramos em outras obras.

13ª) ***Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor***
(1940)

Psicografada pelo médium **Francisco Valdomiro Lorenz** (1872-1957), residente em Dom Feliciano (RS). Do Capítulo XXXVII, transcrevemos o seguinte trecho:

O **Mundo Astral** consiste de substância muito mais sutil do que o éter do Mundo Físico e **tem sete subdivisões ou zonas**. [...].

[...].

Todas as zonas do Mundo Astral têm seus habitantes. [...] No Mundo Astral

vivem os Arcanjos, que não têm corpo físico, nem corpo etérico; o seu veículo mais denso é o corpo astral. **Além dos Arcanjos, habitam o Mundo Astral muitas outras espécies de seres, entre os quais também as almas dos que morreram fisicamente.**

[...].

- **As quatro zonas inferiores do Mundo Astral formam o purgatório**, - explicou Roberto ao seu companheiro - ao passo que **as três superiores constituem o primeiro céu**. O segundo e terceiro céus estão no Mundo Mental.

E o inferno?

- Se quisermos conservar este nome, **podemos aplicá-lo à parte mais baixa do purgatório**, com a condição, porém, que não o consideremos eterno, e sim, temporal. **Ninguém fica por toda a eternidade no inferno**, porque Deus, sendo Infinita Bondade e Sabedoria, não quer a perdição de qualquer dos seus filhos, mas a todos dá as ocasiões próprias para se elevarem na escala que a Ele conduz. **Nas regiões inferiores do Mundo Astral purificam-se as almas, carregadas de vícios**. Cada alma traz consigo, para cá, seus desejos, paixões e inclinações baixas; como, porém, lhe falta o corpo carnal, não pode satisfazer esses desejos e, portanto, sofre mentalmente, até que o seu entendimento se abra

à luz e compreenda que deve abandonar esses desejos.

Henrique avistou perto de si um ente que, evidentemente, sofria muito. Era a alma de Ernesto de Rosental. O seu corpo astral consistia de uma matéria escura; caminhava apalpando com as mãos, como um cego; de vez em quando, punha-se a correr, mas logo parava e, acorocado, tremia de medo. Henrique notou que o miserável **era perseguido pelas imagens mentais de suas vítimas**, que ele julgava reais.

- Posso aliviar os sofrimentos deste infeliz? - perguntou Henrique a Roberto.

Este respondeu:

- Ora por ele frequentemente, enviando-lhe pensamentos benévolos e luminosos. **Agora está ele em densas trevas**; só quando sentir verdadeiro arrependimento, começará a libertar-se, pouco a pouco, do peso do desespero. ⁽³⁴⁵⁾

A descrição das zonas inferiores do Mundo Astral como purgatório, temporário e pedagógico, reforça a ideia de que o sofrimento espiritual não é eterno, mas um processo de depuração.

14ª) **Mensagens de Além-túmulo** (1943):

O Espírito **Eurípedes Barsanulfo**, que,

quando vivo residiu em Sacramento (MG), por intermédio do médium José dos Santos Júnior, ditou trinta mensagens publicadas nessa obra. A que nos interessa é a constante do capítulo “VIII – A vida do ‘além-túmulo’”, ditada em 16/07/1943, da qual destacamos o seguinte trecho:

Nas camadas superiores do astral, queridos irmãos, há escolas de todas as categorias e destinadas a instruir as entidades espirituais escolhidas para voltar à Terra e nela introduzir novos elementos de progresso.

[...].

Em todos os campos de atividade há no que chamais “além-túmulo” escolas, laboratórios, terrenos experimentais, grandes oficinas de construções mecânicas e tudo o mais que possais conceber.

Por isso, este plano não é o que a muitos de vós se afigura, através das resumidas e muitas vezes defeituosas comunicações que vos são transmitidas por irmãozinhos desencarnados, que ainda não puderam se desprender da atmosfera da Terra, **vivendo mais ou menos nas trevas**, apegados a quanto tinham aí, **dando a ideia de uma vida vazia e sobretudo ociosa.** ⁽³⁴⁶⁾

(itálico do original)

Se há camadas superiores, parece-nos lógico admitir a existências de camadas inferiores. Além disso, a referência a Espíritos “*vivendo mais ou menos nas trevas*” dificulta afastar a ideia de regiões análogas ao que, posteriormente, veio a ser denominado Umbral.

15ª) **A Vida nos Mundos Invisíveis** (1948):

Como vimos, nessa obra o médium inglês **Anthony Borgia** publicou várias psicografias do Mons. Robert Hugh Benson, delas destacamos:

a) Primeira Parte, no capítulo IX, intitulado “Os domínios sombrios”:

[...] Em vez disso, Edwin nos forneceu alguns detalhes.

Alguns dos habitantes, disse ele, viviam ali, ou em suas redondezas, ano após ano, – como é contado o tempo na terra. **Eles próprios não tinham noção de tempo, e sua existência era uma interminável continuidade de escuridão**, e por sua própria culpa. **Muitas almas caridosas tinham entrado naqueles reinos para tentar efetuar uma salvação das**

sombras. Algumas tinham sido bem-sucedidas, outras não. O sucesso depende não do salvador, mas do que se procura salvar. Se este não demonstra uma centelha de luz em sua mente, nem desejo de dar um passo à frente na estrada espiritual, então, nada, literalmente nada, se pode fazer!

[...].

Assim como os reinos superiores tinham criado todas aquelas belezas, **os moradores destes planos inferiores tinham edificado as condições atrozes de sua vida espiritual. Não havia luz, nem calor, nem vegetação, nem beleza.** Mas há esperança – esperança de que uma alma possa progredir. Está ao alcance de cada uma, e nada a impede, a não ser ela própria. Poderá levar infindáveis anos para subir espiritualmente uma polegada, mas é um passo na direção certa. ⁽³⁴⁷⁾

b) Segunda Parte, capítulo “IV – O tempo e o espaço”:

Nos reinos sombrios acontece exatamente o contrário. **O período de escuridão parecerá interminável àqueles que aí vivem.** Por mais que tais almas anseiem pela vinda da luz, ela, no entanto, jamais vem. Eles é que devem dar o primeiro passo em direção à luz que os espera nos reinos mais elevados. **Um período de existência dentro das**

regiões escuras, que não vai além de um ano ou dois do tempo terreno, parecerá uma eternidade para os sofredores. (³⁴⁸)

Os relatos de Benson, descrevem os domínios sombrios como regiões de trevas e sofrimento, mas também de esperança, onde o progresso espiritual depende da disposição íntima da cada alma. A semelhança com as narrativas de André Luiz em *Nosso Lar* confere maior autenticidade ao conjunto de testemunhos sobre o Umbral.

16ª) **Devassando o Invisível** (1963):

Obra na qual **Yvonne do Amaral Pereira** (1900-1984) conta sua experiência mediúnica, do Capítulo IV – Nas regiões inferiores, ressaltamos.

Nem sempre será dado ao médium, durante o desdobramento da sua individualidade espiritual, visitar as formosas estâncias fluídicas onde a paz e a beleza, a fraternidade e a luz, o consolo e a alegria revigoram o seu espírito para o prosseguimento da marcha terrena. **Os deveres da mediunidade também o requisitam para os locais inferiores, antros de miséria e degradação**

localizados, às vezes, nos próprios perímetros terrenos, como nas suas regiões atmosféricas, onde se aglomeram entidades ainda inferiorizadas pelo erro e a materialidade, e aos quais, por isso mesmo, chamaremos regiões inferiores. Nesses locais, de que os bairros miseráveis de uma grande cidade darão ideia aproximada, exercerão os médiuns, acompanhados sempre de seus Guias e Instrutores espirituais, tarefas melindrosas nos setores da legítima fraternidade, podendo-se, mesmo, asseverar que nesse delicado exercício espiritual é que se acentua a significação da sua qualidade de médium, ou intermediário.

Esses agrupamentos de entidades desajustadas, aos quais se têm denominado regiões Inferiores, por não se conhecer outro vocábulo que melhor os defina e retrate, **tanto poderão existir no Espaço, dentro da densidade atmosférica, como na própria Terra, pois estarão sempre onde se encontrarem as entidades que os compõem,** o que quer dizer que sua configuração poderá ser móvel. Suponhamos uma das favelas de má fama, aqui no Rio de Janeiro, cujos habitantes se mudassem, ora para Copacabana, ora para a Cinelândia, ora para Jacarepaguá ou para o Pão de Açúcar. **Todos esses locais nada**

mais passariam a ser senão a região trevosa criada pelos hábitos inveterados dos favelados, por sua educação ínfima ou deficiente e suas vibrações e atos viciados, pois é sabido que cada um de nós carrega consigo próprio o seu inferno ou o seu paraíso. De forma idêntica serão as regiões inferiores do Mundo Invisível: criações mentais coletivas de entidades afins, que praticarão, além da morte, os mesmos hábitos e os mesmos atos a que se arraigaram no estado humano. E todos esses locais, assim construídos, ainda que se estabeleçam nos âmbitos da Terra, pertencerão sempre ao Invisível, mas não propriamente à Espiritualidade, pois esta implica a emancipação do Espírito das atrações da matéria, o domínio mental elevado ou superior, a ascensão a planos transcendentais do Infinito. (349)

Embora Yvonne Pereira não utilize o termo Umbral, sua descrição das regiões inferiores – criadas pelas vibrações e hábitos coletivos de espíritos ainda presos à materialidade – corresponde exatamente ao conceito de Umbral presente em outras obras. Trata-se, portanto, de uma confirmação clara da recorrência desse tema na literatura

espiritual.

17ª) **No Limiar do Infinito** (1978):

Psicografado pelo médium **Divaldo Pereira Franco**, no qual a autora Joanna de Ângelis, no capítulo 13 – Regiões de Benção e Dor, entre várias outras coisas, explica-nos o seguinte:

É certo que se multiplicam, no além-túmulo, as regiões de dor e sombra, os abismos de sofrimento e de amargura onde não brilham as luzes da alegria, em que se rebolcam os ultrajantes, os exploradores, os assecas do mal, os impiedosos e calcetas, os dilapidadores da felicidade e da esperança alheias, os viciosos e toda a farta mole de acumpliciados com a desdita e o mal. Fizeram-se infelizes por prazer e **vincularam-se entre si de acordo com as inclinações e motivações pessoais, aglutinando-se em colônias** onde se auto-supliciam e se permitem absurda justiça, porque inúmeros se consideram destacados pela Lei Universal para a aplicação do látigo e a corrigenda dos abusos, excedendo-se, eles próprios, e caindo em mais fundos precipícios de desar e alucinação, até quando lhes chega o momento da reparação que não tarda

indefinidamente.

Ninguém, o mais terrível e hediondo veredicto, se encontra à margem da misericórdia celeste que a todos nós alcança e soergue para a vida, para o amor e para a perfeição, após o indispensável expurgo das construções infelizes a que se imanta... ⁽³⁵⁰⁾

Apesar da linguagem elevada, Joanna de Ângelis descreve claramente as regiões de trevas como colônias de espíritos afins, vinculados por suas próprias motivações. Trata-se de mais uma confirmação da recorrência do tema do Umbral, entendido como espaço de dor e purificação, mas sempre sob a misericórdia divina.

18ª) **Os Mortos nos Falam** (1988):

Autoria do **Padre François Brune**, foi um teólogo católico francês, transcreveremos os seguintes trechos:

a) Capítulo V – Os primeiros passos no além, item 2. A cartografia dos países de além-morte, tópico “O mundo é a resultante de nossa consciência”:

Considerando o estilo sempre cheio de

imagens, sempre poético, de Roland de Jouvenel, poderíamos perguntar se todo o texto não deveria ser tomado em sentido figurado. Mas não creio, pois ele volta ao tema outras vezes, e quase sempre o faz nos mesmos termos. Entretanto, é possível que a viagem espiritual gere concretamente suas próprias imagens. Indagar se devemos tomar os termos em um sentido concreto ou figurado é, provavelmente, um falso problema: os dois sentidos são verdadeiros, ao mesmo tempo. A aventura espiritual transpõe-se em imagens, em distâncias, em sensação de velocidade ou de obstáculos percebidos realmente por todo o ser, tanto espiritual quanto fisicamente.

Falando da morte da luz ao crepúsculo, Roland de Jouvenel acrescenta:

“Esta **agonia do dia nas sombras** é uma réplica daquilo que sentimos no momento da morte. A terra torna-se trevas. Não distinguimos mais o criado, e **atravessamos, em seguida, uma região tenebrosa comparável à noite. Somos levados pelo espaço como nuvens na escuridão da noite**, até que a aurora celeste chega para nós. Mas ainda estamos distantes de Deus, tão distante quanto o sol está distante da terra.” ⁽³⁵¹⁾

Várias vezes Roland compara esta **zona de trevas** que deve ser atravessada a uma

zona de frio glacial. Pode-se ver bem, em tais textos, o duplo aspecto, ao mesmo tempo físico e espiritual:

“Para que você não sinta muito frio no momento em que deixar a terra, é preciso que sua vida interior tenha sido tórrida. As estepes geladas, nas quais você se encontrará, derreter-se-ão se seu fervor for quente como um braseiro: seu fervor derreterá o gelo...”

[...].

Uma vez vencido o grande corte entre este mundo e o além, parece ser mais fácil circular no interior de um mesmo nível, ou de um nível para outro. Muitos afirmam, entretanto, que **nunca se pode ir às etapas superiores, a menos que se seja chamado ou conduzido, por um breve tempo**, por um motivo bem preciso. Inversamente, pode-se **sempre visitar aqueles que ficam para trás, em estágios inferiores** (não falo aqui dos subsolos, se é que posso expressar-me assim, **onde apenas podem se aventurar os espíritos mais evoluídos, com o objetivo de socorrer e iluminar os mais fechados sobre si mesmos, os mais rebeldes às forças do amor**. [...]. ⁽³⁵²⁾)

b) Capítulo VII – O exílio nos mundos da infelicidade, item 1. Nas trevas exteriores, parágrafos iniciais:

Tudo acontece, então, a cada instante, tendo Deus ao fundo, tendo ao fundo o outro dos ícones que, aliás, tecnicamente, chama-se “a luz”. E a cada instante forma-se o mundo, pela interação entre a nossa consciência e este fundo, este campo de forças, produzindo e penetrado por Deus. A influência de nossa consciência é, em cada nível, coletiva. **É a soma dos eflúvios de todas as consciências humanas, além do tempo e do espaço, que dá ao mundo sua forma atual, com as nuances possíveis segundo as épocas ou as regiões.** Aliás, o espaço e o tempo, tal como nós os sentimos, são produzidos pela interação desta consciência coletiva e deste campo de forças.

Mas também **no além, nos numerosos países do além-morte, cada nível de existência é a resultante desta interação, segundo os diferentes níveis atingidos pelas consciências daqueles que se reúnem, seja por afinidade, seja por proximidade espiritual.** As projeções de uns e de outros encontram-se, então, e dão origem à emergência de um novo mundo comum, próprio a este grupo.

Cada um destes mundos, **cada uma destas numerosas “moradas” será mais ou menos transfigurado pela Luz, segundo o nível espiritual de cada uma destas consciências coletivas.**

Mas há, inicialmente, o nível daqueles que sequer veem a luz. Perdendo-a, parecem perder contato, também, com os outros homens. Quem se afasta de Deus afasta-se de seus irmãos. (Como sempre, trata-se, aqui, de afastamento voluntário).

De acordo com esta lei natural (segundo a qual cada um cria, por projeção, seu próprio ambiente), quem não crê em nada, quem só crê no nada, encontra-se no nada. Nesta terra, estes infelizes gozariam, sem saber, do nível de consciência coletiva. **Entregues a si mesmos, deixados no nível espiritual que lhes é próprio, encontram-se na escuridão e na solidão.** O pior é que, neste momento, **são até mesmo incapazes de perceber a presença de mortos que os amaram e que vêm ajudá-los.** [...]. ⁽³⁵³⁾

É notável que um padre católico, como François Brune, descreva zonas de trevas e diferentes moradas espirituais em termos tão semelhantes aos encontrados em obras espíritas, contrariando a tradição religiosa que abraçou. Essa convergência reforça a universalidade da ideia de regiões inferiores, onde os mais evoluídos descem para socorrer os que permanecem rebeldes às forças

do amor.

19ª) *O Outro Lado da Vida* (1999):

A médium vidente **Sylvia Browne** é a autora, cuja particularidade foi a de se utilizar do termo Umbral, já bastante comum no meio espírita:

A importância disso me foi revelada numa experiência que tive enquanto escrevia este livro. Não sou adepta da projeção astral. Não costumo deixar meu espírito viajar por aí sem o meu corpo, mas uma noite, **através da projeção astral, cheguei ao que minha Guia Espiritual me explicou mais tarde ser o Umbral.**

Eu estava cercada por pessoas que tinham morrido. Elas não me disseram uma palavra, mas eu podia perceber seu profundo desespero. O ar pesava com a tristeza, e as pessoas, cuja idade variava do início da adolescência até a velhice, arrastavam os pés ao andar e mantinham os olhos baixos, de forma que até a linguagem corporal transmitia a falta de esperança.

Além da área em que nos encontrávamos, **vi uma enorme escuridão que sinceramente me aterrorizou, fazendo com que eu quisesse me afastar dela.** Foi aí que percebi que tinha entrado pela porta da

esquerda do Outro Lado e que **aquela escuridão estava cheia de entidades negras** prestes a retornar para a Terra num útero.

Também percebi que as pessoas com quem eu estava ainda **tinham o livre-arbítrio para escolher. Elas podiam seguir para a escuridão ou passar pela porta da direita para a luz de Deus do Outro Lado. Elas não estavam presas naquele Umbral, estavam esperando até fazer a escolha.**

[...].

No dia seguinte **exigi que Francine, minha Guia Espiritual, me explicasse por que nunca tinha me contado sobre o Umbral.** Ela disse o mesmo que afirma nessas situações: “Se você não fizer a pergunta, não vou lhe dar a resposta.” Odeio quando ela faz isso.

Mas Francine também me contou que eu tinha conseguido tocar dois espíritos entre os milhares que se encontravam ali. **Dois deles tinham deixado o Umbral** e atravessado, a porta da direita para a luz do Outro Lado depois que eu fui embora.

Desde aquela noite incluí aqueles **espíritos tristes e perdidos do Umbral** nas minhas preces. Espero que você faça o mesmo. Se eles não conseguem reunir a fé necessária para chegar em segurança ao

Outro Lado, o mínimo que nós, entidades brancas, podemos fazer é ajudá-los com a nossa fé.

Suicídio

Mesmo que nenhum daqueles espíritos tivesse falado comigo, **eu “sabia” por que alguns deles estavam no Umbral**, e Francine confirmou a razão. Por isso, quero esclarecer alguns fatos sobre a confusa e trágica questão de dar fim à própria vida.

Eu aprendi na infância que “as pessoas que cometem suicídio vão para o inferno”. Ponto final. Caso encerrado.

[...].

Os suicidas movidos pela desesperança e pela angústia extrema, agora eu sei, vão para o Umbral. De fato, as pessoas que tiveram uma experiência de quase morte durante uma tentativa fracassada de suicídio por desespero descrevem que se viram, em um lugar de tristeza avassaladora, não em uma completa escuridão, mas como se estivessem “fora da luz”. **Estavam cercadas pelo silêncio, ou então receberam o deboche e o escárnio de outros espíritos ao redor delas, sem encontrar compaixão em lugar algum. Este é certamente o Umbral.** Mas isso significa que elas ainda podem escolher juntar-se às entidades negras na escuridão

ou seguir rumo ao amor incondicional de Deus através da porta da direita do Outro lado. Mas uma vez, nossas orações podem ajudá-las muito. ⁽³⁵⁴⁾

É significativo que a escritora Sylvia Browne, oriunda de tradições religiosas diversas, utilize o termo “Umbral”. Sua narrativa confirma a recorrência desse conceito em diferentes culturas.

20ª) ***Fantasmas, Espíritos e Aparições*** (2006)

Nessa obra, registra-se as experiências espirituais da médium britânica **Linda Williamson** (1949-2026), da qual transcrevemos os seguintes trechos:

a) Introdução, tópico “De que trata este livro”:

Minha intenção ao escrever este livro foi mostrar ao mundo **o trabalho que faço e explicar como auxílio os espíritos presos** ao plano físico com a ajuda de meus guias espirituais. Também descreve as sensações de quem vive como espírito errante, **preso em uma região escura e inóspita entre dois mundos.** ⁽³⁵⁵⁾

b) Do capítulo “7 – Em direção à luz”, tópico “Inferno e julgamento”,

Ninguém é levado à força à presença de Deus para ser sentenciado e enviado ao inferno ou para arder no enxofre. Mas isso não significa que a maldade e a crueldade ficam impunes. A diferença é que cada espírito decide como vai se redimir. **O mundo espiritual tem dimensões de luz e também de escuridão** e os espíritos são atraídos para aquela com a qual suas vibrações têm mais afinidade. **Um espírito de natureza perversa** que não fique preso à Terra ao desencarnar **é automaticamente levado para a escuridão.**

Os locais sombrios são diferentes daquilo que costumamos imaginar como inferno. **O sofrimento se passa apenas dentro do espírito e da mente. O local apenas reflete a energia daqueles que o habitam.** Seres destrutivos, cheios de ódio ou malícia não podem ir direto para um plano mais elevado quando são resgatados pelos socorristas. **Sua vibração não se adaptaria** e até a luz seria forte demais e os incomodaria. Mas nem por isso são automaticamente condenados. **Os socorristas sempre demonstram atenção e carinho com todos, pois sabem que em cada espírito há uma centelha divina. [...].** ⁽³⁵⁶⁾

Descrição do mundo espiritual, apresentando a região de luz e a de trevas, exatamente como se vê em diversas outras fontes. O detalhe curioso é que fala de equipe de socorristas, fato que corroboraria o que é dito por André Luiz em *Nosso Lar*.

21^a) **Espíritos Entre Nós** (2008):

Autoria do médium norte-americano **James Van Praagh**, escritor e produtor de televisão, encontramos trechos que vêm confirmar tudo quanto estamos vendo em outros autores. Vejamos alguns trechos do capítulo 5, intitulado “O Mundo dos Espíritos”:

a) Dimensões espirituais

Quando abandonamos nosso corpo físico no momento da morte, entramos em uma dimensão de sintonia muito fina. Como já disse no capítulo anterior, **a experiência de entrar no mundo espiritual é diferente de pessoa para pessoa**, dependendo do sistema de crenças de cada uma, do nível de conhecimento e do grau de evolução espiritual. **À medida que passamos pelos planos astrais inferiores e nos movemos para as dimensões superiores, as experiências**

se tornam ainda mais rarefeitas. Pensamentos e sentimentos têm sua intensidade amplificada. [...].

[...] No entanto, **nas dimensões espirituais, gravitamos em direção a uma mentalidade semelhante à nossa e à de outros que têm os mesmos pontos de vista e se encontram no mesmo nível de evolução.** O lugar onde vamos parar depois da morte **é criado por nós mesmos, por meio de nossos pensamentos, palavras e atos e pela maneira como vivemos na Terra.** [...] por exemplo, ficamos junto com outros que compartilham a mesma crença. ⁽³⁵⁷⁾

b) O plano astral inferior

Quando uma pessoa se desfaz de seu corpo físico no momento da morte, o fio de prata que antes ligava o corpo etéreo ao físico é rompido. O que resta é uma exata réplica do corpo físico, porém mais leve e vibrante.

A primeira dimensão além do reino físico é o plano astral inferior, que vibra muito próximo ao domínio terreno e se localiza entre a Terra e as esferas mais elevadas. É o primeiro com que os espíritos se deparam e onde geralmente ficam pouco tempo. **Muitos espíritos já comunicaram que esse nível é cinzento, e pouco iluminado.**

No plano astral inferior, tudo o que se pensa é visto e ouvido com muita clareza. **Os espíritos não podem esconder seus próprios pensamentos como os humanos fazem.** [...] Com frequência **eu me refiro a esse plano como nossa lata de lixo mental e emocional.** Quando os espíritos decidem permanecer no plano astral inferior, eles se transformam em criações coletivas de determinados aspectos dos humanos que estão ligados de modo obsessivo a **emoções não resolvidas e frequentemente negativas, como raiva, depressão, desespero, solidão, culpa, vício, crueldade e ódio.** O plano astral inferior **é deprimente porque os espíritos parecem se alimentar da negatividade associada a essa criação coletiva.** É como se os espíritos estivessem presos a uma mentalidade muito arraigada. [...]. ⁽³⁵⁸⁾

c) Os gritos

Além de o plano astral inferior ser formado por nossos próprios pensamentos e emoções negativas coletivas, nós também o alimentamos continuamente com nossa negatividade. Isso inclui formas de lazer negativas. Filmes violentos, programas de televisão e música que exageram os medos e comportamentos cruéis das pessoas podem parecer excitantes, mas só servem

para exacerbar o comportamento mais primitivo da nossa sociedade. **Os criadores dessas imagens negativas podem estar sob a influência de espíritos do plano astral mais baixo.** Tudo é energia, e **energias negativas, como medo, raiva e ódio, ficam registradas no plano astral inferior.** Como em um círculo vicioso, essas formas de pensamento retornam como assombrações durante anos e anos, reforçando o medo e o ódio. ⁽³⁵⁹⁾

Ao se referir ao plano astral inferior, afirmando que *“esse nível é cinzento, e pouco iluminado”*, o autor nos apresenta algo que objetivamente nos remete às descrições do Umbral.

22ª) ***Cidades Espirituais*** (2014):

Ditado pelo Espírito Luís Felipe, através do médium **José Fernando Araújo**, ou simplesmente, Zé Araújo, de Blumenau (SC), médium mecânico ⁽³⁶⁰⁾. Dessa obra transcrevemos os seguintes trechos:

[...] Sim, essas paragens que foram nominadas como **“umbrais” ou regiões inferiores, são apenas os estados conscienciais e de forte influência nos pequenos mundos plasmados e**

identificados por estes tantos irmãos terrenos que se atraem num mesmo diapasão de anseios e crenças. Essas crenças geralmente são alimentadas de maneira tão forte que passam a fazer parte integral da mente desencarnada. (³⁶¹)

O leitor mais atento perceberá que nas obras listadas há também fontes fora do meio espírita – isso é de suma importância para se demonstrar que certas ideias surgem de todos os lados.

Dos relatos de regressão de memória e dos de EQMs

"Significa isso que desprezamos os fatos? Muito ao contrário, pois toda a nossa ciência está baseada nos fatos." (ALLAN KARDEC)

Em alguns casos de regressão de memória e dos relatos de EQMs aparecem menção a uma zona no mundo espiritual onde domina a escuridão.

1º) Na Regressão de Memória

Em **As Vidas Sucessivas** (1911), o pesquisador Albert de Rochas (1837-1914) apresenta dezenove casos de regressão, dos quais tomaremos apenas trechos de quatro deles que citam algo relacionado ao nosso tema:

a) Caso nº 2 – Joséphine, 1904.

Ela não queria dizer nem quem era, nem

onde estava. Respondia-me, em tom brusco e com voz de homem, que estava lá, uma vez que falava; porém, ela não via nada, **encontrava-se na completa escuridão.** ⁽³⁶²⁾

Morre. Sente-se sair de seu corpo, mas a ele continua preso durante um tempo bastante longo. Pôde seguir seu enterro flutuando acima do caixão. [...] No cemitério, ficou perto de seu corpo e sentiu-o decompor-se, o que o fazia muito sofrer.

Seu corpo fluídico, que se tornou difuso depois da morte, retomou forma mais compacta. **Ele vive na obscuridade, que lhe é penosa, mas não sofre, porque não matou nem roubou.** Apenas sente sede algumas vezes, porque era bastante bebedor. [...].

As trevas nas quais estava mergulhado terminaram por ser abertas por algumas luzes frouxas. Ele teve a inspiração de reencarnar num corpo de mulher, porque as mulheres sofrem mais do que os homens e ele tinha de expiar as faltas que havia cometido abusando das moças. [...]. ⁽³⁶³⁾

Antes de sua encarnação, Philomène havia sido uma menina, morta em tenra idade. Anteriormente havia sido um homem que tinha matado e roubado, um verdadeiro bandido. **É por isso que muito sofreu na**

completa escuridão a fim de expiar seus crimes, mesmo depois de sua vida de menina, quando não teve tempo para fazer o mal. ⁽³⁶⁴⁾

b) Caso nº 3 – Eugénie, 1904.

Na sessão precedente, deixamos Eugénie na fase de bebê sendo amamentada por sua mãe. Aprofundando bastante seu sono, determinei uma mudança de personalidade. Ela não estava mais viva, **flutuava numa semi-obscuridade**, não tendo nem pensamento, nem necessidades, nem comunicação com ninguém. ⁽³⁶⁵⁾

c) Caso nº 5 – Louise, 1904-1908-1910.

[...] Ela foi um padre, falecido muito velho, um bom padre simplesmente, agarrado a seus deveres sacerdotais. **Morre e permanece na penumbra, durante longo tempo**, até aperceber-se bem de seu estado, que no princípio não compreendia, pois acreditava encontrar o paraíso ou o purgatório e não via nada. Louise toma então a cabeça entre as mãos e põe-se a soluçar; as lágrimas rolam de seus olhos. ⁽³⁶⁶⁾

d) Caso nº 6 – Srta. Mayo, 1904.

Antes de ser chamada para perto de sua mãe atual, **encontrava-se na penumbra**; não sofria.

Faço-a rapidamente retornar ao passado por meio de passes longitudinais e, quando a interrogo, ela é Line; tem quinze anos, não está ainda casada, vive com a mãe, nunca viu seu pai e não sabe seu sobrenome.

Mais longe ainda no passado.

Encontra-se na completa escuridão. Sofre e não pode explicar o tipo de sofrimento; não é um sofrimento físico, é como um remorso. Recorda-se muito bem de ter sido Charles Mauville e não hesita em lembrar-se do nome de batismo e do sobrenome.

Mauville morreu aos cinquenta anos, de um resfriado. ⁽³⁶⁷⁾

e) Caso nº 7 – Senhorita Rober, 1905.

O *sujet* aparenta lançar alguma coisa e pede que lhe joguem sua bola, impacienta-se e fica encolerizado. Aos três anos pede balas e repete raivosamente: “Balas! Balas!” Com um ano destrói tudo e demonstra um péssimo caráter. Chora aos seis meses; aos dois meses, um mês, aparenta mamar. No ventre de sua mãe toma de novo a posição de feto; abandona a posição com dois meses; com um mês ele se desenrijece; quinze dias: ei-lo no espaço.

– **O que você faz no espaço?**

– **Vejo tudo muito escuro;** sou infeliz.
⁽³⁶⁸⁾

f) Caso nº 10 – Victoria, 1905.

Na mais antiga [personalidade anterior], ela é uma menina, chamada Marie Mazode, que cuidava de ovelhas e fiava na herdade de Chagne. Há senhores que dizem que brevemente os castelos serão demolidos; eles são agora soldados por quatorze anos. **Ela morre aos sessenta e nove anos.**

Morta, ela não sofre; mas aborrece-se, encontra-se na obscuridade, queria voltar a ser viva e inteligente.

Reencarna na pessoa de Jean Chastellière, nascido em 1789, em Gonestelle (Ardèche). O pároco ensina-o primeiramente a falar um pouco de francês e, em seguida, ele estuda para entrar no seminário e tornar-se padre. [...]. ⁽³⁶⁹⁾

g) Caso nº 11 – Juliette, 1905.

Adormeço Juliette por meio de passes longitudinais e **levo-a rapidamente ao momento do nascimento**, sem sugestão, restringindo-me a perguntar-lhe de vez em quando a idade que ela tinha em cada momento.

Continuando os passes longitudinais, constato que ela muda de personalidade. **Não mais se encontra num corpo carnal, vive numa semiobscuridade** e não sofre. Vê espíritos luminosos, porém não tem permissão para falar-lhes. [...]. ⁽³⁷⁰⁾

h) Caso nº 13 – Henriette, 1906.

Rejuvenesço-a. **Ela passa pela erraticidade. Encontra-se na completa escuridão**, porém não sofre. Tomamos conhecimento sucessivamente de que foi um homem bom e instruído, talvez um bispo. Admirado por encontrar na completa escuridão tal personagem, fico sabendo que um defeito bastante grande compensava as qualidades. Nosso bispo gostava muito de mulheres. Vivia em Marselha sob o reinado de Luís XV e chamava-se Belzunce. [...].

[...].

Envelheço-a; **ela cai morta e entra na penumbra**. Diz-me que morreu com mais de oitenta anos. Lá onde está reencontrou seus pais, porém não se falam e a família já não conta muito. ⁽³⁷¹⁾ Não reencontrou seu amigo Henri, que deve ter morrido antes dela e deve estar reencarnado. [...].

[...].

Rejuvenesço-a e **levo-a ao período de erraticidade** situado entre a vida de Belzunce e a de Marie Lecourbe. Nosso *sujet* encontra-se então na completa escuridão. Não sofre, porém não se sente bem. Sente a seu redor companheiros de miséria que não vê e que lhe causam medo. ⁽³⁷²⁾

i) Caso nº 14 – Senhorita Giudato, 1907.

A jovem adormece com bastante

dificuldade, no entanto levo-a por sugestão sucessivamente aos quinze anos, dez, cinco, três, um. Aos três anos ela só fala italiano. Com um ano chupa meu dedo. **Digo-lhe que ainda não está encarnada e pergunto-lhe onde se encontra.** Inicialmente não responde, em seguida **termina por dizer que se encontra na completa escuridão**, que não vê ninguém a seu redor, que não se recorda de ter vivido. Apesar de pressionar-lhe o meio da fronte, responde sempre da mesma forma. ⁽³⁷³⁾

j) Caso nº 15 – Sra. Caro, 1907-1910.

Em seguida vem a personalidade de Jean.

Se a adormeço com passes longitudinais sem parar para interrogá-la, vê-se seu rosto modificar-se para representar, seja a infância, seja a idade madura, seja a morte e a reencarnação, tomando a posição do feto. Desperto-a com passes transversais.

Vemo-la passar pelas mesmas fases em sentido inverso até seu estado normal. Quando reencarna no ventre de sua mãe, toma a posição do feto. Observando as posições fetais, pode-se determinar exatamente a vida na qual se encontra.

No intervalo das reencarnações, acha-se na penumbra sem grande sofrimento. Vê espíritos em torno de si, dentre os quais alguns maus, que se

reúnem para praticar o mal.

Sua vida infeliz como Jean foi-lhe imposta como punição pelos seus excessos na personalidade precedente. Agora ela pagou sua dívida e pôde ter uma vida normal. ⁽³⁷⁴⁾

k) Caso nº 17 – Senhorita Pauline, 1910.

Levo-a por sugestões sucessivas a uma vida anterior, cujos detalhes se precisam cada vez mais. Após quatro sessões, chega a recordar que se chamava Isabelle, que havia perdido os pais bem cedo e que viveu na Argélia até vinte e três anos na casa de seu tutor, Sr. Bori. **Foi morta nessa idade, por um acidente de carro. Após sua morte, esteve na completa escuridão, porém sem sofrimento, até o momento em que reencarnou** sem que tenha havido escolha de sua parte. É interessante acrescentar que seu avô foi empreiteiro na Argélia. ⁽³⁷⁵⁾

Dos dezenove casos de regressão estudados por Albert de Rochas, onze mencionam estados de de “escuridão” ou penumbra após a morte, o que corresponde a 57,9% do total. Esse percentual significativo reforça que não se trata de relatos ocasionais, mas de uma constante observada em diferentes experiências. Assim, o chamado Umbral

não pode ser descartado como mera invenção de espíritos, já que aparece também em pesquisas científicas e relatos clínicos, sempre como condição transitória de aprendizado e expiação.

A Dra. Helen Wambach (1925-1985) foi uma psicóloga norte-americana dedicada à pesquisa em regressão de memória. Em **Recordando Vidas Passadas** (1978), apresentou um estudo realizado com 1.088 indivíduos, trazendo dados estatísticos bem relevantes.

Desa obra destacamos a seguinte informação:

Cerca de **25% descreveram um breve período de escuridão** seguido de luz. Um número maior, cerca de dois terços, alçou-se bem acima dos respectivos corpos e penetrou num mundo inundado de luz, onde foi saudado por terceiros e teve uma sensação imediata de companheirismo. [...].
(³⁷⁶)

Na pesquisa da Dra. Wambach, realizada com 1.088 pessoas, cerca de 25% relataram atravessar um período de escuridão antes de alcançara a luz. Trata-se de um índice percentual altamente

significativo, que reforça a recorrência da experiência das trevas no além, confirmando que o chamado Umbral não é apenas uma construção doutrinária, mas aparece também em estudos científicos de regressão.

2º) Dos Relatos de EQMs

O primeiro caso que citaremos será o do Dr. George Gordan Ritchie (1923-2007), cuja EQM relatou no livro ***Voltar do Amanhã***. Transcrevemos a seguir um trecho dessa obra:

Movíamo-nos, de novo.

Deixáramos a base naval, com sua circunferência de ruas e bares surrados e pardacentos, e **estávamos, agora, na orla de uma extensa planície**, nesta dimensão onde viajar parecia não despendar tempo nenhum. Até esse ponto da nossa jornada, tínhamos visitado paragens onde vivos e mortos coexistiam, lado a lado. Para dizer melhor: **onde seres desencarnados**, de todo não-registrados pelos viventes, flutuavam bem em cima de coisas e sobre pessoas, **guiados pelo centro de seus desejos**.

Agora, entretanto, não obstante fosse patente que estávamos ainda na superfície da terra, nalgum lugar, eu não podia ver nenhuma mulher ou homem vivo. **A planície estava tomada por indivíduos, apinhada de hordas integradas por seres desencarnados verdadeiramente fantasmagóricos;** não havia, por ali, uma só pessoa sólida e cercada de luz. Aqueles milhares de gentes não tinham, obviamente, mais substância do que eu próprio. E, dentre todos os tipos de seres em que eu já pusera os olhos, eram aqueles os mais contrariados, frustrados, os mais raivosos e encolerizados, os mais absolutamente miseráveis.

“Senhor Jesus!”, exclamei. “Onde estamos?”

Minha primeira impressão foi a de que estávamos contemplando algum campo de batalha: por todos os lados, **aquelas criaturas juguladas ao que se assemelhava a uma sequência de lutas mortais, estorcegando-se, esmurrando-se, mutuamente se arrancando os olhos.** Não poderia ser uma guerra moderna, visto não haver tanques nem canhões. Quando olhei de mais perto, pude perceber que não existia qualquer tipo de arma; somente mãos, e pés, e dentes. Observei, então, que ninguém estava sendo ferido. Não havia sangue, nem corpos juncando o solo, um golpe que eliminasse

um oponente tê-lo-ia - naquelas circunstâncias - deixado intacto, tal qual dantes.

Embora parecessem estar literalmente uns em cima dos outros, ainda assim era como se esmurrassem o ar. Finalmente, compreendi ser óbvio que - desprovidos de substância - não podiam tocar-se. Não podiam matar, muito embora, sem sombra de dúvidas, o desejassem, porque suas vítimas intencionais já estavam mortas. Por isso entrechocavam-se em frenesi, numa crise de raiva impotente.

Se, antes, eu achava que estava vendo o inferno, agora tinha certeza. Até aquele momento, a miséria por mim observada vinha consistindo num encadeamento frustrado com o mundo físico, do qual não mais fazíamos parte. Agora, percebia existirem outras espécies de grilhões. Aqui não existiam objetos sólidos nem gente para escravizar a alma. **Aquelas criaturas pareciam estar entre grades de hábitos mentais e emocionais, enjauladas no ódio, na concupiscência, em formas-pensamento destrutivas.**

Ainda mais hediondos e deprimentes do que as dentadas e os pontapés era os abusos sexuais, que muitos perpetravam em febricitante pantomima. Por toda a nossa volta, tentava-se cometer atos de perversão com

os quais eu sequer sonhara. Era impossível dizer se eram sons reais ou lamentos de frustração que nos alcançavam ou se correspondiam à transferência de pensamentos de desespero. Isso, em se considerando aquele mundo desencarnado, não parecia, na realidade, importar. Fosse qual fosse o pensamento, não importa o quão fugaz ou involuntário, a ação imediatamente tomava corpo, mais pormenorizada do que as palavras poderiam expressar, mais rápido do que as ondas sonoras poderiam propagá-las. ⁽³⁷⁷⁾

A descrição da planície remete imediatamente à ideia de uma região muito semelhante ao umbral, onde se reúnem, por absoluta afinidade vibratória, Espíritos ainda vinculados a pensamentos menos dignos.

No capítulo “2 - A certeza de pertencer ao Universo: histórias verdadeiras de Experiência de Quase-morte” do livro ***Experiências de Quase-Morte e o Dom da Vida*** (1996), o escritor e filósofo Phillip L. Berman relata o caso do Dr. George Rodonaia (1956-2004), formado em neuropatologia pela Universidade de Moscou e ateu convicto.

No dia de minha partida para os Estados Unidos [1976], a KGB tentou me matar. Eu esperava um táxi numa calçada de Tbilisi quando vi um carro subir na calçada, evitar algumas árvores e avançar diretamente sobre mim. Aquilo tudo aconteceu num instante. Primeiro vi o carro vindo em minha direção, depois eu o senti me atingindo em cheio. Acho que voei por uns dez metros, aterrissei de rosto para baixo e, então, o carro passou por cima de mim novamente. **Daquele momento em diante, devo ter ficado inconsciente,** porque não sou capaz de me lembrar de mais nada do atropelamento ou da cena do atropelamento.

A primeira imagem de que me lembro sobre a minha EQM é que me encontrei num âmbito de total escuridão. Eu não sentia dor física. Estava de alguma forma ciente de minha existência como George, e **tudo em volta de mim era escuridão, total e completa escuridão - a maior escuridão jamais vista, mais escuro qualquer coisa escura, mais negro que qualquer coisa negra.** Era isso que me cercava e exercia pressão sobre mim. [...] **Eu fiquei chocado em descobrir que ainda existia, mas não sabia onde estava.** O único pensamento que continuava a correr em minha mente era: “Como eu posso ser quando não sou?” Era isso que me intrigava.

Lentamente eu reassumi minha pessoa e comecei a pensar a respeito do que tinha acontecido, do que estava acontecido. [...] foi aí então que eu soube com certeza que ainda estava vivo, embora obviamente numa dimensão muito diferente. Então eu pensei, se eu existo, por que não ser positivo? Foi isso que veio a mim. Eu sou George e **estou na escuridão**, mas sei que existo. Eu sou o que sou. Eu não devo ser negativo.

[...].

Assim, lá estava eu, [...] quando alguém começa a fazer um corte em meu estômago. Você pode imaginar? O que havia



acontecido é que **eu tinha sido levado para o necrotério. Eu fui dado como morto e deixado ali por três dias.** ⁽³⁷⁸⁾

Uma investigação sobre a causa de minha morte foi estabelecida, e por isso eles **mandaram alguém fazer uma necrópsia em mim. No momento em que começaram a cortar meu estômago,** senti como se uma grande força segurasse em meu pescoço e me empurrasse para baixo. Foi tão poderosa que **eu abri meus olhos e tive aquela enorme sensação de dor.** Meu corpo estava frio e eu comecei a tremer. **Eles imediatamente pararam a necrópsia e me levaram para o**

hospital, onde permaneci pelos nove meses seguintes, a maior parte deles havendo eu passado sob um respirador. (³⁷⁹)

O ponto forte desse caso é que se caracteriza como verídico, bastando ler a narrativa completa na fonte para comprovar. Além disso, é particularmente relevante porque o paciente era um ateu convicto, portanto, não se pode alegar que o seu relato seja fruto de sua crença religiosa. Diante disso, não há motivo para negar sua experiência de ter estado na escuridão por determinado período.

A odontóloga colombiana Glória Polo entrou em coma após ser atingida por um raio em 5 de maio de 1995, vivenciando uma experiência de quase-morte. O que lhe ocorreu nesse período está registrado na obra **O Livro da Vida! Da Ilusão à Verdade** (2005). Transcrevemos o seguinte trecho do capítulo “Pedido de ajuda às almas do Purgatório: suicídio”:

Olhem que **eu era atea**, mas ali comecei a gritar: “Almas do purgatório! Por favor, tirem-me daqui! Por favor, ajudem-me!”

Quando estava a gritar, comecei a ouvir

como choram milhares e milhares de pessoas!

Vejo de repente, que ali havia milhares e milhares de pessoas, jovens, sobretudo jovens com tanto, tanto, sofrimento! Percebo, que ali, **naquele lugar terrível, naquele pântano de ódio e sofrimento, rangem os dentes, com uns alaridos e umas lamentações**, que me faziam estremecer e que não esquecerei jamais.
(³⁸⁰)

Esse testemunho de uma ateia é especialmente valioso, pois não se pode alegar que seu relato do que viu “*naquelas trevas*” (³⁸¹), onde se encontravam as almas dos suicidas, tenha sido influenciado por qualquer crença teológica.

Em ***Uma Prova do Céu*** (2013), o autor norte-americano Dr. Eben Alexander III relata a sua experiência de quase-morte ocorrida em novembro de 2008, após ser acometido por uma meningite que o deixou em coma por sete dias. Do capítulo 5, intitulado “Mundo subterrâneo”, transcrevemos o seguinte trecho:

Escuridão, mas uma escuridão visível

- **como estar submerso na lama**, mas ainda assim poder ver através dela. **Gelatina escura talvez seja a melhor descrição: transparente, mas turva, embaçada, claustrofóbica e sufocante.**

[...].

Eu não tinha um corpo - nenhum de que me lembrasse de alguma maneira. **Eu apenas estava... lá, naquele lugar de escuridão massacrante e pulsante.** Na ocasião, eu podia ser chamado de "ser primordial". Mas na hora em que tudo estava acontecendo, não conhecia essa expressão. Na verdade, eu não conhecia palavra alguma. [...].

[...].

[...] cheguei a um ponto em que a sensação rastejante suplantou a sensação de familiaridade. Quanto mais me sentia com um eu - **como alguma coisa separada do ambiente frio, úmido e escuro à minha volta -, mais os rostos que borbulhavam na massa pegajosa se tornavam feios e ameaçadores.** As batidas ritmadas do ferreiro também ficaram mais intensas: pareciam britadeiras de trabalhadores subterrâneos, tipo ogros, executando uma tarefa interminável e massacrantemente monótona. O movimento à minha volta se tornou menos visual e mais palpável, como se **criaturas parecidas com vermes e répteis estivessem**

passando em bandos e de vez em quando esfregassem suas peles macias ou espinhosas em mim.

Foi então que **tomei consciência de um odor: era uma mistura de cheiro de fezes, sangue e vômito.** Em outras palavras, um cheiro biológico, porém de morte, não de vida. À medida que minha consciência se aguçava, eu me aproximava mais do pânico. Eu não pertencia àquele lugar. Precisava escapar. ⁽³⁸²⁾

O que Dr. Eben Alexander descreve guarda semelhança com algumas narrativas presentes na coleção “A vida no mundo espiritual”, ditada por André Luiz, especialmente em *Nosso Lar*.

Diante de seu testemunho, só podemos concordar com Auguste Bez (?-?), quando disse: *“para mim, a afirmação daquele que viu vale a negação daquele que não viu”* ⁽³⁸³⁾.

Em ***Os Que Voltaram Para Contar*** (2017), o autor Admir Serrano relata diversos casos de EQMs, entre os quais destacamos:

Estava em movimento novamente e, **à sua volta, havia apenas escuridão.**

George percebeu que sobrevoavam um lugar deserto e feio. E logo avistou gente lá embaixo, sabia que nesse lugar havia apenas desencarnados. Quando seu raio de visão se expandiu, **ficou horrorizado com o que via**. Achou que estivesse em algum imenso campo de batalha: era **uma multidão de seres maltrapilhos** que se golpeavam, se mordiam, se estupravam, gritavam, gemiam, urravam...

Mestre, onde estamos? **Para aquelas criaturas, aquilo era o inferno**. Mas **um inferno autoimposto, que poderiam deixar assim que procurassem a luz**. E havia luz, aí mesmo, junto a eles. **Uma imensidão de pontos luminosos pairava na extensão daquela terrível escuridão**. George viu que **se tratava da presença de espíritos superiores que tentavam fazer contato com aqueles seres trevosos**. Mas tão densas eram as trevas em suas consciências, tão obstinados no mal estavam esses seres irados e miseráveis, que os benfeitores espirituais não conseguiam penetrá-las. ⁽³⁸⁴⁾

É particularmente interessante a informação de que os pontos luminosos correspondiam a Espíritos superiores que buscavam auxiliar os seres mergulhados nas trevas, ainda que sua resistência

interior impedisse o contato.

Os relatos de EQMs, vindos de diferentes culturas e contextos, descrevem invariavelmente zonas de trevas e sofrimento, muito semelhantes ao Umbral. A recorrência desses testemunhos, inclusive entre pessoas sem fé religiosa, reforça a universalidade da experiência da escuridão como etapa transitória no além.

Na série “André Luiz” o que será encontrado?

“Mas o preconceito, seja ele popular ou científico, deve desaparecer um dia ou outro, é por isso que devemos levar em conta apenas os fatos que, podemos ter certeza, sobreviverão a todos os sistemas.” (GABRIEL DELANNE)

No movimento espírita brasileiro temos visto vários companheiros sistematicamente atacando o teor das obras que compõem a série “André Luiz”. A nosso ver, esquecem-se de que *“Nunca se deve jogar a água da bacia fora, com a criança dentro”*.

Na obra **Nosso Lar**, o primeiro livro da série, no capítulo 12, há explicação do que seja o Umbral. Acompanhemos este diálogo do instrutor Lísias e André Luiz:

1º § [...] As referências a espíritos do Umbral mordiam-me a curiosidade. A ausência de preparação religiosa, no mundo,

dá motivo a dolorosas perturbações. Que seria o Umbral? Conhecia, apenas, a ideia do inferno e do purgatório, através dos sermões ouvidos nas cerimônias católico-romanas a que assistira, obedecendo a preceitos protocolares. Desse Umbral, porém, nunca tivera notícias.

2º § Ao primeiro encontro com o generoso visitador, minhas perguntas não se fizeram esperar. Lísias ouviu-me, atencioso, e replicou:

3º § – Ora, ora, pois você andou detido por lá tanto tempo e não conhece a região?

4º § Recordei os sofrimentos passados, experimentando arrepios de horror.

5º § – **O Umbral** – continuou ele, solícito – **começa na crosta terrestre. É a zona obscura** de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...].

7º § – [...] **O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais** uma espécie de zona purgatorial, onde se queima as prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.

10º § – O Umbral é região de profundo

interesse para quem esteja na Terra. **Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior.** E note você que a Providência Divina agiu sabiamente, permitindo se criasse tal departamento em torno do planeta. **Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes**, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, **separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie.** Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. Muita gente da Terra não recorda que se desespera quando o carteiro não vem, quando o comboio não aparece? Pois o Umbral está repleto de desesperados. [...] esses núcleos possuem infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados.

15º § – Creio, então – observei –, que **essa esfera se mistura quase com a esfera dos homens.**

16º § - Sim - confirmou o dedicado amigo -, e é nessa zona que se estendem os fios invisíveis que ligam as mentes humanas entre si. O plano está repleto de desencarnados e de formas-pensamento dos encarnados, porque, **em verdade, todo espírito, esteja onde estiver, é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender.** Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um ímã poderoso. Há uma extensa humanidade invisível, que se segue à humanidade visível. **As missões mais laboriosas do Ministério do Auxílio são constituídas por abnegados servidores, no Umbral,** porque se a tarefa dos bombeiros nas grandes cidades terrenas é difícil, pelas labaredas e ondas de fumo que os defrontam, os missionários do Umbral encontram fluidos pesadíssimos emitidos, sem cessar, por milhares de mentes desequilibradas, na prática do mal, ou terrivelmente flageladas nos sofrimentos retificadores. É necessário muita coragem e muita renúncia para ajudar a quem nada compreende do auxílio que se lhe oferece.

(385)

Inserimos a numeração dos parágrafos para facilitar a localização na obra. Destaque ao auxílio que “abnegados servidores” prestam aos que “habitam o Umbral”, fato que já vimos nas obras aqui mencionadas.

De **Ação e Reação**, nono livro da série, destacamos estes dois trechos que definem essa região:

[André Luiz] – Sabíamos que a morte do corpo denso era sempre o primeiro passo para a colheita da vida e, por isso, não ignorávamos que o ambiente era dos mais favoráveis à nossa investigação construtiva, porque **o imenso Umbral, à saída do campo terrestre, vive repleto de homens e mulheres que vararam a grande fronteira, em plena conexão com a experiência carnal.** ⁽³⁸⁶⁾

[Instrutor Druso] – [...] Daí o motivo por que instituições qual a nossa funcionam, em vários campos das regiões inferiores, que, na velha teologia, equivalem a regiões infernais... O que, porém, existe, de fato, é o imenso **Umbral**, situado entre a Terra e o Céu, **dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana**, em geral rebelde e ociosa,

desvairada e enfermiça. [...]. (387)

A relação do Umbral com “região de sombras” é o destaque das transcrições acima.

Ainda de **Ação e Reação**, destacamos a seguinte trecho no qual o Instrutor Druso, responde a André Luiz:

Druso percebeu-me a indagação mental e sorriu, como a esperar por minha pergunta clara e positiva. Instado pela força de seu olhar, observei, respeitoso:

- Diante do espetáculo penoso a que nos é dado assistir, somos naturalmente constrangidos a pensar na procedência dos que experimentam o mergulho nesse torvelinho de horror... São delinquentes comuns ou criminosos acusados de grandes faltas? Encontraríamos por aí seres primitivos como os nossos indígenas por exemplo?

A resposta do amigo não se fez esperar.

- Tais inquirições - disse ele -, quando de minha vinda para cá, me assomaram igualmente à cabeça. Há cinquenta anos sucessivos estou neste refúgio de socorro, oração e esperança. Penetrei os umbrais desta casa como enfermo grave, após o

desligamento do corpo terrestre. Encontrei aqui um hospital e uma escola. Amparado, passei a estudar minha nova situação, anelando servir. Fui padioleiro, cooperador da limpeza, enfermeiro, professor, magnetizador, até que, de alguns anos para cá, recebi jubilosamente o encargo de orientar a instituição, sob o comando positivo dos instrutores que nos dirigem. Obrigado a pacientes e laboriosas investigações, por força de meus deveres, **posso adiantar-lhes que às densas trevas em torno somente aportam as consciências que se entenebreceram nos crimes deliberados**, apagando a luz do equilíbrio em si mesmas. **Nestas regiões inferiores não transitam as almas simples**, em qualquer aflição purgativa, situadas que se encontram nos erros naturais das experiências primárias. **Cada ser está jungido, por impositivos da atração magnética, ao círculo de evolução que lhe é próprio.** Os selvagens, em grande maioria, até que se lhes desenvolva o mundo mental, vivem quase sempre confinados a floresta que lhes resume os interesses e os sonhos, retirando-se vagarosamente do seu campo tribal, sob a direção dos Espíritos benevolentes e sábios que os assistem; e as almas notoriamente primitivas, em grande parte, caminham ao influxo dos gênios beneméritos que as sustentam e inspiram,

laborando com sacrifício nas bases da instituição social e aproveitando os erros, filhos das boas intenções, à maneira de ensinamentos preciosos que garantem a educação dessas almas. **Asseguro-lhes, assim, que, nas zonas infernais propriamente ditas, apenas residem aquelas mentes que, conhecendo as responsabilidades morais que lhes competiam, delas se ausentaram, deliberadamente, com o louco propósito de ludibriarem o próprio Deus. O inferno, a rigor, pode ser, desse modo, definido como vasto campo de desequilíbrio, estabelecido pela maldade calculada, nascido da cegueira voluntária e da perversidade completa.** Aí vivem domiciliados, às vezes por séculos, Espíritos que se bestializaram, fixos que se acham na crueldade e no egocentrismo. **Constituindo, porém, larga província vibratória, em conexão com a humanidade terrestre,** de vez que todos os padecimentos infernais são criações dela mesma, estes lugares tristes funcionam como crivos necessários para todos os Espíritos que escorregam nas deserções de ordem geral, menosprezando as responsabilidades que o Senhor lhes outorga. [...]. ⁽³⁸⁸⁾

O que podemos concluir é que o umbral,

entendido como uma região inferior, caracterizada por densas trevas e intenso desequilíbrio, não constitui destino de todos os Espíritos desencarnados. Segundo, Druso, as almas simples, cujos erros decorrem de experiências ainda primárias, não transitam por essa região. Nela se encontram sobretudo, Espíritos que, tendo consciência de suas responsabilidade morais, deliberadamente se desviaram delas, seja pela prática de crimes, seja pelo menosprezo dos deveres que lhes competiam. A atração magnética os vincula ao círculo evolutivo que lhes é próprio, fazendo desse lugar um campo de reajuste e de expiação, conforme a condição de cada Espírito, em obediência ao princípio de que *“semelhante atrai o semelhante”* ⁽³⁸⁹⁾.

E, um pouco mais a frente, Druso explicita:

– Segundo é fácil reconhecer, se a treva é a moldura que imprime destaque à luz, o **inferno, como região de sofrimento e desarmonia, é perfeitamente cabível**, representando um estabelecimento justo de filtragem do Espírito, a caminho da Vida Superior. **Todos os lugares infernais**

surgem, vivem e desaparecem com a aprovação do Senhor, que tolera semelhantes criações das almas humanas, como um pai que suporta as chagas adquiridas pelos seus filhos e que se vale delas para ajudá-los a valorizar a saúde. As Inteligências consagradas à rebeldia e à criminalidade, em razão disso, não obstante admitirem que trabalham para si, permanecem a serviço do **Senhor, que corrige o mal com o próprio mal.** Por esse motivo, tudo na vida é movimentação para a vitória do bem supremo. ⁽³⁹⁰⁾

Druso faz uma analogia entre o Umbral e os lugares infernais, considerando-os regiões de sofrimento e desarmonia que, embora sejam criações das próprias almas humanas, surgem e permanecem com a aprovação de Deus, que delas se vale para o reajustamento dos Espíritos e para a marcha destes rumo à Vida Superior. Portanto, não se trata de um castigo eterno, mas de uma condição transitória, inserida no processo de aprendizado e de correção dos que se desviaram do bem.

Em *Nosso Lar*, André Luiz descreve a colônia como uma organização voltada ao amparo,

tratamento, educação e preparação dos Espíritos. E, em *Ação e Reação*, isso fica ainda mais explícito quando Druso explica sua trajetória. Se essa nossa linha de raciocínio estiver correta, podemos supor que, em algum momento futuro, tanto as regiões inferiores quanto as colônias destinadas ao amparo dos Espíritos provenientes delas deixarão de existir, em razão da evolução moral dos habitantes da Terra, que tornará desnecessárias essas instituições.

Quanto às obras de André Luiz, é importante trazermos a opinião do jornalista José Herculano Pires (1914-1979), a quem Emmanuel teria se referido como “o melhor metro que mediu Kardec”.

Em nosso livro **As Colônias Espirituais e a Codificação** ⁽³⁹¹⁾, citamos duas obras e uma entrevista ⁽³⁹²⁾ de Herculano Pires em que fala enfaticamente da existência delas, coisa que, segundo ele, não deveria causar estranheza aos estudiosos do Espiritismo, mas infelizmente, palpites é o que temos muito.

Mencionaremos somente a sua fala em **O Mistério do Bem e do Mal** (1989), capítulo 26,

intitulado “Descrições da vida espiritual nas zonas inferiores do espaço”, que, em epígrafe, ele afirma *“Regiões em que os espíritos continuam apegados às formas da vida material – ‘Ação e Reação’, de André Luiz, uma contribuição dos espíritos para as comemorações do centenário.”*:

Como se vê, **“Ação e Reação”**, novo livro de André Luiz, que a Federação Espírita Brasileira acaba de publicar, é uma contribuição espiritual para as comemorações do centenário. E que excelente contribuição! O título é suficiente para indicar o conteúdo. André Luiz faz uma ampla exposição do problema de ação e reação, **através de exemplos colhidos diretamente nas zonas sombrias em que vivem os espíritos sofredores.**

Os livros de André Luiz, que já constituem volumosa coleção, valem por um verdadeiro trabalho de ilustração dos princípios espíritas, por meio de relatos de episódios vividos nos planos espirituais. Em **Nosso Lar**, primeiro volume da série, temos a descrição pormenorizada de uma cidade espiritual, destinada à preparação das criaturas para a espiritualidade superior. Em **Os Mensageiros**, a descrição

dantesca das zonas de sofrimento, regiões purgatoriais ou infernais – como queiram –, em que se arrastam as almas dos que não souberam compreender as oportunidades da encarnação terrena. Mensageiros são os Espíritos superiores, que descem às zonas sombrias ou à própria face da terra para trazerem socorro às criaturas entregues ao desespero, à angústia, ao remorso e a todas as formas de sofrimento espiritual.

Em “Ação e Reação” os fatos se passam, também, numa zona espiritual densamente carregada de influências materiais. Em meio a uma região aparentemente abandonada, em que as “almas brutas e bravas”, a que se refere Dante, rugem, choram, esbravejam e gemem, **perdidas nas sombras** e resgatadas pela ventania de suas próprias iniquidades, ergue-se um conjunto arquitetônico que oferece asilo, conforto e cura aos que se puseram em condições de ser socorridos, ou seja, aos Espíritos que começaram a se arrepender de seus erros.

[...].

Para os que não conhecem os princípios da Doutrina Espírita e não estão familiarizados com descrições das zonas espirituais mais próximas da crosta terrestre, tudo isso pode parecer ilusório, imaginário, pouco provável. **Mas os que**

sabem que os Espíritos não são mais do que homens desencarnados e que, como os homens terrenos, vivem a sua vida, executam os seus trabalhos e realizam as suas construções, compreendem bem as descrições de André Luiz.

Há quem não admita a existência de coisas tão concretas no plano espiritual. André Luiz se refere, porém, às zonas inferiores, aquelas em que os Espíritos, ainda demasiado apegados às formas da vida material, não conseguiram “libertar-se em espírito”. **É edificante ver, em “Ação e Reação”, como os Espíritos Superiores trabalham nessas regiões, prestando sua assistência caridosa aos irmãos que se transviaram nas sendas egoístas da vida terrena.** ⁽³⁹³⁾

Herculano Pires, indiscutivelmente, profundo conhecedor das obras de Allan Kardec, sanciona as obras de André Luiz, que, como todos nós sabemos, contêm variadas informações sobre a vida dos Espíritos, no mundo espiritual; inclusive, a obra *Ação e Reação*, motivo de seu artigo, fala do Umbral, conforme vimos.

Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013), em

Reencarnação e Imortalidade, no Capítulo 4 – Universalidade da realidade Espiritual, faz comentários sobre a obra *Telephone Between Worlds* (Telefone entre mundos), escrito pelo jornalista James Crenshaw, no qual trata a mediunidade do norte-americano Richard Zenor (1911-1978).

A certa altura, Hermínio de Miranda diz algo em apoio às obras de André Luiz:

Nos “planos” espirituais imediatamente ligados à Terra, as condições são ainda mais próximas e há aspectos mecânicos e materiais que no Brasil se tornaram conhecidos e familiares por meio dos livros de André Luiz.

“Há regiões purgatoriais, densamente habitadas por indivíduos ainda obcecados pelas suas preocupações terrenas e que recriam réplicas dos seus próprios estados mentais e vivem e sofrem nesses estados. Os frustrados, os arrependidos, os que vivem com fobias, os que se preocupam demais, os odientos, os que buscam vingança e os desiludidos, todos esses constroem seus próprios mundos à parte... Por exemplo, o assassino esmagado pelo remorso cria sua própria punição,

aprisionando-se em suas formas-pensamento, que podem ser uma constante reapresentação do seu crime ou uma completa e vívida exibição de quadros mentais de seus piores temores de punição adequada. [...].” (394)

Hermínio de Miranda, portanto, ao comparar informações de André Luiz com as obtidas através do médium Richard Zenor, vê perfeita semelhança no que trazem os autores.

Observação é que isso consta de um capítulo que tem o título “Universalidade da realidade espiritual”. Certamente que isso não foi sem propósito. O segundo parágrafo da transcrição é da obra do médium Zenor.

Em **Testemunhos de Chico Xavier**, Suely Caldas Schubert, escritora e expositora, também fala algo sobre as críticas às obras de André Luiz:

A obra deste autor espiritual veio balançar cediças estruturas, destruir as ilusões dos que se apegavam às supostas delícias de um paraíso sonolento e tedioso, ou à eternidade de um inferno dantesco, do qual afinal de contas ninguém se julga

merecedor.

André Luiz mexe com essas bases arcaicas. Não o inferno, mas regiões trevosas das quais não é lá tão fácil passar-se ao largo. **São Zonas onde estagiam temporariamente as almas que com elas se afinizam**, até que mudando o próprio tônus vibratório ascendam a outros locais da espiritualidade, que bem pouco diferem de certas universidades e hospitais terrestres.

Saber das minúcias dessas regiões e, sobretudo, que os espíritas não têm lugar “comprado” nos céus ou zonas superiores não agradou a alguns.

Allan Kardec não trata dessas minúcias da vida espiritual na Codificação - não houve tempo e nem seria o momento certo. Os Espíritos são errantes: vivem na erraticidade, eis o ponto essencial dos ensinamentos sobre o assunto. Mas toda a sólida base para as futuras notícias sobre a vida espiritual foi assentada pelos Espíritos Superiores e pelo próprio desdobramento de Kardec em seus comentários em “A Gênese”, principalmente.
(³⁹⁵)

Sim, é fato que Allan Kardec não teve tempo para tratar de minúcias da vida no plano espiritual.

Portanto, apegar-se demais ao que ele não disse para dizer que não existe, é, julgamos, faltar com a lógica.

Por outro lado, as descrições que detalham o Umbral que encontramos nas obras da coleção “A vida no mundo espiritual”, ditada por André Luiz, aliás algumas até questionáveis, ainda não passaram pelo **Controle Universal do Ensino dos Espíritos**, razão pela qual devem ser apenas tomadas a título de opinião pessoal.

A coleção “A vida no mundo espiritual” de André Luiz consolidou no Espiritismo brasileiro a noção do Umbral como região de sombras e purgação, habitada por espíritos indecisos e revoltados, mas também como campo de trabalho para abnegados servidores.

As análises de Herculano Pires, Hermínio de Miranda e Suely Caldas reforçam a legitimidade e a universalidade dessas descrições, mostrando que não se trata de fantasia, mas de testemunhos coerentes com a lógica espírita e com relatos de outras tradições. Assim, o Umbral, longe de ser uma

invenção isolada, tornou-se referência doutrinária e pedagógica para compreender a vida espiritual em seus aspectos mais próximos da Terra.

Conclusão

“Jamais encontraremos a verdade, se nos contentarmos com o que já foi descoberto. Aqueles que escreveram antes de nós não são senhores, mas guias. A verdade está aberta a todos, ela não foi ainda possuída integralmente.”
(GILBERTO TOURNAI, Séc. XII)

Ao longo dessa pesquisa, ficou evidente que a Codificação oferece suporte doutrinário para a tese da existência do Umbral, ainda que sem o detalhamento encontrado em obras posteriores.

A correlação entre o termo “trevas”, recorrente nas obras de Allan Kardec, e o “Umbral” descrito por André Luiz é clara e difícil de negar, para qualquer pessoa não fanatizada com suas próprias ideias.

Ademais, essa ideia não causou nenhuma estranheza a Herculano Pires que, em **Mediunidade (Vida e Comunicação)**, tece a seguinte consideração:

[...] **As experiências da prática espírita revelaram** a situação desesperada em que se encontravam, na ressurreição imediata, não da carne, mas do espírito dos mortos, os que haviam tripudiado sobre os ensinamentos do Mestre. **Kardec, em *O Céu e o Inferno*, provava** a possibilidade de saber-se, neste mundo, o que se passa no outro. **Os quadros das aflições umbralinas, dos espíritos que não conseguiram ir além dos umbrais da Terra, permanecendo nas regiões inferiores do mundo espiritual eram realmente infernais**, embora não tanto como na imaginação dos teólogos, torturadores criadores de demônios. Os que haviam, por seus méritos, alcançado os planos superiores, não viviam entre anjos em revoadas, mas gozavam de situação realmente feliz. [...]. ⁽³⁹⁶⁾

Pelo que conseguimos levantar nessa pesquisa, que foi muito além da superfície, como muitas vezes acontece por aí, só podemos concordar com Herculano Pires.

Nos chamaram muita atenção os seguintes textos constantes das obras *Nosso Lar* e *O Céu e o Inferno*:

Nosso Lar, Capítulo 12, 7º § ⁽³⁹⁷⁾	O Céu e o Inferno, 2ª parte, Capítulo II, Jean Reynaud ⁽³⁹⁸⁾
O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.	Compreendi a erraticidade, este laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas para se revestir uma roupa nova, onde o Espírito em progresso tece com cuidado a roupa que carregar de novo e que quer conservar pura. Compreendi, eu vos disse, e sem professar continuei a praticar.

Em nossa maneira de ver, o que é dito em ambas são pontos muito semelhantes, até acreditamos ser bem difícil de negar isso, que não é impróprio ver uma forte correlação entre as duas.

Resolvemos postar esses conceitos em nossa página no **Facebook** ⁽³⁹⁹⁾, o interessante é que não tardou aparecer alguns comentários de pessoas que lhes são contrários.

Mas, felizmente, tem muitos que entendem a nossa posição, entre eles, é oportuno citarmos o nosso amigo Thiago Toscano Ferrari, administrador do site *Grupo de Apologética Espírita* ⁽⁴⁰⁰⁾, que postou o seguinte:

Paulo, acredito que nas obras da Codificação, ao tratar do mundo espiritual, Kardec traz o termo erraticidade e não detalha como seriam estes planos.

A meu ver, na obra *Céu e Inferno* realmente o codificador combate as teorias de um lugar de tormento eterno e beatificação contemplativa, mas não descarta uma região transitória como bem colocou você de similitude a uma analogia ao purgatório, por falta de termo técnico à época.

André Luiz, por experiência própria, desenvolve a parte segunda da obra *Céu e Inferno* um conhecimento mais detalhado desta zona, também de transição, tal como temos inúmeros relatos de padecimentos morais relatados no que comumente conhecemos de Umbral, tal qual os espíritos sofredores da segunda parte da quinta obra da Codificação!

O fato de Kardec não deixar os princípios doutrinários encerrados a novos fatos, é justamente para que a Doutrina continue o

seu progresso das ideias e não encerre conceitos que podem se aprimorar com a observação! Nesse quesito, o relato de André Luiz nas suas obras são válidos! ⁽⁴⁰¹⁾

Ficamos muito felizes em ver que o nosso pensamento sobre o tema, resultado de profunda pesquisa e não de achismo, não é isolado: vários confrades pensam de igual forma.

Em resumo, fora as obras da Codificação, temos:

Fontes que citam esferas espirituais, trevas, etc.	
Personagens	Localidade residência/trabalho
Estudiosos/Pesquisadores	
1. Léon Denis	Tours – França
2. Gabriel Delanne	Paris – França
3. Richard Hodgson	Melbourne, Austrália
4. Ernesto Bozzano	Gênova – Itália
5. José Herculanô Pires	São Paulo, SP – Brasil
6. Hermínio C. de Miranda	Volta Redonda, RJ – Brasil
7. Pe. François Brune	Vernon, Eure – França.
8. George W. Meek	Franklin, Carolina do Norte –

	EUA
Relatos de Regressão de memória e EQMs	
1. Albert de Rochas	Paris – França
2. Helen Wambach	New Jersey – EUA
3. Eben Alexandre III	Carolina do Norte – EUA
4. Admir Serrano	Miami – EUA
Experiência de Médiums	
1. Yvonne A. Pereira	Rio de Janeiro, RJ – Brasil
2. Rev. G. Vale Owen	Birmingham – Inglaterra
3. Heigorina Cunha	Sacramento, MG – Brasil
4. Sadhu Sundar Singh	Sem residência fixa – Índia
5. Sylvia Browne	Kansas City, Missouri – EUA
6. Gladys O. Leonard	Lancaster – Inglaterra
Psicografias/Psicofonias	
1. Jozef Rulof (a)	Holanda – Países Baixos
2. Anna Wickland (b)	Chicago/Los Angeles – EUA
3. Chico Xavier (c)	Pedro Leopoldo, MG – Brasil
4. Francisco V. Lorenz (d)	Dom Feliciano, RS – Brasil
5. Divaldo Franco (e)	Feira de Santana, BA – Brasil
6. Anthony Borgia (f)	Londres – Inglaterra
7. José Fernando Araújo (g)	Blumenau, SC – Brasil
a) <i>Uma Olhada no Além</i> ; b) <i>Trinta Anos Entre os Mortos</i> ; c) <i>Cartas</i>	

de *Uma Morta*, coleção “A vida no mundo espiritual” de André Luiz e *Cartas e crônicas*; d) *Chamas de ódio e a luz do puro amor*; e) *No limiar do infinito* e *Nas fronteiras da loucura*; f) *A vida nos mundos invisíveis*; e g) *Cidades Espirituais*.

Aos que emitem opinião sem se embrenharem numa pesquisa mais abrangente, relembramos essa judiciosa orientação do Codificador, constante da ***Revista Espírita 1859***:

[...] **O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente**, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada. Lamentam-se do julgamento temerário de seus antagonistas: não prestam atenção ao fato de que, eles mesmos, frequentemente, mostram o ponto fraco. [...]. ⁽⁴⁰²⁾

Portanto, antes de nos lançarmos opinar sobre algum ponto doutrinário é necessário que bem antes nos lancemos, com muita dedicação, ao estudo mais aprofundado do tema.

Por outro lado, não podemos agir com viés dogmático, a ponto de pensar que Allan Kardec deveria ter especificado ou detalhado mais sobre

variados pontos que, em nossa opinião, sejam importantes.

Isso pode até valer para uma situação ou outra, mas julgamos que, diante do enorme trabalho que o Codificador teve para desenvolver e explicar as principais bases da Doutrina, não lhe sobrou tempo suficiente para entrar nas particularidades de inúmeras coisas dali emanadas.

Finalizando, diremos que a amplitude das fontes consultadas – desde médiuns e pesquisadores espíritas até regressões de memória e experiências de quase-morte – confirma a universalidade da experiência das trevas como etapa transitória da vida espiritual. Seja chamada de Umbral, purgatório ou região de sombras, trata-se sempre de um espaço pedagógico, onde o Espírito expurga resíduos mentais e morais antes de ascender à luz.

Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém***, 3ª impressão. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- ALBANO, J. J. ***Maria Simma e as almas do purgatório***. Curitiba: Correio da Rainha da Paz, 2004.
- ALEXANDER, E. ***Uma Prova do Céu***. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- BENEDETI, M. ***Todos os Animais Merecem o Céu***. São Paulo: Mundo Maior, 2012.
- BERMAN, P. L. ***Experiências de Quase-Morte e o Dom da Vida***. Rio de Janeiro: Nova Era, 2000.
- BEZ, A. ***Os Milagres dos Nossos Dias***. São Paulo: Madras, 2003.
- BORGIA, A. ***A Vida nos Mundos Invisíveis***. São Paulo: Pensamento, 1991.
- BOURDIN, A. ***Entre Dois Mundos***. Rio de Janeiro: FEB, 1988.
- BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.
- BOZZANO, E. ***O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas***. São Paulo: Instituto Lachâtre, 2019.
- BROWNE, S. ***O Outro Lado da Vida***. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

- BRUNE, F. **Os Mortos nos Falam**. Sobradinho (DF): Edicel, 1991.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1**. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CUNHA, H. **Cidade no Além**. Araras (SP): IDE, 1989.
- DA CRUZ, M. **Manuscrito do Purgatório** (Irmã Maria da Cruz): Curitiba: Correio da Rainha da Paz, 2ª ed. s/d
- DE ROCHAS, A. **As Vidas Sucessivas**. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2002.
- DELANNE, G. **O Fenômeno Espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- DELANNE, G. **Pesquisas Sobre Mediunidade**. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2010.
- DENIS, L. **Depois da Morte**. Rio de Janeiro: CELD, 2000.
- DENIS, L. **No Invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- EDITORA DA DIVINA MISERICÓRDIA, **Sufrágio**. Belo Horizonte, 1996.
- FINDLAY, J. A. **No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- FRANCO, D. P. **Nas Fronteiras da Loucura**. Salvador: Leal, 1991.
- FRANCO, D. P. **No Limiar do Infinito**. Salvador: LEAL, 2001.
- GLASER, Abel e GLASER, Adriana. **Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual**. Matão (SP): O Clarim, 2019.

- GOLDSTEIN, K. W. **Transcomunicação Instrumental**. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1992.
- INTELISANO, M. **O Umbral**, in *Espiritismo & Ciência* nº 16, p. 29-33.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. (PDF), trad. João Teixeira de Paula e Herculano Pires São Paulo: LAKE, 2002.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. (PDF), trad. Louis Neilmoris. Portal Luz Espírita, 2016.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. (PDF), trad. Manuel Quintão. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. (PDF), trad. Maria Albertina Escudeiro Sêco Rio de Janeiro: CELD, 2011.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. (PDF), trad. Maria Ângela Baraldi São Paulo: Mundo Maior Editora, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. (PDF), trad. Maria da Conceição Brites e José da Costa Brites. Portugal: Espiritismo e Cultura, 2021.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

- KARDEC, A. ***Obra Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Sobradinho (DF): Edicel, 2010.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Sobradinho (DF): Edicel, 2011.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Sobradinho (DF): Edicel, 2014.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***, Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1867***. Araras (SP): IDE, 1999.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. (PDF) Brasília: FEB, 2009.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KEENER, C. S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KOWALSKA, F. **Diário: a misericórdia divina na minha alma**. Curitiba: Congregação dos Padres Marianos, 1995.
- LEONARD, G. O. **Minha Vida em Dois Mundos**. São Paulo: Autores Espíritas Clássicos, 2016.
- LINDMAYR, M. **As minhas relações com as almas do purgatório**. Requião – Portugal: Edições Boa Nova, 2003.
- LORENZ, F. V. **Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor**. São Paulo: Pensamento, s/d.
- MEEK, G. W. **O Que Nos Espera Depois da Morte?** Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.
- MIRANDA, H. C. **Reencarnação e Imortalidade**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.
- OWEN, G. V. **A Vida Além do Véu**. Rio de Janeiro: FEB, 1983.
- PEREIRA, Y. A. **Devassando o Invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PIRES, J. H. **Mediunidade (Vida e Comunicação)**. São Paulo: Edicel, 1987.

- PIRES, J. H. **O Mistério do Bem e do Mal**. S. Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 1992.
- POLO, G. **O Livro da Vida! Da Ilusão à Verdade**. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2009.
- PRAAGH, J. V. **Espíritos Entre Nós**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- RINALDI, S. **Transcomunicação Instrumental: Contatos Com o Além Por Vias Técnicas**. São Paulo: Fé Editora Jornalística, 1997.
- RITCHE, G. e SHERRILL, E. **Voltar do Amanhã**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.
- RULOF, J. **Uma Olhada no Além**. Alkmaar (Holanda): Fundação Associação Espiritual – Científico “O Século de Cristo”, 2015.
- SANTOS JÚNIOR, J. **Mensagens de Além-túmulo**. Sacramento (MG): Ed. Esperança e Caridade e Colégio Allan Kardec, 2019.
- SCHÄFER, H. **Ponte Entre o Aqui e o Além - Teoria e Prática da Transcomunicação**. São Paulo: Pensamento, 1998.
- SCHUBERT, S. C. **Testemunhos de Chico Xavier**. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- SERRANO, A. **Os Que Voltaram Para Contar**. São Paulo: Planeta, 2017.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. **As Colônias Espirituais e a Codificação**. Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2015.
- SINGH, S. S. **Visões do Mundo Espiritual**. (PDF), 2ª edição. A Voz do Vento (site), 2020.

- TORRES-SOLANOT, V. **A Médium das Flores**. (PDF) Autores Espíritos Clássicos e Luz Espírita, 2022.
- VESME, C. B. **Visões Espíritas na Terra e no Ar**. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1976.
- VON DER LEYEN, E. **Conversando com as Almas do purgatório**. São Paulo: Ave-Maria, 1994.
- WAMBACH, H. **Recordando Vidas Passadas**. São Paulo: Pensamento, 1997.
- XAVIER, F. C. **Ação e Reação**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. **Cartas de Uma Morta**. São Paulo: Lake, 1981.
- XAVIER, F. C. **Cartas e Crônicas**. Rio de Janeiro: FEB, 1988.
- XAVIER, F. C. **Nosso Lar**. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- XAVIER, F. C. **Reportagens de Além-túmulo**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- WILLIAMSON, L. **Fantasmas, Espíritos e Aparições**. São Paulo: Butterfly Editora, 2007.

Periódico:

Espiritismo & Ciência, Ano 2, nº 16, São Paulo: Mythos Editora: s/d.

Internet:

A VOZ DO VENTO, *Sadhu* (definição) disponível em: <https://www.avozdovento.com/visoes-do-mundo-espiritual> Acesso em: 04 fev. 2022.

- CORREIO BRASILIENSE, artigo *Poluição do ar: relatório apresenta dados sobre a ameaça à saúde*, assinado por Simone Kafruni, disponível em:
<https://blogs.correiobraziliense.com.br/4elementos/2020/02/26/poluicao-do-ar-relatorio-apresenta-dados-sobre-a-ameaca-a-saude/> Acesso em: 04 jul. 2024.
- DICIONÁRIO PRIBERAM, *Miasma*, disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/miasma> Acesso em: 04 jul. 2024.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, *Johann Kasper Lavater*, disponível em:
<https://www.britannica.com/biography/Johann-Kaspar-Lavater> Acesso em: 28 dez. 2019.
- FACEBOOK, *Paulo Neto*, disponível em:
<https://www.facebook.com/paulo.neto.79069> Acesso em: 10 jan. 2022.
- FEP – FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ, *Antônio de Torres-Solanot y Casas*, disponível em:
<http://www.feparana.com.br/topico/?topico=605> Acesso em: 10 jan. 2022.
- FERRARI, T. T. *Comentário sobre trecho de O Céu e Inferno e Nosso Lar*, disponível em:
https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?comment_id=5434054883288163¬if_id=1641775404660469¬if_t=feed_comment&ref=notif Acesso em: 10 jan. 2022.
- GAE – GRUPO DE APOLOGÉTICA ESPÍRITA, disponível em:
<https://apologiaespirita.com.br/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

GAMA, F. *O Umbral in Espiritismo da Alma*, disponível em:
<https://espiritismodaalma.wordpress.com/2017/11/12/o-umbral/> Acesso em: 27 jun. 2023.

HOUAISS, *Mergulhar*, disponível em:
https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#1 Acesso em: 02 out. 2024.

MACHADO, D. *Cientistas e Experiências Mediúnicas – Carl August Wickland*, disponível em:
<https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland> Acesso em: 28 out. 2022.

MACHADO, D. George W. Meek (biografia), disponível em:
<https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1508-george-w-meek> Acesso em: 05 out. 2024.

MEU DICIONÁRIO, *Miasma*, disponível em:
<https://www.meudicionario.org/miasma> Acesso em: 04 jul. 2024.

MICHAELIS, *Miasma*, disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/miasma/> Acesso em: 07 jul. 2024.

OLIVEIRA, S. F. *O que é Umbral*, disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=xf8OE-fdmKM>
Acesso em: 02 nov. 2020.

Postagem em nossa página no Facebook:
https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?comment_id=5430844316942553¬if_id=1641678068224897¬if_t=feed_comment&ref=notif Acesso em: 10 jan. 2020.

- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Colônias Espirituais X Dogmatismo de espíritas*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/colonias-espirituais-x-dogmatismo-de-espiritas-ebook> Acesso em: 13 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *As mudanças de posição após publicação da 1ª edição de O Livro dos Espíritos*, link: <https://paulosnetos.net/article/mudancas-de-posicao-apos-publicacao-da-1a-edicao-de-o-livro-dos-espiritos> Acesso em: 05 out. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *O Espiritismo ainda não tem ponto final*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final> Acesso em: 05 out. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook> Acesso em: 13 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook> Acesso em: 05 out. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *SEB – Reencarnação*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/seb-reencarnacao-ebook> Acesso em: 13 ago. 2024.
- THE FREE DICTIONARY, George W. Meek, disponível em: <https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/Meek%2C+George+W> Acesso em: 11 out. 2023.

WICKLAND, C. A. *Trinta Anos Entre os Mortos*, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/365376956/Trinta-Anos-Entre-Os-Mortos-Carl-a-Wickland> Acesso em: 25 out. 2022.

WIKIPÉDIA, *Craig S. Keener*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Craig_S._Keener Acesso em: 12 maio. 2026.

WIKIPÉDIA, *Index Librorum Prohibitorum*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Index_Librorum_Prohibitorum Acesso em: 10 mai. 2020.

Imagens:

Capa adaptada por Ana Luísa Barroso da Silva Neto: <https://tvmundomaior.com.br/wp-content/uploads/2020/12/umbral.jpg> Acesso em: 19 fev. 2021.

ALÉM DA CIÊNCIA, *Spiricom*, link: <https://www.alemdaciencia.com/wp-content/uploads/2012/04/spiricom2.jpg> Acesso em: 06 out. 2024.

CEECAL, *Campo magnético e esferas Espirituais*: https://ceecal.com/admin/pdf_apostilas/Nosso%20Lar%20Esferas%20Espirituais%20da%20Terra..pdf Acesso em: 28 dez. 2019.

CENA NOSSO LAR (filme): *Umbral*, disponível em: <https://i0.wp.com/leaqui.com/wp-content/uploads/2020/08/A-verdade-do-umbral-leaqui.jpg?w=600&ssl=1> Acesso em: 04 jul. 2024.

GUIA HEU, *Escala espírita - ordens e classes*, disponível em: <http://www.guia.heu.nom.br/images/ClasseDeEspiritos2.jpg> Acesso em: 09 jul. 2023.

- CORREIO BRASILIENSE, *Sete cidades da Índia estão entre as piores no ranking de poluição do ar* (Imagem), disponível em:
<https://blogs.correiobraziliense.com.br/4elementos/wp-content/uploads/sites/53/2020/02/cidades-da-%C3%Adndia-1024x576.jpg> Acesso em: 04 jul. 2024.
- CUNHA, *Faixas vibracionais* in *Cidade no Além*, p. 80.
- DICIONÁRIO PRIBERAM, “*Abismo*” e “*tenebroso*”, disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 06 jan. 2025.
- FENÔMENOS ELETRÔNICOS DE VOZ, imagem, link:
https://storage.googleapis.com/saude-91ebb.appspot.com/images/posts/fenomeno-de-voz-eletronica_thumb.jpg Acesso em: 11 out. 2024.
- MITOS CRISTÃOS, *Céu e Inferno (capa da obra)*, publicação da Ethos Editora, disponível em:
https://m.media-amazon.com/images/I/61EmE2K3W9L._AC_SX60_CR,0,0,60,60_.jpg Acesso em: 28 jun. 2023.
- WIKIPÉDIA, *Santíssima Virgem e São Miguel resgatando almas do purgatório*, disponível em:
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/f/Carracci-Purgatory.jpg/300px-Carracci-Purgatory.jpg> Acesso em: 10 out. 2024.
- WORD GEMS, *George W. Meek*, disponível em:
<https://wordgems.net/george.meek.959.JPG> Acesso em: 11 out. 2024.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários - Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários - Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários - Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de*

Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 16) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 17) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 18) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 19) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 20) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 21) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 22) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 23) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 24) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 25) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 26) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 27) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 28) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 29) Haveria Fetos Sem Espírito?; 30) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; 31) Herculano Pires Diante da Revista Espírita; 32) Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou; 33) A Pesquisa de Ernesto Bozzano Confirma e Complementa a Codificação Espírita e 34) Se Não Consta na Codificação, Não Existe.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 BOZZANO, *A Crise da Morte*, FEB, p. 15.
- 2 SILVA NETO SOBRINHO, *SEB – Reencarnação*, disponível <https://paulosnetos.net/article/seb-reencarnacao-ebook>
- 3 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 156-155.
- 4 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 227.
- 5 SILVA NETO SOBRINHO, *O Espiritismo ainda não tem ponto final*, link: <https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final>
- 6 SILVA NETO SOBRINHO, *As mudanças de posição após publicação da 1ª edição de O Livro dos Espíritos*, link: <https://paulosnetos.net/article/mudancas-de-posicao-apos-publicacao-da-1a-edicao-de-o-livro-dos-espiritos>
- 7 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, link: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>
- 8 VESME, *Visões Espíritas na Terra e no Ar*, p. 33.
- 9 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 14-15.
- 10 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 40.
- 11 Isto é, os judeus, herdeiros naturais das promessas. Aqueles dentre eles que não creram no Cristo verão os gentios tomarem seus lugares. (*Bíblia de Jerusalém*, p. 1852)
- 12 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1852, 1880, 1887, respectivamente.
- 13 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 257.
- 14 HOUAISS, *Mergulhar*, disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#1
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 268.
- 16 Informação do próprio Codificador: KARDEC, *Revista Espírita 1869 – FEB*, p. 265.
- 17 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 82.

- 18 DICIONÁRIO PRIBERAM, “Abismo” e “tenebroso”, link: <https://dicionario.priberam.org>
- 19 WIKIPÉDIA, *Craig S. Keener*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Craig_S._Keener
- 20 KEENER, *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento*, p. 264.
- 21 SILVA NETO SOBRINHO, *As Colônias Espirituais e a Codificação*, disponível para venda em: <https://www.ethoseditora.com.br/book/details/as-colonias-espirituais-e-a-codificacao>
- 22 SILVA NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>
- 23 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 174.
- 24 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 175.
- 25 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 205.
- 26 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 419-420.
- 27 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 432.
- 28 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 452-453.
- 29 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 77.
- 30 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 298.
- 31 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 322.
- 32 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 64.
- 33 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 77
- 34 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 89-90.
- 35 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 250.
- 36 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 264.
- 37 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 287.
- 38 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 348.
- 39 KARDEC, *A Gênese*, p. 187.

- 40 KARDEC, *A Gênese*, p. 239.
- 41 KARDEC, *A Gênese*, p. 306.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 70.
- 43 GAMA, *O Umbral in Espiritismo da Alma*, disponível em: <https://espiritismodaalma.wordpress.com/2017/11/12/o-umbral/>
- 44 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 261.
- 45 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 176-177.
- 46 KARDEC, *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- 47 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 11-12.
- 48 Sugestão do amigo Ricardo dos Santos Malta, adv.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 384.
- 50 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 102.
- 51 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 307.
- 52 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 230.
- 53 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 100-101.
- 54 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 134.
- 55 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 2-3.
- 56 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 190-191.
- 57 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 166-167.
- 58 SILVA NETO SOBRINHO, *O Espiritismo ainda não tem ponto final*, link: <https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final>
- 59 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 223.
- 60 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 275-279 e KARDEC, *A Gênese*, Capítulo I, itens 52 a 55, p. 36-40.
- 61 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 370.
- 62 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 377.
- 63 FEP, *Antônio de Torres-Solanot y Casas*, disponível em: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=605>

- 64 TORRES-SOLANOT, *A Médium das Flores*, p. 14.
- 65 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 85-86.
- 66 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 442-443.
- 67 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 443.
- 68 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, Capítulo V, item 8, p. 66.
- 69 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, Capítulo VII, tópico “Código penal da vida futura, q. 5, p. 89.
- 70 Capa de *Mitos Cristãos*, livro publicado pela Ethos Editora, disponível em:
https://m.media-amazon.com/images/I/61EmE2K3W9L._AC_SX60_CR,0,0,60,60_.jpg
- 71 SILVA NETO SOBRINHO, *Colônias espirituais X dogmatismo de espíritas*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/colonias-espirituais-x-dogmatismo-de-espiritas-ebook>
- 72 Ao final deste artigo há uma nota, com o seguinte teor: “Este artigo, assim como o do número precedente, sobre a apreensão da morte, foram extraídos da nova obra [*O Céu e o Inferno*] que o Sr. Allan Kardec colocará proximamente no prelo. [...]” (KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 74)
- 73 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 72.
- 74 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 12.
- 75 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 76 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172.
- 77 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 325.
- 78 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 79 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 345.
- 80 Cena Nosso Lar (filme): Umbral, disponível em:
<https://i0.wp.com/leaquei.com/wp-content/uploads/2020/08/A-verdade-do-umbral-leaquei.jpg?w=600&ssl=1>.
- 81 38 KARDEC, *A Gênese*, p. 187.

- 82 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 83 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 129.
- 84 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 151.
- 85 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 286-287.
- 86 KARDEC, *A Gênese*, p. 239.
- 87 KARDEC, *A Gênese*, p. 243.
- 88 KARDEC, *A Gênese*, p. 244.
- 89 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 283.
- 90 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 91 *Dicionário Priberam, Miasma*, disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/miasma>.
- 92 *Meu Dicionário, Miasma*, disponível em:
<https://www.meudicionario.org/miasma>
- 93 *MICHAELIS, Miasma*, disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/miasma/>
- 94 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, Edicel, p. 384.
- 95 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, Edicel, p. 385.
- 96 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, Edicel, p. 387.
- 97 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 17.
- 98 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 354.
- 99 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 354-355.
- 100 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, Edicel, p. 42.
- 101 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 129-131.
- 102 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, Capítulo XXVI, item 291, q. 18, p. 329.
- 103 KARDEC, *A Gênese*, p. 235-236.

- 104 CORREIO BRASILIENSE, artigo *Poluição do ar: relatório apresenta dados sobre a ameaça à saúde*, – Imagem, <https://blogs.correiobraziliense.com.br/4elementos/wp-content/uploads/sites/53/2020/02/cidades-da-%C3%ADndia-1024x576.jpg>
- 105 CORREIO BRASILIENSE, artigo *Poluição do ar: relatório apresenta dados sobre a ameaça à saúde*, assinado por Simone Kafruni, disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/4elementos/2020/02/26/poluicao-do-ar-relatorio-apresenta-dados-sobre-a-ameaca-a-saude/>
- 106 XAVIER, *Cartas e Crônicas*, p. 36.
- 107 *Classes de espíritos*, disponível em: <http://www.guia.heu.nom.br/images/ClasseDeEspiritos2.jpg>
- 108 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 150-151.
- 109 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 110 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172.
- 111 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172-173.
- 112 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 156.
- 113 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 423.
- 114 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 446.
- 115 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 67.
- 116 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 172.
- 117 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 172.
- 118 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, Edicel, p. 274.
- 119 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 327.
- 120 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 380-382.
- 121 *O Index Librorum Prohibitorum*, em tradução livre o Índice dos Livros Proibidos era uma lista de publicações consideradas heréticas, anticlericais ou lascivas e proibidas pela Igreja Católica. [...]. Nessa lista estavam

livros que iam contra os dogmas da Igreja e que continham conteúdo tido como impróprio. (WIKIPÉDIA)

- 122 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 231.
- 123 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 234.
- 124 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 257-258.
- 125 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 51-52.
- 126 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 253-256.
- 127 BEZ, *Os Milagres dos Nossos Dias*, p. 12.
- 128 BEZ, *Os Milagres dos Nossos Dias*, p. 46-47.
- 129 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 253.
- 130 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 255.
- 131 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 155.
- 132 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 94.
- 133 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 161.
- 134 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 196.
- 135 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 242.
- 136 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 255.
- 137 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 257.
- 138 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 258.
- 139 Desse último parágrafo, cortamos um segmento, pois foi citado anteriormente no capítulo “O que se pode tirar dos relatos sobre manifestações das almas do purgatório?”
- 140 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 258-259.
- 141 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 268.
- 142 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 271-272.
- 143 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, 215.
- 144 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 282.
- 145 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 21.

- 146 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 298.
- 147 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 55.
- 148 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 60.
- 149 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 301.
- 150 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 218-222.
- 151 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 317-318.
- 152 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 319-320.
- 153 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 380.
- 154 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 238.
- 155 ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, *Johann Kasper Lavater*, disponível em:
<https://www.britannica.com/biography/Johann-Kaspar-Lavater>
- 156 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 76.
- 157 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 158 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 73.
- 159 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 144-145.
- 160 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 99.
- 161 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 101.
- 162 XAVIER, *Reportagens de Além-túmulo*, p. 9.
- 163 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 69-71.
- 164 BENEDETI, *Todos os Animais Merecem o Céu*, p. 229-230.
- 165 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 16-17.
- 166 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 19.
- 167 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 36.
- 168 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172.
- 169 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 342.

- 170 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 38.
- 171 KARDEC, *A Gênese*, p. 243.
- 172 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 241.
- 173 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 169.
- 174 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 424-425.
- 175 KARDEC, *A Gênese*, p. 17.
- 176 KARDEC, *A Gênese*, p. 358.
- 177 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 21.
- 178 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 22.
- 179 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 23.
- 180 INTELISANO, *O Umbral*, in *Espiritismo & Ciência* nº 16, p. 29.
- 181 CEECAL, *Campo magnético e esferas Espirituais*:
https://ceecal.com/admin/pdf_apostilas/Nosso%20Lar%20Esferas%20Espirituais%20da%20Terra..pdf
- 182 CUNHA, *Faixas vibracionais* in *Cidade no Além*, p. 80.
- 183 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 71.
- 184 OLIVEIRA, *O que é Umbral*, disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=xf8OE-fdmKM>
- 185 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, Edicel, p. 393-394.
- 186 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 257.
- 187 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 321.
- 188 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 304.
- 189 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 190 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 289,
- 191 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, Edicel, p. 223.
- 192 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 88.

- 193 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 92.
- 194 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 224, mensagem publicada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Capítulo VIII – Bem-aventurados os que têm puro o coração, item 20, p. 126.
- 195 MACHADO, *Cientistas e Experiências Mediúnicas – Carl August Wickland*, disponível em:
<https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland>
- 196 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 37.
- 197 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 496-497.
- 198 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 503.
- 199 BOZZANO, *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, p. 135-136.
- 200 BOZZANO, *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, p 139-140.
- 201 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 24.
- 202 Nota da transcrição (N.T.): Quando Bozzano desencarnou, em 1945, ele não conhecia as obras psicografadas, sobre o assunto, pelos médiuns Francisco Cândido Xavier, no Brasil, e Anthony Borgia, na Inglaterra.
- 203 BOZZANO, *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, p. 69-72.
- 204 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 66-67.
- 205 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 68-69.
- 206 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 117-118.
- 207 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 120.
- 208 FRANCO, *Nas Fronteiras da Loucura*, p. 135.

- 209 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 60-61; BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 222; LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 113-116 e RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 52-53 e p. 110-111.
- 210 MEEK, *O Que Nos Espera Depois da Morte?*, p. 20.
- 211 MEEK, *O Que Nos Espera Depois da Morte?*, p. 20.
- 212 WORD GEMS, George W. Meek, link: <https://wordgems.net/george.meek.959.JPG>
- 213 MACHADO, George W. Meek (biografia), link: <https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1508-george-w-meek>
- 214 FENÔMENOS ELETRÔNICOS DE VOZ, imagem, link: https://storage.googleapis.com/saude-91ebb.appspot.com/images/posts/fenomeno-de-voz-eletronica_thumb.jpg
- 215 MEEK, *O Que Nos Espera Depois da Morte?*, p. 113-114.
- 216 MEEK, *O Que Nos Espera Depois da Morte?*, p. 124-125.
- 217 MEEK, *O Que Nos Espera Depois da Morte?*, p. 135-137.
- 218 SCHÄFER, *Ponte Entre o Aqui e o Além*, p. 83.
- 219 ALÉM DA CIÊNCIA, *Spiricom*, link: <https://www.alemdaciencia.com/wp-content/uploads/2012/04/spiricom2.jpg>
- 220 Verbetes utilizados no meio da Transcomunicação, mas ainda não constantes de Dicionários.
- 221 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 18.
- 222 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 26-28.
- 223 GOLDSTEIN, *Transcomunicação Instrumental*, p. 37.
- 224 RINALDI, *Transcomunicação Instrumental – Contatos com o Além por vias técnicas*, p. 68.
- 225 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 72
- 226 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 443-444.
- 227 MAIA, *Filosofia Espírita – Vol. XX*, p. 85.

- 228 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 63.
- 229 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 64-65.
- 230 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 66.
- 231 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 66.
- 232 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 135.
- 233 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 196.
- 234 KARDEC, *O Céu e o Inferno*. (PDF), trad. Manuel Quintão: gradações; KARDEC, *O Céu e o Inferno*. (PDF), trad. Maria da Conceição Brites e José da Costa Brites: variedade de categorias; KARDEC, *O Céu e o Inferno*. (PDF), trad. Maria Albertina Escudeiro Sêco: gradações; KARDEC, *O Céu e o Inferno*. (PDF), trad. Maria Ângela Baraldi: quantos níveis; KARDEC, *O Céu e o Inferno*. (PDF), trad. João Teixeira de Paula e Herculano Pires: graduações e KARDEC, *O Céu e o Inferno*. (PDF), trad. Louis Neilmoris: gradações.
- 235 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 205-206.
- 236 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 259.
- 237 EDITORA DA DIVINA MISERICÓRDIA, *Sufrágio*, p. 36-37.
- 238 N.T.: Na sua décima carta, S. Bonifácio, apóstolo da Alemanha, descreve uma visão exactamente semelhante, numa carta a S. Walburge (cf. *Monumenta Boguntina, P. Filipe Jaffe, t. III, p. 56* e *Gorres: Mystik, vol. III, p. 472*). Esta grande fossa é o abismo eterno, o inferno, como disse a serva de Deus; abismo de que o Profeta Isaías nos fala, nestes termos: **“A morada dos mortos não Vos louvará nem a morte Vos celebrará. Os que descem á sepultura não esperarão mais na Vossa fidelidade”** (*Is 38,18*). Já não há salvação a esperar, porque é a estes infelizes que se aplicam estas palavras: **“Eu jurei na Minha ira: Não hão-de entrar no Meu descanso”** (*Herb 4,3*). (grifo do original)
- 239 N.T.: A Sagrada Escritura chama a esta região **“a região das trevas e das sombras da morte, terra**

de espantosa confusão e trevas, onde a mesma luz é como (aqui) a obscuridade” (Job 10, 21-22). “Onde o verme não morre e o fogo não se apaga” (Mc 9, 43). (grifo do original)

- 240 N.T.: Numa visão, Santa Teresa d'Ávila descreve o inferno em termos semelhantes, como um lugar estreito, envolvido em eternas trevas. O seu solo está completamente coberto de pântanos e lodaçais, e escapava-se dele um cheiro horrível e fedorento e habitavam nele serpentes (**Vida**, Capítulo XXX).
- 241 N.T.: O profeta Daniel viu uma torrente semelhante: **“Corria um rio de fogo, procedente da parte anterior dele” (Dn 7,10).** (grifo do original)
- 242 N.T.: A Sagrada Escritura não faz nenhuma menção expressa do lugar em que está situado o Purgatório. Mas o ensinamento comum dos teólogos mais conforme com as declarações dos santos e com inúmeras revelações privadas a este respeito, diz que o Purgatório é um lugar profundo, subterrâneo, em relação com o inferno (cf. *São Tomás IV, dist. 21, q. 1, a 2 ad. 2*). O santo doutor faz notar que o mesmo fogo que castiga os condenados, purifica também os justos do Purgatório.
- 243 LINDMAYR, *As minhas relações com as almas do purgatório*, p. 42-43.
- 244 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 7.
- 245 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 14.
- 246 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 15.
- 247 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 32-34.
- 248 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 36-37.
- 249 Santíssima Virgem e São Miguel resgatando almas do purgatório, disponível em:
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fe/Carracci-Purgatory.jpg/300px-Carracci-Purgatory.jpg>

- 250 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 41-42.
- 251 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 44-46.
- 252 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 47.
- 253 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 48-49.
- 254 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 50.
- 255 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 52-53.
- 256 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 75-76.
- 257 DA CRUZ, *Manuscrito do purgatório*, p. 91-95.
- 258 VON DER LEYEN, *Conversando com as almas do purgatório*, p. 7.
- 259 VON DER LEYEN, *Conversando com as almas do purgatório*, p. 125.
- 260 VON DER LEYEN, *Conversando com as almas do purgatório*, p. 142.
- 261 N.T.: Esporte e turismo não são a finalidade e o sentido da vida. Antes, esvaziam e empobrecem a alma. Poucos se aproveitam das festas do Senhor, pois se entregam às futilidades do dia a dia e vivem desligados do Criador.
- 262 VON DER LEYEN, *Conversando com as almas do purgatório*, p. 172-173.
- 263 KOWALSKA, *Diário: a misericórdia divina na minha alma*, p. 9.
- 264 KOWALSKA, *Diário: a misericórdia divina na minha alma*, p. 24-25
- 265 ALBANO, *Maria Simma e as almas do purgatório*, p. 31.
- 266 ALBANO, *Maria Simma e as almas do purgatório*, p. 37-38.
- 267 Quando a morte o colheu em 31 de março de 1869, além dos fascículos publicados, referentes aos meses de janeiro a março, já estava no prelo o número de abril do mesmo ano, que Kardec redigira

integralmente, passando os demais, a partir de maio, à responsabilidade direta de seus continuadores, tendo à frente, pelo Comitê de Redação, o Sr. Armand Théodore Desliens, na qualidade de Secretário-gerente da *Revista Espírita*. (KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 5)

- 268 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 470-471.
- 269 BOURDIN, *Entre Dois mundos*, p. 109-110.
- 270 DENIS, *Depois da Morte*, p. 296-297.
- 271 DENIS, *Depois da Morte*, p. 321-323.
- 272 DENIS, *No Invisível*, p. 124.
- 273 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 203-204.
- 274 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 224.
- 275 DELANNE, *Pesquisas Sobre Mediunidade*, p. 420.
- 276 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 62.
- 277 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 124-125.
- 278 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 66.
- 279 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 36.
- 280 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 111-112.
- 281 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 118.
- 282 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 121.
- 283 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 127.
- 284 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 140.
- 285 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 155.
- 286 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 165.
- 287 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 169.
- 288 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 170.
- 289 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 176-177.
- 290 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 178.
- 291 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 232.

- 292 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 236.
- 293 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 239.
- 294 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 242.
- 295 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 248-249.
- 296 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 273-274.
- 297 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 283-285.
- 298 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 305.
- 299 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 430-432.
- 300 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 437.
- 301 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 444.
- 302 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 452.
- 303 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 560.
- 304 O sadhu é um hindu que dedica toda a sua vida à sua religião e abandona todos os prazeres mundanos. (A VOZ DO VENTO (site), disponível em: <https://www.avozdovento.com/visoes-do-mundo-espiritual>)
- 305 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 15.
- 306 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 20-21.
- 307 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 23.
- 308 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 25.
- 309 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 28-29.
- 310 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 29.
- 311 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 34.
- 312 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 39-40.
- 313 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 41.
- 314 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 43.
- 315 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 45.
- 316 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 46-47.

- 317 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 48.
- 318 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 60-61.
- 319 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 39-40.
- 320 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 218-222.
- 321 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 5.
- 322 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 8-9.
- 323 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 10-11.
- 324 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 17.
- 325 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 39.
- 326 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 62.
- 327 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 86-87.
- 328 N.T.: Do mesmo autor, *Indagini sulle manifestazioni supernormali*, vol. V. Città della Pieve, 1938. (N. do E.)
- 329 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 89-91.
- 330 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 164-165.
- 331 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 208-209.
- 332 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 219.
- 333 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 224.
- 334 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 222.
- 335 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 114-115.
- 336 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 110.
- 337 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 233-234.
- 338 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 139.
- 339 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 143-144.
- 340 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 113-116.
- 341 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 52.
- 342 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 52-53.

- 343 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 110-111.
- 344 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 167.
- 345 LORENZ, *Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor*, p. 177-179.
- 346 SANTOS JÚNIOR, *Mensagens de além-túmulo*, p. 46-47.
- 347 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 78-79.
- 348 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 111-112.
- 349 PEREIRA, *Devassando o Invisível*, p. 84-86.
- 350 FRANCO, *No Limiar do Infinito*, p. 116-117.
- 351 N.T.: *Quand les sources chantent*, p. 137.
- 352 BRUNE, *Os Mortos nos Falam*, p. 146-147.
- 353 BRUNE, *Os Mortos nos Falam*, p. 193-194.
- 354 BROWNE, *O Outro Lado da Vida*, p. 221-224.
- 355 WILLIAMSON, *Fantasmas, Espíritos e Aparições*, p. 14-15.
- 356 WILLIAMSON, *Fantasmas, Espíritos e Aparições*, p. 112.
- 357 PRAAGH, *Espíritos Entre Nós*, p. 63-64.
- 358 PRAAGH, *Espíritos Entre Nós*, p. 65-66.
- 359 PRAAGH, *Espíritos Entre Nós*, p. 69.
- 360 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 10.
- 361 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 23
- 362 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 61.
- 363 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 63-64.
- 364 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 65.
- 365 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 78.
- 366 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 83.
- 367 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 101.
- 368 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 131-132.

- 369 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 178.
- 370 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 181.
- 371 N.T.: Observa-se que todos os *sujets* falam dessas sombras silenciosas como as que a Antiguidade localizava nos Campos Elísios. – A. R.
- 372 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 194-197.
- 373 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 208.
- 374 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 211.
- 375 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 214.
- 376 WAMBACH, *Recordando Vidas Passadas*, p. 101.
- 377 RITHIE e SERRILL, *Voltar do Amanhã*, p. 67-69.
- 378 Imagem ilustrativa de necrotério, disponível em: <https://thumbs.dreamstime.com/b/homem-na-morgue-136179523.jpg>.
- 379 BERMAN, *Experiências de Quase-morte e o Dom da Vida*, p. 49-52
- 380 POLO, *O Livro da Vida! Da Ilusão à Verdade*, p. 24-25.
- 381 POLO, *O Livro da Vida! Da Ilusão à Verdade*, p. 27.
- 382 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 35-38.
- 383 BEZ, *Os Milagres dos Nossos Dias*, p. 110.
- 384 SERRANO, *Os Que Voltaram Para Contar*, p. 33.
- 385 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 69-72.
- 386 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 58.
- 387 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 256.
- 388 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 18-19.
- 389 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, item 291, p. 329.
- 390 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 20.
- 391 SILVA NETO SOBRINHO, *As CKASolônias Espirituais e a Codificação*, disponível: <https://www.ethoseditora.com.br/produto/colonias->

espirituais-e-a-codificacao-as/

- 392 PIRES, *O Infinito e o Finito, O Mistério do Bem e do Mal* e uma entrevista em “*No Limiar do Amanhã*”, programa 92 de 1972, disponível em: link <https://www.youtube.com/watch?v=tYlWegi0GoA&feature=youtu.be>.
- 393 PIRES, *O Mistério do Bem e do Mal*, p. 72-74.
- 394 MIRANDA, *Reencarnação e Imortalidade*, p. 68-69.
- 395 SCHUBERT, *Testemunhos de Chico Xavier*, p. 236
- 396 PIRES, *Mediunidade (Vida e Comunicação)*, p. 75.
- 397 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 70-71.
- 398 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 206.
- 399 FACEBOOK, *Paulo Neto*, disponível em: <https://www.facebook.com/paulo.neto.79069>
- 400 GAE - GRUPO DE APOLOGÉTICA ESPÍRITA, disponível em: <https://apologiaespirita.com.br/>
- 401 FERRARI, Comentário sobre trecho de *O Céu e Inferno e Nosso Lar*, disponível em: https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?comment_id=5434054883288163¬if_id=1641775404660469¬if_t=feed_comment&ref=notif
- 402 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 283.